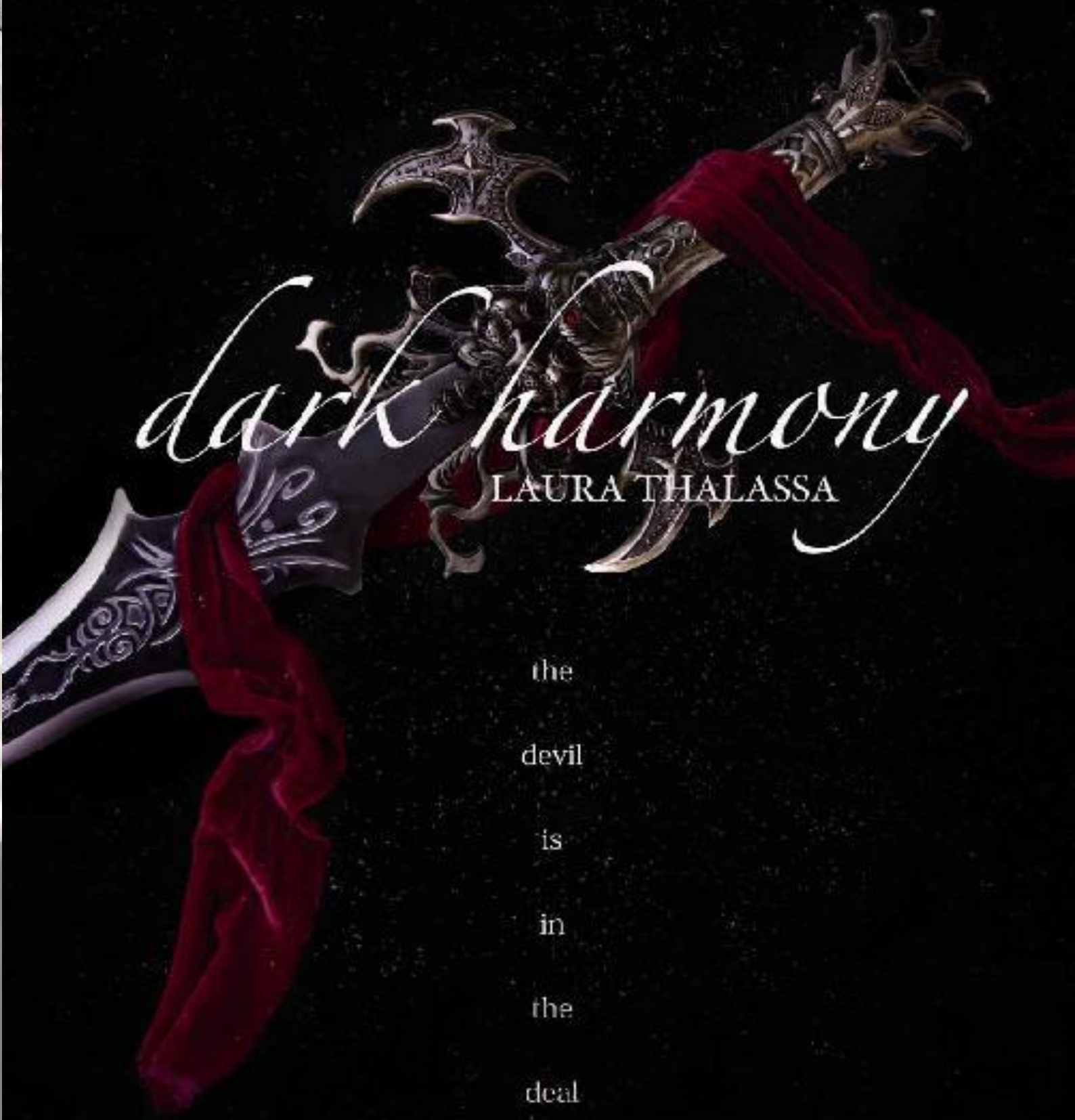
from the author of The Uncarthly *and* The Vanishing Girl

THE **BARGAINER** SERIES **BOOK THREE**



dark harmony

LAURA THALASSA

the

devil

is

in

the

deal



DISPONIBILIZAÇÃO: MERLIN CAT

TRADUÇÃO: PANDORA

REVISÃO: LA VOISIN

LEITURA FINAL: ANDRESA

FORMATAÇÃO: LAGERTHA CALDERON

Poison Books

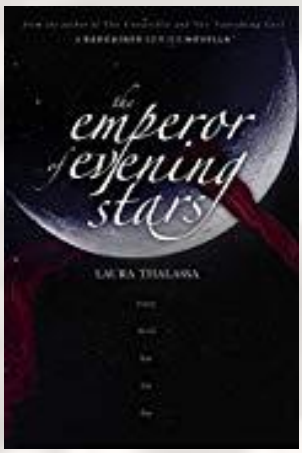




THE BARGAINER SERIES















SINOPSE

Há coisas piores que a morte. Coisas que espreitam nas sombras e deslizam em seus sonhos. Coisas que não têm negócios existentes. Coisas que antes dormiam... mas agora despertaram.

Para Callypso Lillis, a magia fae que agora corre em suas veias é uma maldição em partes iguais e boa sorte. Pois o que a une a Desmond Flynn, o Rei da Noite, também a torna vulnerável ao Ladrão de Almas, um homem que quer quebrar o mundo ... e Callie junto com ele.

Mas não é apenas o ladrão cuja sombra paira sobre o outro mundo. O pai de Des está de volta dos mortos, e ele quer se vingar do filho que o enviou ao túmulo.

Des e Callie devem descobrir como impedir os dois homens, e o tempo está se esgotando. Porque existem forças em ação trabalhando para separar os amantes de uma vez por todas ... e infelizmente para eles, a morte não é mais a pior coisa a se temer.







CAPÍTULO 1

EU OLHO PARA AS minhas mãos pela quinquagésima vez desde que Des e eu voltamos do Reino da Flora, procurando por algo que indique que eu estou diferente. *Mudada.*

Imortal.

Eu pressiono a palma da minha em meu coração. Sob o baque constante, sinto outra coisa. Algo mágico e misterioso.

Algo que não estava lá apenas alguns dias atrás.

Minha conexão com Des ressoa abaixo do meu toque como um segundo batimento cardíaco, os dois de nós agora magicamente unidos.

Eu me viro para olhar para ele timidamente.

Des está sentado de uma longa pedra grossa e grande, suas costas descansando contra uma das colunas aparafusadas na ilha rochosa acima de nós. Nós dois nos demoramos na varanda mais baixa de Somnia, uma das seis ilhas flutuantes do Reino Noturno e a capital do reino dos Negociantes.

— Estou com raiva de você, você sabe — eu digo, embora não haja veneno nas palavras.

Os olhos do negociante estão fechados, a cabeça inclinada contra a coluna.

— Eu sei.

Eu o vejo quando ele se senta na beira do mundo, a noite escura além dele. Ao longe, eu posso ouvir o riso dos duendes cavalgando ao vento da noite.

— Você nunca me perguntou se eu queria viver para sempre. Minha voz trava na última palavra.

Tecnicamente, eu não vou viver *para sempre*, mas pode ser assim por muito tempo. Graças ao







vinho lilás que Des me deu, agora estou visando uns sólidos quatrocentos anos de vida - se não mais.

Como será a Terra quando eu realmente chutar o balde? Como será o Outro Mundo?

Preciso falar com o Temper sobre o quão longa é a vida dos faes.

Os olhos do Negociador se abrem, seu brilhante olhar prateado parece assustador e fae.

Ele me dá uma sugestão de um sorriso, embora não haja humor nisso. — Querubim, você parece estar esquecendo o fato de que você estava morrendo no momento.

Eu estava morrendo e ele não estava disposto a me deixar ir.

Ele estica a mão em minha direção e sua magia me puxa para ele. Eu franzo a testa quando sou levada para o lado dele.

Des me dá um selinho. — Diga-me, Callie — diz ele, sua voz é como um vinho com mel enquanto suas mãos caem para a minha cintura, — você não quer gastar mais do que apenas algumas décadas comigo?

Claro que eu quero. Isso não era o caso.

Estou chateada por nunca ter tido a chance de decidir meu destino por livre e espontânea vontade. E agora o futuro paira indefinidamente à minha frente.

Des levanta o braço tatuado no ar. Do lado de fora na noite, uma fumaça azul luminescente se junta, solidificando-se cada vez mais enquanto serpenteia até a mão do Negociador. Quando alcança a palma da mão dele, é um cordão brilhante. Eu já vi essas coisas antes - luz da lua.



O negociador manipula-o em sua mão, trabalhando a substância estranha até que não é mais um cordão, mas um colar elaborado.

Eu estreito meus olhos enquanto ele leva as joias sobrenaturais para minha garganta.





— Isso não é justo — eu digo enquanto ele o prende atrás do meu pescoço, mesmo quando meus dedos alcançam o colar. — Você não pode simplesmente puxar um dos seus truques bonitos de faes e comprar o meu perdão.

Mas ele pode, e ele fez, e ele fará isso novamente. Esses pequenos truques dele me fazem perdoar muito.

O Negociador estica as suas pernas se estendendo sobre as minhas. Ele me puxa para perto, meus quadris encaixando confortavelmente entre suas coxas. — Meus truques bonitos de fae são o que você mais gosta em mim—, diz ele, seus lábios escovando minha boca enquanto ele fala. Seu olhar cai para os meus lábios. — Bem, isso e meu para ...

— *Des*!

Ele ri contra a minha pele, seu hálito quente me arrepiando. Lentamente, o riso morre de suas feições. — Eu perdi você uma vez, Callie — ele diz, — e aqueles sete anos quase me mataram. Não pretendo perder você de novo.

Meu intestino aperta com a memória. Mesmo agora posso sentir a dor de sua ausência; foi uma ferida que nunca sarou.

Des pressiona a mão para o meu coração: — Além disso, isso não vale a pena?

Ele não precisa elaborar sobre o que é *isso*.

Debaixo de sua palma, sinto o calor da presença de Des - não apenas contra minha pele, mas *dentro de* mim. Parece que estou sendo beijada pelo pálido luar, como as estrelas e a noite profunda repousam sob minha pele, e sei que isso não faz sentido, mas aí está.



Sua magia até tem um som. É uma melodia baixa, as notas fracas estão além do meu alcance. Isso faz sentir a mesma empolgação sem





fôlego que eu costumava sentir na Peel Academy quando a noite estava chegando e Des estava vindo com ela.

Nós éramos companheiros separados por mundos e magia. Agora não mais separado, graças ao vinho lilás.

Existem outras vantagens que acompanham o vinho. Agora tenho a capacidade de fazer minhas garras, escamas e asas aparecerem e desaparecerem à vontade. E eu posso sentir a magia fae de uma maneira que nunca pude antes.

Claro, há desvantagens também - presentes de faes *sempre* têm um preço.

Eu ainda virei por você. Sua vida é minha.

O Negociador pega meu pulso, examinando meu antebraço nu.

— Trezentos e vinte e dois acordos - uma vida inteira — ele murmura.

Eu sigo o olhar dele. É estranho olhar para baixo e não ver a pulseira do Negociador. A pele lá é ainda mais pálida do que o resto, e eu admito, meu braço parece nu sem o peso de todas aquelas miçangas pretas. Eu usei essa pulseira todos os dias por quase oito anos... E da noite para o dia desapareceu.

Foi uma vida inteira de miçangas, mas no final, foi mais do que isso - foi o valor uma *vida*. Essas contas me trouxeram de volta da beira da morte. E agora eu tenho que me perguntar se desde o começo a magia de Des de alguma forma sabia que chegaria a isso. Se todas aquelas dívidas e todos aqueles anos de espera fossem sua maneira de reunir magia para que um dia pudesse impedir minha morte prematura.

Ou talvez eu tenha tido muita sorte.







Eu baixo o meu pulso para poder olhar o rei da noite nos olhos. — Raiva de lado, obrigada. — Minhas palavras saem ásperas.

Obrigado é uma demonstração lamentavelmente pequena de gratidão pelo que Des fez. Porque, no final, ele me salvou. *Novamente*.

Pela primeira vez eu gostaria de retribuir o favor.

A mão de Des aperta meu antebraço e ele leva meu pulso aos lábios e dá um beijo ali. — Isso significa que você me perdoa pelo vinho lilás?

— Não force a sua sorte, garoto fae.

— Querubim, ninguém te contou? Conseguir o que quero não tem nada a ver com sorte. Eu negócio acordos.







CAPÍTULO 2

— NÃO É MAIS UMA ESCRAVA, eu vejo.

Meus ombros caminham até aquela voz.

Essa *voz*.

A última vez que a ouvi, eu estava na floresta de carvalhos sagrados da Rainha da Flora, minha vida sangrando de dentro de mim. E agora escuto em minhas costas.

— Nos encontramos de novo, feiticeira— diz o ladrão de almas.

Sinto as pontas dos dedos do monstro passando como um veludo no meu braço.

— Suas asas se foram— Ele se inclina e me cheira, — e isso é magia fae que eu cheiro? Será que o poderoso Rei da Noite lhe deu o vinho lilás?

— Não aja como se estivesse surpreso— eu digo.

O Ladrão deliberadamente orquestrou uma situação para que eu tomasse o vinho e me tornasse fae, tudo para que seu poder pudesse manter o domínio sobre o meu. Antes disso, sua magia não funcionava comigo, assim como não acontece com todos os seres humanos.

— O que eu posso dizer? Ele responde. — Faes apaixonados podem ser terrivelmente previsíveis, temo.

O ladrão chega à minha frente e eu finalmente dou uma boa olhada nele.

Ele é como eu me lembro dos meus sonhos e daquele breve momento na floresta. Cabelos negros, olhos escuros e revoltos, boca carnuda e pele de alabastro.

Como todas os outros faes que eu conheci, ele é lindo. Quase insuportavelmente. Não pela primeira vez, gostaria que o mal parecesse como deveria.

Eu me afasto do toque dele. A noite nos cobre por todos os lados,







mas mesmo na escuridão posso distinguir os carvalhos retorcidos que me cercam.

Meu estômago cai. Estou de volta à floresta de carvalhos sagrados de Mara Verdana.

Poderia ter jurado que deixei este lugar.

À distância, posso ouvir as notas fracas de um violino e o estalo e crepitar de uma fogueira. O cheiro de fumaça de madeira continua a brisa. Há algo sob o cheiro, um cheiro que é um pouco doce. Se eu pudesse definir ...

O Ladrão das almas caminha até uma árvore, a bota dele esmagando uma raiz. — Isso, eu acredito, é onde você fodeu o Rei da Noite.

Eu sinto a bile subindo pela minha garganta.

Jesus. Ele estava nos observado?

Seu olhar encontra o meu. — Como eu sei disso? Ele olha para o tronco da árvore novamente. A casca normalmente áspera é revestida em uma substância lisa. — Eu tenho olhos em todos os lugares.

Enquanto observo, o ladrão pressiona a mão numa casca brilhante. Em questão de segundos, aquilo que cobria o tronco da árvore agora se derrama na mão do Ladrão, os riachos escuros serpenteando entre os dedos e descendo pelo pulso.

E agora eu identifico esse cheiro estranho.

Sangue.

Gotejava da árvore que o Ladrão estava tocando, e agora está manchado na mão dele.



O Ladrão me dá um pequeno sorriso, seus olhos brilhando na escuridão.

Eu começo a ouvir o lento som da chuva. Só que não tenho certeza se é a *chuva* que está pingando dos galhos das árvores.





Enquanto observo, o carvalho na minha frente começa a gemer e a tremer.

O Ladrão me olha de cima a baixo. — A magia fae combina bem com você, feiticeira. Confesso que estou ansioso para ver como interage com a minha.

Ao meu redor, as árvores racham e se despedaçam, fazendo barulhos de molhado e estalo.

Um por um, os troncos se abrem como cascas de banana. Aninhado dentro de cada um deles está um soldado adormecido, todos eles ainda como mortos. Sangue escorrem por sua pele e goteja de suas roupas esfarrapadas.

O carvalho ao lado do Ladrão se rompe, revelando um fae de pele de bronze. O ladrão toca a face do soldado e, por um instante, seu rosto se transforma no do homem adormecido. Então a ilusão se foi e ele volta a ficar do mesmo jeito

Eu estremeço.

— Eu estive esperando por um tempo para este dia chegar — diz ele distraidamente, ainda olhando para o soldado. Ele baixa a mão e vira toda a sua atenção para mim. — Diga-me, feiticeira, você pode fazer um homem - qualquer homem - se apaixonar por você? Não apenas encantá-los por um tempo, mas realmente conquistar seus corações? —

Minha pele pinica.

O Ladrão sai do lado do soldado, andando em minha direção. Ao nosso redor, o som de madeira se fragmentando e o sangue pingando aumenta até eu sentir que posso enlouquecer.



De repente, as madeiras caem estranhamente silenciosas.

Sem aviso, minha sereia acorda, desencadeada por algum medo urgente e desconhecido. Minha pele se ilumina, iluminando o rosto do Ladrão na noite escura.





Seus olhos assumem um brilho fascinado. — *Sim* — diz ele, quase para si mesmo, — eu aposto que você poderia. — Ele se aproxima de mim. — Eu sinto falta dos dias em que pensava que você era uma simples escrava. Talvez quando você for minha, eu vou fingir que você ainda é uma. Ele pega um dos meus pulsos. — Você vai usar algemas de metal e um colar como os escravos antigos. E então você será minha *escrava* encantadora e juntos veremos o quão perto você pode chegar de fazer alguém como eu sentir carinho.

Ele se atreve a nos ameaçar? Nunca mais vamos cair sob o jugo dele.

— Espero que você consiga manejar isso— continua ele, — mais pelo seu bem do que pelo meu. Eu não sou conhecido por ser gentil com meus brinquedos. Basta perguntar a Mara.

Eu olho para ele por um longo momento, minhas garras afiando, mal consigo controlar as tendências violentas da minha sereia. Então, de repente, eu solto meu controle sobre ela.

Minha mão livre se move quase sem que eu perceba. Eu bato, passando o rosto dele. As pontas das minhas garras abrem a pele da sua bochecha em quatro linhas uniformemente espaçadas.

Quase imediatamente, o sangue começa a escorrer das feridas.

O Ladrão parece divertido.

Eu não recebo nenhum aviso antes que ele me jogue contra a árvore que ele estava passando minutos antes.

Eu deixo escapar um grito de raiva quando eu bato no baú ensanguentado, meu peito pressionado contra o soldado adormecido, meus olhos encarando o rosto ensanguentado do homem. Atrás de mim, o Ladrão me prende.



— Normalmente eu gosto de minhas mulheres dóceis — ele sussurra no meu ouvido, — mas você - você eu vou gostar de lutar. Quebrando-a.





Suas palavras são decididamente sexuais, e eu lembro de todas aquelas mulheres soldadas e as crianças que ele tinha forçado sobre elas.

Eu aperto meus dentes, minhas unhas cavando no tronco da árvore.

Nunca, minha sereia promete. *Nós vamos matá-lo primeiro, e vamos* desfrutar disso.

Eu ouço um gemido no vento, e as árvores tremem, suas folhas começam a cair dos galhos como lágrimas.

Na minha frente, os olhos do soldado se abrem.

Oh, *merda.*

O ladrão se aproxima no meu ouvido novamente, seus lábios roçando a pele sensível ali. — Aprecie a carnificina. Eu espero que você sobreviva...

OS GRITOS me ARRANCAM do sono.

Eu me levanto na cama, bem acordada num instante, minha respiração saindo como suspiros assustados.

Não na floresta de carvalhos da rainha. Não presa a uma árvore podre.

Não nas garras do Ladrão.

As luzes difusas penduradas acima de mim iluminam as câmaras do Outro Mundo do Negociante.



Estou segura. No momento.

Os gritos se filtram através da minha consciência.

Então novamente...

Des está ao pé da cama, suas asas de ponta de garras abertas, parecendo um dos anjos do inferno enquanto ele olha para um ponto acima da minha





cabeça. Eu sigo o seu olhar, mas não há nada lá.

Meus olhos se encontram quando mais gritos vibram através dos ossos do castelo. Há algo sobre o som... Como se fosse uma voz vindo através de muitas bocas.

Eu lembro do meu sonho, os olhos do soldado masculino se abrindo. Algo frio desliza pela minha espinha.

Não há homens dormindo aqui no Reino da Noite, eu tento me tranquilizar. E é verdade, não há homens dormindo aqui em Somnia. Mas, há trezentos metros abaixo de nós, um exército de mulheres dormia.

Os gritos se filtram através dos meus pensamentos.

Pelo menos as mulheres *estavam* dormindo.

Tenho certeza que elas agora estão acordadas.







CAPÍTULO 3

DE REPENTE os gritos cessam, e o silêncio que se segue é de alguma forma ainda mais agourento.

O que em todos os mundos...?

Des e eu ainda estamos encarando um ao outro. Um segundo passa, depois dois, três, quatro. É tão terrivelmente quieto.

Talvez eu tenha imaginado tudo.

Mas então uma onda de gritos começa a escorrer, como o início de uma tempestade. Primeiro é um único grito alarmado, depois outro, e depois são vários. Eles soam muito longe.

O negociador fecha os olhos por alguns segundos, como se o som lhe doesse profundamente. — Quais são as chances que eu poderia persuadi-la a se esconder em algum lugar seguro? — Ele pergunta, abrindo os olhos, sua voz sedosa.

Me esconder em algum lugar seguro? O que exatamente ele acha que vai acontecer?

Eu afasto meus lençóis, tirando minhas pernas da cama.

— Zero — eu digo.

Sua garganta treme. — Eu não posso te perder, querubim. — Por um momento, a dor do Negociador é transparente. — De novo não.

Ainda posso ver seu rosto enquanto escorrego para a escuridão final.

Você não está me deixando, Callie.

Ainda é tão fresco.

Des muda sua expressão, a suavidade se dissipando como se nunca tivesse existido.

Couros de batalha pretos se materializam ao meu lado. Eu olho para eles, minha mente acelerando para acompanhar a situação.







— Você se lembra do seu treinamento? A voz de Des não parece muito normal. Não é zombeteiro ou provocador. Ele parece muito sério.

Há apenas um motivo pela qual ele pensaria em me perguntar isso.

Nós vamos ter que chutar algumas bundas.

Eu concordo.

— Bom. — Ele fica de pé, suas sobrancelhas franzidas quando ele me leva para dentro. — Se eu não posso te esconder, eu simplesmente terei que *soltar* você.

Soltar-me – ele falou como se eu fosse uma força imparável. Eu acho que ele tem muita fé em mim.

Mais gritos se filtram das profundezas da ilha, perto de onde as mulheres adormecidas foram deixadas para descansar. Em minha mente ainda posso ver aqueles soldados em seus caixões de vidro, cada um enterrado com uma arma.

Eu estive esperando por um tempo para este dia chegar.

Eu respiro fundo, percebendo agora o que espera por Des.

Todas aquelas mulheres estavam no centro da ilha, esperando como bombas para serem detonadas.

E hoje à noite, o Ladrão de almas apenas acendeu o pavio.

A MAGIA DE DES ESFREGA minha pele, e a pequena camisola que eu uso se derrete em meu corpo, o tecido em volta dos meus quadris e deixando-me com os seios nus.



Antes que eu possa me cobrir, a gaveta do armário próximo se abre e flutua uma roupa inteira. Ele flutua pelo ar, em seguida, instala-se em mim, o tecido se separando como manteiga enquanto toca minha pele, moldando-se ao meu corpo antes de voltar a costurar. Mais da magia de Des.





Então surge os couros de batalha. Então minhas botas. Cada um escorregando com uma pequena ajuda da magia de Des. Ele me observa o tempo todo, seus olhos ferozes com determinação.

Eu vou destruir o mundo antes que eu te perca novamente eles parecem dizer.

Eu estou saindo da cama quando a peça final da minha roupa flutua para mim. O cinto que segura meus punhais no coldre envolve minha cintura, os minérios dos punhais brilhando.

Vestida e armada em segundos.

O negociador não está de brincadeira.

E só quando eu estou pronta para chutar traseiro e conseguir nomes que sua própria armadura passa pelo ar em alta velocidade, fixando-se em seu corpo mais rápido do que eu posso seguir. Seus couros, uma espada, um par de facas de arremesso, uma adaga presa ao tornozelo e outra que circunda seu bíceps.

Vestido como ele está eu tenho certeza que ele poderia fazer as mulheres terem orgasmo espontâneo com apenas um olhar.

Deus, agora *não* é a hora dos meus pensamentos sujos.

Os gritos estão ficando mais altos.

— Caso você não tenha percebido— diz Des, — aqueles soldados que dormiram debaixo do meu castelo estão agora acordados e pretendem derrubar meu governo.

Eu não pergunto como ele sabe disso. Meu coração bate um pouco mais rápido enquanto Des essencialmente confirma o que eu temia: as mulheres soldadas que Karnon aprisionou e abusou agora são nossos inimigos.



— Essas mulheres não são civis — continua o Rei da Noite. — Elas defenderam esse reino por décadas - séculos mesmo. Elas não hesitarão em ferir você, e elas não mostrarão a





você ou a ninguém mais a misericórdia. Quando você se deparar com uma delas, escolha um tiro mortal e não perca seu remorso com elas; garanto-lhes que elas não desperdiçarão com você.

Minhas asas estão coçando para se revelar enquanto a adrenalina atinge meu sangue.

O negociador se vira, seus olhos se fechando. Ele inclina a cabeça, como se estivesse rezando, mas posso sentir a vibração de sua energia inquieta enquanto ela aumenta dentro dele. Ele canta com o nosso vínculo e vibra ao longo da minha pele.

As sombras ondulam pela sala. Eu mal tenho tempo para registrar o que está prestes a acontecer quando a magia de Des explode dele.

A escuridão varre o quarto, cobrindo o mundo ao nosso redor em um instante, sacudindo as próprias fundações do castelo. Isso sobrecarrega meus sentidos até que eu não seja ninguém e nada mais do que um alfinete na vastidão das trevas. E então eu não sou nem isso.

Eu estive aqui uma vez antes. A última vez que a magia de Des explodiu dele, Karnon – o Rei da Fauna - e centenas de outros fae morreram.

Eu me preparo para o mesmo resultado.

Mas quando a escuridão bate em Des, os gritos não se acalmam.

O Negociador recua, o rosto incrédulo.

— Eu não consigo... Matá-las.

Os soldadas adormecidas, ele quer dizer.



Eu não sei o que é mais chocante - que Des estava pronto para terminar sozinho o ataque, apesar dos soldados serem faes da noite, ou que isso não funcionou. Eu vi o poder que ele exerce. Se ele quisesse, ele poderia destruir cidades inteiras apenas com sua vontade.





O que poderia ser forte o suficiente para suportar esse tipo de ataque mágico?

Meus olhos se movem para o armamento amarrado ao seu corpo. Melhor ainda - como devemos derrotar o que o poder de Des não consegue?

Os gritos estão enchendo a noite, roubando minha respiração.

— Elas estão se movendo rápido — diz ele, — e elas estão vindo em nossa direção.

E nós iremos enfrentá-las em combate.

Eu respiro fundo. A última vez que lutei contra um inimigo foi apenas alguns dias atrás, e isso não terminou muito bem.

Aqui está a esperança de eu fazer um pouco melhor esta noite.

Eu mexo as minhas mãos quando começo a me mover, indo para a porta. A forma de Des pisca, desaparecendo por um momento apenas para se materializar diretamente na minha frente.

Seus olhos intensos prendem nos meus. — Você sabe que eu confio em você, te respeito e, acima de tudo, amo você. Mas os deuses me dêem graça, Callie, eu terei um acerto de contas contigo se você for desonesta comigo.

Oh homem de pouca fé. Eu só fiz isso uma vez, e essa única vez foi quando Des e eu encaramos Temperance — Temper — Querida, minha melhor amiga e feiticeira.

— Eu não vou me *desonrar* com você, Des.



— Então assim estamos claros. — Relutantemente, ele sai do caminho, e então nós dois saímos de seus aposentos.

O chão estremece quando descemos. Há um estrondo distante, como uma tempestade se formando, e o ar carrega o mais leve indício de algo enjoativo e sujo.





— O que é esse cheiro? Eu pergunto a Des enquanto eu o sigo através do castelo. Nosso entorno imediato é muito quieto.

— Magia negra — diz ele por cima do ombro.

Eu levanto minhas sobrancelhas. — Eu posso *sentir o cheiro de* magia?

Isso não é normal.

— Magia fae — Des especifica. — E, sim, aparentemente você pode.

Certo. Eu acho que posso rolar com isso.

Passos batem no corredor. As asas de Des se projetam de forma protetora, mas os indivíduos que viram a esquina são alguns ajudantes reais de Des.

— Onde está Malaki? Des exige, claramente interessado em falar de estratégia com seu general.

Os ajudantes olham um para o outro, perplexos. — Não o vi, diz um deles.

— Verifique os quartos da feiticeira— eu digo. Temper sem dúvidas tem o general de Des acorrentado em sua cama.

Eu não sou a única com um gosto por faes.

O Negociador passa a mão pelo cabelo branco. — Quantos soldados estão estacionados aqui em Somnia? Ele pergunta a um dos assessores.

- Oitocentos e cinquenta. Existem mais algumas centenas nas outras ilhas. O resto está estacionado nas fronteiras ou em tempo de paz.

Des esfrega a boca. Eu sei o que ele está pensando: estamos em desvantagem. Há facilmente mais de mil mulheres dormindo sob este castelo. Se elas estão à procura de sangue... Elas vão nos ultrapassar.



— Chame o maior número de reforços que puder— Des ordena. — Mande todos os soldados da Noite para o palácio. As mulheres que





dormiam anteriormente vão tentar tomar o castelo. Não podemos deixar isso acontecer.

Eu olho para a fileira de janelas arqueadas próximas. Explosões de luz estão passando por Somnia como as lâmpadas de uma câmera. Com eles vêm gritos. Tantos gritos.

Os assessores inclinam a cabeça, e então eles saem, atravessando o castelo para cumprir as ordens do Rei da Noite.

Noto que nenhum de seus homens tentaram protelar e protege-lo - nem tentaram isolá-lo para esperar a batalha. A esse respeito, os faes são diferentes dos humanos. Ou talvez seja apenas Des, testado em batalha, com suas algemas de guerra e sua escuridão, seja diferente de outros líderes.

O negociador começa a andar pelo corredor novamente. — Fique com os punhais prontos, querubim — diz ele por cima do ombro. — Vamos enfrentar as mulheres de frente.

Eu pego minhas armas com as mãos trêmulas. Uma coisa é treinar com Des, outra coisa é se preparar para a verdadeira batalha.

Minha pele brilha enquanto a sereia sangra em mim. Com a mudança surgiu um tipo vicioso de confiança que eu não estava percebendo há um segundo. Eu pego minhas lâminas, as fases gravadas da lua brilhando ao longo do comprimento do metal. As adagas eram um peso familiar nas minhas palmas.

Adentrando no castelo há um estrondo, seguido por uma explosão. Então mais gritos.



Além dos assessores de Des, não vemos ninguém. Isso, mais do que tudo, faz minhas garras afiarem e minhas asas aparecerem. Estamos caçando predadores.

Os gritos ficam mais altos à medida que nos movemos pelos



corredores do palácio, caminhando cada vez mais perto da entrada principal.

E então viramos para um corredor que não estavam abandonados.

Vários faes estão fugindo do caminho que estamos nos aproximando, seus olhos selvagens e suas roupas ensanguentadas.

Um deles consegue parar quando ele vê o rei. — Sua Majestade— ele fala, — por favor, não vá por esse caminho ... Elas estão abatendo todos em seu caminho.

O olhar do negociante desliza do homem para o corredor.

— Fique seguro — diz Des, e então ele volta a caminhar.

O homem me lança um olhar apressado e sai correndo como um coelho.

Des e eu vamos para outro corredor, em direção a uma escada. Mais faes passam por nós e os gritos estão ficando mais altos. Mais próximo.

Eu aperto meus punhais, minhas asas tensas em minhas costas minha pele brilhando sob os castiçais das paredes faiscantes.

Quando descemos a escada, a cena abaixo de nós lentamente se revela. Meu sangue gela com a visão. Há corpos ensanguentados espalhados pelo chão, os olhos vidrados. Do outro lado do patamar, uma soldada feminina se aproxima de um assessor do palácio, seu machado de batalha erguido acima de sua cabeça. Ela vai dividir o homem em dois - assim como parece que ela fez com essas outras almas infelizes.

Na minha frente, Des desaparece. Ele se materializa entre os dois faes assim que a soldada abaixa o machado.

Eu engulo meu grito quando ele pega a arma pela alça. O assessor sai de trás de Des e sai correndo.



O Rei da Noite estala a língua, parecendo completamente à vontade enquanto a soldada tenta puxar o machado do seu aperto.

— Ninguém te disse que é um mau gosto matar um homem dentro de casa? A soldada rosna em frustração enquanto ela tenta desalojar o machado da mão de Des. Quando isso não funciona, ela lança nele o braço livre, o punho fechado. Des desaparece apenas o tempo suficiente para o golpe passar por ele e a soldada a tropeçar desequilibrada.

Ele reaparece, chutando a soldada quadrado no peito, o golpe a jogando fora de seus pés. Ela bate no chão duro, e eu posso ouvir o *barulho* audível quando a respiração é sugada de seus pulmões. Seu machado escapa de seu aperto, derrapando vários metros atrás dela.

— E todo esse sangue — continua Des, em direção a ela. — é fácil o suficiente para tirá-lo do chão com um pouco de magia, mas os espíritos gostam de se agarrar ao último lugar de sua vida. Ninguém quer um fantasma assombrando a casa deles.

A soldada mostra os dentes para o Rei da Noite, correndo de volta para pegar seu machado. Ela o agarra assim que Des se aproxima dela. Casualmente, o Negociador pisa em seu pulso, o osso quebrando com um estalo repugnante. A soldada grita, o som mais um grito animalesco de frustração do que de dor real. Essa é a parte mais assustadora de tudo isso; ela está tão focada na carnificina que sua dor fica em segundo plano.



Outra fae - uma nobre pela aparência de seu traje - corre para o patamar do outro lance de escadas, uma soldada às suas costas. Ela faz uma pausa, levantando o arco e colocando uma flecha.

Eu não penso assim.

Eu afasto meu braço e jogo um dos meus punhais. Ele vira o punho





sobre o ponto. Com um baque molhado, ele se aloja na garganta da soldada.

Puta merda, eu não esperava que a minha mira fosse *tão* boa assim.

E puta merda, eu apenas feri mortalmente alguém. O pensamento se assemelha a uma pedra na boca do meu estômago.

A mulher tropeça para trás, a mão indo para a garganta sangrenta. Com cada batida de seu coração, mais e mais líquido carmesim se derrama da ferida. Isso me faz lembrar do meu padrasto, da tendência que eu tenho por atingir essa artéria em particular.

Esperava ouvir a soldada soltar um grito de dor, ou ver o medo em seus olhos - qualquer indicação de que há uma pessoa residindo naquele corpo - mas quando seu olhar encontra o meu, não há nada por trás daqueles olhos, exceto o frio e calmo distanciamento.

Agarrando o cabo da minha adaga que estava enfiada em sua garganta, a soldada arranca.

Santo Deus Isso é muito pesado para mim.

Diante dos meus olhos, sua ferida começa a se fechar.

Você está *falando sério*? Quer dizer, eu sei que há apenas alguns segundos fiquei horrorizada com a morte dela, mas agora, no geral isso só precisa acabar.

Ela começa a seguir em frente, minha arma na mão. Eu aperto meu punho em volta da minha adaga restante, adrenalina batendo entre as minhas orelhas.



No meio do caminho vindo em minha direção, ela hesita e sua mão volta para o pescoço ferido. Enquanto sigo seus movimentos, percebo que por baixo de todo o sangue, a ferida ainda está aberta. Não sei porque, mas parou de cicatrizar.





Ela não tem mais tempo do que isso. Antes que ela ou eu possamos fazer qualquer coisa, Des se manifesta na frente dela, espada na mão. Em um movimento limpo, ele ataca ela.

Seus olhos se arregalam quando ele tira sua lâmina ensanguentada de seu estômago e, um momento depois, seus joelhos cedem. Os olhos vidrados do soldado olham fixamente para o teto, e sua boca abre e fecha até o último suspiro de sua vida se esvair.

O Negociador se ajoelha e pega minha lâmina da mão dela. Um momento depois, ele desaparece, apenas para surgir bem na minha frente.

Ele me entrega minha lâmina. — Você fez bem, querubim— diz ele, seus olhos brilhando quando ele me leva para dentro

Eu passo a língua me meus lábios, meus olhos se movendo para a soldada. Ser bom em matar não é elogio. Minha sereia se envaidece de qualquer jeito.

Des pega meu queixo e me dá um beijo rápido, e minha sereia - ela cantarola com o gosto do meu companheiro na minha língua e o cheiro de sangue no ar.

Uma vez que o Negociador libera minha mandíbula, seu olhar permanece no meu rosto por mais um momento. Relutantemente, ele se afasta, percorrendo o palácio mais uma vez, rumo aos gritos.

Respirando fundo, eu sigo atrás dele.

Passamos por vários outros faes caídas enquanto atravessamos o castelo, as mortes horríveis, violentas. Minhas naturezas em conflito não podem decidir o que fazer com isso. Parte de mim se sente enjoada e horrorizada, e parte de mim está cheia de sede de vingança.



Faça-as sofrer. Faça-as pagar, minha sereia sussurra.

A próxima soldada adormecida que encontramos fica parada em um





corredor escuro, agachado sobre um corpo. Eu olho para a forma dela; quase todos os castiçais estão apagados neste corredor, como se a luz não pudesse suportar testemunhar esse horror.

A cabeça da soldada se levanta, seus olhos brilhando como os de um gato. Seu rosto está salpicado de sangue, e a faca que ela empunha está encharcada de sangue, o líquido carmesim cobrindo a lâmina, o punho e a maior parte de sua mão.

Não há como o fae debaixo dela estar vivo.

O Negociador está na soldada em um segundo, espada na mão. Em um golpe rápido e limpo, ele decepa a cabeça.

A coisa bate no chão com um baque doentio, o corpo da soldada se juntando a ele um momento depois. Uma poça de sangue escuro escorre de ambos.

Eu olho para a cabeça. Seus olhos ainda estão piscando. Oh meu doce Senhor, por que seus olhos ainda estão piscando? E santo inferno- sua boca está abrindo e fechando como um peixe ofegante.

Eu posso sentir minha sereia, pressionando-me para libertá-la, ficando cada vez mais excitada com a visão e o cheiro de sangue.

Eu quero tudo isso, ela sussurra. *Sua dor, seu poder, suas próprias vidas. É meu para saborear, é meu para levar.*

Uma parte minha quer envolver a maldade de minha sereia ao meu redor como uma armadura, mas uma parte maior de mim está tão perturbada por ela quanto estou pela carnificina. Não quero que nenhuma parte minha sinta prazer com essas mortes violentas.



Então, faço o que sempre fiz - mantenho-a controlada da melhor maneira que consigo.

Forçando-me a me mexer, vou até a civil esparramada no chão e me ajoelho ao lado dela. Seus olhos estão fechados, seu rosto está frouxo e seu





pescoço é uma bagunça de tecido ensanguentado - e então há todo o sangue *saindo de* seu corpo. Nenhum humano poderia sobreviver a essa perda de sangue. Mas então, isso não é humano.

Eu vejo seu peito subir e descer e a escuto respirar com dificuldade, o som quebrado e irregular.

Des se ajoelha ao meu lado e ele coloca dois dedos contra a testa da mulher. Eu posso sentir uma sugestão de sua magia no ar quando se estabelece em torno da mulher ferida.

Seus olhos se agitam e ela estremece.

— O que você fez? Eu pergunto.

O Negociador está de pé. — Eu tirei a dor dela. O restante, a magia dela terá que resolver por conta própria. Eu não sou curador.

Eu me lembro da última soldada que eu lutei o jeito que a ferida dela começou a fechar só para parar de curar. Se a magia da soldada não pode curar aquela ferida, a magia dessa mulher pode curar a dela?

Improvável.

O pensamento filtra de uma nova parte de mim, a parte que bebeu o vinho lilás, a parte que agora é um pouco fae. Eu posso sentir a magia da fae escapando de seu corpo. Permanece em seu sangue derramado, e está evanescendo no ar. Essa magia se infiltra nas paredes e no teto, e então não é mais a magia dessa mulher, é do castelo.

O que Des disse?

Os espíritos adoram se apegar ao que resta de sua vida. A magia dessa mulher está se esvaindo dela - será que sua alma escapará com ela?



Eu serei capaz de sentir isso também?

Eu não fico tempo suficiente para descobrir.

Nós a deixamos lá, mais uma vez indo para a entrada principal do palácio. Quanto mais nos aproximamos, mais corpos começam





a se acumular. Aqui os sons da luta são quase ensurdecedores. Eu posso dizer apenas pelo barulho que uma batalha violenta acontece na grande entrada do palácio.

Em vez de ir para lá, Des nos leva a uma escada que vai mais adiante.

— Onde estamos indo? Eu pergunto.

— As masmorras.

— As masmorras? Eu ecoo. — Por quê?

Chegamos a uma porta grossa feita de bronze batido. Eu posso sentir uma ala sussurrando alguma coisa.

Ele se vira para mim. — Espere aqui, amor.

— Des ...

Mas ele se foi.





CAPÍTULO 4

EU AJUSTO MEU aperto em minhas adagas, depois mudei meu peso de uma perna para a outra.

Eu olho para a porta de metal à minha frente, os sons de luta nas minhas costas. Meu coração está batendo no meu peito enquanto minha adrenalina passa por mim. Um minuto passa. Então outro.

A batalha acima de mim está chamando a minha sereia, atraindo minha natureza sombria. Minhas asas tremulam e reabastecem com minha agitação, e minha pele ainda brilha como nunca. Eu começo a me afastar da porta, sentindo-me forçada a voltar à luta. A parte sã de mim não está entusiasmada para matar mais pessoas, mas eu não posso ficar aqui apenas enquanto faes inocentes ...

O Negociador retorna ao meu lado, parando o pensamento correndo. Nas mãos dele, ele segura uma caixa de madeira manchada.

Eu olho entre ele e aquilo.

Sério, o *que* está acontecendo?

Des se inclina e sussurra para a caixa no que eu estou supondo que seja o Velho Fae. Ele faz uma pausa, escuta e fala mais um pouco. Enquanto ele fala, posso sentir os encantamentos da caixa se desfazendo. Uma vez que eles se dissolvam, Des para de falar.

Por um momento, nada acontece. Então a tampa se abre.

Eu não posso evitar, me inclino para frente e olho dentro da caixa.

Está vazio. Até, claro, não está.

Sombras que eu não notei no fundo dele começam a se agitar. Estas não se parecem com as sombras de Des, que engrossam e enrolam como fumaça. Essa sombra é uma coisa bidimensional, fina como papel que se move.



Uma mão óssea e sombria surge das profundezas do recipiente, seus dedos segurando a borda da caixa, um por um. Ele se puxa para fora, escorrega para o lado, depois pula de um canto para o chão.

Minha respiração gagueja. Eu já vi essa criatura antes, na sala do trono de Des.

O pântano.

Eu observei a criatura comer um Fae da fauna que achou que seria uma boa ideia presentear o Rei da Noite com um saco de cabeças.

Aposto que o cara se arrependeu *dessa* decisão.

— Lembre-se do nosso acordo— diz Des ao monstro das sombras.

Acordo? Apenas o negociador poderia ter conseguido tal coisa pelo tempo que ele saiu do meu lado. E logo com o pântano de todas as coisas.

— *Simmm, meu reiiiiii.*

Os pelos do meu antebraço eriçam quando a criatura fala. Estou encarando um pesadelo vivo. Literalmente. O pântano come suas vítimas vivas e no longo tempo que leva para digeri-las, esses faes são amaldiçoadas a viver seus piores pesadelos. Somente o Outro Mundo poderia ser o lar de um monstro tão assustador.

E agora Des soltou essa coisa.

O pântano começa a se mover e depois hesita. Eu enrijeço quando o sinto me notar.

Não é uma criatura que eu quero chamar a atenção.



Um adversário tentador, minha sereia sussurra porque ela não tem juízo.

Des para na minha frente, seus ombros largos bloqueando o pântano.

— É melhor matar qualquer pensamento que está passando pela sua cabeça— ele rosna. — Olhe para a Rainha da Noite novamente, e você





descobrirá por que seus companheiros me temem.

Rainha da Noite?

E todos cairão sob meu domínio...

A sereia em mim está *morrendo* de *vontade* de ser libertada.

— Enteeeeeeeennndiiiiii— o pântano assobia.

Eu mal consigo ver sua forma enquanto ele desliza de volta pelo caminho que viemos.

Des e eu voltamos para as escadas. Quando chegamos à entrada principal do palácio, dezenas e dezenas de faes estão travados em combate, com as asas bem abertas atrás delas. Alguns deles são civis, mas muitos deles são soldados que defendem o palácio de outros soldados, ex-colegas agora colocados uns contra os outros.

Meus olhos passam pelo resto do hall de entrada dourado. O lugar parece um matadouro. Corpos estão espalhados pelo chão, a maioria deles servos, nobres ou assessores - essencialmente, faes que não foram treinadas para matar. Também há soldados da Noite caídos, mas mesmo na morte é difícil dizer se o soldado defendeu ou invadiu o castelo.

Eu olho, chocada para o caos. Entre tudo isso, vejo o pântano deslizando, engolindo um soldado traidor após o outro. Eu não tenho ideia de como ele sabe discernir o amigo de um inimigo, mas eu acho que Des resolveu esses detalhes com o monstro antes que ele o soltasse.

Espadas estão se chocando, flechas estão voando, sangue está sendo pulverizando. A magia negra enche o ar. Eu posso sentir o cheiro, sentir o gosto, sentir sua natureza oleosa agarrada à minha pele.



Des me puxa para perto, roubando um beijo rápido dos meus lábios. — Fique segura, amor — diz ele. Seus olhos mergulham na minha pele brilhante, e seu aperto ficando mais firme. Eu sinto sua hesitação, o encantamento





e o nosso vínculo mantendo-o ao meu lado.

Em algum lugar debaixo de sua armadura, ele usa três punhos de guerra de bronze, concedidos a ele por bravura. O pensamento dessas faixas me conforta. E eu não tenho nada para mostrar a ele que ficarei bem.

Assim que abro a boca para falar, uma flecha zumbe na minha cabeça.

Agindo agressivamente e instinto, Des retira sua espada, a arma tinindo quando é liberada. Ele gira em direção onde estar acontecendo o corpo a corpo, seus olhos examinando o local. No momento em que ele encontra o arqueiro, ele desaparece do meu lado, deixando-me sozinha.

O mundo reflete uma sensação oca com os gritos, os cheiros, as vistas.

Nosso para saborear, sussurra a sereia. *Junte-se a eles. Vamos participar até que haja sangue suficiente para nadar.*

Eu dou um passo, depois outro, puxada pela força da batalha. Ao meu redor, os olhos de vários faes percebem minha forma brilhante.

Uma soldada se aproxima de mim, seus olhos brilhantes, mas seu rosto impassível enquanto ela levanta sua espada.

Eu olho para a arma, e minhas lâminas de repente parecem pequenas e insignificantes. Nada deterá essa mulher com seus reflexos rápidos e sua sede de sangue.

Deixe-a tentar nos matar.



Então, novamente, por acaso eu conheço um pouco alguém que se encaixa muito bem nessa situação...

Normalmente, tenho o cuidado de conter minha sereia, mesmo quando uso minha magia. Agora, deixo esse controle escapar um pouco.

Eu sinto sua risada borbulhar no meu peito.





Isto vai ser divertido.

Assim que o soldado balança sua arma, eu me movo, meu corpo se inclina e abaixa para evitar os golpes. Meus movimentos parecem fluidos, como a água rolando pelo rio.

Eu me agacho, giro e, com um impulso rápido, empurro meus punhais para dentro de sua barriga. É um ataque impossível, que até uma semana atrás eu não teria sido capaz de fazer. E agora eu tenho que me perguntar se, junto com a longa vida e a sensação de magia, o vinho lilás me deu outros atributos fae, como agilidade e precisão.

Eu puxo minhas lâminas do seu tronco, cortando carne e outras coisas mais suaves, antes de recuar.

A soldada cambaleia para trás quando eu me retiro. Mas nem as feridas que eu infligir são suficientes para impedi-la. Ela me ataca novamente. Bloqueio o primeiro golpe, mas não sou rápido o suficiente para evitar totalmente o segundo. Eu sinto a lâmina afundar em meus couros, depois morder minha pele. Eu grito e giro, minha adaga apontada. A arma corta o pescoço da mulher.

Simmmm. Minha sereia ama a carnificina.

Eu fico sem oponente por cinco segundos, e então outra mulher está em mim, suas lâminas curvas brilhando perversamente sob a luz do gigantesco lustre de bronze acima de nós.

Dobrando meus joelhos, eu pulo no ar, as batidas fortes das minhas asas me levantando. Vários metros do chão, eu aperto minhas asas com força contra as minhas costas e caio no soldado, enterrando minha adaga em seu pescoço.



Sua lâmina curva se arqueia no ar, o ataque me espetando na coxa antes dela cair no chão. Eu desmorono em cima dela, sibilando com a ferida.





Uma mão trêmula vai para minha coxa. Eu aperto meus dentes contra a dor aguda.

Eu acho que é profundo - definitivamente profundo o suficiente para tornar uma caminhada um problema.

Eu me empurro da fae morta, quase chorando quando coloco peso na minha perna. Mas assim que sinto a força total do ferimento, ele começa a fechar, o sangue escorre.

A magia fae fazendo seu trabalho. Outra vantagem do vinho lilás.

Uma vez que minha ferida cicatriza, eu pulo para trás da confusão

Do outro lado da sala vejo Malaki e Temper - A última com um sorriso maluco no rosto - enquanto lutam contra os soldadas adormecidas. E muito acima de nós Des lutas no ar, seus inimigos caindo do céu.

Os soldados continuam chegando, e é preciso todo o meu foco para combatê-los.

Quando chego à entrada principal do castelo, o cheiro de magia e sangue reveste o ar como perfume. Estou manchada no líquido, usando-a como outra camada de armadura.

Difícil acreditar que eu agonizei com uma única morte por anos. Até o final da noite, se eu ainda estiver viva, minha contagem de mortes será de dois dígitos.

Os combates se espalham pelo pátio, e explosões de magia fae iluminam a noite enquanto faes atraem seu poder.



Eu brevemente embainho minhas adagas enquanto meu olhar se move sobre a paisagem. A parte humana de mim está tentando não vomitar. Os terrenos estão cheios de olhos vidrados e corpos destruídos.

Soldados estão matando soldados. Os civis estão sendo





abatidos. E as mulheres que dormiam antigamente estão em massa ao lado de suas crias.

Agora que chegou a hora, aquelas crianças assustadoras dos caixões rejeitaram todas as pretensões de inocência. Seus minúsculos corpos se alimentam de fadas, seus olhos brilhando com malícia profana.

É uma loucura que não consigo entender.

Des pousa ao meu lado e pega minha mão. Ele parece um selvagem, seus couros de batalha manchados de sangue e seu cabelo pálido salpicado com o fluido. É desconcertante o quanto o visual combina com ele.

— Você está bem? Ele pergunta, seus olhos brilhando de preocupação, e ironicamente o fae se deleitando.

Faes e seus corações selvagens, a sereia sussurra. *Ele está gostando disso quase tanto quanto nós.*

Seu olhar cai para os meus lábios, sua outra mão alcançando minha pele brilhante.

Eu lambo meus lábios e aceno. — Estou bem.

Para enfatizar o meu ponto, afasto minhas asas. Eles não desaparecem imediatamente e, mesmo quando o fazem, é uma luta mantê-los escondidos.

É um desperdício de esforço. O Rei da Noite ainda está olhando os meus lábios, parecendo fascinado por eles.



Ao nosso redor, o ar engrossa com eletricidade estática, fazendo os pelos do meu braço arrepiar. Eu olho em volta, tentando descobrir sua fonte. Des tira seu olhar da minha boca, seus olhos se movendo sobre o nosso entorno.

Algo ruim está chegando.

ESTRONDO!





O chão debaixo de mim treme e escombros voa do ar quando algo do outro lado do palácio explode. Um momento depois, sinto uma onda de magia negra bater em mim, me derrubando. Des me pega antes que eu caia no chão, e nós dois compartilhamos um olhar intenso.

Um novo grupo de gritos surge do outro lado do castelo.

Eu estava errada, algo ruim não está vindo.

Já está aqui.

AO MEU LADO, as asas do Negociador surgem em suas costas, expandindo-se ameaçadoramente. — Eu já volto, querubim.

Com isso, ele desaparece do meu lado.

Des!

Eu ainda posso sentir a pressão de suas mãos contra mim, mas ele se foi.

Meus olhos se movem para o fundo do palácio, de onde vêm os gritos. É para onde ele foi.

Eu corro para o fundo do castelo, meu coração batendo descontroladamente. Há tensão em meus ombros, minhas asas lutando para se revelarem.

Ignorando a sensação, corro por um dos caminhos de paralelepípedos que serpenteiam ao redor do palácio, as pedras manchadas de sangue. À minha frente, um fae morto jazia esparramado sobre a grama pálida, os braços esticados, os olhos vidrados.



Quantas vidas foram ceifadas em uma única noite?

Muitas. Nós faremos nossos inimigos pagar por isso.





Faes fogem de mim, alguns se voam e alguns correm a pé, todos correndo daquilo que tenha causado a explosão.

Quando dou a volta pelos fundos do castelo, eu cambaleio. Eu tive que travar meus joelhos com a visão na minha frente.

Querido Deus.

O anexo circular que contém o portal real do Reino da Noite está sendo usada, suas portas duplas estão destruídas. Fileiras e mais fileiras de soldados cobertos de sangue correm por ali, com os olhos vagos. Eles marcham para o terreno do palácio, seus uniformes carregando o símbolo do Reino da Noite.

Os homens adormecidos.

Existem dezenas e dezenas deles, e mais estão chegando a cada segundo que passa.

Eu cambaleio ao vê-los.

Vou morrer.

Eu vou morrer e tudo foi por nada: Encontrar Des apenas para perdê-lo. Passar sete agonizantes anos sem ele. Resistindo a Karnon. Quase morrendo nas mãos do Homem Verde. Bebendo o vinho lilás. Nada disso importa mais porque um exército de soldados possuídos quer limpar o povo do Rei da Noite da face da Terra, e eu serei apenas mais uma vítima.

À minha frente, Des está muito quieto. Mesmo que eu não possa ver seu rosto, eu juro que posso sentir seu desespero. Os números estavam contra nós quando eram apenas as mulheres adormecidas atacando. Com os homens, eles são *insuperáveis*.



Os soldados começam a quebrar as fileiras, se agitando para atacar qualquer coisa viva.



Eu sou uma daquelas coisas. Assim é Des, e assim são os poucos faes espalhadas ao nosso redor que decidiram ficar e lutar.

O Negociador dá um grito de guerra, e depois desaparece, reaparecendo no meio dos soldadas adormecidas no tempo suficiente para lidar com a morte antes de desaparecer e reaparecer novamente.

Ele olha por cima do ombro para mim, seus olhos selvagens. — Esconda-se, Callie! — Ele grita, enquanto os soldados se aproximam dele por todos os lados.

Eu não tenho vontade de me mover ou o medo de fugir. Até minha sereia está quieta. Ela não vai sussurrar a verdade.

Nós não podemos ganhar isso.

Há um monte de soldados para cada um de nós, e essas chances só pioram à medida que mais soldadas adormecidas saem do portal. E uma vez que eles terminarem com a gente, eles passarão para outros faes, até que talvez ninguém fique de pé.

Isto não é batalha; é uma carnificina.

E eu não quero mais testemunhar isso.

— *Pare* — eu sussurro, minha voz harmonizando enquanto a batalha se desenrola. Eu pisco quando minha visão borra. Os soldados já avistaram minha pele brilhante; eles estão correndo em minha direção, armas em punho, como se eu fosse uma grande e terrível ameaça.

Os homens adormecidos começam a invadir o que soldados leais e civis permanecem em pé, cortando-os em segundos.

— Pare — eu digo mais alto.

Ninguém está ouvindo. Claro que não estão. Eles têm coisas mais importantes a fazer, como tentar permanecer vivos.



Mas eu não posso deixar isso assim. Eu estou desmoronando, e este pode ser o momento para fazer alguma coisa.

— *PARE!* Eu grito como uma mulher louca.

Para minha surpresa, eles fazem exatamente isso.

As armas param de se confrontar, os faes param de se mover – todos param e ficam totalmente e absolutamente imóveis.

Eu toco minha garganta.

Agora.

Eu olho para o fae da Noite mais próximo de mim, que está a poucos metros de distância. Seu pé está suspenso enquanto ele fica congelado no meio do passo, a lâmina na mão, seu rosto intensamente focado em mim. Mesmo daqui, posso sentir o odor desagradável que sai de suas roupas, o cheiro como a Morte como saído de uma lixeira.

— Você— eu digo, apontando para o soldado. — Dê-me sua espada— eu exijo, abrindo a palma da mão.

O fae descongela e calmamente caminha até mim antes de me entregar sua arma.

Meus dedos se fecham sobre o punho da espada e um sorriso malicioso floresce no meu rosto.

Eu porra posso encantar *faes*.

Segure seus seios, mundo. Callie. Está. De volta.





CAPÍTULO 5

EU POSSO CARAMBA encantar faes.

Antes de beber vinho lilás, esse não era o caso. Eu deveria ter percebido que o elixir reconfigurou esse aspecto da minha magia, assim como os outros.

Meus olhos se movem para o meu companheiro. Para meu choque e horror (e talvez um pouquinho de deleite) - ele também está congelado.

— Des! — Eu chamo minha voz melódica com o meu poder. — Venha aqui.

O Negociador desaparece, reaparecendo ao meu lado um instante depois, uma sobrancelha arqueada. Fora isso, ele é plácido - tudo exceto por seus olhos. Seus olhos prateados brilham de uma maneira perversamente excitada.

— Eu liberto você do meu encanto— eu digo.

Eu claramente fiquei enferrujada com toda essa coisa de encanto, porque não foi apenas Des que seguiu o meu comando. Alguns soldadas adormecidas, incluindo o que acabou de entregar sua espada, agora voltam à ação.

Sério, Callie, erro de principiante ali mesmo.

Des ataca os soldados em um instante, cortando-os com sua espada antes que eles tenham a chance de atacar.

Quando eles foram eliminados, o Rei da Noite revira os ombros, como se quisesse se livrar da minha magia. — Então, *é* assim que se sente quando está sob o encanto de uma sereia—diz ele, o canto da boca curvando-se apenas um pouco, — como se eu tivesse sido pego pelas minhas bolas. — Ele chega perto, seu sorriso aumentando. — A coisa toda foi terrivelmente invasiva. Eu gostei bastante.









A conversa era tão inapropriada e fora de lugar que deixo escapar uma risada, o som melódico.

Seus olhos se movem sobre minhas feições brilhantes. — Bela criatura — ele murmura. — Você já era irresistível antes. — Ele estende a mão, passando os nós dos dedos em minha mandíbula. — Eu não sei bem o que fazer comigo agora.

Des se inclina e me beija, seus lábios demorando.

O som de passos pesados quebra o feitiço.

Eu me afasto do Negociador, voltando-me para o portal. Mais soldadas adormecidas estão marchando.

— Soldados, parem! — Eu digo, minha magia grossa na minha voz.

Os soldadas adormecidas param no lugar, seus corpos enchendo a porta.

— Você conseguiu, querubim — diz Des, examinando os faes de bruços. — Você se tornou alguém a temer.





CAPÍTULO 6

DEMORA VÁRIAS horas, mas eventualmente consigo incapacitar todos os soldados psicopatas adormecidos e as crianças do caixão que estavam causando estragos em Somnia.

Pela aparência dele, os soldados estavam tentando um golpe político, desculpe-me, um golpe político *falho*.

Obrigada encantamento.

Contornamos os criminosos, removemos suas armas e as trancamos nas masmorras. Neste momento, meu encanto está tornando-os calmos, mas, uma vez que isso desapareça em um dia ou dois, suas tendências sedentas de sangue retornarão.

Agora Des e eu seguimos pelo palácio em direção às masmorras. Eu abro e fecho minhas palmas enquanto andamos. Estou um pouco nervosa, o que é ridículo. O que estou prestes a fazer foi a minha ideia.

Os faes que passamos me encaram. Minha pele há muito tempo parou de brilhar, então eu sei que não é a sereia atraindo seus olhares.

— Por que eles estão olhando para mim? Eu finalmente pergunto a Des.

Ele faz uma pausa para olhar para mim, depois para *eles* em questão.

— Você realmente não sabe? - Des pergunta, levantando uma sobrancelha, seu olhar voltando para o meu.

Eu sacudo minha cabeça.

— *Querubim* — ele diz, com um pequeno sorriso nos cantos dos lábios, — você é a feiticeira que parou um exército. A humana que tem o poder de controlar suas vontades se ela quiser. Eles estão impressionados e com medo de você, que é o maior elogio que um fae da noite pode lhe dar.



Eventualmente, deixamos os olhos curiosos para trás, descendo a mesma escada que subimos há apenas algumas horas, quando Des soltou o pântano.

Nós dois paramos na porta de bronze batido familiar.

Com um toque da magia de Des, a porta se abre, revelando um longo corredor que avança na escuridão, os candelabros da parede não são capazes de esconder as sombras.

Lá dentro, soldados armados (esses não possuem o desejo profano de atacar o máximo de não enfeitiçados possíveis) escoltam-nos sombriamente pelo corredor.

Quando chegamos à masmorra, estamos bem embaixo do castelo. Eu posso sentir as paredes deste lugar pressionando de todos os lados, a sensação me lembrando de quando eu era prisioneira de Karnon, presa em uma de suas muitas celas subterrâneas.

Eu respiro fundo. Tenho certeza de que essa experiência me deu claustrofobia por toda a vida.

As soldadas adormecidas estão amontoadas em dezenas e dezenas de celas e, embora centenas delas tenham sido mortos, quase não há espaço suficiente para as que restaram.

Quando passamos pelas celas, noto que as faes ainda estão presas ao meu encanto. Elas olham para a frente, com os rostos ilegíveis.

Não sei o que é mais assustador, sua verdadeira natureza ou esse estado catatônico em que elas caíram.



Na última cela, uma única soldada está alojada.

Ela está inerte no meio da câmara, seu cabelo vermelho flamejante caindo em espirais pelas costas.

Des, nossas escoltas e eu paramos na frente da cela,



observando a fae. Ela está alheia à nossa atenção.

A mão do Negociador cai na parte de trás do meu pescoço. Seu rosto está ilegível, mas posso dizer que ele não está empolgado com este pequeno plano meu. Ele não tenta, no entanto, me convencer a desistir disso.

— Abra a porta — Des ordena os guardas, sem deixar de olhar para mim.

As barras de ferro guincham quando a porta se abre. A soldada ruiva nem sequer olha para a porta antes de eu entrar.

Eu olho para ela por um longo momento antes de deixar minha sereia aparecer.

— Eu te liberto do meu encanto.

Espero que a soldada me ataque, mas ela não faz isso. Por vários longos segundos, *nada* acontece.

Então os olhos da ruiva deslizam para mim.

Meus músculos ficam tensos; eu estou esperando por ela atacar. Em vez disso, ela começa a andar de um lado para o outro, para frente e para trás, seu olhar ficando distante.

— Qual é o seu nome? Eu pergunto, minha voz melódica.

— Eu não tenho nome — ela responde.

— Todo mundo tem um nome — insisto.

— Eu não. Não mais.

Perder um nome é uma pequena injustiça se comparado a tudo o que o Ladrão fez, e ainda assim, é o que deu a ela uma identidade, e ele tirou isso dela.

— O que costumava ser? Eu pergunto.

Ela faz uma pausa por um longo tempo, tenho certeza que ela nunca vai falar.

— Mirielle — ela finalmente diz, a magia exigindo uma resposta dela.



— E você sabe quem eu sou?

Mirielle faz uma pausa, depois acena com a cabeça lentamente. — Você é a feiticeira. Podemos machucar você, mas não devemos matá-lo. Ainda não. Ele quer você viva.

Minhas garras afiam por conta disso. Eles não tinham permissão para me matar? Eu me lembro o quão duro eu lutei e quão cruel meus agressores eram. Nenhum deles parecia estar se segurando.

— Quem me quer vivo? Eu pergunto, embora eu saiba muito bem.

— Meu mestre.

Ladrão Do Caralho.

A cela escurece. Aparentemente, o Rei da Noite também não está muito feliz com isso.

— E esse... Seu mestre... Foi aquele que te acordou do seu sono?

— Ele chamou e nós respondemos— diz ela, continuando a andar de um lado para outro, para frente e para trás.

— Por que você atacou seus colegas, Mirielle? Eu pergunto, minha voz enfeitiçada.

Ela franze a testa quando ouve seu nome dos meus lábios.

— Eu não sei — Ela continua andando.

— O que você quer dizer com você não sabe? - Eu entendo que a mente dessa mulher foi fodida de várias maneiras possíveis e ainda pior, mas certamente ela tem uma explicação melhor para toda essa carnificina do que *eu não sei*.



— Nós cumprimos a ordem do nosso mestre — diz ela. — Nada mais.

— E o que seu mestre quer?

— Eu não sei — diz ela distraidamente.

Chegando a lugar nenhum ...

— Quem te sequestrou? Eu começo de novo.





Ela consegue se lembrar disso lá atrás? Algumas dessas mulheres dormem há *anos*.

— Meu irmão mais velho — ela responde friamente, ainda andando de um lado para outro, para frente e para trás.

O *irmão* dela?

Eu não acho que ouvi isso corretamente.

— Ele está morto há mais de um século— diz Des do outro lado da cela.

Minhas sobrancelhas sobem e encaro meu companheiro. Ele conhecia o irmão dessa mulher?

Os olhos da soldada vagueiam para o Negociador e lá descansam. Lentamente, ela inclina a cabeça, como se o reconhecimento estivesse surgindo das profundezas de sua memória.

— *Você* — ela suspira. — Você me teve uma vez... Há muito tempo.

Repita?

Minha pele estremece com agitação. Eu olho entre os dois. Isso é muito sério, admitindo o que eu acho que ela é?

— Você fez amor comigo, sob as estrelas...

Minhas garras se alongam.

Ela.

Vamos eviscerá-la lentamente, minha sereia diz. *Será divertido.*

É um sentimento estranho ter ciúmes de uma mulher que, com toda probabilidade, dormiu com seu companheiro séculos antes de você existir. Uma mulher que agora é nada mais do que uma concha de si mesma, sua mente e corpo comandados pelo Ladrão das Almas.



E ainda assim, eu ainda sinto a queimadura quente disso.

Des dobra os braços, parecendo sem graça. Ele não tenta se explicar para mim, o que provavelmente é uma coisa boa - fazer isso o faria parecer



culpado demais, e não era como se ele me traísse - mas, porra, eu quero que ele rasteje um pouco. Isso é errado?

Ele vai *rastejar,* a sereia insiste.

Tudo bem, se ela acha que rastejar é bom, provavelmente está errado. Mas isso não significa que eu discorde dela.

Eu me forço a focar na tarefa em mãos.

Des mencionou que o irmão de Mirielle morreu há pouco mais de cem anos. Levei um tempo para fazer as contas (não era o meu ponto forte), mas quando o fiz, percebi que a linha do tempo não combina. Soldados femininas começaram a desaparecer há uma década, não um século.

— Como o seu irmão poderia ter sequestrado você se ele estava morto?

Janus tinha um gêmeo, um gêmeo que morreu, o ladrão me contou na floresta da rainha da Flora. *A primeira vez que você o conheceu, você estava realmente me conhecendo.*

Os olhos vagos de Mirielle se concentram no chão. — Eu não sei.

Esta resposta irritante novamente.

— Eu tinha esperança... — Mirielle começa, então ela cai em silêncio.

— Fale comigo livremente — eu ordeno a ela.

Lentamente, seu olhar estranho se desloca para encontrar o meu. — Está escuro aqui. Muito escuro.

A minha nuca está doendo. — Você está no reino da noite? Eu pergunto.

— Sim e não.

Eu espero que ela diga mais, mas ela não fala.

— O que você quer dizer com isso?







— Está muito escuro aqui— ela repete. — Eu quero descansar. Por que eu não consigo descansar?

— Você sabe onde o ladrão está? Eu pressiono.

— Você nunca vai encontrá-lo.

Então todo mundo continua dizendo.

— Existe mais alguma coisa que você possa me dizer? Pergunto.

— Segredos são feitos para uma alma manter.

Eu sinto mais do que vejo Des endurecer com suas palavras.

O canto da boca de Mirielle se curva. — Ele está te observando, feiticeira, sempre te observando. Meu mestre desenvolveu um gosto por escravos.

Minha sereia empurra. — Você pode dizer ao seu mestre que eu desenvolvi um gosto pelos filhos da puta do mal — eu respiro, as palavras harmônicas quando saem da minha língua. — Ele venha me encontrar. Estou ansiosa para vê-lo novamente. Vou ensiná-lo o que significa ser minha put ...

Eu tranco a minha sereia e recupero o controle de mim mesma. Eu ando numa linha tênue, usando o meu encantamento e tentando manter suas piores tendências afastadas.

A cela escurece novamente e, de repente, Des está na cela conosco. — O interrogatório acabou — diz ele.

Antes que eu possa protestar, a porta de ferro se abre e eu estou fora. Eu giro de volta para encarar Mirielle quando ela se fecha.

Uma última pergunta. — Se eu deixasse você sair agora, o que você faria?

Seus olhos caem em mim. — Conquistar.







CAPÍTULO 7

DES SE PLANTA ao meu lado, o corredor que nós caminhamos escurece com a sua presença.

— Você poderia ter me deixado terminar o interrogatório — eu finalmente digo. Quer dizer, ele não era o único que está tenso. Eu tenho sangue empapado no meu cabelo, estou morrendo de sono, meus ossos querem se livrar da exaustão pós-batalha, e eu precisava de café há *horas* atrás.

— Você está andando em gelo fino agora, Callie— o Negociador rosna.

Eu giro para encará-lo, suas palavras me irritando. — *Eu sou* a única no gelo fino? Eu digo, minha voz aumentando. — *Você foi* o único que fodeu a prisioneira.

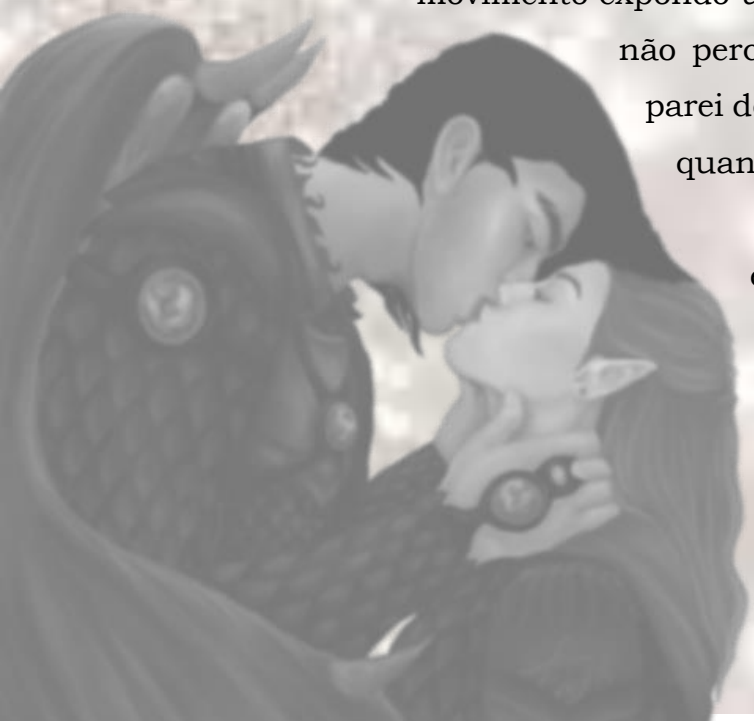
Trouxe isso mais cedo do que eu pretendia.

— Dois séculos atrás — diz Des. — Você espera que eu lhe dê um pedido formal de desculpas por todas as pessoas com quem eu já dormi? Porque se assim for, é melhor eu receber o mesmo de você.

— Você é louco.

O Rei da Noite desaparece do meu lado apenas para reaparecer na minha frente, seu corpo bloqueando o caminho e me forçando a parar.

— Você o *provocou* — ele rosna. — Você provocou o Ladrão de Almas para encontrá-la. — Ele passa uma mão agitada pelo cabelo, o movimento expondo uma de suas orelhas pontudas. — Você não percebe, este foi o mesmo motivo que eu parei de levar você quando fazia meus acordos quando você frequentava a Peel Academy.



Eu enfeiticei um homem naquela época também... Um homem que, ironicamente, sabia informações sobre o ladrão das almas. Ele estava disposto a morrer em vez de





compartilhar seu conhecimento, e ainda o fiz falar.

Eu me lembro disso. E agora o Negociador está essencialmente dizendo que em todo esse tempo eu não mudei.

Eu tenho um *problema* com isso. — Eu já estava na mira do ladrão. Eu *não* vou deixar esse monstro me provocar sem provocá-lo de volta.

Um músculo no rosto do Negociador treme. Ele se aproxima. — Você quer saber um segredo, querubim? - Ele pergunta, sua voz baixa. — Mais cedo esta noite, quando tentei impedir todas aquelas soldadas adormecidas de nossos aposentos - não funcionou.

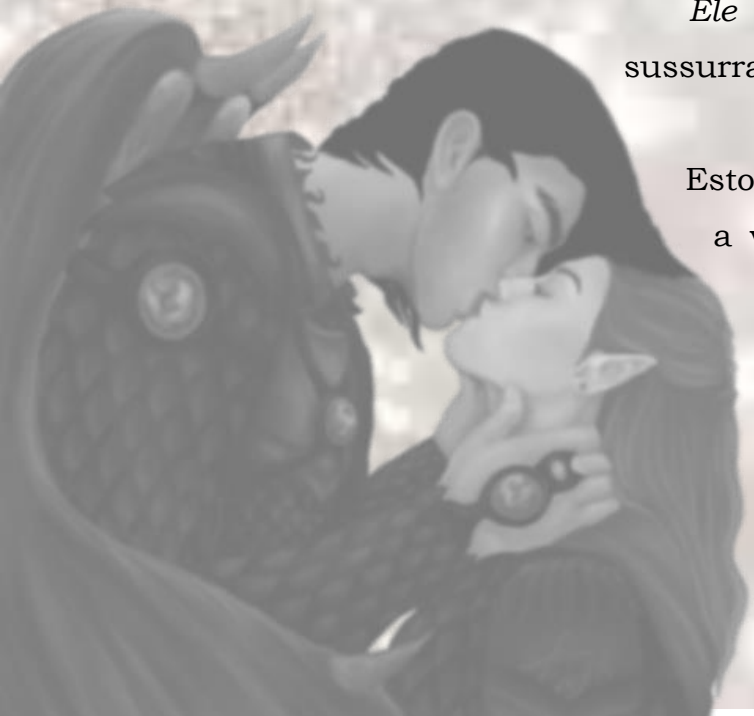
Houve aquele momento em seu quarto quando pensei que ele iria fazer sangrar na escuridão e acabar com aquelas soldadas adormecidas assim como ele tinha feito com Karnon e seus homens. Mas ele não foi capaz.

— Você quer saber por que isso não funcionou? Des pergunta. Ele não espera que eu responda. — A escuridão é leal a si mesma - não vai machucar outro fae que domina o seu poder.

Eu sinto o primeiro fio de desconforto em suas palavras.

— Isso significa que o ladrão é um do meu tipo, ele é um fae da noite.

MEUS JOELHOS FICAM um pouco fracos. Um fae da noite? Alguém que é imune à magia de Des?



Ele não é imune à nossa, minha sereia sussurra, sua voz é sedutora.

O rei da noite cobre meu rosto. — Estou *louco de* medo por você— diz ele, com a voz baixa. — Parece que as rodas do destino estão te empurrando cada vez mais perto do Ladrão, e nada que eu faça pode impedi-lo. Isso me *apavora.*





Ouvir Des admitir estar com medo... É como viver aquele momento quando se é criança, quando você vê um adulto chorar pela primeira vez. É como ver que a pessoa que você depende para ter suas costas, realmente não tem. É o tipo de coisa que sacode o seu mundo.

— Eu *sinto* muito que você teve que ouvir sobre o meu... Passado... Do jeito que você ouviu — diz ele com voz rouca.

Eu acho que isso é um pedido de desculpas.

Ele se inclina se aproximando, seus lábios a um milímetro de distância dos meus. — Mas eu devo admitir, eu avidamente adorei a sua reação. Com essa confissão, seus lábios pressionam contra os meus.

É estupido a rapidez com que o beijo dele pode banir meus nervos desgastados. Ele beija nossa discussão, seu gosto e toque consumindo meus pensamentos. E mesmo que o dia esteja uma bagunça, e eu estou uma bagunça, e o Outro Mundo era uma porcaria, mas por alguns segundos felizes, tudo estava como deveria ser.

TUDO O QUE EU QUERO agora é um banho de chuveiro, café e cama - de preferência tudo ao mesmo tempo. Não me diga que isso não pode acontecer; eu estou no Outro Mundo, *impossível* é o nome do meio deste lugar.

Mas eu vou conseguir o que eu quero?

Nãoooo.



Em vez disso eu tenho que assustadoramente me concentrar, o que significa levar a minha bunda para algum quarto aleatório no castelo e entender como está o atual estado das coisas.

— Bem, bem, bem, olhe o que o gato trouxe. — Temperance Darling, minha melhor amiga e colega criadora





de conflitos, grita assim que entramos.

Ela se senta ao lado de Malaki e vários oficiais fae, seus tornozelos apoiados na mesa à sua frente. Seus olhos se movem sobre mim. — E garota maldita, parece que o gato não apenas te trouxe, mas também se divertiu um pouco com você.

Meu alívio em ver Temper viva é rapidamente eclipsado por suas palavras. Eu descanso os meus olhares sangrentos da batalha antes de encarar Temper. Ela usa um macacão branco, e essa roupa está *intocada*.

Ao lado dela, Malaki parece severo, sua cicatriz especialmente dura sob o tapa-olho. Ele continua abrindo e fechando as mãos, e eu tenho a nítida impressão de que ele quer machucar alguma coisa.

Assim que ele vê Des, ele se levanta e atravessa a sala com alguns passos rápidos. Ele traz seu amigo para perto, batendo nas costas dele.

Eu me movo para o assento ao lado de Temper. — Você poderia dar algumas dicas a ele — eu digo.

Ela acena com mão. — Abraços são para bocetas.

Eu solto uma risadinha, pegando a xícara de café que está na frente dela e tomando um gole dela.

— Ei, vadia, isso é *meu*.

— Aiiii— eu digo, dando-lhe um olhar contente — alguém tem dificuldade em compartilhar? - Eu tomo um longo gole.

Os olhos de Temper se estreitam. — Cuidado, ou farei o café espirrar na sua cara toda vez que você beber— diz ela.

Eu sorrio sobre a borda do café. — Cuidado, eu não quero te enfeitiçar obrigando-a dizer a Malaki o que realmente sente por ele.

Para ser honesta, nem sei *se* minha magia funciona mais em







humanos. Mas ela não precisa saber disso.

Temper sacode a cabeça. — Isso é baixo, Callie.

Nós duas ficamos em silêncio, observando Des e Malaki segurando os ombros um do outro e fazendo todo tipo de juramento de homem sobre morrer pela lâmina para proteger um ao outro e etc, etc, etc.

— Malaki está apenas sendo exagerado— diz Temper. — Nós ouvimos horas atrás que vocês dois estavam bem. — Ela cutuca meu ombro com o seu próprio. — Ouvi dizer que você pode agora enfeitiçar fae. — Ela levanta o punho, e eu bato meus contra os dela. — Foda-se, sim, essa é aminha garota.

Des e Malaki falam em voz baixa por mais algum tempo. Algo que o Rei da Noite diz faz Malaki rir, e algo que o general diz atrai os olhos de Des para mim, seu olhar intenso o suficiente para fazer meu estômago tremer.

Ele se afasta de seu amigo e se dirige para a mesa, sentando-se ao meu lado. Sua mão cai para a minha coxa enquanto ele acena para cada um dos conselheiros sentados à mesa que também estão esperando por nós. Alguns dos conselheiros lançam a mim e a Temper olhares curiosos. Eu duvido que eles estão acostumados a ter humanos (antigos ou não) nessas reuniões.

— Estou feliz em ver todos vivos e bem— Des começa enquanto Malaki toma seu lugar. — Vamos direto ao assunto: o Reino da Noite ficou cercado esta noite nas mãos do nosso próprio povo. O que sabemos sobre a situação? -

E assim, as conversas começam.

O grupo de nós relembra o que já sabemos - um bando de soldadas adormecidas acordou de seu longo sono, cada um possuído da necessidade de matar, mutilar e







conquistar. Então nós calculamos os mortos e feridos, então anotando o dano causado ao reino.

— Não fomos os únicos — diz um dos conselheiros. — Recebemos relatos dos outros três reinos de que eles também foram atacados—

Meu sonho volta para mim em toda a sua vivacidade. Do ladrão que estava entre aqueles carvalhos envenenados quando eles se abriram. Eu não sei mais onde está a linha entre fantasia e realidade.

— O reino da Flora caiu — continua o assessor.

O reino da flora... *caiu*?

A frase evoca imagens daquelas gigantes árvores de cedro caindo no chão, da terra engolindo todo o palácio. Não faz justiça a verdade.

Uma cidade inteira provavelmente foi eliminada. Todas aquelas pessoas simplesmente se foram.

Eu não posso processar esse tipo de devastação. Não quando estávamos lá. Eu dancei e bebi e me divertir com os faes da Flora. Eles podem não ter sido meu povo favorito, mas agora sabendo da tarefa mortal que as soldadas adormecidas planejaram realizar...

— Quantos morreram? Eu pergunto.

A sala está em silêncio, e o conselheiro olha impotente para mim enquanto outro balança a cabeça.

Muitos.

Todos aqueles homens adormecidos... O reino nunca teve uma chance.



Malaki joga uma folha de pergaminho no meio da mesa. — Ouvimos rumores de que Mara saiu a tempo, mas o mesmo não pode ser dito para o resto dos cidadãos da Flora.

Des aperta seu pulso e o pergaminho desliza em sua



direção. Os olhos do negociante passam pelas notas.

— A fauna também desapareceu— Continua Malaki. Embora pelos nossos relatórios, poucos morreram. Não houve resistência para os soldados esmagarem.

Não houve nem mesmo um palácio para invadir. Tudo isso foi limpo quando Des me resgatou de Karnon.

— O Reino do Dia derrotou seus inimigos por enquanto— acrescenta outro conselheiro.

Meu olhar se move para a mesa à nossa frente. Pintado sobre ele está o mapa do Outro Mundo.

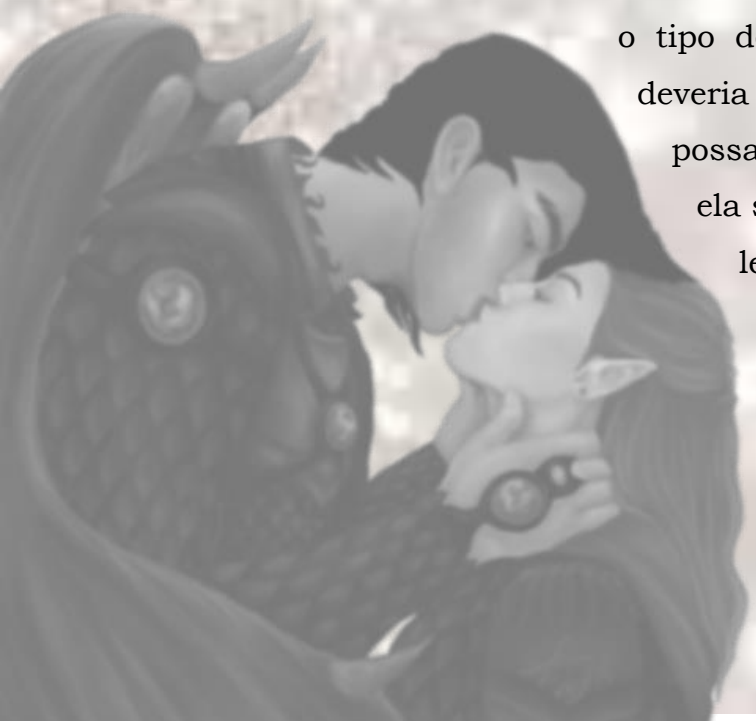
A terra firme foi completamente capturada. Os únicos lugares que não foram conquistados são os Reinos do Dia e da Noite, apenas aqueles que flutuam no céu.

Temper se inclina para frente. — Como esse menino bonito conseguiu derrotá-los?

Malaki franze a testa, e pode ser minha imaginação, mas tenho quase certeza de que o incomoda que Temper pense que Janus, o Rei do Dia, é de fato, bonito. Particularmente quando é tão óbvio que Malaki *não é* bonito, com seu tapa-olho e cicatriz.

Claramente, ele não percebe que sua beleza feroz é tão atraente quanto.

Mas agora não é a hora de contar a Malaki que a *beleza* nunca foi o tipo de Temper, ou que o general de Des deveria estar mais preocupado que Temper possa devastar seu homem à morte do que ela ser uma traidora. Ela é completamente leal.



— Eu imagino que vamos descobrir em breve— diz Des, batendo com os dedos na mesa. Seu olhar se move de pessoa para pessoa. — Os





reinos conquistados vão se reagrupar, e então eles voltarão suas atenções para nós— diz ele severamente. — O encantamento da minha companheira não pode salvar a todos nós. Precisamos descobrir outra estratégia. Desta vez, quero estar pronto para eles.

DEPOIS QUE DES distribuiu ordens oficiais, ele liberou seus conselheiros, deixando apenas ele, Malaki, Temper e eu na sala.

— Se vamos derrotar o Ladrão das Almas—, diz o Rei da Noite, — precisamos fazer mais do que simplesmente ter uma boa defesa contra suas forças. Precisamos descobrir de uma vez por todas quem e o que ele realmente é e onde ele está se escondendo.

— E se formos atrás de Galleghar? — Eu digo.

Galleghar Nyx, o outrora morto Rei da Noite, já não está mais morto. De volta ao reino da Flora, ele foi responsável por atrair soldados para a floresta, e ele esteve lá na noite em que quase perdi minha vida.

— Se o encontrarmos— continuo, — poderemos encontrar o ladrão.

Temper balança as pernas saindo da mesa. — Garota, há um problema com esse pequeno plano seu: nós também não sabemos onde ele está. Quero dizer, não é como se ele estivesse do lado de fora, mostrando seus peitos e nos implorando para capturá-lo. —

Eu dou uma olhada em minha amiga. — Eu acho que é muito ruim não sermos especialistas em encontrar pessoas.

Temper engoli

Des se levanta, apoiando-se pesadamente contra a mesa. Seus olhos encontram os meus e ele me dá um leve aceno de cabeça. — Devemos no mínimo verificar a cripta de Galleghar.

— Querubim — diz Des, seu olhar prateado me comendo — se







importa em visitar a tumba do meu pai?

Então eu posso chutar o cadáver daquele filho da puta nas bolas?

— Amarei isso.

NÓS NÃO VISITAMOS a tumba imediatamente.

Em vez disso, nós dois retornamos aos aposentos do Rei da Noite.

Eu posso sentir o peso desta longa noite se instalando em meus ombros.

Silenciosamente, Des vem por trás de mim e começa a soltar meus couros de batalha.

— Sinto muito— diz ele suavemente, soltando fivelas e desatando as tiras. — Por esta guerra, por te colocar na mira do ladrão, por te fazer suportar a noite passada.

— Nada disso é culpa sua — eu digo por cima do meu ombro, minhas palavras cansadas.

— Talvez ... — ele reflete.

Sua sagacidade apressada se foi no momento, e sinto o gosto do outro lado de Des, aquele que se parece com o velho, sábio e cansado de batalha. Ele puxa meu couro do meu ombro e coloca um beijo lá.

Apesar das graves circunstâncias, arrepios saem da minha pele. Ele remove meu top e suas mãos deslizam pelos meus braços.

As mãos do Negociador passeiam pelo meu corpo e sua magia tira a última das minhas roupas e a última das suas.

— Deixe-me cuidar de você, querubim — diz ele em minhas costas.

Por minha vida, eu sinceramente não sei o que ele quer dizer com isso. Ele cuidou de mim todos os dias desde que esteve em minha vida. Mas eu aceno de qualquer maneira, porque





ganhar cuidados soo muito, muito bem agora.

Sem outra palavra, o Negociador me pega e me leva ao banheiro.

A banheira já está cheia até a borda com água. Espalhadas em volta, há lâmpadas que piscam com explosões de luz. Uma agradável brisa noturna entra pelas janelas arqueadas.

Des nos leva até a banheira, sentando-nos no banho quente. Eu engulo quando o líquido fica rosa. Todo o tempo o Rei da Noite me segura, colocando minha cabeça contra seu peito.

Eu não sei porque, mas este é o momento em que toda a minha coragem e bravura desaparece. Tantas pessoas morreram hoje à noite, todas vítimas de uma forma ou de outra. Algumas delas eu me matei. A prova disso está na água vermelha do meu banho.

O Rei da Noite deve sentir meu humor inconstante porque ele diz:
— Está tudo bem, Callie. Está tudo bem. Nós só vamos enxaguar o sangue e a sujeira.

Eu fecho meus olhos e meus ombros começam a tremer e é estúpido, estúpido, estúpido, mas eu começo a chorar contra ele.

Eu me sinto com dezesseis anos novamente. Dezesseis anos quebrada e desesperada para que o Negociador me conserte, mesmo que esse nunca fosse realmente seu trabalho, para começar. Mas ele me consertou; ele pegou cada pedaço quebrado meu e colocou de volta e ele amava minhas rachaduras de uma forma que só ele podia.

E então sete anos se passaram e eu cresci. Eu acreditei que todas aquelas partes frágeis minhas tinham desaparecido, mas aqui estamos nós novamente, eu com sangue nas minhas mãos e pensamentos sobre faes mortos e aquela Ladrão fodido enchendo minha cabeça.



Eu inclino minha testa contra o peito de Des e choro silenciosamente contra ele. Ele não precisa de uma confissão minha para saber o que está enterrado em minha pele. Ele embala a parte de trás da minha cabeça e me segura firmemente. Eu me sento em seus braços, mantendo meus olhos fechados para que eu não possa ver a água vermelha. Des começa a cantarolar.

Eu paro por um momento, reconhecendo a melodia. Ele costumava cantar a mesma música em voz baixa no meu dormitório. Ao som, meus soluços se acalmam. Porque Des está aqui, me consolando como costumava fazer, e mesmo enquanto eu lamento os horrores da noite, eu saboreio isso.

Ele me aperta um pouco mais, e então ele pega uma toalha e começa a esfregar minha pele, passando o tecido para cima e para baixo nas minhas costas, depois se movendo para os meus braços. Ele cuidadosamente passa pelo meu pulso e por cima de cada dedo meu, todo o tempo cantarolando essa mesma música.

Eu puxo uma respiração trêmula e assisto seus cuidados.

— Você não precisa limpar.

— Querubim. Com uma palavra, ele interrompe meu fraco protesto.

Fica silencioso por alguns minutos enquanto minha respiração se equilibra, o único som é o leve borrifo de água enquanto Des manuseia meu corpo.

— Isto é ... — Des fala, então começa novamente. — Na minha imaginação, fizemos isso. Eu limpo a sujeira do mundo de você, até que você fosse apenas você em meus braços.



— Pare— eu digo, minha voz se quebrando. Eu quase me recompus, mas as palavras de Des vão me quebrar novamente.

A toalha chega ao meu rosto e ele levanta o meu queixo. — Você





salvou meu pessoal esta noite, Callie. Você *os salvou*. Quem sabe quantos mais teriam morrido se você não estivesse lá?

Eu olho em seus olhos iluminados pela lua.

— Eu nunca vi nada mais bonito ou assustador do que você seduzindo aqueles faes. Você é uma força da natureza.

Eu engulo. — Você não está mais imune a isso.

Eu tinha visto em primeira mão o que meu encanto poderia fazer agora com Des.

— Estou terrivelmente apavorado com a perspectiva. Nossa vida sexual acabou de ficar dez vezes mais pervertida.

Ele não tem ideia.

Eu olho para a água. Não sei que magia o Negociador está fazendo, mas a água do banho agora está cristalina. Qualquer sangue que outrora existia, já não é visível.

Des coloca o pano de lado e passa o polegar pelo meu lábio inferior. — Peça-me um desejo— diz ele, do nada.

— Por quê? - Eu pergunto.

— Porque eu quero um.

Fae exigente.

Eu levanto minhas sobrancelhas. — E qual é o custo? - Eu pergunto.

Ele bate no meu nariz. — Então cansada. Eu queria que você tivesse um pouco mais de fé em mim.



Minhas sobrancelhas sobem mais. — Então você está me dando um desejo grátis?

— Hmm. Talvez *grátis* não seja a palavra certa.

Isso foi o que eu pensei.

Ele brinca com meu cabelo. — Mas você vai gostar de pagá-lo. Isso, eu prometo.





Eu não duvido disso.

— Bem. Eu quero café.

— De todos os desejos do mundo, esse é o que você quer? - Des parece claramente nada impressionado.

Eu realmente quero uma xícara do Joe, certo? Então me processe. Meu breve gosto do que bebi de Temper não foi suficiente.

Eu inclino minha cabeça para trás e para frente, pesando suas palavras. — Você está certo, pensando novamente, talvez eu deva desejar outro namorado... —

Um copo surgi do nada e para na mão de Des. — Tudo bem bebê sereia— diz ele, me interrompendo. — Eu vejo sua jogada. — Ele pressiona a caneca em uma das minhas mãos.

Eu sorrio para ele, o último da minha tristeza anterior desaparecendo com a ação.

— Vou ter que te lembrar mais tarde do porquê eu serei o único sempre... — ele murmura.

Meu sorriso se alarga, e o Negociador se inclina e rouba um beijo rápido, a ação faz com que um pouco do café abençoado da minha caneca escorra na água. Como sempre, Des tem gosto de pecado e pensamentos perversos, e estou quase mais interessada em engoli-lo do que o café.

Quase.

Uma vez que o beijo termina, eu me inclino contra a borda da banheira e coloco meus joelhos no meu peito.



— Que música é essa? - Eu pergunto, tomando um gole do meu café.

Des está me avaliando como se ele quisesse me comer no almoço. — Qual música?

— Aquela que você estava cantarolando agora.





O reconhecimento acende em seus olhos. — 'Para meu amor perdido, eu sonho contigo'.

Eu coloco a minha caneca ao lado de uma das lanternas brilhantes. — Eu gosto dela— eu admito.

Ele me dá um sorriso suave. — Estou feliz que você gostou. Minha mãe costumava cantar para mim quando eu era pequeno.

Essa confissão - dada livremente, noto-me comove. Há um ponto fraco no coração de Des que pertence a sua mãe e somente a sua mãe, e pela centésima vez, eu gostaria de tê-la conhecido.

— Sobre o que é a música? - Eu pergunto.

A expressão do Negociador se torna um pouco melancólica. — Um homem perde o amor de sua vida e anseia pela noite, porque nos sonhos eles estão juntos— diz ele.

Nós dois estamos quietos por um momento.

— Bem, isso é uma chatice do caralho— eu finalmente digo.

Essa é a música que ele tem me tranquilizado todo esse tempo? É como fugir de um pesadelo contando a alguém uma história de fantasma.

Há uma pausa de silêncio, e então a risada de Des enche a câmara. — Sim, querubim, realmente é.





CAPÍTULO 8

EU OLHO EM MINHA VOLTA para a terra queimada pelo sol.

Isto é... não era o que eu estava esperando. Quer dizer, eu não tenho certeza do que eu *estava* esperando quando ele falava sobre o lugar de descanso de Galleghar Nyx, mas eu pensei que seria em algum lugar no reino da noite e que um cemitério estaria envolvido.

Para ser justa, o lugar parece tão mórbido quanto um cemitério.

Depois de tomar café, um banho e um cochilo - tudo bem, uma merda - de sono, Des e eu viemos visitar a tumba do pai dele.

Que, aparentemente, é este terreno baldio de algum lugar.

Meus olhos passam pela paisagem novamente. A terra seca e empoeirada estende-se por quilômetros e quilômetros ao redor de nós, apenas interrompida aqui e ali por uma pedra. A uma distância alguns penhascos cobertos se erguem, parecendo tão áridos quanto a terra. O vento assobia uma melodia solitária e sem amor enquanto puxa meu cabelo.

É mais do que apenas a aparência austera do lugar. Há algo sobre esta terra... Como se a cor estivesse se esvaindo e os sentidos entorpecidos - parece que a própria terra está sugando a minha vida.

— O que é esse lugar? Eu pergunto.

— As terras banidas— diz Des, olhando para o nosso entorno. — É uma faixa de terra que divide os Reinos da Flora e da Fauna. É para onde os faes exilados vão.

Sabe, eu nem sabia que faes poderiam ser exilados. Presumi que os governantes fae apenas fizessem seus criminosos *desaparecerem*.

Eu acho que você aprende algo novo todos os dias.



— E você enterrou seu pai aqui— eu digo, juntando as peças.

O Negociador olha para a paisagem, com uma expressão preocupada no rosto, antes de seu olhar encontrar o meu. — Isso era o mais próximo possível de profanar o corpo dele— diz ele.

A admissão me arrepia. Des é tão bom comigo que muitas vezes esqueço de como ele pode ser implacável.

A noite está caindo aqui e pela primeira vez desde que conheci Des, a escuridão não parece acolhedora.

Eu pego a mão do Negociador. — Mostre-me onde seu pai foi enterrado.

NÓS ATRAVESSAMOS a paisagem, Des me levando para um conjunto despretensioso de pedras, a maior delas é tão grande quanto um carro. Quando chegamos a elas, Des levanta a mão, sua expressão sombria. Abaixo do nosso vínculo, sinto a força da magia, e então o sinto ao nosso redor, saturando o ar seco.

Com um ruído, a pedra grossa à nossa frente se arrasta para o lado, revelando um pequeno buraco feito de qualquer jeito.

Por um tempo, o Negociador simplesmente olha para a escuridão, com o rosto inexpressivo.

Eu lambo meus lábios ressecados. — E isto...?

— Lugar de descanso do meu pai— diz Des, seus olhos nunca saindo daquele buraco no chão.



No que se diz respeito aos enterros, isso é praticamente o equivalente a dar aos mortos o dedo do meio - um último *foda-se* ao enviá-los para a vida após a morte.

Então eu acho que era apropriado para o pai dele.

— Por que deu a ele uma tumba? - Eu pergunto.





Eu teria jogado sua carcaça para os lobos.

— Acredite em mim, eu não queria. — Des respira profundamente, em seguida, tirar o olhar longe daquele buraco. Um sorriso sarcástico enfeita sua boca. - Depois que Galleghar morreu, deixei seu corpo do lado de fora para ser devorado— diz ele, — mas nenhuma criatura iria tocá-lo. Quando isso não funcionou, coloquei o corpo dele no mar - mas as ondas me devolveram —

Eu olho para ele enquanto ele fala, sentindo sua inquietação. Meu próprio desconforto aumentando.

— Eu tentei queimar seu corpo. — Ele esfrega o lábio inferior. — Era impermeável as chamas. Eu tentei pulverizar seus restos, mas eles resistiram a minha magia.

Meus olhos mergulham para o buraco no chão, tentando não ficar assustada com as palavras de Des.

— Existem apenas três tipos de almas cujos corpos podem resistir ao retorno à terra: aqueles que são muito poderosos para isso, aqueles que são puros demais para isso, e aqueles que são corrompidos demais para isso.

Um adivinha em qual categoria o pai de Desmond Flynn se enquadra.

— Eventualmente, eu o trouxe aqui. — Os olhos do Negociador voltam para o buraco. — Isso me matou por dar a ele até mesmo isso - um buraco no chão. Ele merecia coisa muito pior.



Das histórias que ouvi - que Galleghar havia massacrado todos os seus herdeiros numa tentativa de manter seu trono - não posso deixar de concordar.

Des solta outro suspiro e sobe até a beira do buraco. Ele se ajoelha, estudando suas profundezas. Então, em um movimento suave, ele se abaixa na escuridão.





Oh doce Jesus, estamos indo para lá.

Claro que estamos.

Realmente não quero…

Talvez eu possa ficar no topo…

— Não me diga que você desenvolveu um medo da escuridão agora, querubim— Des chama de baixo, sua voz ecoando.

Ugh *Tudo bem.*

Eu me movo para o buraco, sentando em sua borda e deixando meus pés balançarem nele. Eu olho para o eixo, tentando medir quão profundo é.

Das sombras, duas mãos envolvem meus tornozelos e, com um puxão rápido, sou puxada para a escuridão. Antes que eu tenha a chance de gritar em desespero, Des me pega, e tenho certeza de que ele pode sentir o tambor do meu coração batendo contra seu peito.

— Oh meu Deus— eu digo, sem fôlego, minha pele se iluminando segundos depois, — por que você fez isso?

Des ri na escuridão. — Você é *muito* tentadora para brincar… — seus olhos caem para os meus lábios, capturados no brilho do meu encanto, — e de resistir.

Ele se inclina, mas antes que ele possa me beijar, eu coloco a mão na boca dele.

— Uh uh— eu o castigo, encanto na minha voz. — Você não vai conseguir um beijo por isso.



Com minhas palavras, ele se afasta um pouco, seus olhos brilhando. — O *que* eu ganho? Ele diz, o canto da boca se curvando em um sorriso travesso.

Uma surra, minha sereia sussurra. *Vamos fazer ele se dar uma surra. Ele tem sido um menino mau.*

Eu quase ri do pensamento.





— Você tem o prazer de evitar a ira da minha sereia. Ela quer que você se espanque.

A reação normal seria ficar horrorizado com o pensamento. Pena que o Negociador é decididamente *não normal*.

Seu rosto se enche de surpresa alegre. — Coisa impertinente— ele fala. — E bem aqui no túmulo do meu pai também. — Agora ele me dá um beijo rápido. — Talvez mais tarde eu apazíguo seus pensamentos sujos. — Na luz fraca da minha pele, eu o vejo piscar para mim.

É o suficiente para apaziguar minha sereia.

Com isso, Des me libera. — Cuidado ao pisar— ele aconselha. — Há uma escadaria complicada que você precisará manobrar - pensando bem, provavelmente seria melhor se eu carregasse você ... —

Antes que eu possa dizer ou fazer qualquer outra coisa, sua magia se enrola como fumaça na minha barriga. Eu sinto o puxão me levando para perto dele.

— Este foi o pagamento pelo o café, não é? — Eu digo quando a magia percorre através de mim.

Isso, ou Des realmente gosta de provocar minha sereia. Porque há um segundo atrás ela estava se acomodando, agora ela está pressionando em minha pele, ansiosa para assumir completamente.

— Eu disse que o pagamento seria divertido— diz Des, um sorriso em sua voz.



Ha!

— Isso não era realmente o que eu tinha em mente quando fiz esse desejo ... —

— Considere isso como preliminares, bebê sereia.

E então sua magia me puxa, ficando mais insistente a cada segundo que passa.





— Tudo bem, mas eu quero andar em cima dos ombros— afirmo.

— Eu não percebi que você ditou as regras do pagamento— diz ele suavemente, pegando-me. Agora que estou em seus braços, a magia relaxa. — Claro, se você quiser me montar por trás-— seu tom é inegavelmente sexual — Eu não vou protestar *muito*. Embora não seja minha posição favorita.

Deus, ele está agindo de forma rara hoje.

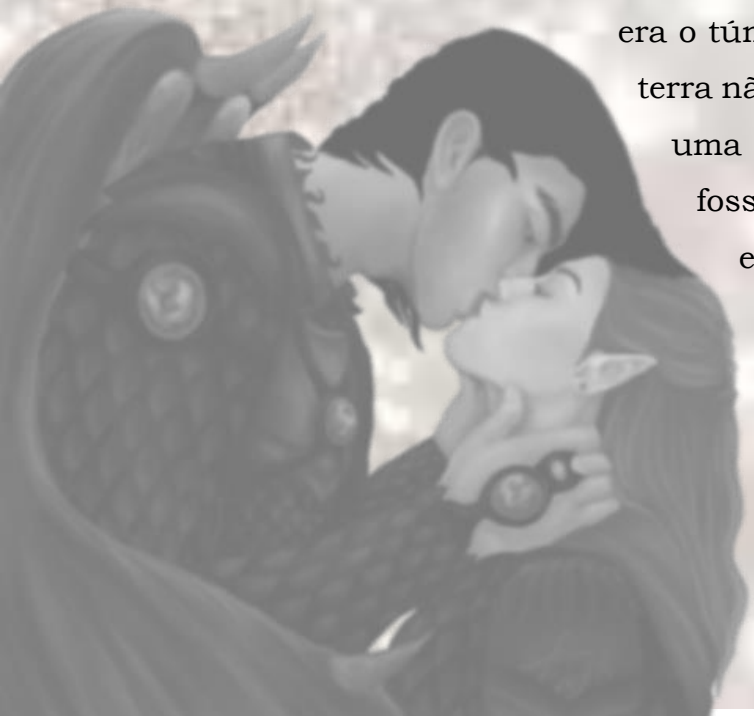
Ele me move para suas costas, e eu envolvo meus braços em volta do seu pescoço, respirando seu cheiro enquanto seu cabelo faz cócegas na minha bochecha. Suas mãos engancham debaixo das minhas pernas e ele me leva para baixo da escada sinuosa e profunda no chão.

O ar aqui em baixo é grosso como melaço, pesado com magia de proteção que impede a entrada de intrusos. É um choque sentir tanta magia concentrada aqui quando a própria terra parece ressecada.

Des profere uma frase em fae antigo e, então com o estalo dos dedos, a magia se divide, nos deixando passar.

À nossa frente, tochas presas se acendem, iluminando uma pequena câmara; as paredes, o teto e o chão nada mais são do que sujeira acumulada. Bem no meio da sala, numa cama natural de rocha, está um sarcófago de pedra bruta.

Talvez sejam os feitiços que ainda engrossam o ar, ou talvez seja a visão do caixão de pedra, ou talvez seja simplesmente o fato de que este era o túmulo de um homem tão malvado que a terra não conseguiu corromper seu corpo, mas uma onda de vertigem me atinge. Se não fosse por Des me segurando, eu teria escorregado de suas costas.



Delicadamente, Des me abaixa para que ele possa levar a mão para o sarcófago. Sua magia rapidamente





engrossa o ar, depois a pedra mói contra a outra pedra quando a tampa começa a escorregar do caixão.

Um terror antigo e amargo que costumava sentir sempre que pensava em meu pai agora se inicia. Mas não é meu padrasto quem me assusta. É a possibilidade do que está abaixo daquela laje de pedra. Um corpo que não pode apodrecer, um homem que está de volta dos mortos.

A tampa sai, pairando no ar antes de se abaixar lentamente no chão. Ela cai na terra com um baque ecoante, poeira se espalhando ao redor.

De onde estou, não consigo enxergar o caixão. Eu vou para frente, Des ao meu lado.

Eu ouço a inalação rápida do Negociador, e então meus olhos pousam no interior do caixão.

Não há cadáver em decomposição, nem há um corpo perfeitamente preservado. Não há nada aqui.

Galleghar Nyx pode ter descansado aqui uma vez, mas ele não faz mais.

O sarcófago está vazio.





CAPÍTULO 9

EU OLHO para as estrelas, meu corpo esticado ao longo da cama de palha fina repousando sobre a terra seca. A noite aqui nas Terras Banidas é tão clara que os céus brilham acima de nós.

Ao meu lado, Des se inclina contra um pedregulho, um dos joelhos dobrados à sua frente, refletindo. Ele não está com raiva ou surpreso, apenas... Perdido em sua própria mente.

Na minha frente, nosso fogo crepita. Suas chamas tremeluzem de rosa a verde pálido e a lilás, em seguida, amarelo-amanteigado, e a fumaça que sobe no céu noturno é lançada em tons pastéis. A coisa toda é um caleidoscópio de cores capturadas em calor e luz, e está lançando uma tonelada de magia de merda. Por que parece que esse é um segredo que Des não divulgou - ainda.

— Quanto tempo você acha que o corpo do seu pai está desaparecido? - Eu pergunto.

Des sacode a cabeça. — Não mais do que uma década ou mais.

Eu levanto minhas sobrancelhas.

— Eu o verifiquei muitas vezes ao longo dos dois séculos desde a sua morte— explica ele. — Eu fiquei perversamente curioso para saber se a terra um dia o aceitaria. Eu deveria saber que algum outro tipo de merda estava acontecendo.

Reis ressuscitados, soldados possuídos e um ladrão arrebatador do corpo. Parece sem sentido.

Talvez, se eu escrevesse, eu entenderia tudo melhor.

— Você tem um caderno e uma caneta? — Pergunto ao Negociador.

Em resposta, ele estala os dedos e, do nada, ele produz uma caneta e um bloco de papel.



Pego os dois e aliso o papel no chão. Abrindo a caneta, começo a escrever.

Des olha o que eu estou rabiscando.

Quando eu não digo nada, ele pergunta: — O que você está escrevendo?

Eu paro meus olhos se movendo para os dele.

— Uma linha do tempo.

— AQUI ESTÁ O que sabemos: seu pai e o ladrão estão de alguma forma conectados— eu digo. — Se começarmos desde o início, seu pai já foi simplesmente um rei com muitas consortes e filhos; ele provavelmente não era o melhor cara lá fora, mas ele nem *sempre* esteve matando seus jovens.

Eu paro, só para ter certeza de que a história está correta até agora.

Des me dá um aceno de cabeça, parecendo vagamente entretido.

— Então, em algum momento— eu digo, movendo minha caneta na minha linha do tempo, — ele ouviu uma profecia sobre perder seu trono, e ele assassinou seus filhos como resultado. — Escrevo dentro do bilhete.

— Você, seu único filho que restou, então o derrubou— eu paro para escrever os fatos, — e logo depois você descobriu que seu corpo não iria apodrecer, então você o colocou em uma tumba. — Eu desenho uma longa linha para mostrar o tempo decorrido. — Mais de uma década atrás, seu corpo ainda estava sepultado. — Eu preencho isso no meu papel. — Agora seu corpo se foi e ele está muito vivo.

Depois de ter escrito tudo, olho para o papel.

E... não tenho certeza se esse exercício produziu uma única resposta. Exceto que-

O ladrão de almas começou a sequestrar soldados cerca de uma década atrás, essencialmente durante aquele período sombrio de tempo em







que Galleghar Nyx poderia ou não ter sido sepultado.

Pode haver alguma conexão.

Meu olhar se move de volta para o início da linha do tempo, quando Galleghar Nyx ouviu uma profecia e começou a matar seus filhos. Esse foi o primeiro dominó a ser lançado, o que pôs em movimento tudo o que nos trouxe a sentar aqui nas Terras Banidas, num túmulo vazio a apenas alguns passos de distância.

— Você já ouviu a profecia? - Pergunto.

Os cantos dos lábios de Des baixam. — Está... perdida no tempo.

Bem, lá vai *esse* potencial.

Um cantil se materializa na mão do Negociador. Ele toma um gole profundo, depois passa sem palavras para mim.

Des não costuma estar tão aberto a compartilhar álcool comigo. Antes que ele possa reconsiderar a oferta, eu pego o cantil dele e levo para minha boca. Eu estremeço assim que o álcool toca minha língua. Há magia na bebida, magia que acaricia minha garganta e faz cócegas no meu estômago.

Eu devolvo o cantil.

— Está muito quieto aqui— ele admite, seu olhar percorrendo os arredores. — Algo está errado.

Algo está mais do que um pouco errado. Um homem voltou dos mortos.



— Des, porque *ainda* estamos aqui? - Pergunto suavemente. Eu não pressionei a questão até agora porque eu queria dar tempo ao meu companheiro para lidar com qualquer confusão emocional que estivesse passando por sua cabeça.

E sim, eu entendo que uma tumba vazia não é uma grande surpresa, dado que Des lutou com





seu pai na floresta da Flora, mas entre me manter viva e defender seu reino de um exército de soldados possuídos, o Rei da Noite provavelmente estava um pouco preocupado para realmente processar esse fato.

Dito isto, isso deveria ser uma aventura rápida - Verificar o local de descanso de Galleghar Nyx, depois ir embora. Mas agora estamos demorando, e talvez isso não seja um problema, exceto que, apesar da bebida, eu posso sentir esse lugar minando minhas forças pouco a pouco. E Des tem um olhar distante e perturbado em seu rosto como se cada segundo estivesse se afastando do meu alcance.

Ele toma outro gole de seu cantil, passando de volta para mim.

— Alguém aqui deve ter visto o que aconteceu com o corpo— ele responde. — Eu vou ter uma pequena conversa com eles.

Uma pequena conversa. *Certo*. Isso é um eufemismo vindo do Negociador se eu já ouvi um.

Eu engulo um gole do álcool do Outro Mundo - oh, isso cai *bem* no estômago - antes de entregar o cantil para Des olho ao nosso redor.

Não há uma única centelha de vida em qualquer lugar dentro da visão. Sem um animal, sem uma planta e certamente sem um fae. Além de nós, não há ninguém aqui agora, assim como provavelmente não havia ninguém aqui no dia em que o corpo de Galleghar desapareceu de sua tumba.

Mas mesmo se houvesse...



— Então não deveríamos procurá-los?

— Eles virão até nós.

Eu sinceramente não estou acompanhando seu raciocínio.

Des, sorri para mim, não mais tão distante. — Você está se sentindo um pouco sugada?

— Sim... — eu digo devagar. O que isso tem a ver com alguma coisa?



— Há uma razão para banirmos um fae para este lugar. Este lugar é desprovido de magia. Uma batalha há muito tempo ceifou a última gota dessa terra. E magia, querubim, é a alma de um fae. —

Com seu cantil, o Negociador aponta para a fogueira, que está fazendo um excelente trabalho de empurrar o frio que estou fugindo.

— Isso aí está colocando a magia em espadas – magia essa que os fae serão atraídos.

A fumaça produz um aroma perfumado - como pétalas de rosas em chamas - e de repente eu entendo. O fogo estava literalmente enviando um sinal de fumaça, levando a magia ao longo do vento, persuadindo os faes com fome mágica para vir até nós.

— Então, nós somos a isca— eu digo. — Você decidiu nos fazer uma isca.

O olhar do Negociador fixa, seus olhos pálidos mudando de cor enquanto as chamas dançam neles. — Você não é isca, amor. O fogo é a isca. Você é uma armadilha de algema de ferro que esmagará faes teimosos.

Simmm, minha sereia diz. *Ele entende.*

Os olhos de Des se movem para o fogo e seu olhar se desfoca. Acho que talvez ele irá acrescente outra coisa, mas os segundos se passam e logo fica óbvio que seus pensamentos voltaram para dentro.

Eu não acho que eu já tenha visto o grande e mau Negociador cair em si mesmo. Na minha cabeça, ele é o bandido que faz negócio, quebra as portas, que eu conheci há oito anos.

Isso não.

— Des ...

Todos nós temos papéis que desempenhamos. Estou acostumada a ser a vulnerável, a solitária, e o Negociador está acostumado a ser o



mais forte e o reservado. O problema é que não somos atores e isso não é brincadeira. Somos carne e sangue e até mesmo um fae tão forte e capaz e velho (e eu quero dizer *velho*) como Des às vezes precisa ser vulnerável.

E está tudo bem, estar vulnerável e chateado. Eu encarei essas emoções no fundo de muitas garrafas.

Eu acho que é onde o Negociador estar, mesmo que sua expressão estoica não dê nada. Seu reino está comprometido e seu pai está vivo e talvez todos os tipos de velhas emoções que ele pensou estarem enterradas estejam agora ressurgindo. Eu não sei, talvez eu esteja errada, mas no caso de eu não estar

Eu me levanto e fecho a pequena distância que há entre mim e Des. Eu afundo em seu colo, minhas coxas em ambos os lados de seus quadris. Seu olhar se aguça, e ele olha para mim com aqueles olhos intensos e pálidos. Ele é difícil de olhar porque, mesmo depois de todo esse tempo, ele ainda é ridiculamente bonito.

Ele fecha os olhos e quando os abre, há muita turbulência neles. Muitas. O mérito de ser um imortal. Eu toco o canto do olho dele.

— Eu tenho você— eu digo. E então eu beijo uma de suas bochechas e depois a outra.

Sem palavras, ele me puxa para ele.

— Querubim— ele coloca meu cabelo para trás e cobre meu rosto — eu não estou melancólico. Estou muito, muito *furioso*.



Agora que ele diz isso, eu posso sentir a emoção como se fosse algum tipo de magia em si mesma. Ele vibra sob sua pele e ao longo de nossa conexão. Faz suas mãos tremerem.

— Esta é a única parte minha que eu não quero que você veja— ele diz suavemente.

Seu lado furioso.





— Eu realmente odeio desapontá-lo, Des, mas eu já vi você com raiva.

Várias vezes. Ele é sempre temível de se ver.

— Não gosto disso. — Ele balança a cabeça. — Assim não.

Suas mãos deslizam pela minha cintura, e isso é tudo que preciso para perceber que mesmo quando ele está com raiva - talvez especialmente por isso - eu o quero.

Sua raiva e seu toque estão mexendo com a sereia dentro de mim. Eu a controlei antes. Não tenho certeza se ela será controlada novamente.

Eu rolo meus quadris contra os dele. Por baixo de mim, sinto-o endurecer.

As mãos de Des apertam minha carne. — Cuidado— diz ele, em um tom que me faz morder meu lábio.

Eu avanço minha respiração contra seus lábios. — Ou então o *que*? — Eu desafio.

Os olhos de Des se estreitam mesmo quando sua boca começa a se enrolar em um sorriso. Ele prende um de seus braços em volta de mim e nos vira de modo que minhas costas estão agora no chão e seus quadris estão aninhados firmemente entre as minhas coxas.

— Hoje tenho pouco controle— ele avisa. E só agora que noto as sombras às suas costas. Eles se juntam na forma de suas asas, depois se dissipam. Recolhe então dissipam. De novo e de novo.

Ele realmente está no limite do seu controle.

— Você nunca esteve comigo quando o meu lado fae sai para jogar— diz ele. Há uma nota em sua voz que não é humana.

— Eu não estou com medo do seu lado fae— eu digo desafiadoramente. Eu nunca tive.







Ele estala a língua. — Callie, Callie— ele advertiu.

Enquanto ele fala, sinto minhas roupas dissolvendo, como se fossem feitas de cera quente e não de fibra. É um pequeno truque do Negociador.

Suas roupas seguem a minha, e agora eu sinto o comprimento duro dele pressionando contra a minha pélvis.

Ele cai para levar um seio em sua boca. É tudo o que é preciso para a minha pele clarear e minha sereia aparecer.

Sinto um ligeiro estremecimento vindo dele, e não tenho certeza se isso é porque ele pode sentir minha magia através de nossa conexão, ou se minha sereia simplesmente tem esse efeito sobre ele.

— Doce sereia— ele diz entre beijos, — é melhor você afiar essas garras. Esta noite eu não planejo ser gentil.

Ele abre minhas pernas largamente. É quase indecente o quanto estou aberta para ele. O tempo todo ele me observa avidamente.

— Você não pense que estou preocupada— eu abertamente o insulto. — Eu tenho meus próprios truques— eu bato seus lábios com o meu dedo — truques que você não está mais... *imune* — eu digo, encanto enchendo minha voz.

Os olhos de Des brilham e suas asas se manifestam, espalhando-se nas costas dele. Elas estão iluminadas pelas chamas, e as finas membranas deles brilham com o calor pálido.

— Eu te *desafio* sereia. — As feições do Negociador parecem afiar.

Então o pequen0 fae *saiu* para jogar.

Isso é verdade ou desafio tudo de novo. Só que agora, eu tenho todas as cartas.

Quão absolutamente extraordinário.

— Faça o seu pior, Desmond Flynn— eu ordeno a ele.







Algo escuro e obsessivo e distintamente fae brilha em seus olhos enquanto ele me prende ao chão, com as algemas do corpo dele. Eu apenas me esfrego contra ele.

Eu posso sentir através do nosso vínculo essa estranha necessidade de me prender e me levar embora. Para *reivindicar* e *manter*.

Eu quero tudo - todas as suas partes escuras e distorcidas.

Sem outra palavra, ele levanta meus quadris e empurra selvagemente em mim. Eu quase ofego quando a dura penetração de seu pênis desliza pela minha umidade. Ele pega minha boca enquanto ele sai, apenas para bater de volta em mim, de novo e de novo.

Isso não é uma reivindicação doce. Isso é necessidade. Isso é possessão. Isso é tudo que Des tão assiduamente luta contra.

Droga, eu amo cada segundo disso.

— Mais duro— eu exijo.

Seus lábios se curvam enquanto ele me obedece.

Parece que mais do que apenas seu pênis está dentro de mim, como se ele todo estivesse avançando e tomando. E mesmo assim eu poderia pará-lo se quisesse.

Se eu quisesse.

O que eu quero é que ele me foda sem sentido e depois me foda mais um pouco.

Ele pega minhas mãos e as pressiona no chão, me segurando como refém enquanto ele me penetra com força, seu peito largo já escorregadio com as primeiras gotas de suor.



— Confesse— eu ordeno. — Confesse para mim o que você está pensando.

Ele olha para mim, uma mecha de cabelo pendurada entre nós.





— Eu quero fode você até você não aguentar mais. Eu quero sentir você apertar meu pau enquanto você goza ao meu redor. Eu quero morrer enterrado dentro de você.

— É tudo o que você tem? Eu digo. — Estou desapontada.

É uma batalha de vontades neste momento. Seu lado fae competindo com a minha sereia. Sua magia contra a minha.

Ele me vira e me pressiona no chão. Inclinando-se perto do meu ouvido, ele sussurra: — Não podemos ter isso agora, podemos?

Des levanta uma das minhas pernas e empurra seu pênis em mim por trás. Meus olhos se agitam com a força da intrusão. Ele está sendo mais rude do que eu estou acostumada - muito mais áspero - e, no entanto, *meu Deus*, isso é tudo que eu nunca soube que queria, e parece que não consigo o suficiente.

O chão arranha os meus joelhos e seios. E não poderia me importar menos.

— Toque-se— O Negociador ordena sua magia envolta em suas palavras. Eu sou uma prisioneira delas.

Por sua própria vontade, minha mão desliza entre minhas coxas, exatamente onde eu já estou encharcada. E então meus dedos começam a acariciar meu clitóris.

É quase demais.

Eu arqueio de volta para Des, aprofundando seus impulsos. Eu sinto o deslizamento escorregadio de sua pele contra a minha. Dentro e fora, dentro e fora. Estou sendo tocada em todos os lugares certos.



E então uma de suas mãos desliza por minha bunda.

Isso é novo. Ele va ...

Sua mão para quando encontra minha outra abertura. Ele toca,





circunda, coloca apenas a menor pressão contra ela até que a ponta do seu dedo aperta.

— Oh meu *Deus!*

Des fala. — Deixe Deus fora disso, querubim. Ele não tem nada a ver com isso.

Perverso, homem pervertido.

Ele continua empurrando, eu continuo me tocando, e ele continua sondando. É esse último está me deixando louca.

— Mais fundo— eu digo, sem fôlego. É mais a sereia que exige isso do que eu.

Eu nunca fiz isso antes. Não com nenhum dos homens com quem estive. Não que eles não tivessem tentado; eu só não queria isso.

Eu quero isso agora. Oh, como eu quero agora.

Eu deixo escapar um gemido pela sensação de ter Des em mim em todos os lugares.

Seu dedo continua pressionando, e eu entendo exatamente por que Des governa sobre sexo e a noite e toda aquela merda tabu que vem com isso. Porque isso é *tão* errado, mas parece *incrível*.

Mais, mais, *mais*.

— Diga-me, sereia, você está desapontada agora?

— Deus, não— eu suspiro.

— Então aquela palavra novamente. — Seu dedo pressiona mais fundo.

Esse toque deveria ser punitivo? Não é. Outro gemido rouco escapa de mim enquanto meu corpo vibra de prazer.

— Talvez seja melhor você encontrar um sinônimo— diz ele.

A magia de Des serpenteia ao redor da minha traqueia e sou prisioneira dela.

— *Des*- eu dou um grito estrangulado.







— Muito melhor— diz ele, o diabo em sua voz.

Todo esse estimulo, toda essa sensação de ser prisioneira, tocada e cheia até a borda, é quase demais.

E eu ainda aguento. A sensação é intensa demais, requintada demais, sedutora demais, e não consigo suportar o fato disso acabar.

Então eu protelo para gozar.

Eu não sei quanto tempo nós dois ficamos trancados em nosso estranho amor tabu. Só que, em algum momento, o cabelo branco de Des roça a pele do meu ombro e seus lábios estão no meu ouvido.

— Eu não estou saciando a minha rainha bem o suficiente?

Minha sereia apenas ronrona.

Ele se move contra mim e eu estremeço ofegante, com a sensação requintada dele.

— Certamente você já deveria ter gozado - ou eu estou perdendo meu... Toque? - Ele aperta seu dedo, e eu solto um grito abafado, quase chegando ao clímax. — Mas talvez você precise de um pouco mais de persuasão.

Eu quero que isso nunca acabe.

Ele suspira contra a minha bochecha. — goze para mim, sereia.

Eu posso sentir magia e a escuridão nessas palavras. Eles se acomodam em mim e, através da minha neblina de prazer, eu registro que tudo isso vai chegar a um fim rápido.



Consigo incluir um pedido final. — Dê-me... *Tudo.*

Ele faz. Des continua me penetrando quando eu me estilhaço, sua pele batendo contra a minha mais e mais e ainda mais fundo. O prazer é tão extremo, tão agudo que mal consigo segurar. Ela me inunda, cegando, anormal, viciante.





Seu corpo foi feito para isso - fodendo e reivindicando e exigindo a minha vontade a favor dele. Assim como o meu foi feito para fasciná-lo e seduzi-lo e, finalmente, dobrar seus desejos para se encaixar o meu.

Com um gemido, ele goza, seus quadris batendo nos meus enquanto ele me enche. Cada golpe dos quadris de Des envia outra onda de prazer através de mim.

Nós descemos devagar, nossos corpos suados e empoeirados.

Des desmorona ao meu lado antes de me arrastar em seu peito. Ele me segura em seus braços, acariciando minha pele suavemente, seus lábios se arrastando por cima do meu ombro. Ele morde a pele de brincadeira. — Fique em meus braços, querubim. Fique aqui e nunca saia.

— Tudo bem— eu digo, me aconchegando contra ele, felizmente estou indiferente sobre o frio rastejando com a noite.

Por um tempo, ficamos em silêncio. Então, lentamente, uma risada borbulha da minha barriga. — Eu não posso acreditar que eu deixei você enfiar um dedo na minha bunda— eu finalmente digo.

Eu sou uma locutora de travesseiro tão suave.

Eu sinto em vez de vê-lo sorrir. — Diz a garota que uma vez me fez gozar em minhas calças.

Agora é minha vez de sorrir. Então meus pensamentos se concentram. — Eu não posso acreditar que eu *gostei*.



— Minha pequena sereia atrevida? Eu gosto. Tenho a sensação de que, quando o sol se puser em nossas vidas, você será a impertinente da minha virginal e santa alma —

Eu com certeza gargalho com isso. — Até *parece*.

Um sorriso se espalha em seu rosto. — Você provavelmente está





certa. — Sua mão alisa minha espinha, fazendo minha pele arrepiar. —Eu tenho mais truques na minha manga. Tudo o que você precisa fazer é dizer a palavra. Ou me desafie de novo. Eu gostei muito de colocar minha magia contra a sua.

Eu não posso conter o arrepio animado que me atinge. Eu não acho que eu tenha percebido o que ser a companheira de Des significava. Ele governa sobre *sexo*; e tudo o que fizemos juntos até agora - tudo isso é apenas a ponta de um iceberg muito maior.

E mesmo assim eu provavelmente ainda não entenderei completamente o que significa ser a companheira dele até que eu tenha visto e saboreado cada uma de suas perversões e testemunhado cada um dos seus horrores. Só então eu serei capaz de compreender totalmente essa força da natureza a que estou destinada.

Ficamos quietos por um tempo.

— Não é o suficiente— Des finalmente diz, sua mão esfregando o meu braço. — Ter você. Eu sempre presumi que uma vez que você aquecesse minha cama, seria o suficiente. — Ele cobre minha boceta enquanto fala, e eu juro por Deus, estou *tão perto* de pular nele novamente.

— Mas sou um bastardo ganancioso e quero mais. Sempre mais.

Meus dedos deslizam por seu braço; suas tatuagens parecem saltar e dançar à luz do fogo. Eu levanto minha cabeça e descanso em seu peito.

— Conte-me um segredo— eu sussurro.



Ele traça a curva da minha bochecha. — Segredos são feitos para uma alma manter.

Sinto-me tensa com as palavras dele.

— Minha mãe costumava dizer isso o tempo todo— explica ele. — É uma daquelas lições informativas dela que eu carrego comigo desde a infância.

Minhas sobrancelhas franzem. Parte da minha neblina





induzida pelo sexo está se esvaindo. — E agora os soldadas adormecidas dizem isso.

— Até agora, eu não tinha sido capaz de descobrir exatamente como eles sabiam. — O dedo de Des traça meus lábios. — E então eu lutei com meu pai, que está aliado com o ladrão das almas.

Seu dedo sai da minha boca. — Você queria saber um segredo, aqui está um Callie: há algum tempo, minha mãe sussurrou essas mesmas palavras para Galleghar Nyx. Ela, uma espiã decidida a fugir dele, disse como uma provocação. E agora ele está nos provocando com isso.

— Eu preciso entender a natureza da sua morte para entender o resto desse mistério.

Não morto. Deveria haver simplesmente a vida e depois a morte, mas na terra dos sobrenaturais, ambos os terrestres como sobrenaturais, estão todos numa gama de seres que de alguma forma estão fora dessa dicotomia.

— Talvez então eu possa entender como ele aprendeu essa frase. E assim esperamos.

Des me puxa para ele e me beija profundamente, com gosto de sal e sexo e a noite em toda a sua bondade secreta - e então nossas roupas se descolam do chão e deslizam de volta para nós.

Nós dois nos separamos e, seja qual for o momento que estivemos, acabou.

Sento-me e recolho minhas pernas no meu peito, envolvendo meus braços ao redor delas.

— Conte-me sobre ele— eu digo baixinho.

Des já me contou a versão curta da vida do papai Querido, mas ainda há muita coisa que eu ainda não sei.

Aqueles olhos prateados estão em mim em um instante.







— Ele não vale a pena perder mais folego.

— Nós já estamos perdendo fôlego procurando por ele— eu digo. — Diga-me algo sobre ele, algo que eu já não sei.

O Negociador chama seu cantil descartado com os dedos, levando de volta para ele como um soldado rebelde. Não é até que ele pega a coisa e toma um gole que ele fala novamente.

— Ele tinha centenas de concubinas— diz Des finalmente. — *Centenas*. Apenas tire um momento para imaginar isso.

Centenas? É como ter uma esposa para todos os dias do ano.

— Eu não sei com quantos delas ele teve filhos, mas o número é grande - grande o suficiente para o assassinato ter um nome em nossas histórias. Tornou-se conhecido como o expurgo real- O expurgo, para abreviar.

— E quando Galleghar morreu e eu primeiro andei pelos corredores de seu antigo castelo, vendo em primeira mão as mulheres que ele havia acolhido.

— Elas tinham um certo olhar sobre elas. — Des gesticula em direção aos olhos. — Os soldados tem essa aparência quando já viveram muito. Muitas delas tinham vivido muito. E ainda assim... E ainda assim dezenas dessas mulheres choraram por ele quando ele morreu. Des zombava. — Ele matou bebês - *seus* bebês - e elas ainda choravam por ele—



Eu não falo nada. Não há palavras para esse tipo de atrocidade.

— Isso não quer dizer que todos em seu harém o amavam. Nos anos após sua morte, comecei a descobrir os detalhes de suas vidas. Nos registros, encontramos evidências de que algumas de suas esposas morreram prematuramente - geralmente depois



de lamentarem abertamente sobre seus filhos mortos ou se oporem ao expurgo.

— Alguém também registrou diligentemente dezenas de notas de suicídio das várias concubinas de Galleghar. Mais tarde, descobri que aquelas que sobreviveram às suas tentativas de suicídio foram brutalizadas pelo rei. Ele levou para o lado pessoal aquelas que ousaram deixá-lo.

— E, claro, houve outras tentativas de fuga por parte de outras esposas, e aquelas também foram violentamente punidas. O inferno era um lugar mais amável do que serem cortejadas por meu pai. Pensar que minha mãe se atreveu a fugir sob essas circunstâncias...

Mulher corajosa e valente.

O fogo brilha e aparece entre nós. Des ainda está perdido no passado.

— Você sabia que quando eu executei meu pai, era esperado de mim herdar o harém que ele deixou para trás? — Ele dá uma risada sem graça. — Isso não faz sua pele se arrepiar? Herdar uma amante como algum tipo de herança?

Isso é doentio. Mas então, toda essa história embrulhou meu estômago.

— Eu quebrei com a tradição e mandei todos elas embora. — Seus olhos se movem para mim. — Eu sabia sobre você, naquela época— ele admite, um sorriso suave se espalhando pelo rosto. Mas então desaparece. — Assim como meu pai— acrescenta ele.



Um frio desliza sobre minha pele. Na minha frente, o fogo flamejante escurece quando as sombras do Negociador se aproximam.

— Para responder sua pergunta, querubim, eu nunca soube muito sobre Galleghar Nyx. Só que ele



era um filho da puta mesquinho, que ele dominava tiranicamente o Reino da Noite e matou minha mãe a sangue frio. E agora, de alguma forma, ele está vivo.







CAPÍTULO 10

— AINDA NÃO ESTÁ MUITO PERTO de me encontrar – ou a Galleghar - parece.

O ladrão está do outro lado do fogo, olhando para mim com os olhos de ônix.

Eu sento-me tão rápido que uma onda de vertigem passa por mim.

— Esse foi um truque legal que você fez lá, voltar para Somnia— diz ele, andando em torno do fogo quando ele se aproxima de mim.

Eu recuo, mas não há lugar para fugir aqui nas Terras Banidas. Eu procuro por Desmond, mas além do ladrão, estou totalmente sozinha.

Ele se agacha ao meu lado e inclina a cabeça, me estudando. Há algo destacado e reptiliano nele.

— Então você pode encantar faes depois de tudo— diz ele.

Eu posso encantar faes - posso encantá-lo.

Minha pele se ilumina. — Saia de perto de mim.

Ele continua a olhar para mim, seus olhos escuros. Lentamente, ele começa a sorrir. — Atraente, mas não. Acho que vou ficar bem aqui.

Não funciona nele.

Querido Deus.

— Que vergonha não me afeta. — Ele lê meu rosto. — Não se preocupe, feiticeira. Eu *estou* tentado.

— Por que você os acordou? — Eu pergunto quando a minha pele escurece.

— Por que eu os acordei? Essa é a sua pergunta mais urgente? Você não quer saber por que eu os sequestrei em primeiro lugar? Ou por que eu coloco as mulheres em caixões e os homens em árvores?

Claro que eu quero.

Ele se senta ao meu lado, e é preciso muita força de vontade para não recuar com a sua proximidade.



O ladrão suspira. — Porque eu quis.

Ele se inclina. — Eu coloquei os homens nas árvores porque, como o Homem Verde, eu podia. Eu peguei as mulheres selvagemente e as enjaulei como se tivesse sido enjaulado. — Eu posso sentir o calor doentio de sua raiva e sua excitação quando ele fala. — Eu escondi os homens e mostrei as mulheres— continua ele, — e oh, como eu gostei de ver todas aquelas faes temendo o desconhecido. Faz tanto tempo desde que qualquer um deles sentiu o verdadeiro medo, mas agora eles sentem.

— Então— ele diz, me encarando mais abertamente — é isso que você queria ouvir?

Sim. Não.

Todos esses anos eu passei caçando criminosos, e os piores deram esse tipo de resposta. Eles cometeram atrocidades porque queriam. Porque eles podiam.

Mas mesmo quando o Ladrão de Almas me dá esse vislumbre de sua mente, ele consegue evitar a resposta que eu realmente queria ouvir. Eu quero saber quais são seus planos, não como sua mente doente funciona.

— Chega de mim— ele diz suavemente. — Eu sei, feiticeira, que se você está com medo ou animada o suficiente, sua natureza mais básica vai se expor. — Ele estende a mão e acaricia minha bochecha com a parte de trás de sua junta.



Eu recuo ao seu toque, minhas narinas dilatadas. Eu deveria estar correndo para longe do ladrão, mas meus músculos estão trancados. Eu não conseguiria me mexer se tentasse.

— A questão é, — sua mão desliza para o meu maxilar inferior e ele arrasta meu rosto para encontrar





o dele — qual caminho eu exploro - sua paixão ou seu medo?

Seus olhos mergulham em meus lábios. Deus me salve, eu poderia estar de volta à prisão do Reino da Fauna porque agora estou olhando para Karnon. É um corpo diferente, mas os mesmos olhos.

Minha respiração engata no lembrete, e alguns segundos depois minha pele se ilumina enquanto a sereia se desenrola, estendendo-se sob a minha pele como um músculo rígido.

Uma fúria feroz surge em mim, eclipsando meu medo.

Este bárbaro pensa em nos intimidar? Nos assustar?

Eu pego seu pulso e o afasto, inclinando-me para o espaço dele. — Tudo o que você pensa em fazer comigo, eu te *desafio* a tentar. — Eu pego minha outra mão e a pressiono contra o peito dele, batendo um dedo com garras contra ele. — Mas você deve saber que, se tiver a chance, eu vou te estripar e fazer um colar com as suas entranhas.

Não vou mentir, minha sereia é um trabalho árduo. Mas é nessa hora que eu aprecio sua marca particular de loucura.

O ladrão sorri para mim, parecendo que seu interesse foi despertado. — Espero que você cumpra sua ameaça. Eu odiaria ver toda essa veemência desperdiçada. Ele se aproxima, com os rostos a centímetros de distância.

Sua respiração atinge a minha bochecha.

- Encontre-me, Callypso. Estou aguardando ansiosamente nossa reunião.



— QUERUBIM ...

Meu corpo se assusta, despertado do sono pela voz de Des. Meus olhos passam pelo nosso acampamento.

Juro que o ladrão estava aqui apenas um segundo atrás.





Sua presença era tão vívida que minha mente não está convencida de que eu sonhei com ele.

Mas então me distraio com o corpo quente de Des e seu olhar penetrante.

— Tudo bem, Callie?

Eu engulo - uma ação que atrai seus olhos- e aceno com a cabeça. — Estou bem.

Ele me encara desconfiado. Mas ao invés de empurrar a questão, Des aperta meu quadril.

— Alguém está vindo— ele sussurra.

Eu começo a me levantar, olhando loucamente para a escuridão, mas ele gentilmente me pressiona de volta para baixo.

— Se você pudesse ser um pêssego e fingir estar dormindo, isso seria maravilhoso. Eu quero que os faes se aproximem.

Fingir estar dormindo depois do sonho que acabei de ter? Eu acho que não.

Mas me forço a relaxar por causa de Des, mesmo não fechando meus olhos, eu forço meus ouvidos e olhos para ouvir e ver qualquer coisa além do fogo. Um longo minuto desliza para outro.

Tudo de uma vez, o poder do Negociador sai dele, engrossando o ar como se a escuridão fosse uma coisa física. Eu o sinto perto de sua presa como uma armadilha, prendendo-os no lugar.

O fae capturado grita como uma besta selvagem, os sons guturais pontuados por uma série de maldições.



Em um instante, Des desapareceu do meu lado, dissolvendo-se em vapor como se ele nunca estivesse lá. Eu me viro a tempo de ver meu companheiro se aproximando de um fae à distância. O fae está inutilmente lutando contra a magia que o prende no lugar, sua arma parecida com uma foice golpeando a barreira mágica uma e outra vez.





Des dobra os braços, avaliando o homem e olhando como se ele o achasse insatisfeito.

Depois de um momento, o Rei da Noite tira a foice do homem.

— Você vai responder algumas perguntas para nós— diz Des, — ou você vai morrer.

EU PUXO O marshmallow carbonizado do fogo, avaliando a batata frita enegrecida.

Droga. Este é o quinto que eu queimei. Eu oficialmente estrago esta coisa de S'mores. Para ser justa, tenho certeza que o fogo crescente de Des queima mais do que os fogos aos quais estou acostumada.

Espero esfriar antes de retirá-lo do meu palito e pegar outro dos suprimentos de S'mores que Des me presenteara quando ele voltou com seu cativo.

Tenho certeza de que esta é sua tentativa de me manter ocupada enquanto interroga seu prisioneiro.

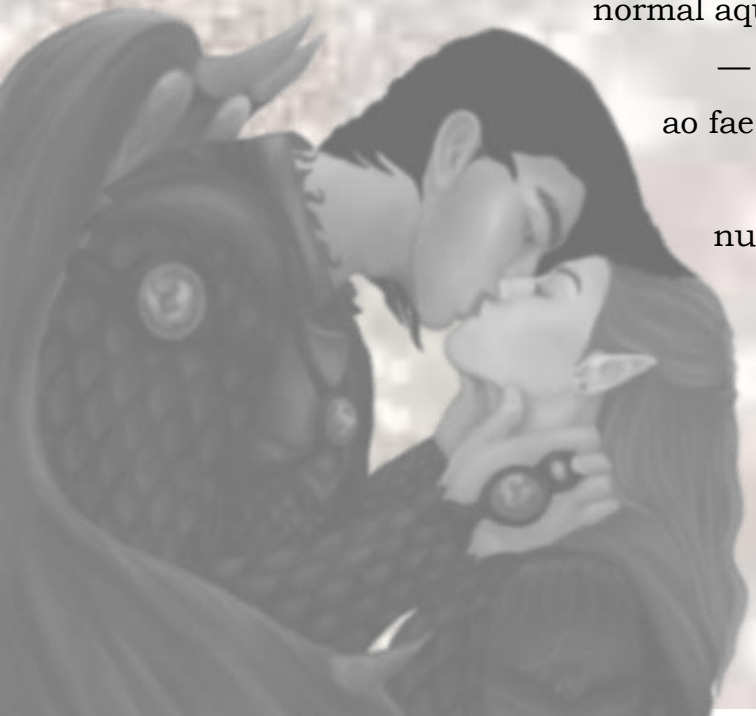
Estou com vergonha de dizer que está totalmente funcionando.

Enquanto isso, a vários metros de distância, Des está bem em seu interrogatório.

Até agora ele transformou a arma do fae em um cavalo de origami, tirou a sua voz brevemente e removeu os últimos itens que o fae tinha sobre ele (algumas pedras, uma faca, um pouco de carne seca e um colar feito de cabelo de fae. Porque o céu proíbe que encontremos alguém normal aqui).

— Quem abriu o túmulo? - Des pergunta ao fae calmamente.

O homem cospe em Des. A saliva nunca encontra o meu companheiro. Em vez disso, para no ar, depois inverte sua trajetória, espirrando contra o rosto do fae.







— Quem abriu o túmulo? — Des repete.

— Chupe meu pau!

— Mmm, tentador—diz Des, inclinando a cabeça. — Isso é uma oferta genuína? - Sua magia abre as calças cruamente do homem, então ele começa a puxar o pano para baixo.

Os olhos do fae se arregalam e ele começa a puxar o material de volta, inutilmente tentando manter as calças. — O que em nomes dos deuses sangrentos!

— Querubim— Des diz, olhando para mim, — Eu acho que o homem é tímido. Um momento ele quer a minha atenção, no outro ele está sendo um bobinho.

Eu puxo meu sexto marshmallow do fogo; está perfeitamente dourado.

Sucesso!

— Os homens dão *muitos* sinais mistos— eu digo.

Eu admito - eu gosto de brincar com meus alvos tanto quanto Des. Essa sempre foi uma das minhas partes favoritas do negócio de investigadora.

Agarrando uma barra de chocolate da Hershey e um biscoito puxo meu marshmallow do palito.

Entre na minha barriga.

— Eles fazem, não fazem? Os olhos do Negociador brilham o suficiente para me deixar saber que ele gosta do meu tipo de perversão. Virando para o fae, ele bate nos lábios. — Não há necessidade de ser tímido. Tenho certeza que seu *pau* será tudo que eu sonhei que um pau poderia ser.



Agora o fae está lutando, tentando puxar as calças para cima com as pernas. Ele está falhando incrivelmente nisso. — Você está doente! — Ele grita.





Começo a mastigar meu S'more e oh meu Deus, é uma das grandes tragédias do mundo que os S'mores são feitos apenas para acampamento. Esses pequenos bastardos são deliciosos.

O bom humor de Des desmorona em um instante. Sua magia parou de puxar as calças do fae. Agora que não há mais resistência mágica, o prisioneiro quase se bate com a cueca quando puxa as calças para cima.

A noite escurece. — Eu estou me sentindo tímido também— diz Des, sua voz como aço polido. — Diga-me o que aconteceu com o corpo que descansava na caverna sob a pedra— ele aponta para pedras despretensiosos à distância — ou eu vou começar a matá-lo em incrementos.

— Eu não *sei*! — O fae uiva.

— Você já morreu em incrementos? Des pergunta. — É lento e - bem, eu não preciso te dizer que é doloroso.

— Eu nunca vi nada! Eu juro!

Eu sinto o toque da magia, e então a mão do prisioneiro é empurrada na frente dele, seus dedos esticados para fora.

— Eu gosto de começar com o dedo mindinho - comece pequeno, você sabe— diz Des. Agora, ele é cem por cento o Negociador. — Eu removerei isto, junta por junta...

— Santa merda! Eu não sei onde o corpo está!



A foice arruinada do fae agora se desdobra, remendando-se de novo até parecer completa e intocada. Ele flutua pelo ar, parando perigosamente perto da mão do fae.

O fae solta um pequeno gemido quando a lâmina acaricia seu dedinho.



— Depois do mindinho...— Des continua, — bem, tem nove outros dedos para brincar.

— Se isso não te quebrar, há dentes e dedos. Mesmo esses são apenas uma amostra. E a dor é o suficiente para levar um fae a fazer quase qualquer coisa. Você vai sentir os séculos de sua vida se esvaindo com cada amputação, e se você aguentar o suficiente, você me implorará pela morte.

— E quando você pensar que está acabando, você vai perceber que ainda está vivo e consciente, e você vai aguentar por horas, dias, se necessário, então sentirá como décadas no final.

Um brilho de suor se desenvolveu no lábio superior do fae.

—Você não vai sair ileso com isso— ele fala sua voz alta. — Os homens do rei virão atrás de vocês dois antes disso— seus olhos se lançam entre nós.

—*O rei* — diz Des, parecendo um professor cujo aluno finalmente respondeu a uma pergunta corretamente. — Agora estamos chegando a algum lugar. — Des se senta, apoiando os cotovelos nas pernas. — O rei saberia para onde o corpo foi?

— O rei sabe de tudo.

— Será que ele está sabendo disso agora? - O Negociador levanta as sobrancelhas.

O fae deveria estar preocupado. Des somente usa essa voz antes de chutar o ninho de vespas.

A foice se ergue do dedo do fae e circula o homem.

Des está em pé. — Deixe-me alterar meus termos: encontre alguém que possa me dizer quem fez isso e deixarei você viver.









CAPÍTULO 11

EU OLHO PARA a fenda no chão. — Este é o lugar onde o seu rei vive? - Eu pergunto com ceticismo.

Apenas outro buraco na terra.

— Você vai ver... — O prisioneiro de Des diz ameaçadoramente.

Desde que nos trouxe até aqui, um voo que cobriu quilômetros do território árido e sem vida, esse fae ganhou muito mais confiança.

Nós provavelmente estamos prestes a ser pegos.

Eu mudo meu peso de um pé para o outro. — Então, o que é que devemos esperar por aí... — Minhas palavras morrem quando alguém solta uma buzina.

Assim quando meus olhos vasculham a paisagem até o fae, o som de dezenas de passos ecoa do buraco. Nem um minuto depois, faes armados saem da abertura, apontando suas armas para nós e gritando ordens.

— Mãos nas costas! Mãos nas costas!

Des faz como instruído, parecendo sempre o cativo complacente. Tomando uma sugestão dele, eu movo minhas próprias mãos para as minhas costas.

Os faes gritam perto de nós, ignorando nosso ex-prisioneiro. Não que eu esteja tão surpresa. Suas roupas são esfarrapadas e caseiras e parece que ele esteve no lado errado de muitos punhos, que é a aparência desses soldados. Des e eu, no entanto, estamos vestidos com sedas finas e estamos (relativamente) limpos.

— Encontrei esses dois vagando pelas planícies— diz o ex- prisioneiro de Des. — O rei Henbane vai querer vê-los. Eles têm magia nas espadas.







Os soldados grunhem, olhando-nos com satisfação. — Você vai receber a taxa do seu mentor.

— Estou ansioso por isso.

Eu estreito meus olhos para o nosso ex-prisioneiro.

Ele me dá um sorriso cheio de dentes e uma saudação de dois dedos. — Aproveite a sua estadia— diz ele, recuando. O fae nos deixa lá, descendo na fenda até que a terra o engula completamente.

Os soldados se movem para nos prender, suas restrições de metal fazendo barulho. O som me enche de medo. Por uma fração de segundo, estou vividamente de volta à prisão de Karnon.

— Algemas de ferro, e você vai perder suas bolas— diz Des, puxando-me de volta para o presente.

Um dos soldados hesita, depois encara Des, um olhar maldoso em seus olhos. — Isso é uma ameaça?

— Não, ele está apenas recitando poesia para você— eu digo.

O brilho do fae se move do Negociador para mim, seus lábios pressionados como se ele tivesse provado algo ruim. De repente, ele levanta a mão em minha direção.

Ele nunca chega a me acertar. Sua mão congela a centímetros do meu rosto.

— Ah, ah, ah. Ninguém te disse que é falta de educação bater em uma garota? — A voz do Negociador é sedutora, mas em suas costas suas asas apareceram. Eles se espalharam ameaçadoramente.



A exibição é tão obviamente um aviso, mas os soldados se aproximam dele de qualquer maneira.

Em um instante, a magia de Des ataca, derrubando os faes no chão. Com outro pulso do poder dele, as armas dos soldados são arrancadas deles, as espadas e os porretes se voltam





contra seus donos. Eles estão presos no lugar, mantidos como reféns por suas armas.

O único que não está preso por suas armas é o soldado que tentou me acertar. Ele está deitado no chão, com os olhos arregalados enquanto seu braço se ergue na frente dele. Enquanto ele observa, seus dedos começam a se enrolar em punho.

Ele gagueja: — O que em todo o ...

Seu punho o acerta, batendo em seu rosto com um tapa cheio. Afasta-se apenas para dar um segundo golpe - depois um terceiro, quarto, quinto. O soldado grita quando o sangue começa a escorrer de seu nariz.

— Sim, seus idiotas— diz um dos soldados caídos. Ele está olhando para as asas de Des, — esse é o Rei da Noite!

Os olhos do Negociado passam por eles. — Chega de brincadeiras. — Sua voz goteja com ameaça. — Leve-nos para o seu rei.

AS TERRAS BANIDAS NA VERDADE TÊM uma sociedade. Você quase pode chamá-lo de civilização, exceto que *civilidade* não tem dada haver com seu nome.

Desde que desci da fenda para o Outro Mundo - também conhecido como a fenda no chão - obtive uma introdução rápida e completa de Maltira, a Cidade dos Banidos.

Até agora, eu vi seis lutas acontecerem, quatro faes desmaiados, três casais discutindo (sete se você contar a dança questionável que nós passamos) e dezenas de pessoas usando joias feitas de ossos de faes.



Aparentemente colares de ossos são a *sensação*.

Logo no início, alguns faes assoviaram para mim e outro agarrou sua virilha. Tudo isso chegou a um





final pouco divertido quando os paqueradores misteriosamente começaram a confessar ter fetiches por vovós e doenças venéreas, e o agarrador de virilha começou a apertar duas partes até que ele implorou por misericórdia.

Durante todo o tempo o rosto de Des permaneceu agradavelmente neutro, mas através da nossa ligação eu podia sentir o hálito frio de sua magia, agitação mal contida.

Não provoque o meu namorado.

Quando ele me pega olhando, ele deixa cair a fachada para me mostrar um sorrisinho diabólico. Então a fachada está de volta e ele é o Negociador mais frio e implacável, mais uma vez.

Ao nosso redor, os guardas caminham rigidamente, suas lanças e facas em alerta e suas expressões ameaçadoras. Nenhum deles, no entanto, chegou muito perto de mim ou de Des, para não tentar novamente a ira do Rei da Noite.

Eu olho para o teto da caverna acima de mim. Todas aquelas histórias sobre fae vivendo sob a colina eram verdadeiras, afinal de contas.

Nossas escoltas armadas nos conduzem por edifícios que se erguem da terra para o ar, parecendo ter sido formados a partir de um único pedaço de argila. Passamos por filas e filas desses edifícios, cada um ocupado por faes cautelosos que conseguiram alguma vida para si.

Assim como a terra acima, o ar aqui é seco de magia. Mas não é apenas a magia que está faltando neste lugar. Cheguei a esperar uma certa elegância fae do Outro Mundo, mas a maioria dos edifícios é desprovida de decoração; ninguém tentou esculpir desenhos com adereços ou pintar os adornos. Tão notável quanto a falta de estética é a falta de cuidado do lugar. Há amontoados de lixo aqui e





paredes com grafite lá. O prédio do outro lado está manchado e parcialmente desmoronado. O próximo a ele foi grosseiramente remendado com barro e couro. É tudo muito feio.

Deixamos este centro da cidade através de um corredor cortado na rocha. Já descemos centenas de metros, mas a julgar pelo declive da passagem, estamos prestes a nos dirigir ainda mais fundo no solo.

Eu olho para os candelabros da parede onde as chamas piscam; o cheiro que vem delas fecham minha traqueia. Tem cheiro de cabelo queimado e carne podre, e eu estou seriamente preocupada do que as velas estranhas sejam feitas.

Depois de um número estonteante de ziguezagues e alguns lances de escada, nosso grupo se depara com dois faes armadas que bloqueiam a passagem. Um deles é um fae da fauna, com as orelhas de sua raposa roçando entre os cabelos ruivos. O outro poderia ser de qualquer um dos outros reinos, seu cabelo era louro e seus olhos da cor do musgo. Ambos usam os mesmos uniformes caseiros e irregulares.

— O Rei da Noite e sua companheira pedem uma audiência com o rei— um de nossos acompanhantes agora diz para os fae que estão de guarda.

Aquele com as orelhas de raposa grunhi, dando uma bela olhada em mim, seu olhar se demorando nos meus seios, quadris e pernas, porque aparentemente todo criminoso aqui tem que agir como um fodido clichê.



Sua atenção se move para Des e seu lábio se enrola. — Se o rei não pode drená-los, ele não vai querer vê-los.

Por um momento, nada acontece.

Mas então a magia de Des atravessa a sala, jogando os faes banidos contra as paredes úmidas de barro.





Não vou mentir, tem sido um dia muito difícil para esse grupo.

O poder do Rei da Noite os prende lá, e é tão óbvio que, se quiséssemos, poderíamos entrar direto para ver esse rei, e nenhum de seus lacaios poderia nos impedir.

— Você terá que perdoar o seu companheiro de luta— diz Des, avançando para o orelha de raposa. — Ele não disse nossas exigências corretamente. Isto não é um *pedido*. É uma ordem. Mas vá em frente, desafie-o. Eu *amo* ouvir os gritos de faes. — Ele toca a bochecha do orelha de raposa.

O fae balança a cabeça para trás e para a frente, choramingando como se ele pudesse sentir os primeiros tentáculos da dor.

Des o avalia por um momento, em seguida, com um movimento de seu pulso, ele libera todos os homens.

Eles caem no chão, esfregando seus membros anteriormente presos.

A postura dos faes parece ter acabado, mas antes que qualquer um deles possa se levantar, Des se aproxima do fae com orelhas de raposa. — Oh, e uma palavra de advertência: olhe para a minha companheira novamente com outra coisa que não seja respeito e benevolência, e você perderá seus olhos.

Droga.

Orelhas de raposa inclina a cabeça, suas orelhas caídas, sua postura se tornando submissa. Ele balança a cabeça e, com isso, ele e o outro guarda se afastam e deixam nossa comitiva passar.



— Tenho que ameaçar cada maldito grão de areia neste lugar... — Des murmurou baixinho.

Não posso deixar de concordar com ele. A única coisa que alguém parece respeitar por aqui é poder.





Passamos por mais três conjuntos de guardas (dois dos quais também precisam ser ameaçados) e descemos mais fundo na montanha antes de finalmente chegarmos a uma enorme porta de pedra.

Está muito abaixo da terra, onde o céu é apenas uma memória distante, eu posso sentir o menor sopro de magia.

Então as Terras Banidas não foram colhidas de *todo o* poder. Apenas a grande e vasta maioria dele. E agora eu entendo porque os cidadãos das Terras Banidas construíram isso. Porque quanto mais baixo você vai, mais perto da magia você fica. E em um mundo onde todos estão sufocando em sua ausência, até mesmo a menor indicação disso é preciosa.

A porta de pedra é aberta e eu dou minha primeira boa olhada no santuário interior do rei.

A sala arqueada está repleta de faes de tangas e fitas na cabeça, calças de couro e pintura corporal. É tudo tão primitivo e estranhamente *selvagem* sensual.

Os faes nos rodeiam de todos os lados, tornando a nossa viagem no corredor lenta e claustrofóbica.

Eu entendo as hordas deles, seus rostos exóticos variando de curiosos a sanguinários. Além deles, vejo o topo do trono improvisado, esculpido em rocha e equipado com osso e aço. Mas não é até que estamos quase no final do corredor que a multidão se separa, e eu finalmente o vejo.



O rei.

Ele descansa no trono de pedra, com as pernas abertas. No lugar de uma camisa, ele usa dezenas de colares de osso branqueados, cada um deles com um número estonteante de dentes e ossos. Suas calças de couro marrom pendem baixo em seus quadris





bronzeados, e amarradas a elas tem várias lâminas, algumas feitas de pedra, outras de aço.

Seu cabelo castanho é trançado para trás de seu rosto e está preso por cima dos ombros. Uma coroa feita de metal e osso está na cabeça dele. A coisa foi feita grosseiramente, e estou surpresa que um fae usaria uma coisa dessas. Parece algo que eu fiz na aula de artes quando eu tinha cinco anos.

Seus brilhantes olhos verdes caem primeiro em Des antes de saltar para mim. Em mim, eles tomam seu tempo, passando do meu rosto para o meu peito, quadris e pernas. Então eles fazem uma subida lenta de volta. Enquanto ele me avalia, seus dedos batem contra o braço da cadeira.

Eu teria dito que ele estava entediado, exceto que há muito interesse despertando em seus olhos.

Os faes à nossa frente param e se ajoelham. — Sua Majestade— eles murmuram.

— Eu vejo que temos visitantes. — O rei diz isso como se Des e eu estivéssemos ofendendo sua sensibilidade. *Sua* sensibilidade. O homem sentado numa cadeira que dizia claramente eu estava bêbado quando a fiz.

Os faes que se ajoelharam agora estão de pé, virando-se para nós.

— Curve-se diante de Sua Eminência, o senhor dos Banidos, Mestre dos Esquecidos, Protetor dos Malignos, Rei Typhus Henbane— uma das nossas escoltas exige, embora pareça um pouco doente enquanto o diz.



O Negociador avança alguns passos. — Você tem títulos? Que *encantador*.

O rei Henbane está de pé, seu cabelo castanho brilhando sob a luz da tocha e seus colares farfalhando. — Forçou seu caminho





para a minha presença sem nem mesmo uma reverência. Não posso dizer que estou surpreso com sua impetuosidade, Desmond Flynn.

Então ele sabe quem é Des. Eu também noto que ele não falou o título do meu companheiro. Definitivamente há um desprezo lá. E hoje não é realmente o dia. O Negociador parece particularmente espinhoso.

O olhar de Typhus desliza para mim e, novamente, ele me avalia. Desta vez, no entanto, há mais do que um toque de desprezo neles. — Mas a sua amante escrava não me mostrar respeito... — Ele estala a língua. — Da última vez que sofri um grave insulto como esse, empalei o fae por isso.

Abaixo em nosso vínculo, sinto um lampejo de raiva branca e quente. Mas olhando para Des, você nunca saberia disso.

O Rei da Noite dá a Typhus um sorriso zombeteiro. — Da última vez que vi um bobo da corte fingindo ser um rei, eu realmente ri.

Oooooh, queime.

A sala fica mortalmente silenciosa.

Ops, isso chamou a atenção deles.

As asas deste rei brilham em suas costas e seu rosto tenciona. — Se você veio aqui para me pedir um favor, *oh grande rei*, então você deveria começar de novo.

— Você é um criminoso exilado que ainda cumpre sua pena. Em que mundo eu procuraria por um favor seu?



Typhus ri diante disso, a multidão ecoando o sentimento.

Quando a sala se acalma, ele diz: — Você sabe como eu vim a ser o que sou? - O rei senta novamente em seu trono. — Eu já era forte antes de ser enviado para cá, há cento e cinquenta anos atrás. E desde então tenho absorvido a magia de incontáveis homens.





Um dia aqui me deixou com uma sensação de ressaca leve. Eu não posso imaginar anos, décadas, *séculos* disso. Typhus deve ser poderoso, viver aqui por tanto tempo e ainda ter tanta magia.

— Milhares me deram seus poderes— continua ele, — tudo em troca de minha proteção... Proteção que você está ameaçando agora.

Des levanta as sobrancelhas. — É mesmo?

— Nós não estamos mais no seu reino. Estamos no meu.

Ele não diz isso, mas está insinuando que Des e eu estamos ligados a *loi du royaume* - que devemos nos submeter ao governo de Typhus e às leis de sua terra.

Os olhos do Negociador varrem a sala. — Então este é o seu reino agora? — Uma pequena risada surpresa o escapa.

O rei Henbane enrijece os braços.

— Perdoe-me— diz Des, — mas esta é a primeira vez que ouvi falar de alguém *querendo* esse pardieiro—

Henbane se levanta novamente, o rosto vermelho de raiva. Nas suas costas, asas angulares e coloridas começam a se formar.

Aiiiii, meu namorado irritou alguém?

O rei acena para alguém na multidão, e em resposta, um fae se afasta das massas reunidas, um par de algemas de ferro grosso em suas mãos enluvadas. Vários dos soldados em nossa comitiva agora hesitantemente pegam Des. Eles podem não querer entrar em outro conflito com o Rei da Noite, mas eles também não querem trair suas lealdades.



Eles movem as mãos do meu companheiro na frente dele, e Des apenas deixa-os. Eu faço um movimento para interceder, mas dois dos nossos acompanhantes me param, me segurando no lugar.





O Rei da Noite me lança um olhar, e ao contrário de todas as suas palavras brincalhonas, a expressão é séria, embora eu não saiba ao certo qual mensagem tácita que ele está tentando transmitir para mim.

O fae com as algemas de ferro vai até o Negociador. Eu não me importo que Des seja poderoso e inflexível quando o fae os move para seus pulsos; eu luto ao vê-los. Durante meu tempo como prisioneira de Karnon, vi exatamente o que o ferro fazia com os faes.

Com um tilintar sinistro, o soldado algema Des. Eles ficam em seus pulsos por um instante antes das algemas de ferro deslizarem inutilmente deles, aterrissando no chão de terra na frente de Des.

O Negociador levanta as sobrancelhas. — Isso não deveria acontecer, não é mesmo? - Pergunta ele.

No trono, o rei bate em uma de suas mãos, mas continua assistindo impassível.

Franzindo a testa, o fae pega as algemas de ferro com uma mão enluvada e tenta novamente algemar Des.

E novamente as algemas escorregam dele, caindo mais uma vez no chão. Desta vez, quando o guarda se inclina para agarrá-los, o Negociador a chuta.

— Opa!

Typhus se acomoda em seu assento, seus afiados olhos verdes passando por mim. — Já que o nosso senhor rei não quer cooperar, coloque-as na cadela que está com ele.

Em resposta, a sala fica um pouco mais escura.



Mais uma vez, o fae se abaixa e pega as algemas. Apenas, assim que ele os toca, as algemas se prendem em seu pulso. Suas luvas escorregam, expondo sua pele nua ao ferro. Leva





apenas alguns segundos para seus gritos começarem.

E isso aí é a prova de que todo este reino não é nada além de tolos dourados. Fui presa ao lado de soldados reais o suficiente para saber que não importava o quanto o ferro os queimasse, eles não davam aos seus captores o prazer de seus gritos. Péssimo comportamento no seu melhor.

Foi assim que os soldados ficaram endurecidos. Esses faes não são nada além de meninos e meninas fazendo papel de soldados.

Des dá vários passos à frente, sua magia engrossando no ar.

— Você realmente não deveria ter falado desse jeito.

Esse é todo o aviso que ele dá. No instante seguinte, o poder explode de dentro dele, rasgando a sala. Ele ataca a multidão de faes, derrubando-as como pinos de boliche. Até mesmo Typhus é jogado de volta contra seu assento, a pedra tremendo sob a força da magia de Des.

O rei parece completamente chocado por um momento, e eu não posso decidir se ele está impressionado com o poder de Des ou sua audácia.

Quando ele se recupera, a magia começa a se formar em seu punho, curvando a luz enquanto assume a forma de uma lança. Ele joga o ferrolho como um dardo, apontando diretamente para Des.

O Negociador não se move, embora tenha tempo para evitar o ataque. Em vez disso, ele aceita todo o peso quando bate em seu peito.

Ele grunhe com o impacto, depois toca o peito com um leve interesse. — *Estou* impressionado. Quantos de seus súditos você drenou para acumular esse tipo de poder? Centenas? Milhares? Você deve estar perto de todo mundo para exercer esse nível de magia.



Outra lança começa a se formar na mão de Typhus. — Eles deram seu poder de bom grado - uh huh. E o bolo





não tem calorias - então eu posso defendê-los de homens como você.

Des acena com a mão, e o rei Henbane é jogado de volta para o seu assento, sua magia se desintegrando em um instante.

— *Chega.* — O Rei da Noite diz com tal finalidade que a sala cheia de criminosos endurecidos agora se acalma.

Des avança. — Disseram-me que você poderia me dar respostas e eu as terei, de um jeito ou de outro.

Typhus faz uma careta em seu assento, seu corpo ligeiramente contorcido. Leva um momento para eu perceber que é porque a magia do Negociador o prendeu no lugar. Ao nosso redor, os faes que lotam a sala parecem estar presos por mãos invisíveis.

Pela primeira vez desde que saíram do túmulo de Galleghar Nyx, o ar está cheio de poder. Desliza sobre meus braços e enrola pelos meus tornozelos, acariciando minha pele. Mas ao contrário da magia no túmulo de Galleghar, o poder de Des é familiar e convidativo; ela me cobre como um xale.

Des se aproxima do palanque, cada passo cuidadoso ecoando pela sala silenciosa. Ele nos deixou todos mudos.

— Há um túmulo no território sudoeste das Terras Banidas— diz ele, seu olhar treinado em Typhus. — Está marcado por vários pedregulhos grandes. O corpo dentro dele era imune a danos. E agora sumiu. Eu quero saber como isso aconteceu.



Typhus estreita os olhos, um brilho calculista neles. — Eu não tenho ideia do que você está falando— diz ele, suas palavras soando falsas.

Eu mentia melhor quando usava fralda.

— Mas mesmo se eu tivesse— continua ele — por que eu deveria lhe



contar? Você não respeita a minha regra.

Des estuda o fae, com a cabeça inclinada para o lado.

Meu corpo tenciona, esperando alguma reação com uma boa dose de elegância. Mas não é isso que eu recebo.

A expressão de Des se torna quase contemplativa. Ele concorda, como Typhus sem alimentá-lo com uma carga de merda.

Ao redor da sala, a magia do Negociador se ergue, e o ar tem um gosto mais seco. Cautelosamente, os faes começam a ficar de pé.

Typhus não se move, fingindo que deliberadamente escolheu sentar-se como um pretzel dobrado.

— Há um outro assunto que devo comparecer antes de voltarmos para o meu reino— diz o Negociador, esperando até ter certeza de que ele tem a atenção total da sala. — Você sabe tão bem quanto eu que não posso sair daqui com você do jeito que está— diz Des. — Então, ou você devolve a eles— ele empurra a cabeça para as hordas desesperadas que nos cercam, — a sua magia, *ou eu vou fazer isso por você*. —

- Eu estou pensando que *se eu fizer isso por você* envolveria armas afiadas e um corpo morto.

Typhus ergue-se de seu trono, seu rosto escurecendo e suas mãos tremendo com o aumento da sua raiva.

O cheiro da magia emprestada do rei banido satura o ar; cheira exatamente como você imagina que seria – ao provar, de maneira idiota, muitos perfumes e agora todos aqueles cheiros fortes e potentes estão se chocando e lhe dando uma dor de cabeça.

— Mate-o onde ele está! — É uma ordem aberta, e tenho certeza que esse idiota espera que todos os faes nesta sala respondam a isso.

— *Não.*



Eu sinto o poder daquela palavra ondular através do espaço fechado. Mas não é Des quem diz isso.

Eu me afasto do Negociador, minha pele iluminando.

Já tive o bastante desse lugar, onde o próprio ar parece que está tentando tirar sua magia de você, e já tive o suficiente desse homem, que durante todos os seus anos de vida, não aprendeu nada a não ser como ser um animal brutal.

Em resposta à minha magia, a multidão ao nosso redor começa a aperta, ninguém tão perto quanto nossos guardas. Assim que seus olhos caem em mim, eles esquecem que são faes que se respeitam e que têm deveres. Eles se movem em minha direção, prontos para tocar minha pele, acariciar meu cabelo, me beber e me consumir inteira. É como sempre foi, só que aqui, neste lugar sem magia, meu encanto é ainda mais atraente.

— Saia do meu caminho— eu ordeno, meu poder enchendo minha voz.

Os faes fazem o que eu digo - embora com um pouco de relutância.

— O que vocês estão fazendo seus idiotas? — O rei grita com eles, apesar do fato de que ele não pode arrancar seu olhar de mim.

— Cale a boca— eu ordeno.

Sua boca clica fechada.

A pura indignação estampada no rosto dele! Eu saboreio a última gota disso.



— Ninguém se move, exceto para respirar— eu ordeno, minha voz ecoando na caverna. — Oh, e Des, ignore meus comandos. Tu podes fazer o que quiseres.

Ao nosso redor, a sala parece congelar no lugar. Se eu não soubesse



melhor, diria que estava num salão de estátuas.

O Negociador cruza os braços e se inclina contra o fae congelado mais próximo, usando-o como se fosse uma parede. Des está com uma boa dose de alegria em seus olhos, e está claro que ele está ansioso para me deixar roubar o show.

Eu começo a andar pelo corredor, em direção ao trono de Typhus, meus quadris balançando.

Eu vou até o trono, o olhar de Typhus preso no lugar. — Você pode mover seus olhos— eu permito.

Imediatamente eles viram para mim. É difícil ler suas emoções, já que o resto dele ainda está congelado no lugar, mas eu definitivamente diria que estou tendo algumas fortes vibrações de raiva vindo dele.

— Eu realmente não deveria deixar você fazer isso— diz Des atrás de mim. Ele parece alegre.

Eu alcanço o trono de Typhus, e Deus, sua cadeira é ainda mais feia de perto. Sua coroa crua fica ali, ao alcance, e eu simplesmente não consigo me controlar. Eu alcanço e levanto a coisa de sua cabeça, em seguida, coloco na minha. — Olhe para isso— eu falo. — A escrava que você queria prender agora é sua rainha.

Agora eu *posso* ver a raiva de Typhus borbulhando em seus olhos. Ainda assim, ele é impotente.

Por um capricho, eu ordeno a ele: — Fique em pé, Typhus —

Roboticamente, ele se levanta da cadeira.

— Agora, oh grande rei, curve-se diante de mim. — Typhus baixa, seu nariz quase tocando seus joelhos enquanto ele é forçado a seguir meu comando.



Como investigadora, eu já vi meu quinhão de olhares putos quando alguém era pego na teia do meu encanto. O rei Henbane não é uma





exceção. Ele olha para mim como se estivesse amaldiçoando minha própria existência com os olhos.

Eu lambo como um gato faz. — Sente.

Ele senta.

Ele não vai se recuperar disso. Não agora que seus súditos viram com que facilidade eu peguei sua coroa e controlei sua vontade.

Inclino a cabeça ao vê-lo, sombrio e impotente. Há apenas algo sobre um homem abatido que me atinge da maneira mais distorcida.

Entregando-se à minha natureza mais básica, eu me movo para frente, subindo no colo do rei, escarranchando suas coxas.

Eu sinto apenas o fio mais fino de ciúmes através da minha conexão. Isso também eu absorvo.

Eu sou algo para invejar.

Levantando uma mão, eu alcanço um dos seus colares, apreciando o jeito doentio em que os ossos e dentes tremem quando eles se esfregam.

Meu olhar encara o dele, e os olhos verdes de Typhus parecem escurecer. Ainda há muita raiva neles, mas agora há desejo também.

Eu sorrio. Alguém provavelmente quer me odiar.

Não seria a primeira vez.

Eu me ajusto em seu colo, sacudindo meu cabelo.

Por que eu pensei que encantá-lo era importante...?

Oh, certo.



— Você responderá todas as minhas perguntas completa e honestamente— ordeno.

— Agora, há quanto tempo a tumba foi aberta? — Eu pergunto.

Seu lábio superior se contorce em desgosto. — Algumas semanas atrás. — Recente. Parte minha





assumiu que o túmulo foi aberto anos atrás.

Eu olho por cima do meu ombro para Des, um sorriso satisfeito no meu rosto. Ele olha de volta para mim, e sua expressão é divertida, mas seus olhos são tempestuosos.

Girando para frente novamente, eu me inclino neste rei idiota, acariciando sua bochecha. Em resposta, o quarto escurece um pouco. Aparentemente, meu companheiro tem algumas objeções a mim acariciando outros homens.

— E quem abriu o túmulo? — Eu sussurro.

— Eu não sei— ele rosna.

— O que você quer dizer com você não sabe?

— Eu quero dizer que não foi um *alguém* depois tudo. — Perdendo a paciência.

— Explique— eu comando.

Mais uma vez, ele hesita. Que precioso. Como se ele pudesse lutar pelo controle que tenho sobre ele.

Depois de dois segundos, ele desiste. — Na noite em que o homem morto se levantou - a noite em que *Galleghar se* levantou -— esclarece, deixando claro que sabia exatamente quem estava enterrado naquela sepultura, — foi uma sombra que o recuperou.







CAPÍTULO 12

EU NÃO ACHO que respiro. Ao meu redor, o quarto escurece.

— Uma sombra—repito.

De volta a essa sombra insidiosa. Eu quase me esqueci desse aspecto do Ladrão das Almas. As enfermeiras do Reino da Noite tinham visto uma sombra observando as crianças do caixão, e no Reino da Flora eu ouvir falar de uma sombra visitando as mulheres adormecidas.

Eu olho por cima do meu ombro para Des, nós dois compartilhando um olhar.

— Como era a sombra? - Eu pergunto, encarando Typhus mais uma vez. Minha voz muda quando o encanto escorre da minha língua.

Typhus me encara, sua fúria ainda aparente. — Parecia uma *sombra.* Eu não sei, eu não estava lá. Isso é exatamente o que foi relatado a mim. Maldita escrava idiota. — Esta última parte ele diz em voz baixa, apenas alto o suficiente para eu ouvir.

A sala escurece de qualquer maneira. Não preciso olhar para trás para saber que Des está preparado para um ataque. Eu não o deixo ter a chance.

Eu estalo a minha língua e pego o queixo de Typhus, apertando sua mandíbula do jeito que os parentes irritantes adoram espremer os rostos das crianças. Eu abaixo minha voz para combinar com a dele. — Essa escrava idiota tem sua força de vontade pelas – bolas. Agora, peça-me desculpa.

—Desculpa.

É a desculpa menos sincera que já ouvi.

Eu mudo meu peso, a reação puxando um gemido dele.







Definitivamente em território de ódio - dor com este.

— Do que você está arrependido?

Ele me encara— Absolutamente nada, sua prostituta chupadora de pau.

Minhas garras afiam, e minhas costas pinicam com as minhas asas querendo sair.

Por que homens desse tipo sempre voltam para os insultos? É embaraçosamente previsível.

— Você vai pagar por isso— eu digo baixinho. — Depois que você me der o que eu quero, você vai pagar por isso. — Eu me inclino em seu ouvido. — Talvez eu faça *você* chupar o pau de alguém.

Sobre o meu cadáver eu faria alguém fazer isso. — Mas uma ameaça pouco vazia faz maravilhas pela cooperação.

Eu continuo falando. — Eu poderia você sabe— eu digo, minha voz baixa como a de uma amante. — Eu poderia fazer você ficar de joelhos para cada homem nesta sala, e você seria impotente para me impedir. —

A magia emprestada de Typhus se infiltra no ar ao nosso redor, o indicador mais óbvio de que por trás de seu exterior congelado há uma tempestade de raiva.

Alguém realmente não está acostumando a estar por baixo de uma dinâmica de poder.

Eu acaricio sua bochecha paternalmente.

— Agora, seja um bom menino e vamos cooperar com a mudança.



— Minha mão cai para um de seus colares, e eu pego um pequeno osso. — Você disse que a sombra recuperou Galleghar. O que Galleghar estava fazendo enquanto isso acontecia?

— Caminhando. — Ele diz isso de maneira tão zombeteira, como se não houvesse outra maneira de um corpo previamente morto sair de um





túmulo. Após uma breve pausa, ele acrescenta: — Meus relatórios disseram que ele saiu da tumba ao lado de uma sombra.

Então Galleghar permaneceu imutável em seu túmulo até que uma noite uma sombra veio e presumivelmente o acordou. Então os dois pularam para a noite, e o resto nós não sabemos.

— Bom— eu digo distraidamente, acariciando sua bochecha mais uma vez. — Bom. —

Eu começo a descer do colo de Typhus, meus pensamentos correndo para os corpos e sombras adormecidas, quando eu paro. — Oh, quase me esqueci. Há mais uma coisa. Sento-me no colo do rei, inclinando a cabeça para o lado. Ele ainda não sabe, mas é assim que um pássaro mede um verme particularmente suculento.

— Como é que você é tão forte? — Eu pergunto, minha pele ainda brilhando, minha voz ainda encantada. Eu estou queimando através da magia como se eu fosse uma garota da irmandade jogando com a tequila.

— Eu já disse a você— diz ele entre os dentes cerrados, — eu sou o senhor dos meus assuntos.

— Como é que um... senhor se *liga* a outro? — Eu olho para Des, que está começando a colocar os faes congeladas como se fossem renas de Natal, cada posição um pouco mais comprometedora do que a outra.

Eu me viro para frente novamente, no momento que Typhus responde: — Faça um pequeno juramento, troque um pouco de fluido corporal e abrace brevemente - é só isso.



— É tudo que é preciso para faes dá-lhe o que? dá a você o poder deles?

— Se esse ele recitar esse juramento—

— E todos esses faes alegremente te dão a sua magia? — É difícil até mesmo expressar uma pergunta tão ridícula.





— Eles simplesmente não me *dão* isso.

Parece que cheguei perto de irritar as penas deste rei. Pobre Typhus, ser acusado é o *pior*.

— É mesmo— falo devagar, — você oferece proteção a eles em troca - eu suponho que seja um lugar para ficar em sua cidade subterrânea. Que magnânimo você é. —

O ar engrossa com a magia de Typhus.

Definitivamente atingi um ponto delicado. Seus olhos já não parecem apenas com raiva; eles parecem selvagens com pânico.

Agora, ele só pode responder minhas perguntas, e estou curiosa para ver o que está acontecendo por trás desses olhos.

— O que é isso, Typhus?

— Faes morrem aqui o tempo todo.

— E aposto que você *não* tem *nada* a ver com isso.

Mais uma vez, ele parece desesperado para se explicar. Pena que não estamos jogando este jogo por suas regras.

Estamos jogando com as minhas.

— Você ou o fae que trabalha para você tem algo a ver com a morte dos faes que 'morrem aqui o tempo todo? — Eu pergunto, jogando suas palavras de volta para ele.

Mais uma vez, o pânico está em seus olhos.

Você fez sua cama de merda, amigo. Agora você tem que deitar.

Typhus responde em três segundos.

— *Às vezes*— ele finalmente sussurra.

Não estamos falando em voz alta, mas suas palavras ainda ecoam por toda a sala.

Eu juro que o silêncio de alguma forma tem garras e dentes com isso.

Eu me inclino um pouco mais e aumento a minha voz. — Lembra quando eu te disse que você pagaria por suas palavras?







Ele olha para mim. O filho da puta se lembra.

Eu giro ao redor. — Cada fae nesta sala pode agora mover seus pescoços.

Assim que as palavras são ditas, a multidão de faes concentra sua atenção em nós.

Eu giro para Typhus mais uma vez. Ele ainda não consegue se mexer, mas está começando a suar, pequenas gotas de suor dando a sua pele um brilho.

Ele sabe o que está por vir. Como é agradável! Eu saboreio quando eles se contorcem no final.

Eu saio dele e encaro a sala, levantando a voz para que todos possam ouvir.

— Você, Typhus Henbane, vai confessar a todos nessa sala a única coisa que você não quer que eles ouçam, começando com suas verdadeiras intenções para tomar o seu poder— eu ordeno.

Seu rosto está ficando vermelho e ele está rangendo os dentes, numa tentativa desesperada de impedir o inevitável.

— Eu... Eu... — Typhus tenta parar, até que a confissão é arrancada de seus lábios. — Eu passei o último século e meio procurado maneiras de manipular os faes por seus poderes, usando qualquer meio que eu pudesse pensar. Eu fiz isso para poder permanecer saudável e forte neste lugar. Troco magia por minha proteção, apesar de eu ser a pior coisa que os faes tem a temer aqui.

Ele respira. — Eu matei centenas, talvez milhares de faes- alguns diretamente, e alguns indiretamente depois que eu drenava muita magia. Eu tenho uma sala escondida cheia de incontáveis faes que estão quase mortos.



Um arrepio espontâneo se move por mim.

Soa como o ladrão das almas.





Ele continua: — Eu tento mantê-los vivos pelo maior tempo possível—

— Por quê? - Eu interrompo.

— Uma vez que um fae morre, o vínculo é quebrado e Typhus perde seu poder— diz Des de onde ele está. — Homens mortos não podem manter os juramentos. —

Typhus começa a explicar a mesma coisa, forçado pelo meu encanto a responder a minha pergunta. Uma vez que ele termina, ele faz uma pausa, sempre esperançoso de que ele possa contornar minha *outra* ordem - aquela em que ele confessa seus crimes.

Eu levanto minhas sobrancelhas, confusa.

Ao meu redor, os faes lhe dão olhares venenosos. Pobre Typhus.

Com um estremecimento, ele continua. — Eu chantageei homens e mulheres para fazerem sexo comigo. Eu menti sobre o quão forte eu realmente sou - eu não posso sozinho parar uma revolta, caso aconteça... —

Ele começa e continua.

Leva vinte minutos - vinte minutos incriminadores - para Typhus passar pela lista impressionante de coisas ruins que ele fez. No final desses vinte minutos, você pode sentir a sala gritando por seu sangue.

Inferno, depois de ouvir sua lista de coisas sujas, *eu* quero arrancar sua garganta.

Este rei também sabe disso. Ele agora está suando abertamente; Isso escorre de seus olhos e do queixo. Foi-se embora a arrogância dele.

Eu me pergunto quanto tempo passou desde que ele sentiu esse tipo de medo.

— Peça desculpas a todos esses faes— eu ordeno a Typhus.

— Peça desculpas e *fale* isso.

Seus olhos se movem para a multidão. — Me desculpem por tudo que eu fiz. — Sua voz é baixa e vazia com algo parecido como culpa.







Definitivamente não é arrependimento, mas que seja. Algumas pessoas nunca se arrependem de suas escolhas, apenas onde suas escolhas as levaram.

Eu ando ao redor do trono, minha pele ainda está brilhando, alta como a porra com o meu poder. Eu ainda uso sua coroa na minha cabeça, e eu admito, o peso disso me dá um pouco de adrenalina.

Quando meu olhar encontra o de Typhus, o diabo está em seus olhos.

— Tudo bem— eu digo, — Já chega disso. — Eu uso minha voz doce e bajuladora, e o rei parece relaxar ao som disso.

Eu praticamente posso ouvir seus pensamentos -*quase acabando.*

— Oh— eu digo fingindo surpresa — você acha que eu tinha terminado com você? Oh, Typhus, não, não, não. — Eu balanço a cabeça, minha voz soando como se eu tivesse com pena.

Através da minha conexão eu posso sentir um sussurro de Des. A sensação é tão fraca que é difícil definir a emoção dele através do nosso laço, mas se eu tivesse que adivinhar, diria que era uma reverência. E eu percebo, que esta é a primeira vez que ele realmente me viu usando minha magia. Com os soldadas adormecidas foi uma coisa, mas brincar com o livre arbítrio de um homem? Brincar com ele e enquanto eu saboreio a matança?

Este é um novo território para ele. E a julgar por sua reação, meu rei torcido aprova.



— Ninguém nesta sala está saindo sem os seus poderes— eu digo.

Em resposta, o rosto de Typhus fica vermelho e outra onda de seu poder enche o ar. Ele ainda está ligado ao meu encanto, no entanto, apenas para responder minhas perguntas.





Eu o observo por vários segundos, enquanto deixo sua poderosa magia lutar contra a minha. É inútil. Eu tenho controle absoluto sobre ele agora.

Mas eu vou satisfazê-lo.

— Vá em frente— digo, — diga-me o que está em sua mente.

— O que você está pedindo é impossível! — Ele suspira. — Eu teria que quebrar todos os juramentos; alguns faes não estão conscientes o suficiente para concordar com isso.

Minha voz fica gelada. — Ou eles simplesmente poderiam matar você. Afinal de contas, homens mortos não podem manter seus juramentos. - Eu encaro Typhus, toda a criatura sem coração que nosso conhecimento me fez ser. — Tenho certeza que muitos de vocês vão descobrir alguma coisa.

Eu me afasto dele, um sorriso nefasto se espalhando pelo meu rosto.

— Typhus Henbane— eu digo, minha pele iluminando, meu encanto engrossando o ar — Eu ordeno que você devolva cada pedaço de magia que você roubou dentro de dois dias. — Muito mais do que isso, o meu encanto pode falhar.

Typhus me dá uma olhada como se eu tivesse trazido o machado em seu pescoço.

Eu nem estou satisfeita.

— Você nunca mais vai trocar o poder por sua proteção. — Meus olhos se movem ao nosso redor. — Que seu povo tenha piedade de você.



Eu me afasto dele em direção a Des, meus passos ecoando por toda a sala do trono. Eu toco a coroa que ainda está em minha cabeça e paro. Eu giro uma última vez para enfrentar Typhus.

— Oh, e eu vou ficar isso. —



CAPÍTULO 13

ÁGUA – CHECADO, QUARTO ESCURO- checado, massagem na testa - checado.

Eu fiz tudo dentro do meu poder (limitado) para chutar esta enxaqueca danada. Nada está funcionando.

Eu esfrego minhas têmporas mais uma vez, minha cabeça latejando.

— Por que tudo dói tanto? — Eu lamento. Minha língua está inchada e meus lábios ressecados. Até os meus dentes parecem doer.

Desmond vem até onde eu estou em seus aposentos. Ao nosso redor, a luz suave da lamparina foi reduzida ao ponto de quase escuridão. Ainda não é suficiente. — É um dos efeitos colaterais indesejáveis de visitar as Terras Banidas.

Ele estica a mão fechada. Seus dedos se abrem, revelando o que parece um pedaço de doce, se os doces fossem multicoloridos. — Isso pode ajudar mais do que a massagem.

— O que é isso? — Eu pego o estranho losango de sua palma.

— Acredite ou não, faes têm remédio, assim como os humanos.

Eu soltei uma risada maluca. — Isso é aspirina fae?

— Perto o suficiente— diz ele.

— O que você quer em troca? - Eu pergunto, colocando a pílula na minha língua. Quero dizer, essa enxaqueca é ruim o suficiente para que eu possa alegremente fazer uma barganha com Negociador. Mas eu ainda quero saber o que isso vai me custar.

Por um momento, a altivez em sua expressão cai e ele parece um pouco triste.

— Callie, você não me deve. Não por algo assim. Me desculpe se eu te dei essa impressão.

Minha expressão suaviza. — Obrigada - pela aspirina mágica. —







Eu digo com uma risada enquanto a pílula fica entre a minha língua e meus dentes.

Não é amargo como a medicina humana, nem é doce como sua aparência dá a impressão. Em vez disso, tem gosto de madressilva derretendo na minha língua.

Des beija minha testa, então seus olhos sobem. Ele toca a coroa que eu ainda estou usando. — E eu aqui pensando que você não queria ser uma rainha— diz ele, olhando para a coisa.

Eu agarro o objeto possessivamente. — É o meu prêmio de guerra. — mesmo que pareça algo que um cego fez enquanto estava bêbado.

— Eu devo admitir, você é deliciosamente cruel quando você quer ser. —

Era um *lindo pesadelo* antes, e agora é *deliciosamente cruel*. Eu ficaria mortificada com esses elogios, e talvez uma parte socialmente aceitável de mim esteja, mas outra parte minha que se delicia com os corações dos homens e se banha com suas respirações agonizantes está cobiçando-os, um por um.

O olhar de Des é pesado e com fome quando cai em mim. — Você leva os prêmios de guerra de todas as suas vítimas?

Eu tremo um pouco. — Eles não eram as minhas vítimas.

— Hmm.

— Eles *não eram*.

— Você vai responder a pergunta?

Eu tiro a coroa da cabeça e estudo. É realmente feia.

— Apenas dos realmente ruins— eu digo. — Aqueles que gostam de machucar as pessoas. — Eles são aqueles que eu gosto de manobrá-lo para fazer todos os meus caprichos. — Eu levo lembranças deles.







De volta à minha casa, tenho uma caixa cheia dessas lembranças que adquiri ao longo dos anos. Em dias particularmente ruins, dias em que nem mesmo Johnnie, Jack ou Jose poderiam amortecer minha dor, eu iria para o meu quarto de hóspedes, onde guardava a caixa, e ficava sentada ali por horas, tirando item após item, segurando cada um na minha mão. E eu lembrava de como eu quebrei alguns dos grandes vilões do mundo.

Se a minha confissão assustou Des, ele não demostrou isso. De fato, sua expressão ficou mais faminta. O lado fae dele está positivamente feliz por ouvir essa minha perversão.

— Eu... descobrir sobre essa caixa em uma das vezes que visitei sua casa— admite Des.

Minha testa enruga. Ele sabia? Eu acho que estou alarmada.

— Então por que você perguntou? Eu digo.

Des começa a me apoiar, me levando com seu corpo para a varanda de sua câmara. — Eu queria ouvir você dizer isso.

Atrás de mim, a brisa fresca da noite agita meu cabelo. Eu me viro e saio, minha pele descascando.

Ao contrário das terras banidas, Somnia está inundado de magia. Ela irradia todas as noites com as flores desabrochando com cada duende que gira com as rajadas de vento. E amarra cada pluma de nuvem decadente e escorre como chuva dos céus. E agora eu sou parte disso, com a minha magia fae devido ao vínculo que me liga a esse rei de cabelos brancos.



Eu olho para Des enquanto me sento no chão de pedra da varanda.

Ele não tem ideia de como estou apaixonado por ele. Seria impossível para ele entender.

Eu devo estar fazendo uma cara estranha porque ele pergunta: — O que foi, querubim?





Este é o ponto da nossa conversa em que trocamos por segredos. Ele me dá algo que eu quero e confesso alguma verdade cobiçada. Você sabe, nosso típico dar e receber.

Eu lembro dos olhos tristes de Des. *Callie, você não me deve. Não por algo assim.*

Ele também não me deve por algo assim.

Eu sacudo minha cabeça. — Eu te amo muito. Você nunca saberá realmente.

Suas feições afiam e o olhar em seus olhos se intensifica. — O jeito que os faes amam… É da mesma maneira que nós vivemos. É imortal, violento, irracional e inflexível. — Eu entendo suas palavras, querubim, porque há aspectos do meu amor por você que são, simplesmente, *incomensuráveis*.

Meu coração começa a galopar enquanto nos encaramos, nossa conexão cantando para mim. Eu posso sentir Des debaixo do meu esterno, mesmo quando olho para ele. Ele está sempre em mim, sempre uma parte de mim. É a sensação mais estranha.

Nunca quebrando o contato visual, Des levanta a mão. Do fundo de seus aposentos, uma garrafa de algo rosa e borbulhante flutua em sua palma aberta. Alguns segundos depois, duas taças elaboradas escorregam para a outra mão.

O Negociador se acomoda ao meu lado, as costas encostadas na parede. Ele abaixa os itens e, um momento depois, a garrafa se solta e começa a derramar.



— Qual é a ocasião? — Eu pergunto, observando a espuma líquida rosada que preenche as taças.

— Minha alma gêmea sobreviveu um dia nas Terras Banidas - e conseguiu sair de lá com a coroa do reino. Eu diria que é uma ocasião que vale a pena comemorar.





Algo morno floresce abaixo do meu estômago. Algo que se parece muito com um amor bobo e feliz - e talvez um pouco de orgulho também. Eu ajudei a desvendar o mistério do despertar de Galleghar.

Quando as taças de champanhe estão cheias, uma delas flutua para mim.

Eu pego e olho a bebida. — Isso é seguro para beber, certo? — Eu pergunto. — Não é como a versão rosada do vinho lilás? -

— Você me pegou, amor. Eu estou esperando te deixar crescer um par de orelhas pontudas, — Des diz, pegando seu próprio copo.

Eu olho para minha bebida, giro, me pergunto se eu deveria beber depois de ter uma enxaqueca, então uma pílula mágica que sabe-se lá quais são seus efeitos colaterais.

Des não olha para mim quando ele diz: — Eu não deixaria você beber isso se eu achasse que estava colocando você em risco.

Eu olho rapidamente para ele.

— Por favor, me diga que você não está perguntando como eu sei sobre isso. Não tenho certeza se meu ego se recuperaria desse tipo de desrespeito.

Deus me livre, eu me perguntar como Des pode saber uma coisa tão boba.

— Seu ego provavelmente poderia cair um pino ou dois— eu digo.

Ele aperta um dedo na minha boca. — Shiii, querubim. Você não sabe do que está falando.



Eu belisco o dedo dele. Em resposta, os olhos de Des se tornam como pequenas putas sensuais.

— O vinho fae não age da mesma maneira que o vinho humano— diz ele distraidamente. — Agora faça isso de novo.

Se eu fizer *isso de* novo, estarei seriamente ameaçando transformar





isso em uma grande festa (o que é sempre divertido). No momento, porém, eu meio que só quero saborear essa coisa entre nós. É nossa amizade de oito anos - com um pouco de sexo.

Eu tiro o dedo dele e trago o vinho para a minha boca. — Então.

— Então— ele repete, seu olhar treinado em meus lábios.

Ele é insuportável de olhar, com seus olhos claros e cabelos ainda mais claros. Vou me aprofundar e deixá-lo me levar para dentro para que eu possa ter o meu caminho com ele se eu continuar comendo ele com os olhos.

Eu recolho as minhas pernas e olho para o seu reino, desesperada para segurar esse momento.

— Eu nunca pensei que estaria aqui— eu digo, respirando fundo enquanto meu olhar passar por Somnia. — Todos esses anos atrás. Quer dizer, eu sempre esperei que você me trouxesse, mas nunca pensei que estaria aqui um dia.

O olhar de Des cai pesado em mim. *Eu pensei*, parece dizer.

Depois de vários momentos, ele volta sua atenção para a noite. — Eu nunca imaginei que seria nessas circunstâncias.

As minhas asas recolhidas picam com as suas palavras, chamando minha atenção para longe da nota ameaçadora em sua voz pelo fato de que eu sou uma parte deste mundo, com todo o seu horror e injustiça, e me encaixo aqui como nunca me encaixei na Terra. Eu tenho escamas, asas, garras e poder fae correndo em minhas veias. Eu me sinto... devidamente mágica neste lugar.



— Acha que Typhus ainda está vivo? — Eu pergunto, mudando de assunto.

O Negociador solta uma gargalhada. — Improvável.

Isso é uma pontada de culpa que eu sinto?





— Callie, não se sinta mal pelo homem.

Eu faço uma careta no meu vinho (a merda é super boa). — Ugh, você é como um leitor de mentes esta noite.

— Estou falando sério.

— É fácil para você dizer. Você tem feito as pessoas desaparecerem por décadas. Eu apenas vi isso em primeira mão.

Des olha para mim como eu fosse fofa, estranha e exasperante tudo ao mesmo tempo. — Você esqueceu de todas as coisas terríveis que o fae confessou? -

Coisas como estupro, coerção, assassinato e vinte minutos de outros atos terríveis.

Eu tomo uma bebida e balanço a cabeça.

— E você ainda se sente mal? -

Aceno com a cabeça. A borda da taça de champanhe balança entre meus dentes enquanto eu brinco com ela. — Não, sim. Talvez? -

Eu matei faes apenas algumas noites atrás; condenar um homem à morte definitivamente não supera isso. Então é ridículo me sentir mal por isso quando eu não derramei uma lágrima pelas pobres almas que eu matei e não foi a muito tempo ...

Eu não sei porque me sinto assim. Nada faz mais sentido.

Des inclina a cabeça contra a parede, olhando para as estrelas. — O diabo está nos detalhes, você sabe. Aqueles dentes e ossos que Typhus usava, ele pegou de cada uma de suas vítimas - alguns enquanto eles ainda estavam vivos, alguns pouco depois que eles morreram.



Isso deveria me fazer sentir melhor, não. Minha alma gêmea arrancou muitos dentes ele mesmo. Ele é um homem mau também. E isso não o faz merecedor de morte - pelo menos não no meu livro.





— E sobre o empréstimo de magia? — Des continua. — O processo é chamado de cobra, e apesar de Typhus falar de maneira arrogante e impessoal, não é assim — diz Des.

Eu olho para o meu vinho fae. — Então como é isso? -

— Lembra daqueles horcruxes[1] em Harry Potter?

Eu começo a sorrir apesar da situação. — Você realmente está fazendo uma referência HP aqui, agora? — Eu pergunto, olhando para Des.

— Eu tenho sua atenção, não é?

— E todo meu amor.

Quero dizer, eu sabia que ele era material de alma gêmea antes, mas isso praticamente selou o acordo.

O rosto de Des fica sério. — Essencialmente, quando você troca magia, você está transferindo mais do que energia bruta. Você está movendo um pedaço de si mesmo também.

Isso é imensamente assustador.

— Não é para ser considerado algo simples. A maioria dos faes, se decidir fazer isso, passa séculos escolhendo o indivíduo certo - mesmo assim, é um negócio complicado. Amantes brigam, famílias se dividem, amigos enganam. Acontece. Você nunca pode garantir que a pessoa com quem você compartilha magia será sempre seu aliado.

— Para um fae dar seu poder a um estranho - e nas Terras Banidas, onde a própria terra drena a magia de um fae surpreendentemente rápida - tal troca é semelhante ao suicídio.





[1] objeto criado por meio das Artes das Trevas, a qual guardaria um pedaço da alma do bruxo que a criou.



— Typhus fez isso com todos lá. Forçando-os a dá a magia coagindo aqueles faes, você ajudou a corrigir um erro.

Eu tomo um gole do meu vinho. — Você já fez isso? — Eu pergunto. — Você já ... pegou a magia de alguém?

O Negociador me dá um olhar de derreter a calcinha do meu corpo. — Eu daria à minha alma gêmea. Você acha que isso conta?

Eu sorrio para minha bebida. — Você está admitindo que eu tenho um pedaço de sua alma?

Seus olhos mergulham nos meus lábios. — Mais que um pedaço, querubim.

— Ei vadia fez uma boa viagem? — Temper pergunta no dia seguinte, quando ela entra na biblioteca onde Des e eu passamos a manhã.

Assim que ela entra, uma dúzia de pincéis diferentes se afastam da enorme tela em que Des está trabalhando. Ele não está quase pronto, mas eu já sei que imagem ele está trazendo à vida. Há o salão do baile do reino da Flora, decorado com milhares de plantas florescentes, e entre tudo isso, lá estou eu, minhas asas negras dobradas em minhas costas, meu cabelo cintilando com o céu noturno. Eu estou olhando diretamente para o espectador, meus olhos escuros parecendo perturbados e maliciosos de uma só vez.



Ele está capturando a noite em que ele colocou as estrelas no meu cabelo.

Eu não falei ao Negociador que fico um pouco excitada olhando para a pintura, que pela primeira vez pareço pertencer a algum lugar.

— Foi interessante— eu digo, tomando um gole da minha caneca de





café. — Se divertiu na minha ausência?

— Eu consegui— diz Temper, seus dedos passando sobre uma prateleira próxima de livros. — Voltei para aquele alfaiate para conseguir mais roupas de faes. — Ela passa a mão pelo seu traje, e puta merda, por que só agora estou percebendo o que ela está vestindo?

O vestido - sim, minha melhor amiga escolheu colocar um vestido antes do meio-dia - parece com água da chuva, cada gota individual brilhando enquanto ela se move. Em na cascata que está abaixo da saia está o que se parecem lírios de água, as flores artisticamente colocadas de modo a esconder todas as suas partes incriminadoras. O decote do vestido é tão baixo que afunda até o umbigo.

É extra pra caralho.

— Você ameaçou o alfaiate novamente? — Eu pergunto. Da última vez que estávamos nos arrumando, ela ficou um pouco irritada.

Temper limpa a garganta. — Eu chamo isso de *incentivo*.

Oh puxa.

Os olhos de Temper se movem para a pintura e ela assobia.

— Porra, Desmond, eu não sabia que você pintava.

Ele levanta um ombro. — Quando estou inquieto.

Malaki entra imediatamente, sua imponente estrutura enche a porta. Imediatamente, meus olhos encaram os chupões em seu pescoço. Ele poderia tê-los removido - seria preciso apenas uma pitada de magia - e, no entanto, lá estão eles. Na verdade, não só Malaki *não* removeu os chupões, como também amarrou os cabelos num coque exibindo-os ainda mais.



Alguém deveria dizer a ele que os chupões só eram legais no ensino médio.

Quando Temper me pega olhando, ela balança as sobrancelhas.





Eu mordo meu lábio para evitar a minha risada. A piada é por causa dela porque todos os dias ela amarra esse fae e ele é o menos propenso a deixá-la escapar de suas garras. E Temper *não* faz compromisso.

— Então? - Diz Malaki, sentando-se ao lado de Des, seu relógio de bronze captando a luz. — Como foi a sua visita às Terras Banidas?

Temper se senta ao meu lado. A manga de seu vestido roçando no meu braço, amortecendo uma parte das minhas roupas.

— Todos os encantamentos da tumba ainda estão no lugar, não há sinal de arrombamento e, no entanto, o corpo se foi— diz Des.

Eu suprimo um arrepio com a lembrança daquele túmulo vazio. No último mês, Galleghar Nyx tem andado à vontade.

— Como isso é possível? - Pergunta Malaki.

Des enrola um pincel entre os dedos. — A melhor informação que recebemos foi que uma sombra o recuperou—

As sobrancelhas de Malaki se franziram. — Uma *sombra*? É este o ladrão que estamos lidando?

— Provavelmente— eu digo.

Ele amaldiçoa. — É claro que os dois piores faes do mundo decidiram se unir. — Ele balança a cabeça e passa a mão nos olhos. — Como diabos isso aconteceu?

— Porra, se eu sei— diz Des, jogando o pincel de lado. — Você está no clima para um pouco de reconhecimento? -

O rosto de Malaki é sombrio. — Isso tem a ver com o seu pai idiota?

Des inclina a cabeça.

O olho do general brilha. — Eu adoraria nada mais. — O rosto e o tapa-olho com cicatriz de seu amigo parecem um pouco sinistros à luz.







O Negociador começa a sorrir. — Bom. Eu gostaria que você encontrasse algumas de nossas antigas conexões em Barbos. Diga-lhes que o rei morto ressuscitou e qualquer um que tenha conhecimento de seu paradeiro será generosamente recompensado.

— E se alguém puder me levar até ele? - Pergunta Malaki.

— Relate de volta para mim primeiro. Eu não quero perder ele. Ah, e a propósito... - Os olhos de Des pousam nitidamente em Temper - sejam discretos.

— Por que você está olhando para mim? — A voz de Temper ficou várias oitavas mais altas do que as de todos os outros.

O Negociador arqueia uma sobrancelha.

— Eu sou tão filho da puta discreta como vocês gozam—diz ela.

Eu estou tentando muito, muito difícil não rir, mas a guerra é *real.*

Malaki dá um aceno de cabeça conciso. — Seremos discretos— garante a Des.

A feiticeira bufa. — Vocês precisam ter suas cabeças verificadas. Eu *não* sou o problema. — Ela se vira para Malaki. — E *você* não precisa fazer promessas por mim. Eu nunca disse que iria.

— E você não precisa. — O Negociador está de pé. — Mas se você acha que ficar aqui irá se divertir com Callie, ficaria muito desapontada. A futura Rainha da Noite tem negócios oficiais que a levarão para longe do palácio.



Demoro um segundo para perceber que Des está se referindo a mim.

— Espere— eu digo: — Eu não concordei em ser rainha.

— Sim— Temper concorda, — minha garota não concordou — o *quê*? — Ela se vira para mim. — Cadela, você perdeu sua cabeça? Pegue a





coroa e use essa merda como se fosse seu direito de nascença.

Ignorando Temper, o olhar de Des cai sobre mim, suas feições duras. — Peço desculpas, a *consorte* do Rei da Noite tem negócios oficiais que a levarão para longe do palácio.

Eu encaro o meu companheiro. Eu posso não ter saltado a bordo com todo esse negócio de rainha, mas com certeza não quero ser conhecido simplesmente como o *consorte de* outra pessoa.

— Heeeeeeei! — Temper grita, caindo de volta em seu assento. — É melhor você dormir com um olho aberto, Desmond. Eu vi minha garota fazer os homens pagarem por menos.

Ele ainda está olhando intensamente para mim. — Isso é estranho. Desde que conheci Callie, ela é quem *paga* pelos meus serviços. Eu admito, vai ser bom não ser a prostituta em nosso relacionamento pelo menos uma vez.

Temper sorri, avaliando Des tudo de novo. — Foda-se um olho. Durma com os dois olhos abertos.

Balanço a cabeça na direção de Des enquanto estou em pé, meus olhos se abrindo. — É hora de ir.

Damos despedidas curtas a Temper e Malaki, depois saímos da biblioteca.

— Você percebe o quão perto você esteve de ser encantado, não é? — Eu digo enquanto andamos pelo corredor.



Os olhos de Des parecem estar rindo de mim. — Você diz isso como se eu me importasse.

A maioria dos homens importariam. Então, novamente, Des não é como a maioria dos homens.

— Então, o que é esse negócio oficial? — Eu digo, mudando de assunto.



O rosto do Negociador fica sombrio. — Agora que os reinos da Flora e da Fauna caíram, o Reino do Dia é nosso único aliado. Você e eu vamos visitá-los.





CAPÍTULO 14

EU SINTO O CHEIRO DOS corpos antes de vê-los.

Des e eu mal saímos da linha ley e entramos no Reino do Dia quando o cheiro de carne queimada me agride.

Eu não sei o que eu estava esperando do Reino do Dia quando Des me disse que íamos visitá-lo, mas não era isso.

Eu protejo meus olhos contra o sol ofuscante e brilhante até que eles se ajustem à visão diante deles.

Tudo ao nosso redor, o mundo está em chamas. Piras tão grandes quanto casas se estendem até onde os olhos podem ver, e eles rugem enquanto queimam. Uma fumaça espessa e oleosa sai deles, torcendo-se no ar e transformando o céu em uma névoa avermelhada.

Nós contornamos ao redor deles, um por um, a fumaça oleosa cobrindo minha pele. Eu começo a suar com o calor que sai deles. É abafado, sufocante.

Ao nosso redor, as chamas atingem o alto do céu, como se estivessem tentando tocar o próprio sol. Por mais ardente que seja cada inferno, ainda posso distinguir os corpos internos. Há dúzias deles empilhados uns sobre os outros, suas formas enegrecidas queimando. Seus uniformes queimaram há muito tempo, mas eu não preciso vê-los para saber que esses são os soldadas adormecidas que invadiram o Reino do Dia.

Então foi assim que o aliado final de Des derrotou o inimigo. Eles simplesmente mataram todos eles.

Meus olhos passam pela paisagem novamente. Des e eu chegamos à beira de uma grande ilha flutuante. Aqui, onde a terra dá lugar ao céu, as piras foram colocadas como sentinelas sombrias. Além delas, só consigo



distinguir o contorno nebuloso de um emaranhado de floresta que parece ser uma cadeia montanhosa a distância.

O sol brilha sobre nós através da neblina, e em qualquer outro dia, tenho certeza que este reino seria uma visão gloriosa, mas agora, o lugar é como vinho estragado.

Ao meu lado, o Negociador olha para o sol, que agora queima sangue vermelho através da névoa de fumaça.

— Eu sempre odiei este lugar— diz ele. — Muito brilhante para o meu gosto. Mas isso... -Ele balança a cabeça. — Isso me faz desejar aqueles dias insuportavelmente brilhantes. — Ele pega minha mão, e com isso, nós dois nos dirigimos para as montanhas próximas.

— NÓS NÃO IREMOS ANDANDO POR todo o caminho, Vamos? — Eu olho acima de nós quando passamos sob uma árvore verde brilhante, flores violetas crescem a partir de seus ramos. Ao nosso redor, a vegetação pressiona de todos os lados. Eu só consigo ver cerca de quinze metros à frente, e é *tudo* selva.

— Anime-se, querubim, você me tem como companhia, e eu sou um *excelente* falador.

Porcaria, estamos totalmente andando todo o caminho. Isso suga bolas extras quando o ar cheira a um cemitério.

Eu estremeço— O cheiro pode me matar primeiro.



Des arranca uma flor azul-escura de uma videira próxima, colocando-a atrás da minha orelha. — Não podemos ter isso agora— diz ele.

Ele nos leva a uma escadaria que eu quase não vi porque ela combina muito bem com os arredores. É feita a partir de vinhas e folhas e termina em um tronco de árvore e sobe alto no ar.





Uma vez que estamos nivelados com as copas das árvores, os níveis da escada se transformam em uma ponte que balança conforme caminhamos por ela.

— Qual é o problema da ponte? — Eu pergunto.

— Como assim? — Des pergunta, desaparecendo apenas para reaparecer a vários metros no final da ponte, braços cruzados.

— Ugh, você nunca 'anda' até o palácio, não é? Você simplesmente se tele transporta até lá.

Os olhos de Des brilham. — Às vezes, ok, na *maioria* das vezes, mas isso é porque Janus odeia muito.

Assim que eu o alcanço, ele desaparece, ressurgindo mais longe da ponte, onde se contorce entre as árvores.

— Você vai fazer isso o caminho todo? — Eu reclamo.

— Talvez.

— Bem, você pode me fazer desaparecer com você pelo menos? - Eu pergunto, afastando um pouco da fumaça nebulosa que está pairando no ar.

— Não funciona assim - não a menos que nós doamos o nosso poder.

— Mas eu pensei que estar ligado significava que nós compartilhamos magia. — Enquanto eu falo, eu abro a nossa ligação e puxo o poder de Des.

— Nós compartilhamos, querubim, mas não funciona exatamente da mesma maneira e -— Eu vejo seus dentes quando ele solta uma risadinha, — você está tentando usar minha magia.



Você pode me culpar? Quer dizer, o cara pode se tele transportar. Eu quero fazer isso. A ponte de corda é legal e tudo, mas eu não quero *andar*.

Eu puxo o nosso vínculo pela última vez, sentindo a magia de Des





deslizar em minhas veias e viajar até as pontas dos meus dedos. Por um breve momento, o ar sutilmente escurece. Então se dissipa junto com os poderes de meu companheiro.

— Tudo bem— eu digo. — Eu vou parar, mas não estou feliz de estar andando.

— Devidamente anotado.

— Nós poderíamos voar.

— Nós poderíamos— concorda Des, que é como um fae falando um *sim, não.* Desde que eu não sei onde o nosso destino é precisamente, eu estou presa seguindo sua bunda. A pé. Bu!

Eu ando pelo caminho tortuoso. — Eu ainda não entendo essa ponte— murmuro.

Eu entendo a necessidades das pontes quando há rios e abismos que tornam a caminhada impossível, mas o chão da floresta parece perfeitamente bom para andar. — Quer dizer, se meus pés tocarem o chão, a terra vai se rasgar e me engolir inteira? -

— Se ele tivesse algum gosto pelas mulheres, então sim, isso *definitivamente* aconteceria.

— *Des*— eu digo, tentando não rir.

Ele desaparece, reaparecendo mais longe do que antes.

— Onde você vai? Eu pensei que você deveria seria essa incrível conversadora, — eu reclamo enquanto passo minhas mãos pelo corrimão de trança.



Ele sorri para mim de onde ele está a cinco milhões de quilômetros de distância.

— Ou talvez— eu digo, minha pele começando a brilhar, — Eu deveria apenas fazer você caminhar ao meu lado - ou me carregar todo o caminho.

Ele levanta uma sobrancelha, sua alegria óbvia. — Isso é uma ordem?





— Depende.

Mesmo com a distância entre nós, vejo-o sufocar um sorriso.

— Meu, meu, você é muito mandona para uma mulher que não quer ser rainha.

— Ande comigo, Des— eu digo, minha voz melódica.

Imediatamente, o Negociador aparece na minha frente, com as mãos apoiadas na corda.

Eu começo a caminhar, meu corpo balançando. Minhas escamas aparecem ao longo dos meus antebraços, minhas garras afiam.

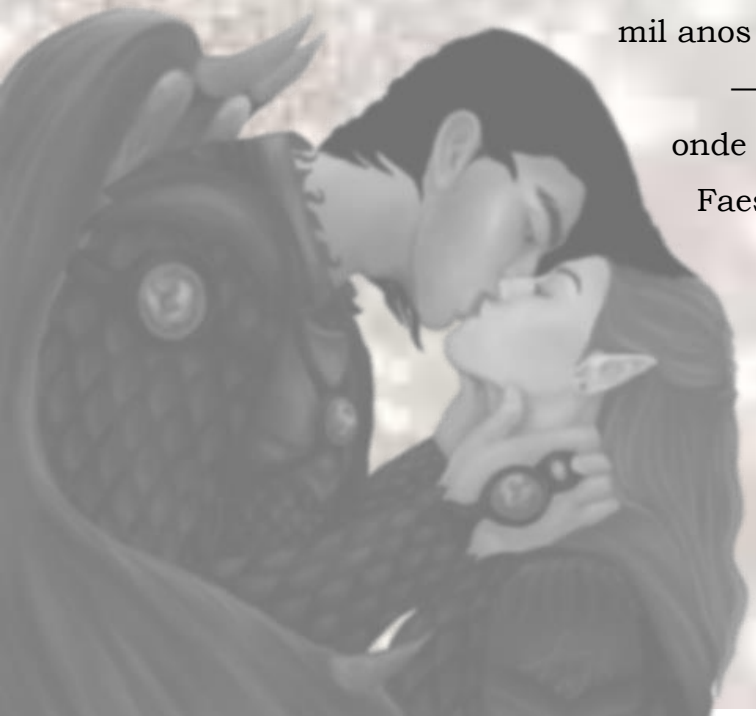
Des começa voltar para mim, seu olhar nunca deixando o meu. — Então assim que vai ser? Você me encanta até que eu me submeta a você? - Seus olhos prateados brilham, seus cabelos brancos soltos em volta do rosto. Ele parece o tipo perfeito que eu quero corromper e ser corrompida.

Eu pego sua camisa antes que ele possa voltar mais, minhas garras, rasgando-a no processo. Eu o puxo para mim, pressionando um beijo nos lábios dele. — *Sim*— eu sussurro contra ele.

Com isso, eu o libero minha pele gradualmente desaparecendo de volta à sua cor normal.

Nós dois começamos a caminhar, atravessando a passarela suspensa.

Eu toco meus lábios, o gosto de Des ainda na minha língua. — Esse sentimento entre nós algum dia vai desaparecer? — Pergunto. — Em três mil anos ou o que quer que seja ...



— Querubim— Des interrompe, — de onde você está tirando suas informações? Faes não vivem *tanto* tempo.

— E é essa coisa entre nós um dia vai desaparecer?

O Rei da Noite para para pegar minha mão, colocando-a entre as suas. Então ele começa a recuar, me





puxando junto com ele. — Há certas coisas na vida que desaparecem com o tempo— diz ele, seu olhar fixo no meu. — O que temos, Callie, não é uma dessas coisas. Nosso vínculo só se fortalecerá ao longo dos anos.

Ele me puxa, a luz do sol salpicando a sua pele. — Eu sempre estarei aqui por você - quando você fizer trinta e quando você virar trezentos.

— Não esqueça de três mil— eu digo.

— Se você desafiar as probabilidades e viver até lá, então eu também. Ele aperta minha mão, seu rosto ficando sério. — Eu estarei com você no seu melhor dia e estarei com você no seu pior dia. Eu estarei lá para segurar nossos filhos...

Eu levanto uma sobrancelha para isso.

— Nós vamos ter *muitos* filhos— ele me informa.

— Oh somos nós agora?

— E eu estarei lá para todos eles. Eu estarei lá quando o último dos seus amigos mortais fizer seu último suspiro. Eu estarei lá através de tudo, e eu vou te provocar e te enfurecer, e te esbanjar com o que seu coração desejar, porque a única coisa que a minha deseja é você. —

Eu dou-lhe um sorriso trêmulo, tentando não mostrar a ele o quão profundamente suas palavras me tocaram. — Sim— eu digo.

Resposta curta sempre.

Em vez de provocar, Des ri e rouba um beijo — E agora eu vou andar ao seu lado o resto do caminho, porque eu finalmente, *finalmente*, provoquei você a ser desobediente e usar seu encanto.



Isso foi ele me *provocando*?

Ele dá um beijo nos meus dedos, depois solta minha mão para que ele possa andar na minha frente. Nós dois ficamos em silêncio por um tempo depois disso.





Em algum momento, começo a ouvir o barulho de passos - muitos e muitos passos. À distância, as árvores tremem violentamente e, por um momento, volto ao bosque de carvalhos de Mara, observando as árvores se contorcerem e se abrirem.

A memória se dissolve quando os soldados do dia aparecem, sua armadura dourada brilhando quando eles se aproximam de nós.

Des pisa na minha frente, suas asas brilhando para a vida em suas costas. Elas se esticam, as garras afiadas parecem particularmente ameaçadoras.

Os soldados do Dia se aproximam de nós, suas espadas brandidas.

Jesus. Seu lema também poderia ser: Bata primeiro, perguntas depois.

Des cruza os braços. — *Este* é o bem-vindo que você dá ao último aliado que restou ao seu reino? — Ele fala. -Janus informou que ele estava esperando a visita do Reino da noite?

As armas dos soldados baixam apenas uma fração, mas ainda estão de olho em nós dois - particularmente em mim - com suspeita.

— Onde está a sua comitiva? — Um deles exige.

— Se recuperando da batalha— diz Des. — Eu achei prudente não trazer mais soldados para a sua porta, vendo como… calorosamente seu reino recebeu o último lote que visitou.

Mesmo aqui eu posso pegar o cheiro daquelas piras ardentes.



Os soldados a contragosto abaixam suas armas completamente, e um começa a falar.

— Por decreto do Rei do Dia, Senhor das Passagens, Rei da Ordem, Caixa da verdade e Portador da Luz, Janus Soleil das Ilhas da Luz, você está agora sob a custódia do reino até a hora que a Sua Majestade.





— Eu não penso assim— Des o interrompe — Você vai nos tratar como convidados reais que somos, ou vamos embora. É simples assim. — Suas asas se dobram em suas costas. — Agora, vocês não vão querem ser os responsáveis por evitar essas conversas, não é?

Quando o soldado não responde, outro avança.

— Por favor, Alteza, sentimos muito pelo mal-entendido. Nosso bom rei está ansioso para se encontrar com você. Esse caminho por favor.

E com isso, retomamos nossa jornada.

Leva um tempo irritantemente longo para chegar ao palácio. Quer dizer, a caminhada é pitoresca e tudo, a floresta é exuberante, o chão salpicado de poços cintilantes e riachos ondulantes, e blá, blá, blá - muita merda. Mas ainda é uma caminhada estupidamente longa, e agora que Des e eu temos cinco bilhões de guardas nos cercando, nossa conversa é quase inexistente.

Para ser justa, *estou* me divertido. Des passou a maior parte da última hora trançando o cabelo de um guarda em pelo menos cinquenta tranças (ele ainda não percebeu) e movendo os galhos para o lado do outro guarda.

— Mãe fodida das árvores— resmunga o fae em voz baixa. — Eu juro que eles estão vindo na minha direção.

— Falando mal dos espíritos, Sythus— diz outro.

À nossa frente, a floresta se abre e...



Meu Deus.

O palácio se ergue como uma montanha dourada na selva. O castelo do Rei do Dia é brilhante, cegando em ouro. É tão impressionante a cascata que a atravessa, mergulhando em uma bacia escondida por dezenas de outros edifícios que se agrupam ao redor do palácio.





— Uau— eu suspiro.

Um dos soldados sorri para mim. — Bem-vinda a Avalon.





CAPÍTULO 15

APESAR DE TODA A opulência do Reino do Dia, Avalon é uma cidade fantasma. As ruas da cidade estão praticamente abandonadas, embora ainda haja o cheiro persistente e profano de magia negra. Mas não há corpos nem sangue - os desprazeres da batalha foram transferidos para a periferia da ilha.

Mesmo quando entramos no castelo propriamente dito parece abandonado, nossos passos ecoando no espaço cavernoso.

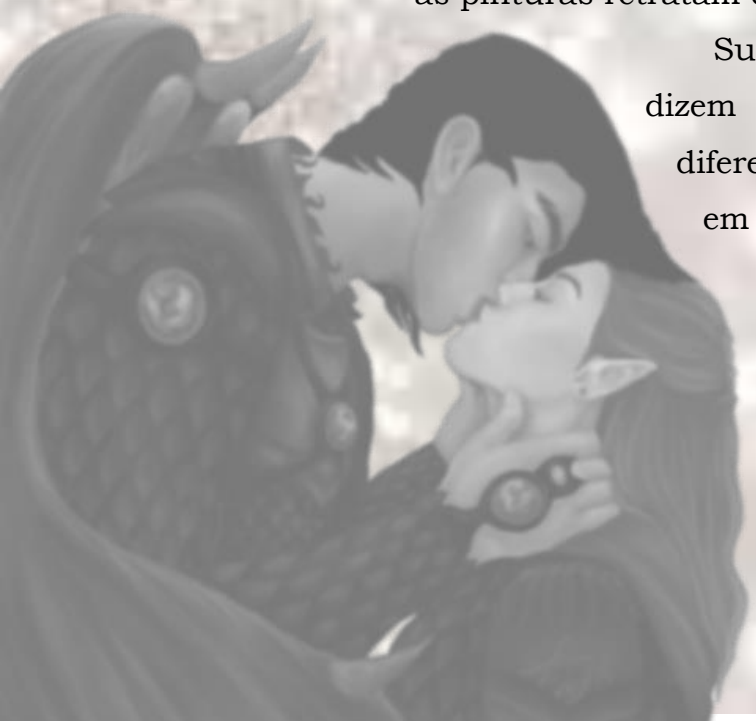
Eu olho em volta, procurando por servos, ajudantes, nobres, soldados - *qualquer um* - mas estamos aparentemente sozinhos.

O grupo conosco entrou em um grande salão de baile, o ar tocava com o cheiro persistente de sangue e magia queimada. Eu olho para cima quando uma sombra salta do corrimão dourado acima de nós, descendo na minha frente e de Des.

O fae aterrissa com força, um punho no chão. As asas às suas costas estão desdobradas, suas penas brancas tingidas de ouro. Ele parece um anjo como Des um demônio.

E só quando ele levanta a cabeça que percebo que estou olhando para o rosto de Janus Soleil, o Rei do Dia.

Seu cabelo brilha e seus brilhantes olhos azuis brilham como topázio. Seria fácil confundir o rei do Dia com um anjo. Ele é tudo o que as pinturas retratam dos anjos.



Suas orelhas pontudas são as únicas que dizem que ele é algo completamente diferente. Bem, isso e o brilho duro e astuto em seus olhos.

Janus não tem sangue nele, mas eu apostaria dinheiro que ele matou dezenas desses soldados em chamas.

A expressão do Rei do dia é relaxada. — Desmond Flynn, eu





tenho esperado ansiosamente a sua chegada. — Seus olhos se movem para mim. — Callypso— ele diz, com os olhos cautelosos enquanto ele acena para mim, — é bom ver você de novo.

Sua recepção fria me lembra que não foi a muito tempo eu o acusei de me sequestrar.

Janus tinha um gêmeo, um gêmeo que morreu. A primeira vez que você o conheceu, você estava realmente me encontrando.

Foi o Ladrão que me capturou afinal, o Ladrão que usava o rosto de Julio, quando ele me arrancou do quintal de Des.

O Homem Verde estava morto quando o ladrão usava seu corpo. Julios estava morto quando o ladrão usava *seu* corpo. E aquele soldado ruivo, aquele que eu entrevistei, ela mencionou ser atraída pelo irmão morto.

Puta *merda.*

Eu balanço um pouco quando um padrão começa a se formar.

— Callie. — A voz de Des corta o grito da minha cabeça.

Meus olhos se movem para ele.

— O que foi? — Ele pergunta suavemente.

Meus olhos se movem dos dele para os de Janus. — O ladrão das almas pode usar os rostos dos mortos.

Nós TRÊS encontramos um lugar isolado para conversar - correção, mais isolado. Honestamente, a coisa toda parecia desnecessária. Não há ninguém no palácio para escutar.



Não voltamos a conversar até que estávamos seguramente nos aposentos privados do Rei do Dia. Até então as asas de Janus foram postas de lado, mas sua expressão feroz permanecia.

Quanto ao que ele ou Des pensam sobre minha pequena revelação, é difícil dizer. Nenhum





deles *parece* surpreso, mas os faes parecem ter ótimas caras de pôquer. Mas se eu assumisse que iríamos falar sobre isso em particular, então eu assumi errado. Nenhum rei aborda o assunto novamente.

Quero dizer, eu sei que não sou Sherlock Holmes (não diga isso aos meus clientes), mas isso é algo, certo? Certo?

Janus nos leva a um aglomerado de cadeiras. Descansando entre os assentos há uma pequena mesa com uma garrafa e um conjunto de copos.

Bem, pelo menos há bebida. Eu poderia usar um pouco da bebida.

Sento-me, minha atenção se deslocando para um mural vívido na parede à minha esquerda. Metade da imagem é pintada em ouro, a outra em preto. De um lado está um homem de ouro, raios de luz emanando de seu corpo; ele segura seu inimigo ajoelhado pela garganta. O homem capturado usa algemas nos pulsos e tornozelos, e tudo além dele é pintado nos mais escuro dos negros.

— Você gosta? — Janus pergunta, sentando-se à minha frente. Ele alcança o decantador entre nós, derramando o líquido em três copos.

Eu olho para o mural. O que eu devo falar? Que a pintura é apenas algo para se olhar? Que a coisa mais fascinante sobre isso é a pequena tanga fofa que cada homem usa?

Isso seria uma ótima resposta.

— Uh, sim— eu digo.



— É chamado Banimento de Euribios— diz Janus, entregando-me um copo cheio de líquido esmeralda. Ele entrega outro para Des. — Representa a luta entre Brennus, o deus da luz e da ordem, e Euribios, o deus das trevas e do caos.

Há uma batida de silêncio, então ...





— Eu pensei que Fierion e Nyxos eram os deuses da luz e da escuridão?

Janus se serve de uma taça do mesmo licor. — Fierion e Nyxos vieram depois, depois que o Outro Mundo foi formado. Esses eram os deuses- primitivos - dos quais a criação nasceu — diz ele, virando o olhar para a parede. — Isso captura o momento em que Brennus derrotou seu inimigo e o baniu para o canto mais distante do universo. Este é o momento em que o Outro Mundo surgiu.

Eu bato meu dedo contra o meu copo. — E a mãe e o pai?

— Eles também vieram depois. Eles eram os filhos desses primeiros deuses.

— Isso tudo é muito fascinante— interrompe Des, — mas talvez possamos chegar ao motivo da visita? — Ele descansa em seu assento, o copo na mão, as pernas abertas.

Janus chama sua atenção do mural. — As minhas histórias te entediaram, Rei da Noite?

— Sim— Des diz categoricamente.

O canto da boca de Janus se ergue. — Bem. Então vamos para a sangrenta batalha.

— Eu vi você lidando com seus inimigos do jeito antigo— diz o Rei da Noite, levando o licor verde-escuro aos lábios.

O Rei do Dia levanta uma sobrancelha. — Ouvi dizer que vocês ainda estão vivos. — Ele se inclina para frente. — Diga-me, Flynn, como você conseguiu isso?



Os olhos de Des se movem para mim, uma sugestão de um sorriso diabólico em seu rosto. — Não foi eu.

Janus segue seu olhar. — Sua humana parou um exército? — Só agora o Rei do Dia realmente me analisa. — Ora diga, como *isso* aconteceu?





Eu estreito meus olhos. Faes como um todo acham que os humanos estão abaixo delas. Mesmo sendo uma sereia e agora uma fae, aos olhos de muitos faes, sempre serei uma rude mortal.

— Querubim, talvez você possa dar uma demonstração a Janus?

Eu hesito. Eu não sei qual é a penalidade por encantar um rei, mas de volta à Terra, essa merda era um totalmente - não.

Janus toma um gole de sua bebida, me observando por cima da borda. — Parece que sua companheira não está à altura da tarefa— ele provoca.

Você sabe o que, tudo *bem*.

Eu deixo minha bebida de lado e descruzo minhas pernas, rolando meus ombros para trás e deixando a sereia acordar.

Ela se estica como um gato se aquecendo ao sol. Eu sinto minhas escamas ondularem ao longo dos meus antebraços, e minhas asas coçam para se manifestar.

Assim que minha pele se ilumina, Janus fica um pouco mais ereto, seu olhar atraído por mim.

Eu fico de pé, o poder ondulando em minhas veias.

— O grande Rei do Dia— eu digo, minha voz harmonizando.

— Muito arrogante. Se levante para mim.

As sobrancelhas de Janus franzem quando ele se levanta. — O que você está fazendo?



Eu ando até ele, tomando sua bebida de suas mãos e jogando-a de lado. O copo de vidro estilhaça contra o mural, borrifando líquido esmeralda por toda parte. — Dando-lhe a minha demonstração— eu digo. — Isso é o que você queria de mim, não é?

— Sim— ele diz baixinho, intrigado. Seu olhar está preso ao meu.





Eu posso sentir sua magia crescer. Engrossando o ar, cheirando a sândalo e ardendo como o sol.

Há uma coisa que os faes exercem de forma determinada com controle e contenção. Uma coisa que realmente vai provar meu poder.

— Mostre-me suas asas, Janus.

Por um momento, nada acontece. O Rei do Dia continua a me encarar com olhos encantados. Então ele franze a testa e cambaleia meio passo.

Ao meu lado, Des bebe sua bebida, uma expressão satisfeita em seu rosto.

— Como você... — Janus quebra a frase com um gemido. Inclinando-se para a frente, suas asas explodem de suas costas, as penas com uma ponta de ouro cintilando.

Quando ele olha para mim em seguida, ele não parece mais deslumbrado. Não, o rei do dia está cha-te-a-do.

Ele tropeça em minha direção, sua expressão assassina. — Como você ousa ...

— Pare— eu digo.

Ele congela no lugar. — Isto é ...

— O que eu faço— eu digo. Eu me aproximo quando ele me lança um olhar assassino. — Eu sou uma sereia. Eu encanto as pessoas - e agora, graças ao vinho lilás que Des me deu, eu também posso encantar os faes.



— Eu posso encantar *você*. — Meus olhos caem para seus lábios. — Não importa que você seja um rei ou um poderoso fae. Até você pode cair sob meu domínio.

Ele franze a testa para mim.

— Foi assim que parei um exército sem matar todos eles.





— Agora— eu digo, — diga-me sinceramente: se eu te libertar do meu encanto, você vai me atacar?

Por vários segundos, Janus trabalha sua mandíbula, um músculo em suas bochechas. Finalmente, ele diz: — Não.

Eu levanto o olhar. — Que pena— eu faço beicinho. — É muito divertido quando minhas vítimas lutam.

Janus voltou a olhar para mim com curiosidade e pouco interesse.

Eu me sento e pego meu copo. — Isso é seguro para beber? — Eu pergunto, apontando para o meu copo.

— Sim.

— Oh bom. — Eu tomo um gole. — Eu te liberto do meu encanto. —

Janus dá um passo cambaleante para trás. — Deuses do além. — Rapidamente, suas asas desaparecem. — Aquilo foi ...—

— Horrivelmente intrusivo— diz Des. — Eu sei. Minha companheira não é peculiar?

Janus se senta, acenando com a mão. Seu copo quebrado se recompõe, o líquido se reformando no copo. Ele flutua de volta em sua mão, e ele toma um longo gole.

— Eu poderia jogá-la na forca pelo o que você acabou de fazer— diz ele pensativamente.

A sala escurece apenas um toque.

— Isso é uma ameaça? — Des diz, sua voz calma. — Soa muito perto de uma.



— Como você vive com tal criatura? — Janus pergunta, seu olhar deslizando de volta para mim. Apesar de quão abalado ele está, ele parece meio interessado.

Eu sorrio, mostrando meus dentes para ele.

— Eu tento não irritá-la.





Eu dou uma gargalhei com isso, minha pele escurecendo.

— Tudo bem— o Negociador admite, — Eu tento irritá-la, mas só porque ela tem ideias especialmente distorcida de vingança.

Janus balança a cabeça. — Vocês dois são um casal fodido.





CAPÍTULO 16

PASSAMOS UM doloroso número de horas sentado naquela sala, repassando as batalhas que ocorreram em cada respectivo reino. E quando penso que estamos prontos para encerrar as coisas, recapitulamos tudo de novo. E de novo.

Nas incontáveis horas que se passaram (não há noção do tempo aqui, apenas o interminável sol do meio-dia desmoronando pelo palácio), consegui tomar uma quantidade alarmante de álcool esmeralda.

— Bem, acho que é o suficiente por agora— diz Janus, levantando-se. Ele olha para mim com olhos de riso.

Eu dou-lhe um olhar interrogativo, em seguida, viro para Des, que está mordendo um sorriso enquanto ele fica de pé.

Por que sinto que perdi totalmente a piada?

Eu me empurro da minha cadeira, cambaleando, depois quase caindo.

Ei Muito álcool. Aja normalmente.

— Querubim? Des pergunta, segurando meu antebraço.

— Hmm?

Pelo menos a miserável reunião finalmente acabou.

— São *deuses* esquecidos aqui— diz Janus— Temos mais de um deus. — Ops, eu disse isso em voz alta?

— Você disse— diz Janus.

Droga. Cale a boca.

Agora os lábios do Rei do dia se contraem.

— Eu ainda estou pensando em voz alta, não estou? — Eu digo.

— Vamos, bebê sereia— Des diz, escoltando-me para fora da sala.

— Você se divertiu com essa bebida, não foi?



Janus grita atrás de nós — Por que não nos encontramos de novo amanhã?

Eiiii, sem mais reuniões dos *deuses* esquecidos. Obrigada e por nada.

— Callypso Lillis, o seu comparecimento é opcional— diz ele.

Foda-se uma balsa, eu ainda estou pensando em voz alta.

— Desmond— continua Janus, — vocês dois ficarão em seus quartos habituais. Eu acredito que você pode encontrar o caminho para eles?

— Nós podemos— diz Des.

— Bom. Então vocês dois terão uma noite agradável - e por favor sinta-se à vontade para usar qualquer uma das comodidades reais enquanto estiver aqui. Vejo você amanhã.

— Tchau-tchau— digo por cima do ombro, acenando para Janus.

— Oh, e desculpe por insultar você... e encantar você. — Mesmo quando eu digo isso, minha pele cintila, iluminando e escurecendo ao acaso.

Uh oh. Quão bêbado eu sou?

— Muito— diz Des, levando-me para o corredor.

Eu gemo. — Por que você não me impediu de beber?

Ele solta uma gargalhada. — Eu fiz isso uma vez, se lembre de Malibu. Lembre-me novamente o quão bem isso aconteceu?

Eu solto uma risadinha que termina em um soluço. — Eu fiquei *tão* brava. — Brava o suficiente para jogar todo o meu suprimento de bebidas nele.



Eu me inclino em Des. — Eu cheiro como a morte. Por que eu cheiro como a morte?

— Janus está queimando corpos, lembra? Enquanto o Negociador fala, um pequeno sorriso puxa os cantos de seus lábios.





Oh sim.

Eu sutilmente me cheiro novamente. Eca, eu não apenas cheiro como a morte - eu cheiro como se um cadáver se enroscou uma lata de lixo e não terminou bem.

Os lábios de Des tremem.

— Eu acabei de dizer isso em voz alta?

Ele olha para mim, sua expressão alegre. — Você disse.

— *Ugh* — eu lamento. — Por que eu continuo dizendo tudo que eu penso?

Quer dizer, meu filtro não é um dos melhores em um determinado dia, mas isso é ridículo.

- Callie, aquele álcool verde-escuro era licor da verdade- obriga você a dizer a verdade. Ou no seu caso... Dizer ao mundo todo, qualquer pequeno pensamento que cruze sua mente.

Espere o *que*?

— *Por que você não disse nada?*

— Sinto muito, quando eu já dei a impressão de que eu era bom em dá informações?

Eu inclino minha testa contra o braço de Des e solto outro gemido.

— Há quanto tempo falo o que penso?

— Apenas durante o final da reunião.

Não sei o que ele considera o final daquela longa discussão, mas quanto mais tempo se arrastava, mais inapropriados meus pensamentos se tornavam.



— Então Janus sabe que eu estava suando tanto que eu estava preocupada em deixar uma marca na cadeira dele?

— Sim.

— E que eu precisava fazer xixi muito, muito mal?

— Sim.





— E que eu queria bater em você?

— Agora, querubim, esse é apenas um dado.

Eu uivo.

— Por que você não *disse* nada? - Eu lamento enquanto Des me conduz pelo castelo.

— Nós já superamos isso.

— Você bebeu também— eu o acuso. — Por que você não está derramando seu coração?

— Porque eu parei na primeira bebida.

Diferente de mim.

— É um sinal de boa fé beber licor da verdade em momentos de problema— continua Des.

E também um sinal de boa fé deixar sua alma gêmea saber que ela está se fazendo de boba.

— E também— eu digo antes que Des tenha uma chance de abordar esse pensamento meu — não está relacionado mas igualmente importante, por que *diabos* está tão miseravelmente quente aqui? — Eu recolho meu cabelo e o uso para abanar a parte de trás do meu pescoço. — Próximo corpo com água que eu ver, eu estou pulando dentro mortalmente sério.

Des aponta em um arco nas proximidades. — Naquele caminho, leva a uma das casas de banho reais.

— Oh meu Deus, me leve lá.

Um privilégio de estar embriagado - andar não é mais tão infernal. Quero dizer, isso *pode* ser porque no meio caminho da piscina Des se cansa de mim ver tropeçando nos meus próprios pés e decide me carregar, mas isso é um detalhe?



Eu me inclino nos braços de Des e olho para ele.

— Oi.





Ele olha para mim, seu cabelo branco emoldurando seu rosto.

— Oi, querubim.

— Você é meio fofo— eu digo.

Ele levanta uma sobrancelha.

Eu me aproximo mais e traço seus lábios. — Eu não me importaria de ter um pequeno mini Des correndo por aí. Algum dia é claro. Não hoje, mas você sabe, no futuro - ei, se eu sou *querubim*, como você chamaria de nossos filhos? Existe um nome para bebê - bebê anjos?

— Hmm— diz ele, avaliando-me com os olhos baixos. — Tenho certeza de que os chamaria de algo diferente, amor. Agora, por mais ansioso que eu esteja para ter essa conversa, não vou fazer nenhum plano até saber que você será capaz de lembrar delas.

Minha cabeça balança um pouco. — Você quer ter beeeebes comigo— eu canto. — Muitos e muitos e muitos... beeebees comigo. — Eu chuto minhas pernas um pouco enquanto eu digo as palavras, minha pele clareando e escurecendo.

Este álcool está realmente me tomando agora que estou livre daquela reunião chata.

Eu mostro ao Negociador um sorriso brega, estendendo a mão para brincar com o cabelo dele.

Ele dá ao teto do banheiro um olhar sofrido. Você quase podia imaginar que o tempo havia voltado para oito anos atrás, quando eu estava fazendo acordos...



Eu me sento um pouco mais ereta em seus braços. — Ei! — Eu soluço. — Vamos fazer um acord...

— Não.

— Mas ...

Ele me cala com um beijo. Um beijo longo e prolongado que faz meus dedos se enrolarem e minha pele iluminar. Minha sereia surge e, de





repente, o beijo tem 110% do meu foco. Eu envolvo uma mão na parte de trás do pescoço de Des e me jogo no gosto dele.

Tão quente. Ele, esta sala, o beijo, esse reino em geral. Tudo isso.

Antes que eu tenha a chance de transformar o beijo em algo mais profundo, isso termina.

Eu olho para ele. — Eu ainda tenho que fazer xixi muito, muito mesmo.

Ele solta uma gargalhada. — Callie, a assassina de momentos.

— Ei! Você que é o assassino do momento.

— Eu sou agora? — Ele diz.

Ele parece divertido.

— Isso é porque eu estou *me* divertindo — ele responde.

— Ugh, *quando o efeito desse* álcool vai acabar?

— Provavelmente não por um tempo - você bebeu muito dele.

Impressionante.

Des nos leva até uma porta, abrindo-a com seu corpo, e então ele nos faz entrar em um pequeno banheiro.

O Negociador me desce. — Eu estarei do lado de fora.

— Espere. — Eu pego seu braço. — Você vai ficar aqui comigo?

Des inclina a cabeça. — Não há espaço com você, não é? — Ele diz. Seus olhos estão totalmente rindo de mim.

— Isso é um sim, não é?



Ele suspira. — Não posso te negar nada.

Siiimm!

— Ok, se vira para a porta— eu digo, enquanto eu me movo para o sanitário. — Eu não quero que você veja *nada.*

— Céu me livre de avistar a buceta da minha companheira!

— Des!





Ele levanta as mãos. — Estou de frente para a porta. Quer que eu tampe meus ouvidos também? Sim? Não? Talvez? — Se concentre em deles.

Agora eu definitivamente o ouço rir.

Quando tenho certeza de que ele não está olhando e só ouvindo pela metade, levanto minha saia e começo a me sentar—

Eu solto um grito muito pouco amigável quando minha bunda erra o vaso e eu me espalho no chão ao lado dele. Minhas saias estão em volta da minha cabeça, meus inomináveis expostos.

Des se vira. Vou dar-lhe credito - ele não ri, embora eu tenha certeza de que está levando tudo dele para não rir.

— *Querubim.* — Ele vem e me ajuda, então me coloca corretamente no vaso. Ele coloca meu cabelo para trás. — O que aconteceu?

O álcool aconteceu. Isso é o que aconteceu.

Eu cubro meu rosto. — Eu estou tão envergonhada.

O Negociador remove minhas mãos, beijando meus dedos. — Pelo menos você não começou a fazer xixi.

Eu posso ter começado.

— Oh. Comentário redigido então.

Eu *odeio* licor da verdade.

NO MOMENTO EM que o incidente do banheiro que nós nunca falaremos novamente está para trás, o licor se desgastou um pouco.

Des faz um barulho incrédulo no fundo da garganta.

Tudo bem, acabou um pouquinho.

— Tão pouco que a ciência ainda não tem as ferramentas para quantificar uma medida tão minúscula— diz Des.

— Pssh. Por que você tem que ser tão espirituoso o tempo todo?







Ele começa a responder quando eu cubro a boca dele com as minhas mãos.

Seus olhos ainda estão rindo de mim. Quando tenho certeza de que ele não vai dizer mais nada, eu os removo.

Dobramos a esquina e a piscina do banheiro aparece. Grito ao vê-la e pulo, tropeçando apenas algumas vezes ao longo do caminho.

Eu pulo na piscina, suspirando quando a água fria desliza contra a minha pele. Eu estava meio preocupada que a água estivesse opressivamente quente, mas carregava o frio perfeito.

Eu permaneço debaixo d'água, minha sereia perfeitamente contente em ficar aqui embaixo para sempre. Pode não ser o oceano, mas é água, e isso é bom o suficiente.

Quando estou à superfície, Des senta-se ao longo da borda da piscina, um joelho levantado. - Só estou deixando você nadar embriagada porque você é uma sereia e tenho noventa e nove por cento de certeza de que você é incapaz de se afogar. Por favor, não me prove o contrário.

— Pfft. — Eu nado até ele. — Você deveria entrar. A água está boa. Eu sou ainda melhor. — Eu digo, pegando sua mão e puxando.

— Você sabe, você é insuportavelmente adorável, querubim.

Aiiiiii.

Ele sorri para mim.

Eu acho que ele ainda pode ouvir meus pensamentos.

— Eu posso.

Quando o Negociador não escorrega na água, solto sua mão e afundo de novo sob a superfície da piscina. Se ele está contente em apenas me ver nadar, então isso também funciona.

Ah, e um truque legal - se estou debaixo d'água, não posso tagarelar sobre cada pensamento que passa







pela minha cabeça. Na verdade, estou muito contente em simplesmente deitar aqui, no fundo da piscina, até o final dos tempos. É uma alternativa melhor do que o calor escaldante do meio-dia que eu não consigo escapar.

Depois de um minuto ou mais, volto à superfície mais uma vez.

— Quanto tempo devemos ficar aqui? - Eu pergunto.

Já é noite, mas assim como a noite nunca acaba no reino de Des, o sol nunca se põe no Reino do Dia.

— Pronta para sair tão cedo?

Ele parece satisfeito com isso?

Eu concordo.

— Vamos sair amanhã de manhã, logo depois de me encontrar com Janus.

Então, basicamente, vamos sair daqui a três dias, quando a reunião terminar.

Ele se aproxima mais. — Eu mencionei que gosto da sua boca atrevida?

Eu nado até ele, cruzando os braços sobre a borda da piscina. Eu inclino minha bochecha contra elas. A água fria está limpando meus pensamentos um pouco.

— Você sabe um monte de segredos— eu digo, olhando para ele.

O canto da boca do Negociador se curva. — Eu sei.

— Mas você não sabe nada sobre o ladrão das almas.

— Eu sei *algumas* coisas— diz Des, um pouco na defensiva.

— Não muitas.

Ele pressiona os lábios, como se ele estivesse se impedindo de discutir mais. Então, ele levanta as mangas da







camisa, dando-me um vislumbre tentador de suas tatuagens.

Sério, como esse cara não está ensopado em seu próprio suor?

— Eu não entendo, como você pode saber muito sobre tudo, *exceto* pelo mistério que envolve o ladrão de almas? — Eu pergunto.

Des olha para os meus braços cruzados. Estendendo a mão, ele arrasta os dedos sobre a pele exposta. — Para responder a essa pergunta, eu tenho que te dizer como eu sei tantos segredos em primeiro lugar.

Minhas sobrancelhas franzem. — Você negocia por eles.

— Não... Exatamente— diz Des superficialmente.

Mas eu pensei que era assim que ele construiu um nome para si mesmo.

— Eu construí um nome para mim através dos meus negócios e da minha brutalidade.

Certo. Isso também.

Ele continua a acariciar a pele do meu braço.

Ele não vai me dizer.

Os dedos de Des param. Ele respira fundo. — Eu vou te dizer, eu *quero* te dizer. É apenas...—

Seus olhos se movem para os meus. — As sombras falam comigo.

Eu lhe dou um olhar incrédulo.

As sombras... Podem *falar*?



E Des pode ouvi-las?

— *Sério*?

Ele bate na minha pele. — Mhm ...

A mente está oficialmente queimada.

Quero dizer, eu sabia que os faes podiam girar panos ao luar, e colocar estrelas em seus cabelos, então isso não é tecnicamente mais louco do que





eu já vi por mim mesmo, mas ainda assim.

— Isso é tão fodidamente *legal*.

Uma risada sai de Des e seus ombros relaxam. Aparentemente, ele estava nervoso em me contar.

— Querubim, eu nunca fico nervoso.

Ok, esse maldito licor está realmente começando a me irritar.

Odeio ser tão transparente.

— Diga-me mais— eu digo.

— O que você quer saber?

— Tudo! Acabei de descobrir que as sombras *falam*! Isso é tão assustadoramente impressionante. Como eles soam? Minha sombra fala? A sua? O que elas dizem? Elas têm personalidades? -Eu posso continuar.

Des tira uma mecha de cabelo molhado dos meus olhos. — Elas soam como você imagina que as sombras soam - como sussurros - embora suas vozes variem exatamente como a dos humanos e as vozes dos faes. Sua sombra fala. A minha, nem tanto. Elas não têm personalidades distintas, mas têm humor. E elas dizem todo tipo de coisa, desde que queiram conversar com você.

— *Uau*— eu digo.

Eu ainda não consigo superar o fato de que minha sombra falou com Des.

— Ela me contou muito ao longo dos anos.

Oh cara. Não tenho certeza de que isso é uma coisa boa.



— Então, as sombras têm sexos?

Des parece dolorosamente relutante em falar sobre isso.

— Depende. Tecnicamente, eles não têm; são apenas sombras, mas algumas têm vozes mais femininas ou masculinas.

Hã.





— Alguém mais pode ouvi-las? — Eu pergunto.

Ele se desloca um pouco. — Não que eu saiba.

O Negociador parece nervoso novamente.

— Eu não estou nervoso.

Oh espere. Entendi. Duh. — Você sabe que eu não acho que você é louco, certo?

Quero dizer, eu acho que normalmente quando alguém diz que eles ouvem vozes, essa é a sua deixa para começar a se afastar deles. Mas eu tenho estado ao redor de Des e do mundo impossível dos fae por tanto tempo que descobrir sobre isso não é uma revelação estranha.

Na verdade, isso explica muito.

— Obrigado, querubim— diz ele em voz baixa, pegando minha mão e enfiando os dedos entre os meus.

— O que acontece se as sombras não quiserem falar com você?

— Então eles não falam. Mas existem maneiras de convencê-las. Às vezes, se quero saber de algo, dou-lhes um pouco de magia - apenas o suficiente para que se afastem de seus donos por uma ou duas horas. Elas odeiam ser arrastadas por aí. — Ele balança a cabeça. — Eu não posso acreditar que estou realmente falando sobre isso— diz ele.

Não acredito que consegui que ele revelasse seu grande segredo ruim.

— E o que acontece se você quer que eles calem a boca?

— Mesmo conceito - um pouco de magia para o silêncio deles.



Eu olho a minha volta. Não há muitas sombras no Reino do Dia, mas elas existem mesmo aqui.

— Você pode fazê-las falar agora?

Os olhos de Des parecem brilhar com interesse. Seu foco se volta para a piscina.





Depois de um momento, ele diz: — O pai de Janus, Ignis, aparentemente costumava realizar orgias nesta piscina.

— Ecaaa.

Des joga a cabeça para trás e ri. — Querubim, faz mais de um século desde que isso aconteceu.

O som de sua risada me aquece de dentro para fora.

Eu puxo sua mão novamente. — Vamos, vamos fazer essas sombras sussurrar sobre outra coisa.

Ele olha para mim por um instante. Certo quando estou esperando que ele me jogue, seus sapatos escorregam de seus pés, seguidos por suas meias. Ele gira onde ele se senta, suas pernas balançando ao redor para que ele possa mergulhar seus pés na água.

Eu passo, entre essas pernas, e belisco seu queixo, minhas mãos deslizando sobre suas coxas.

Mais, mais, mais ...

Des abaixa a cabeça. — Você quer saber um segredo?

— Hmm?

Ele pega meus lábios em um beijo. — Às vezes eu agarro você simplesmente porque gosto de te enlouquecer de desejo. Isso me faz sentir menos descontrolado no amor por você.

— Isso não é legal.

Ele ri baixo. — Quem disse que eu era legal?

Com isso, ele desliza na água, mergulhando abaixo da superfície.



Quando ele se levanta de novo, sua camisa é colada em sua pele, cada dobra dela moldando-se amorosamente ao seu peito.

Não há palavras. Ele me tirou o fôlego na primeira vez que o vi, e não é diferente agora. E ele ainda tem aquele olhar diabólico nele - suas feições um pouco inteligentes demais.





Ele grita más notícias. O que, é claro, é como um grito de guerra para minhas partes de menina.

Seus olhos prateados dançam.

Ainda ouvindo cada pensamento maldito que cruza minha mente.

— O que as sombras estão dizendo agora? - Eu sussurro.

Des se aproxima de mim. — Elas ficaram quietas.

— Até a minha?

Ele para na minha frente, um braço deslizando em volta da minha cintura. — Até a sua.

— E o ladrão de almas? — Eu pergunto, quando o pensamento vem a mim. — O que as sombras dizem sobre ele?

Callie, a assassina dos momentos, realmente é um título adequado agora.

O bom humor do Negociador desaparece.

— As sombras não falam dele.

— De modo nenhum?

Des franze a testa. — Não é algo único. Quem quer que seja o ladrão, ele tem sua lealdade... Ou seu medo.







CAPÍTULO 17

EU ACORDO NO chão, meus olhos se abrindo.

— Ah, você está acordada. Eu pensei que você ficaria lá a noite toda.

Minhas garras se alongam reflexivamente ao som da voz do Ladrão, minhas unhas raspando contra a pedra abaixo de mim.

Eu fui para a cama no Reino do Dia e acordei...

Aqui. Onde quer que seja aqui.

Sento-me devagar e olho em volta.

A sala é feita de pedra clara. Vinhas vermelho - sangue serpenteiam pelas paredes, estranhas flores desabrochando delas.

Na minha frente, há uma piscina de algum tipo, a água luminosa. E à esquerda dele, o ladrão se recosta contra um pilar.

Um estremecimento percorre meu corpo.

— Meu, *que* reação. — Seus olhos de ônix parecem brilhar neste lugar estranho. — Eu acho que você sentiu minha falta.

— Onde eu estou? Eu pergunto, levantando-me ficando de pé. Não sei dizer se estou dentro ou fora. Atrás de mim, as paredes parecem abrir caminho para o céu aberto e o céu noturno resplandece.

Mas dentro das paredes deste lugar, arestas de parede queimam, o som dela abafado, como pano estalando ao vento. E entre tudo isso, está o Ladrão das Almas, seus lábios relaxados, seus olhos frios, sua atenção fixa em mim.

Isto é um sonho. Apenas um sonho. Mas se é um sonho e eu sei que é um sonho, então

Acorde.

Acorde.

Nada acontece.

— Diga-me, o termo *pequena morte* significa alguma coisa para você?







O ladrão pergunta de onde ele está encostado contra o pilar.

É apenas um sonho. Não é real.

— Não— eu digo, distraidamente.

Só depois de eu responder, eu procuro as palavras dele.

Pequena morte. Isso soa familiar.

O ladrão das almas sorri. — Aproxime-se e eu lhe direi.

— Como eu cheguei aqui? — Eu aperto o tecido da túnica branca que eu uso. É tudo, exceto transparente.

Não era aquela que eu fui dormir.

O ladrão sai do pilar. — Eu te chamei e você veio.

Minhas sobrancelhas se erguem.

Seus cabelos e olhos são tão escuros que parecem absorver a luz; É um forte contraste com a pele pálida dele. Ele atravessa a sala, seus passos ecoando.

Ele não é real. Isso não é real.

Essa é a única coisa que me impede de correr. Eu não preciso ter medo de um fantasma. Ele não pode me machucar. Aqui não.

O ladrão se aproxima de mim. — Você não correu.

— Você não é real— eu digo.

Um sorriso lento e assustador se espalha em seu rosto. — É isso que você acha? Que eu não sou real? — Ele procura meu rosto. Tudo o que ele vê lá o faz rir. — Você não acredita que *tudo* isso é real, não é? -

Os pelos dos meus antebraços se erguem.

Apenas um sonho, um sonho realmente ruim.



— Se nada disso é real, então eu acho que você e eu somos livres para fazer o que quisermos.

Ele estica a mão e passa o dedo pelo meu nariz. — Eu poderia tocar em você. Você poderia me tocar - o Rei





da Noite nunca saberia. Não há repercussões para os sonhos, afinal de contas.

Eu me afasto ele. — Se eu tocasse em você— eu digo, minhas garras ainda estão para fora, — duvido que você goste.

O ladrão mais uma vez entra no meu espaço, forçando-me a recuar.

— É aí que você está errada, feiticeira. Eu tenho... gostos *peculiares*— Seus olhos se movem para minha garganta e peito.

— Eu nunca estive com uma humana. Ou uma sereia. Ou uma mortal transformada em fae. Mas eu tenho estado com mulheres que lutam - que eu tenho um apetite saudável por isso.

Saudável é a última palavra que eu usaria para descrever os fetiches do ladrão.

Eu vou de igual para igual com ele. — Esse não foi o caso quando você era Karnon— eu digo baixinho. — Do jeito que eu me lembro, você não tocaria uma mulher a menos que ela estivesse incapacitada.

O ladrão das almas me encara; há algo estranho e impiedoso nas profundezas escuras de seus olhos. — Você me descobriu inteiramente, não é? — Ele diz. — O ladrão, muito assustado para foder uma mulher a menos que ela esteja dopada.

Antes que eu tenha a chance de recuar, ele me agarra pela garganta.

— Talvez eu possa mudar essa teoria? Este é apenas um devaneio, afinal, apenas um sonho distorcido em que um homem perverso te leva contra sua vontade.



Minha pele se ilumina.

— Você pode até gostar disso— seus olhos mergulham na minha pele.

— Eu sei que vou.

Meu coração estremece com seu interesse crescente, enquanto outra





parte traiçoeira de mim está se tornando viva.

Ele me puxa para perto.

O ladrão vai me beijar, assim como fez quando era Karnon. E talvez ele vá respirar a mesma magia vil em mim agora como ele fez naquela época. Só que desta vez eu não ficarei imune a isso.

Um humano lutaria contra isso. Uma sereia, no entanto...

Deixe-o se aproximar. Deixe-o pensar que ele nos tem.

Meus olhos caem para seus lábios. — Eu sei que você pode usar os rostos dos mortos.

Ele se inclina, seus lábios roçando minha mandíbula. — E pensar que eu acreditei que você nunca descobriria sobre isso.

Ele solta minha garganta e eu cambaleio para trás, massageando minha pele machucada.

— Você quer saber de alguma coisa? - Pergunta ele.

Eu olho para ele com repulsa mal disfarçada.

— Mara me encontrou mais de uma vez. Na primeira vez, eu estava cortejando a irmã dela.

Assim como Janus, Mara já teve uma irmã. Eu quase esqueci. Eu reviro o meu cérebro, tentando lembrar o nome dela.

Thalia. Isso. Ela era a herdeira do reino da Flora, só que ela morreu antes de seu tempo, caindo em uma espada ou algo assim, depois, depois de...

Meus olhos retornam para o ladrão. — O menestrel viajante. Esse era *você*.



O homem chegou ao reino dela e Thalia se apaixonou perdidamente por ele. Do jeito que eu ouvi, tudo acabou mal.

Deus, mas há quanto tempo foi isso? Séculos. Todo esse tempo o ladrão estava movendo suas peças no lugar.





Seus olhos parecem sorrir. — Eu era um encantador - por acaso, eu tinha uma queda por encantar jovens da realeza. Você quer saber algo que essas histórias nunca mencionaram?

Ele faz uma pausa e o silêncio desse lugar estranho parece se fechar em mim. Eu nunca soube que algo tão insubstancial como o silêncio poderia ter esse peso.

— Eu fodi Mara também. Até hoje ela não faz ideia de que eu estive dentro dela como dois homens diferentes.

A náusea se agita na minha barriga.

Apenas um sonho.

— Ela sempre foi invejosa, mas especialmente quando sua irmã tinha tudo e ela não tinha nada. A primeira vez que trocamos mais do que gentilezas foi depois que ela soube que Thalia e eu estávamos juntos. Ela me puxou para longe em uma daquelas festas frívolas, caiu de joelhos, e bem... O que faltava em poder ou posição ela compensava com entusiasmo. Eu nem precisei encantá-la - verdade seja dita, naquela época, eu não queria transar com ela, mas simplesmente não pude resistir à tentação. —

Eu faço uma careta.

— Eu me lembro como a história termina— eu digo. — Você foi morto— eu digo.

— Os mortos realmente morrem? — Pergunta ele.

A mesma pergunta que ele fez para mim no Reino da Flora.



Eu posso sentir a resposta bem ali, na ponta da minha língua. Eu olho do Ladrão para as estranhas videiras desabrochando, para a coluna que ele estava encostado a alguns minutos atrás, para a piscina próxima a ele.

Meus ouvidos começam a pinicar quando eu olho para aquela



água. Quanto mais eu olho, mais parece que está mudando, *sussurrando.*

Nos salve ...

Nos... Salve ...

Inconscientemente, eu dou um passo para mais perto, meu ombro roçando o do Ladrão.

— Eu não faria isso.

— O que... tem nessa água? — Eu não consigo desviar o olhar.

— O que isso importa? Nada disso é real.

NA MANHÃ SEGUINTE, eu de fato pulei a reunião, escolhendo, em vez disso, cuidar da minha ressaca. (Louve a Jesus pela medicina dos faes - essa coisa totalmente funciona).

No momento em que Des e Janus saem da reunião, estou me sentindo muito melhor.

O Rei do Dia acena quando ele me vê, seu cabelo dourado brilhando. — Callypso— diz ele, formalmente.

— Janus, posso ter uma palavra com você? - Há algo que eu preciso dizer ao Rei do Dia sobre tudo que eu sei.

Ele me dá um olhar estranho. — Claro— diz ele.

Atrás dele, Des coloca as mãos nos bolsos e anda até um guarda próximo, iniciando uma conversa.

Eu puxo o Rei do Dia para o lado. — Eu lhe devo uma desculpa— digo a Janus.



Janus me olha, com os olhos um pouco cautelosos.

Ele tem medo de nós, minha sereia sussurra, *como ele deveria ter.*

— Na verdade—, eu emendo — eu te devo várias. — Eu suspiro.

— Sinto muito por agir como um idiota ontem. Você e Desmond estavam apenas tentando fazer o que





era melhor para seus reinos; tenho certeza de que os pensamentos sobre tudo o que passou pela minha cabeça eram irritantes de se ouvir.

— Sinto muito por encantar você. Eu não sei o quanto Des te disse sobre as sereias - provavelmente nada desde que o passatempo favorito de Des é o de compartilhar – mas... As sereias gostam de violência e sexo; eu não posso encantar alguém sem que esse aspecto da minha natureza surja em algum grau. Eu não sou legal quando uso meu poder; sinto muito que você tenha experimentado isso por conta própria.

E agora, o grande final das desculpas.

— Por último, me desculpe por eu te culpar por me sequestrar. Eu estava errada. Eu não sabia disso na época, mas eu entendo agora.

Janus me dá o que pode ser seu primeiro sorriso genuíno. É injusto que alguém seja tão bonito quanto ele, com seus cabelos dourados e brilhantes olhos azuis. Ele é o sol que vem à vida - cegando com a sua beleza.

— Eu agradeço as desculpas, Callypso. Apesar do que você pode pensar, o seu comentário de ontem iluminou uma conversa muito séria, e eu sou grato por isso. Quanto ao encanto, se bem me lembro, fui eu quem insistiu para que você me mostrasse suas habilidades.

— Eu admito, que o encanto me deu uma pausa; poder como esse é perigoso nas mãos erradas. Eu, no entanto, tenho razões para acreditar que você é o tipo certo de pessoa para exercer essa magia, independentemente da sua natureza básica.



— Quanto ao sequestro, não posso imaginar suportar esse julgamento. Claro que você tinha o direito de estar confusa e desconfiada. Eu não sei quem ou o que você viu, mas eu acredito em você.

Ele coloca a mão no meu ombro, seus olhos intensos. A sala escurece





um pouco, mas Janus finge não notar.

— Seu companheiro e eu já temos uma forte aliança entre nossos reinos— ele diz, seus olhos azuis brilhando, — mas nunca tivemos uma amizade para fortalecer essa união. Talvez, a partir de hoje, isso possa mudar.

Seus dedos pressionam meu ombro. — Eu pessoalmente prometo que, se a necessidade surgir, eu lhe empresto minha espada e minha ajuda.

NÃO É ATÉ QUE Des e eu estamos de volta ao Reino da Noite, que eu sou verdadeiramente capaz de respirar novamente.

No momento em que saímos da linha ley e a noite fria nos cumprimenta, sinto-me relaxar.

— Deus, eu senti falta deste lugar.

— Ficando sentimental, Não é? — Des diz, amarrando o cabelo em um coque pequeno. Eu tento não olhar para a ação, mas suas mangas pretas se agarram ao redor de seus bíceps, e a coisa toda parece muito, muito boa.

Eu levanto um ombro. — Este lugar está me conquistando— eu digo com toda a honestidade.

Não começou assim. Originalmente, eu não queria nada com o Outro Mundo. Mas então eu fui sequestrada e criei asas, e voltar para a Terra simplesmente não era uma opção.

E agora... bem, vamos apenas dizer que o Outro Mundo tem suas vantagens.



Os olhos do Negociador brilham dessa maneira quando eu digo algo que o toca.

— Você sabe, você é realmente fofo quando você fica suave comigo— eu digo.





— Eu não sei do que você está falando— diz ele, pegando minha mão e me arrastando até ele. Seus olhos caem para os meus lábios.

— Mas você sabe do que devemos falar? Do fato de você ter um rei que jurou sua fidelidade a você.

Eu gargalho. — Eu pedi desculpas a ele, isso é tudo.

- E, em troca, ele lhe deu sua lealdade...- Des para de falar quando avista um guarda apressado. Ele observa o homem, com o rosto neutro.

— Sua Majestade— o soldado diz quando ele chega até nós, acenando primeiro para Des, então para mim: — Os soldadas adormecidas, eles estão falando sem parar desde hoje de manhã.

As características de Des endurecem. — Sobre o que?

Os olhos do guarda deslizam para mim. — Sua companheira.

QUANDO DES E eu entramos no calabouço real, o barulho é quase ensurdecedor. Dezenas e dezenas de vozes estão falando ao mesmo tempo.

— Quero falar com Callypso Lillis... Quero falar com Callypso Lillis...

— ...Falar com Callypso Lillis... Eu quero falar...

— Callypso Lillis

A porta bate atrás de nós, e como um feitiço sendo quebrado, as vozes se acalmam. No silêncio que se segue, minha pele pinica.

Eu começo a andar, Des logo atrás de mim. Você pode ouvir um alfinete cair neste lugar, está tão quieto.



Assim que chegamos às primeiras celas, avisto os soldadas adormecidas. Todos eles estão em atenção, seus corpos rígidos. Apenas seus olhos se movem, seguindo-me enquanto ando.

Aquela magia maligna tinge o ar. Eu posso sentir o mal que se instalou nesses soldados. Ainda está





se instalando neles como um parasita.

— Quem quer falar comigo? — Eu grito.

De várias celas abaixo, uma voz baixa diz: — Você sabe quem.

Um calafrio desliza pela minha espinha. Há apenas uma pessoa que envenenou esse lote.

O bloco já escuro da masmorra escurece ainda mais com o descontentamento do Negociador.

— Esse cara tem algumas bolas de metal— ele resmunga baixinho.

Eu ando até a cela de onde veio a voz. Dentro há uma dúzia de soldados, todos eles do sexo masculino. Seus corpos ainda estão cobertos pelo sangue em que eles acordaram... Bem, isso e qualquer que seja o sangue derramado sobre eles durante a batalha.

Um dos soldadas adormecidas avança. Sua pele é castanha, seus olhos são castanhos e seu cabelo trançado é marrom escuro.

Ele sorri para mim. — Olá, feiticeira.







CAPÍTULO 18

MINHA SEREIA SE AGARRA a mim, sentindo o quanto estou assustada.

Eu ando até as barras, com cuidado para não tocar o ferro. — O que você quer?

O homem começa a andar pelo comprimento da cela, seu olhar nunca deixando o meu. Ele não responde, apenas continua a andar de um lado para o outro, para frente e para trás.

Eu solto um suspiro. — Vamos, Des, vamos. O ladrão é obviamente muito boceta para ...

A masmorra inteira começa a falar em conjunto:

E a vida senão acordar?
E a morte, mas para dormir?
Eu diria a você, mas então
Esse segredo eu vou manter.

Eu não sou real agora
Nem eu fui ontem à noite
Ou talvez eu esteja errado
Quem vai dizer o que é certo?

Meu sangue gela.

Na minha frente, o soldado que primeiro falou comigo agora sorri.

Ele inclina a cabeça.

Você já está se divertindo?
Este é o nosso joguinho
Você vai perder em breve,
Então você será minha para domar.



Minha conversa com o ladrão pode ter sido num sonho, mas





aparentemente era real o suficiente. E isso é, um lembrete de que um sonho nunca é apenas um sonho.

Minha pele começa a brilhar suavemente; é tão diferente do meu coração, que está acelerado, acelerado...

Eu inclino o meu queixo.

Ninguém nos assusta.

Eu ando até a cela e agarro as barras de ferro, ignorando a dor enquanto minha pele começa a chiar.

— Eu tenho uma rima para você, filho da puta— eu digo, minha voz cheia de encanto. — Pare de se esconder atrás de suas marionetes, seu estúpido pedaço de lixo. Ah, e pegue seus enigmas sem graça e enfie-os no seu...

— Callie— diz Des, tirando minhas mãos das barras. A sala está quase preta. Essa é a primeira sensação do mau humor do Negociador.

— Eu não sou uma poeta? — Eu insulto o soldado enquanto Des me arrasta para longe. Minhas mãos estão fumaçando, mas mal posso senti-las por causa da minha fúria crescente.

Des me afasta, e é quando percebo que minhas asas saíram, as pontas delas agora se arrastando pelo chão frio enquanto o Negociador me leva de volta pelo caminho em que viemos.

— Não é uma poeta— diz um dos soldados por quem passamos, — uma mulher marcada.

Ele mal consegue pronunciar as palavras quando, de repente, a escuridão se aproxima dele. No momento seguinte, Des desaparece do meu lado. Eu ouço o som de aço cortando carne e um grito abafado, então nada mais.



No momento em que as sombras se dissipam, Des está de volta ao meu lado, sua mão nas minhas costas.





Eu olho para o local onde o fae estava um momento antes. Agora ele está deitado em uma poça de seu próprio sangue, seus olhos vítreos.

Oh *merda*.

O Negociador levanta o queixo, as próprias asas arqueando-se sobre os ombros. - Não em minha casa, Ladrão. Não em minha casa.

DES ENROLA bandagens de LINHO EM volta das minhas mãos, estremecendo ao fazê-lo. Em suas costas, suas asas ainda estão do lado de fora, e o quarto em que estamos é em sua maior parte lançado às sombras. Seu rosto é plácido, mas de vez em quando seu lábio superior treme.

Abaixo do nosso vínculo, eu posso sentir sua imensa raiva. A ponto de o Negociador começar a quebrar ossos e fazer com que suas vítimas implorem por misericórdia.

Só que o ladrão está escondido em algum lugar, que nem mesmo Des, O senhor dos segredos, sabe.

Minha própria raiva, ao contrário, fugiu algum tempo atrás.

Eu olho para os meus dedos enrolados. — Não posso apenas curar isso com a minha magia? — A cura acelerada deveria ser uma das vantagens do poder dos faes.

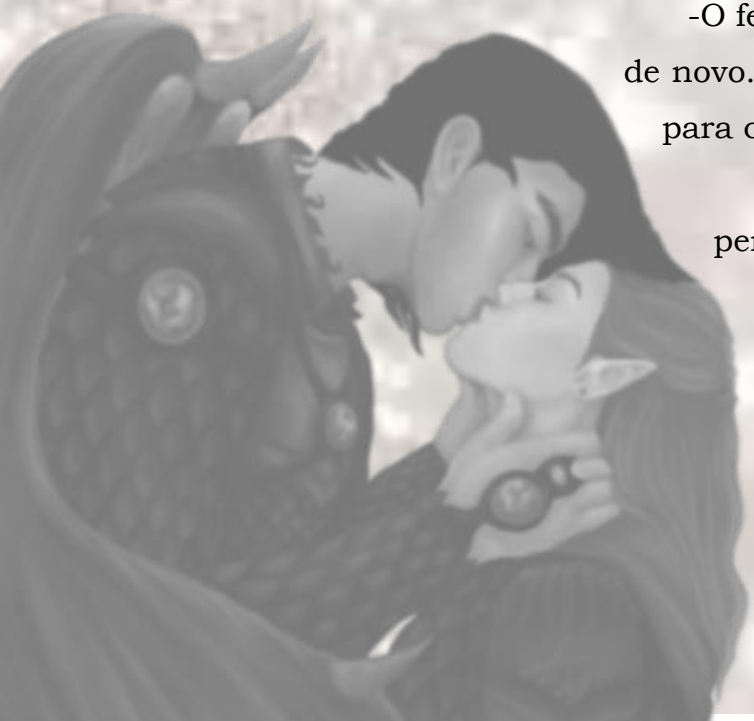
Des termina de enrolar uma das minhas mãos e coloca no meu colo.

-O ferro não… - Ele respira fundo e começa de novo. — Feridas de ferro levam magia extra para curar. Mas você poderia.

— Você vai me mostrar como? — Eu pergunto.

O Negociador encosta minha mão ferida entre as dele. Ainda posso senti-lo tremendo de raiva.

— Feche os olhos— diz ele.







— É isso e você está me mostrando como ...

— Feche seus olhos.

Relutantemente, o meu se fechou.

— Agora, inspire e expire. Dentro e fora.

Minha respiração entra em meus pulmões, meu peito se expande enquanto eu a seguro. Então eu exalo e o ar sai de dentro de mim.

— Sim, apenas assim— diz Des.

Sinto-o seguindo seu próprio conselho, suas mãos firmes enquanto seguram as minhas.

— Agora— diz ele, — acalme seus pensamentos e concentre-os.

Sou tão introspectiva quanto à próxima pessoa, mas nunca fiz isso, nunca procurei a fonte da minha magia. E sempre esteve lá, e eu passei quase uma década tentando *prendê-la* para não escapar.

— Onde está o seu poder?

É preciso procurar a minha magia para realmente perceber onde ela está dentro de mim.

— Está na boca do meu estômago. — Meu núcleo realmente. Ele vibra ali, bem no centro. É aqui que a sereia dorme quando não está ocupada aterrorizando o mundo. — E onde está o meu coração. — Bem onde minha conexão com Des está ancorada.

— Concentre-se nessa magia— diz Des. — E agora, puxe. Finja que é uma bola de lã e você está soltando um fio.

Isto é tão estranho.



— Ok— eu digo.

— Agora, puxe esse fio do seu peito. Imagine passando pela sua caixa torácica e pelos ombros. Dirija-o pelos seus braços e nas suas mãos.

Eu faço o que ele diz, visualizando esse meu poder como se fosse uma coisa física. Eu imagino isso se movendo por mim. Quando





chega às minhas mãos, elas aquecem como se eu as segurasse perto do fogo.

Meus olhos se abrem, enquanto continuo direcionando minha magia para as palmas das minhas mãos. Des solta minha mão e, desenrolando as bandagens, mostrando para mim. Eu olho para os meus dedos. Diante dos meus olhos, o inchaço enfurecido diminui.

— Santa merda. — Está funcionando. Eu estou me curando.

Enquanto a dor pulsante das minhas feridas diminui, minha energia se esvai. Minha sereia ainda está lá, mas tentar despertá-la para a ação seria difícil.

Eu libero minha magia, deixando-a recuar para o meu núcleo. O pior dos meus ferimentos foi curado, mas minha palma ainda está vermelha e irritada.

Meu olhar se move da minha mão para o Negociador. Suas asas agora estão escondidas e as sombras que ocultaram a sala foram afastadas. Eu olho em volta, surpresa ao ver que estamos sentados em uma espécie de varanda, uma sala que não está completamente dentro e não completamente fora. Uma fileira de enormes arcos dá vista para a cidade de Somnia.

Des pega minha mão mais uma vez. — Você fez bem lá, querubim— diz ele, começando a recolocar as bandagens — Como você está se sentindo?

— Cansada.



O Negociador acena, envolvendo a malha antes de amarrá-la. Ele leva meus dedos aos lábios, beijando a ponta de cada um. — Então é melhor você ir para a cama.

Se o olhar em seu rosto é algum indicativo eu não vou dormir muito.

Antes que eu tenha a chance de arrastá-lo para fora de lá para que ele



possa *me descansar* corretamente, sons tremulantes vêm além dos arcos.

O ar da noite agradável sopra através deles e, montados no vento, estão vários duendes, todos eles tagarelando. Eles atravessam a varanda com a rajada de ar, parando apenas quando chegam a mim e a Des. Um deles paira bem na frente de Des. Os outros acabam sentados em seus ombros... E nos meus, como se tivessem assentos na primeira fila de um show.

— Boa Noite, Aura— diz ele para a pequena fae.

Ela diz algo de volta para ele, sua voz alta e doce.

— É isso mesmo? Des diz, estreitando os olhos. — Onde ele está?

Aura tagarela, gesticulando loucamente.

O Negociador olha para mim. — Temper e Malaki descobriram onde Galleghar está se escondendo.





CAPÍTULO 19

EU ME INCLINO PARA FRENTE, mesmo quando os duendes nos meus ombros começam a brincar no meu cabelo. (Sério, o que é com essas criaturas e meu cabelo?)

— Onde ele está?

O rosto do Rei da Noite é ameaçador. — Memnos. — Ele diz a palavra soando como gosto ruim.

Memnos, a única ilha que Des nunca me levou. A terra dos pesadelos.

— Espere— eu digo, olhando para o duende.

- Como Aura... Ela faz uma reverência à menção de seu nome e eu aceno para ela. — Como Aura sabe disso?

Os pequenos duendes começam a tagarelar de uma só vez.

— Duendes são meus mensageiros reais— diz Des.

Um dos duendes brincando no meu cabelo para e diz outra coisa, sua pequena voz exigente.

O Negociador levanta as sobrancelhas. — Perdoe-me, duendes são mensageiros reais *e* espiões.

Eu levanto minhas sobrancelhas. — Isso soa como um trabalho importante.

Minhas palavras devem ter sido as corretas porque os duendes começam pular animadamente. Um deles passa na frente do meu rosto e estuda meus traços antes de acariciar minha bochecha com carinho.



Outro começa a falar animadamente com Des.

— Eu não vou para Memnos *ou* Barbos agora. Você pode dizer a Malaki que ele só terá que esperar.

Tremulam com raiva.

— Minha companheira está cansada.





Outro duende aparece e começa a inspecionar meus olhos, como se procurasse sinais de minha sonolência.

O outro duende, entretanto, ainda está discutindo com Des. Eventualmente, ela simplesmente pega o dedo indicador de Des e puxa, tentando convencê-lo a entrar em ação. É uma visão adoravelmente lamentável. Tenho certeza que meu companheiro compartilha o sentimento porque o canto da boca dele se ergue.

— Onde ela quer que a gente vá?

— Para Memnos massacrar o odioso tirano Galleghar Nyx, mas, além disso, Malaki solicitou a nossa presença em Barbos.

Eu realmente estou cansada, tanto por conta da cura das minhas feridas quanto dos longos dias que suportamos, e tenho sonhado com a cama de Des por eras e eras. Mas há dois faes psicóticos à solta, e quanto mais cedo lidamos com eles, mais cedo Des e eu podemos continuar com nossas vidas.

Eu me levanto, fazendo com que os duendes me agarrem. — Então vamos.

Des olha para mim, despreocupado que um fae ainda está puxando seu dedo. — Querubim, você precisa descansar.

— Eu vou descansar depois.

Os olhos do Negociador se estreitam. Ele se levanta, a cadeira raspando para trás. Ele chega perto, sua grande estrutura preenche minha visão. — Você não quer ir a Barbos— diz ele. — Você quer uma pausa com essa loucura, e eu quero dar isso a você. — Seus olhos ficam suaves. Eles vasculham meu rosto, como se meus pensamentos não falados estivessem escritos ali.



— Des, se esperarmos, seu pai pode fugir. Eu *estou* cansada, mas





vou descansar em breve. — Eu pego a mão de Des nos meus enfaixados.

— Se pegarmos seu pai, ele pode ser capaz de nos dizer onde está o ladrão de almas.

Um músculo na mandíbula do Rei da Noite está alto. *Tão tentador*, suas feições parecem dizer. Ele afasta seu olhar de mim.

Eu aperto a mão dele. — Vamos acabar com isso.

Sua mão começou a tremer novamente. Toda essa raiva reprimida está lutando por liberdade, e Des é uma criatura bastante escura que não pode negar isso para sempre. Melhor usá-lo em seu pai.

Finalmente, ele fecha os olhos e acena com a cabeça. — Nós vamos para Barbos. E nós vamos lidar com Galleghar Nyx.

DES E EU voamos através das nuvens, as estrelas cintilando sobre nós.

Deus, eu senti falta disso. Não há outra sensação como voar.

Os duendes giram em torno de nós, rindo enquanto cavalgam o vento. Des e eu somos um pouco mais sombrios, nós dois estamos equipados para a batalha.

Estes são, afinal de contas, tempos violentos.

Eu ignoro a exaustão que invade meus ossos; Tenho certeza de que, como uma inexperiente, gastei muita energia tentando curar minhas queimaduras, e agora estou pagando o preço disso.



Não posso acreditar em quanta energia isso levou. Eu nunca experimentei um déficit de magia. Nunca. No entanto, curar duas pequenas queimaduras quase me bateu.

Não admira que o ferro seja tão odiado e temido entre os fae. É doloroso e magicamente drenante.





Meu coração sangra novamente por aqueles soldados que Karnon manteve prisioneiro; eles estavam algemados com o material.

Sério, *foda-se* o ladrão e todos os seus atos doentios.

Eu quase posso ouvir sua risada na minha cabeça.

Este é o nosso joguinho...

Só ele pensaria em todas essas depravações como algum tipo de jogo.

Quanto mais eu penso nisso, mais minha mente gira e gira, levando-me de volta ao último sonho estranho.

O termo pequena morte significa alguma coisa para você? - ele perguntou. Era a única questão que parecia ser mais do que apenas protelação e táticas de intimidação.

E, claro, agora que estou com cabeça leve, o termo *não* significa nada para mim. Eu já ouvi isso em muitos lugares. Somnia é a Terra do Sono e da Pequena Morte, Des costumava ser um membro dos Anjos da Pequena Morte. E em outro sonho no Reino da Flora, Galleghar Nyx havia mencionado a pequena morte.

Agora que eu analiso, está em todo lugar.

Eu me aproximo de Des.

— O que é a pequena morte? — Eu pergunto, gritando para ser ouvido sobre o ar tempestuoso.

Eu nunca parei para perguntar o que o termo significa.



— Durma— diz Des, sua voz alta por causa da sua magia.

Acho que ele me ouviu mal, mas depois acrescenta: — Fae considere a perda de consciência - desmaio, sono e assim por diante - como um breve sabor da morte. O indivíduo está preso entre os mundos, e assim





chamamos isso de *pequena morte* — Hã. Eu acho que isso é legal. Inútil, mas legal.

— Por que você pergunta?

Eu olho para Des. Seus olhos estão muito interessados.

Embora ele saiba que eu tive pesadelos com o Ladrão, não contei a ele detalhes sobre meus sonhos mais recentes.

Eu abro minha boca para explicar quando um objeto escuro se manifesta diante de nós. Eu pego um borrão de cabelo branco, ouço os gritos estridentes dos duendes quando eles se espalham, e então, a próxima coisa que eu sei, é quem um fae me pega pela garganta.

Eu pego o pulso do fae, tentando tirar a mão do meu pescoço quando vejo o belo fae.

Aqueles olhos... Assim como os do seu filho.

Galleghar Nyx faz uma careta para mim, apertando com mais força, seu lábio superior se curvando em desgosto. — Eu poderia estourar seu pescoço agora e acabar com isso, escrava. —

Eu solto uma mão enfaixada de seu pulso, tocando a minha cintura procurando por um dos meus punhais.

— E pensar que você andou pelos corredores do *meu* palácio...

Minha mão envolve o punho da minha lâmina.

Isso.

— Comendo em *minha* mesa.

Eu a solto.



— Dormindo em ...

Eu bato a adaga na sua lateral, a lâmina afundando até o punho.

Galleghar uiva me soltando do seu aperto o tempo suficiente para eu dá uma grata respiração. Eu puxo minha arma do seu corpo.





— Cadela! — Ele levanta o punho assim quando uma forma sinistra aparece sobre seus ombros.

O Negociador se aproxima da orelha de seu pai, as mãos segurando as asas de Galleghar. — Eu estava esperando encontrar você. — Com isso, ele esmaga as asas de seu pai, os ossos fazendo um estalo nauseante quando elas quebram.

Agora Galleghar começa a gritar a sério. Ele solta minha garganta quando Des afasta o punho e bate na cabeça do pai novamente, e de novo, e de novo. Eu posso sentir meu companheiro soltando a sua ira quando os dois homens começam a despencar do céu.

Galleghar desaparece, se tele portando na minha frente novamente. O Negociador segue o exemplo, suas asas brilham ameaçadoramente em suas costas. Mas assim que Des se aproxima dele, Galleghar desaparece mais uma vez.

É aquela noite na floresta de carvalhos de Mara mais uma vez, Des e seu pai sangrando na escuridão apenas para aparecem em outro local. O rei tirano está tendo problemas, porém, suas asas mutiladas se inclinam grotescamente nas costas dele.

A forma de Galleghar desaparece mais uma vez, só que desta vez, não o vejo aparecer – *sinto* -o. Suas mãos seguram um dos lados da minha cabeça.

Ele vai quebrar meu pescoço. Eu posso sentir a intenção dele com o seu aperto, mesmo quando a gravidade começa a arrastar os dois para a terra.



Freneticamente, eu chamo a minha sereia. Se eu precisasse do meu encanto, seria agora.

Ela se levanta devagar, como se estivesse se movendo através da areia. Minha pele começa a brilhar... Apenas para escurecer. Minha sereia se





retira, minha magia exausta demais para chamá-la.

Eu me puxo do aperto de Galleghar, tentando usar minhas asas para afastá-lo. Mas então Des está lá, e então Galleghar *não está*, e a coisa toda acontece tão terrivelmente rápido que eu fico embaralhada.

Eu caio do céu, tentando me controlar. O universo e todas as estrelas nele giram ao meu redor enquanto eu despenco do céu.

E então lá está novamente Galleghar, mão na minha garganta. Eu o golpeio com a adaga em minha mão, a lâmina pegando-o no braço. Antes que ele possa revidar, o Negociador aparece entre nós dois, sua posição forçando seu pai a soltar meu pescoço. Em sua própria mão Des aperta a espada que ele carrega.

Com um rápido impulso, Des empurra sua arma no estômago do pai. Os olhos de Galleghar se arregalam quando seu filho o empurra para fora do abdômen. É a última vez que vejo o rei tirano enquanto continuo caindo, uma nuvem me engolindo.

Eu desesperadamente tento abrir minhas asas, lutando contra o vento e a gravidade. Antes que eu possa me consertar, Des aparece ao meu lado, pegando meu corpo no ar.

— Precisamos voltar para Somnia. Agora.

O VOO DE VOLTA não é nada parecido com o anterior. Des não vai me soltar, apesar do fato de que estou bem - mesmo que minha garganta esteja um pouco dolorida. Ele voa em um ritmo punitivo, o vento uivando em nossos ouvidos enquanto aceleramos pelo céu.



— Onde está Galleghar? — Eu pergunto.

— Escondido em algum buraco que ele surgiu.

Eu estava errada sobre Des precisar liberar sua raiva. Eu não





acho que bater em seu pai ajudou em tudo. Se alguma coisa, ele parece *mais chateado*.

— Então ele ainda está vivo.

O aceno do Rei da Noite é quase imperceptível.

Droga. Galleghar deve estar sofrendo - duas asas quebradas e um par de feridas no intestino. Sem mencionar os socos na cabeça que ele sofreu.

O Negociador nos leva diretamente para seus aposentos, aterrissando silenciosamente em sua sacada. Ele me coloca de pé, suas asas se abrindo ao meu redor, como se quisesse me proteger do mundo. Des entra no meu espaço, seu rosto neutro. Mas mais do que nunca, posso sentir suas emoções tumultuosas, desde o arco agitado das asas até a linha rígida dos ombros.

Seus olhos caem para os meus lábios, e esse é o único aviso que recebo. Me enrolando, ele pega minha boca com selvageria.

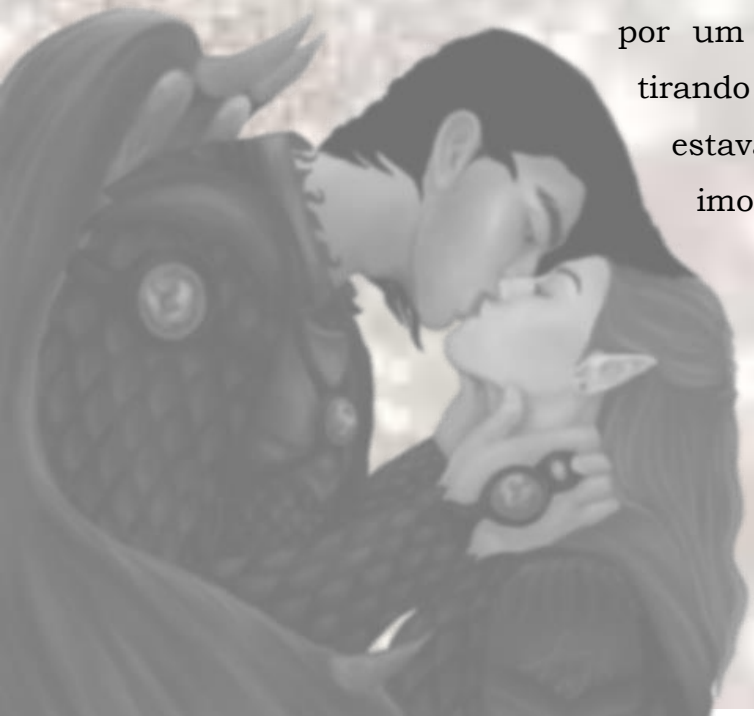
Seus lábios são fogo, queimando contra os meus.

Tome. Reclame. Mantenha.

Talvez ele murmure isso, talvez eu sinta isso da nossa conexão, mas essas três palavras parecem ser a força motriz por trás de sua energia maníaca.

Eu posso sentir sua ira e seu pânico, sua frustração e medo, tudo amarrado na boca dele contra a minha.

Eu a devolvo com igual intensidade. Eu posso ser capaz de viver por séculos, mas ainda posso morrer como uma humana. Eu senti isso por um momento, quando Galleghar estava tirando a vida de mim, e novamente quando eu estava caindo. Só porque fae se dizem imortais não significa que eles são.



Eu separo os lábios de Des com os meus, provando sua essência enquanto meus dedos mergulham em seu cabelo macio.





Atrás de mim, ouço suas portas da varanda se abrirem. Ele me levanta novamente, envolvendo minhas pernas em volta da sua cintura.

— Eu preciso estar dentro de você— diz ele com voz rouca.

Eu aceno com a cabeça contra ele, minha boca indo para a dele novamente. Nada como um encontro com a morte para fazer você se sentir amorosa. Eu preciso me sentir viva e acho que o Des também.

O Negociador entra, as portas se fechando atrás dele. Nem um momento depois, minhas roupas se derretem de mim, magicamente se retirando. As roupas de Des seguem o mesmo assim que ele nos leva para a cama.

Ele mal me deita na cama e separa minhas coxas, quando ele me puxa para ele, se empurrando para dentro de mim.

Eu suspiro quando seu pau grosso me estica, a sensação de uma pitada de dor, em seguida, prazer, *prazer*, *prazer*. Eu me delicio com a sensação de seu corpo musculoso pressionando o meu.

— Deuses do além, querubim. — Des beija a junção entre o meu pescoço e ombro enquanto ele se retira e ataca novamente.

Eu inclino minha cabeça para trás e gemo enquanto ele me enche, me estica. Ele precisa, precisa, precisa. Eu praticamente posso ouvi-lo

Tome... Reivindique... Mantenha.

A frase ecoa como uma lembrança na minha cabeça.



— Isso - isso não vai ser gentil— ele avisa, todo o seu corpo tremendo enquanto ele segura sua necessidade perversa.

Eu agarro seu cabelo, meu aperto duro enquanto inclino a cabeça dele para a minha.

— Seus avisos não servem para em mim. — Meus dedos se flexionam





contra ele. — Você não está fodendo uma flor delicada. Você está *me* fodendo.

Uma sereia.

O Rei da Noite, que governa sobre o sono, sexo, se *solta*.

Ele bate em mim de novo e de novo, me pegando em seus braços, seu olhar me absorvendo. É a combinação mais estranha de agressão masculina e devotada adoração.

Seu ritmo é punitivo, e seus golpes são profundos, e eu não posso manter contato visual porque, Jesus, meu corpo é pura sensação, e eu preciso parar de olhar para ele ou eu vou ganhar um prêmio pelo clímax mais rápido do mundo.

Des move uma das minhas pernas por cima do ombro, aprofundando seu ângulo. Eu agarro os cobertores que eu estou deitada inutilmente, meus seios balançando da força de cada impulso.

Ele toca minha pele escura. — Esta é a primeira vez.

Nós estamos enfiados um do outro, e minha sereia não se mexeu, minha magia ainda se reabastecendo. É uma sensação estranha, não ter a sereia compartilhando essa experiência comigo. Eu me sinto nua de um jeito totalmente novo.

O Negociador pega uma das minhas mãos enfaixadas, enfiando seus dedos nos meus. Seus lábios roçam minha testa, depois meu nariz, depois meus lábios, queixo, garganta. Lá eles param -*ele* faz *uma* pausa, seu corpo inteiro tenso.



Ele beija uma linha no meu pescoço, bem onde tenho certeza que hematomas na forma da mão de seu pai apareceram.

— Meu lindo pesadelo— Des sussurra contra a minha pele. — Meu lindo, lindo pesadelo.

Com isso, o Negociador me penetra novamente. Eu solto um suspiro quando o seu ritmo aumenta,





seu peito suado deslizando sobre o meu de novo e de novo. Estou sendo iluminada de dentro para fora. Parece que não há lugar que ele não tenha tocado. Estamos enroscados um no outro, nossos corpos entrelaçados, nossos corações magicamente ligados.

Des segura minha mão com força, como se ele estivesse com medo de me soltar. — Olhe para mim, Callie— ele comanda.

— Eu vou gozar se eu fizer isso.

Ele mergulha perto de beijar minha bochecha, o tempo todo entrando e saindo de mim. — Dá última vez que ouvi, esse é o ponto. Agora olhe para mim.

Eu viro meu olhar para o dele. Nunca ele pareceu tão deslumbrante, nunca pareceu tão bonito - como a lua vem à vida. Seus olhos prateados brilhavam, seus cabelos brancos soltos entre nós.

E é isso, não cada golpe agressivo, é isso que pega. Eu estou bem ali na borda em um instante... E então eu quebro.

Des vê o momento em que eu chego ao clímax, mostrando-me um sorriso de lobo. Meu olhar começa a desviar quando meu orgasmo me ataca. Estou me despedaçando.

— Não desvie o olhar— Des ordena.

Eu arrasto meu olhar de volta para ele. Como dizer a ele que é demais?

Des se inclina, roubando um beijo dos meus lábios enquanto seus golpes se tornam mais frenéticos. Eu pego seu gemido na minha língua enquanto ele se entrega em sua própria necessidade, seus quadris bombeando furiosamente quando ele goza.



Tome - reivindique - mantenha.

Eu ouço as palavras fantasmas uma última vez, e depois acabou.

— Foi uma emboscada.





Des acaricia minha pele suada, me segurando firme. Estou dolorida em todos os lugares certos - e em alguns errados também. Minha garganta, por exemplo, está começando a doer como uma cadela.

— De alguma forma, Galleghar sabia onde estávamos, e ele nos interceptou antes que tivéssemos a chance de localizá-lo.

Ao redor de nós, a miríade de lamparinas queimava, lançando aos aposentos do Rei da Noite uma luz baixa e continua. Uma agradável brisa vem das janelas sem vidraças. No que diz respeito às noites, isso é absolutamente perfeito - apesar da recente luta.

Des tira uma mecha do meu cabelo do meu rosto. — Meu pai estava indo atrás de você porque estamos emparelhados. —

Eu me levanto um pouco, meu olhar indo para a boca pecaminosa de Des. Meus pensamentos vagam por um momento para todas as coisas que eu quero que esses lábios façam comigo. Coisas além de falar.

O ataque parece um sonho. Aconteceu tão rápido e depois acabou. E agora... Bem, aqui estou embrulhada em lençóis de seda e um fae musculoso.

Os olhos do Negociador vão para o meu pescoço. Ele estica a mão com o braço tatuado, os dedos percorrendo os hematomas que certamente estão lá.

Não acabou para ele.

Sua mão se move do meu pescoço, deslizando sobre a curva do meu quadril. — Para a maioria dos casais, a morte de um fae significa a morte de ambos. Em alguns casos, como o de Mara, um fae pode sobreviver a isso, mas é surpreendentemente raro. Na maioria das vezes, se você matar um, você mata ambos. — Os olhos do Negociador se erguem para os meus.







— Galleghar atacou você porque ele acredita que acabar com você acabará comigo.

Meu coração começa a bater um pouco mais rápido. — *Sério*?

Os dedos de Des apertam meu quadril, seus olhos parecendo febris por um momento. — Nenhuma minha tem qualquer intenção de sobreviver a você.

Isso é um balde de água gelada no rosto.

Eu não quero falar sobre isso. Sobre a minha morte ou a dele. Estamos muito vivos no momento e eu não quero realmente me debruçar sobre essa alternativa.

— Ele vai vir atrás de você novamente— continua o Negociador. — O idiota realmente acredita que você é um alvo mais fácil. — O pensamento traz uma sombra de um sorriso nos lábios de Des por um momento.

Galleghar vai vir atrás de você novamente.

De repente, todo canto escuro da sala parece esconder monstros. O que impede que o pai de Des apareça aqui e agora?

O rei da noite deve saber onde estão meus pensamentos, porque ele diz: — Você está protegido dentro do território real, há encantamentos para afastar os faes como ele— diz Des. — É provável que ele tenha nos emboscado a caminho de Barbos.

Porque não havia encantamentos ao longo da nossa rota de voo.

— Então, eu estou presa aqui. — Meu estômago azeda com o pensamento.



Des envolve o braço em minhas costas, me puxando para perto.

— Você não está presa em *nenhum lugar*, querubim— diz ele, mortalmente sério. — Diga-me onde você quer ir, e eu vou te levar lá agora.





Minhas sobrancelhas franzem. — Você não vai tentar me manter aqui?

Eu não mexo pelo fato de que agora eu realmente não quero me mover um centímetro desta cama, contente em passar o resto da minha longa vida envolvida nos braços do Rei da Noite.

— Eu *nunca* vou mantê-la presa— Des me promete. — Melhor você feliz e livre, do que enjaulada e segura. Além disso - ele encosta a testa na minha - Galleghar claramente não ouviu as histórias sobre você se ele pensa em atacar você.

— Há histórias sobre mim? - Isso é novidade.

Os olhos de Des se franzem, seus lábios juntos. — Muitas. Qual fae pode resistir a uma história sobre a bela ser humana que engana os faes e escapa do ladrão? — Eles não se cansam de você. Infelizmente, meu pai e o ladrão parecem compartilhar esse sentimento.

Eu levanto uma mão enfaixada e olho para o trabalho de Des. — Eu deveria ter te escutado— eu digo pensativa. Eu solto a minha mão.

— Quando você me disse para descansar.

— Eu tenho grandes ideias— ele concorda, curvando a boca diabolicamente. Sua expressão é sóbria. — Mas você tomou a decisão que uma rainha tomaria, colocando as necessidades do reino antes da sua.

— Pare de usar essa palavra. — *Rainha*.

— Vai acontecer, um dia ou outro, rainha Callypso.

Ok, eu admito, isso soa bem.



— O que você tem contra as rainhas, afinal? - Des pergunta.

Eu suspiro. — Eu só quero ser uma garota normal com um trabalho normal que vive uma vida normal. — Eu não quero ter que me preocupar com um reino inteiro.

O Negociador nos rola para que ele possa olhar para mim. — Callie,





você nunca foi uma garota normal, e você nunca viveu uma vida normal, então eu posso ver o apelo de querer isso. Mas o normal é superestimado. Confie em mim, é superestimado. Eu fiz acordos com milhares de pessoas miseráveis e *normais*.

Eu franzo a testa para ele.

— E eu sinto muito— continua ele, — mas se você acha que eu vou deixar você se contentar com o normal, você tem uma briga em suas mãos.

Droga. Agora que ele desenhou as linhas, nunca vou conseguir que ele se mexa. Se há uma coisa que Des faz bem, é lutar. Ah, e acordos, segredos. E sexo.

Para tudo, ele é bom em tudo. É irritante.

— Isso é como o ensino médio— eu digo, lembrando daqueles dias em que ele me instigava, manipulava ou aceitava os meus acordos. Quer dizer, só que mais eficaz. — Você está tentando fazer com que eu faça algo que você acredita ser de meu interesse.

— Diga-me que estou errado, querubim. Diga-me que sou agressivo e mandão e que não sei nada sobre seus sonhos mais profundos.

Veja, esse é o problema de tudo isso; agora que eu sei que ele pode ouvir sombras, ele provavelmente já ouviu todo tipo de coisas sobre meus sonhos que eu não vou admitir de bom grado. Coisas que provam que ele está certo.

— Você é agressivo e é mandão— eu digo.



Ele se inclina e coloca um beijo ao longo do meu esterno. — E eu não sei nada sobre seus sonhos - diga isso.

Eu sinto o cheiro de sua magia envolvendo meu ar. Só que desta vez, está tentando tirar a verdade de dentro de mim, e a verdade é que o Negociador sabe muito sobre meus desejos mais profundos.





Ele se move pelo meu corpo, colocando um beijo entre meus seios.

— Eu ainda estou esperando, amor.

Des continua se movendo pelo meu corpo, pressionando beijos contra a minha pele.

Mas eu fico em silêncio e, eventualmente, sua magia se dissolve.

O Negociador faz uma pausa, olhando para mim.

- Eu amo você, Callie, até a última pena e escamas. Eu amo sua escuridão, amo sua mente, amo seu humor e seus sonhos mais cobiçados. E eu amo como você me ama - completamente, profundamente, apaixonadamente. — Você não é normal; você nunca será normal. Eu sinto muito por te dizer isso. Você é tão incrivelmente extraordinária que fisicamente me machuca às vezes, e eu nunca vou parar de forçar você a acreditar nisso.

Des não pode simplesmente dizer coisas assim. Meu coração vulnerável não está apto para suportar isso.

Eu fecho meus olhos e sinto uma respiração tremula. — Devolva.

— O que é que eu tomei, querubim?

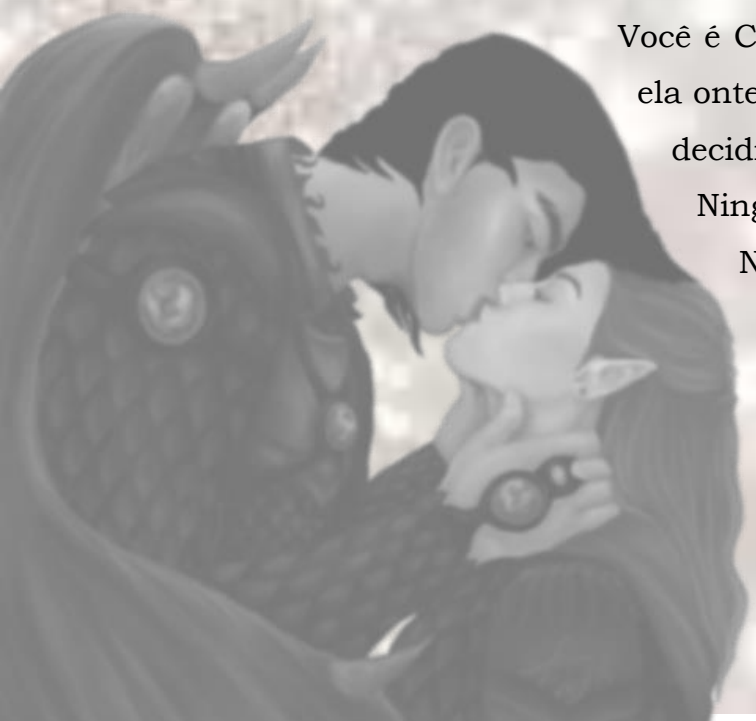
Minha paz de espírito, minha solidão, meu tormento, minha dor, minha sanidade, minha vida sem graça.

Tantas coisas que uma vez me fizeram *agora* estão faltando, e-

— Des, eu não sei quem eu sou.

— Você não sabe quem você é? - A voz do Negociador fica baixa. — Você é Callypso Lillis, claro e simples. Você foi ela ontem, você será ela amanhã. Cabe a você decidir o que realmente isso significa. Ninguém mais pode fazer isso por você. Nem o homem que te deu aquelas asas, nem o homem que está caçando você. Nem o seu padrasto. Nem mesmo eu.

— Mas o que você escolhe ser, querubim, faça valer a pena.





CAPÍTULO 20

JÁ É TARDE NA manhã seguinte quando caio da cama de Des. O fae está relutante em me soltar e eu não estou reclamando.

Uma garota poderia se acostumar com esse tipo de atenção.

Eu me alongo enquanto vou até o armário, sentindo os olhos do Negociador em mim o tempo todo.

— Safado— eu digo, sem olhar para trás.

— Eu teria que estar morto para não aproveitar o seu traseiro.

Eu prendo o sorriso, em seguida, começo a vasculhar os belos vestidos que alguém encheu no armário. Eu não sou uma garota feminina por qualquer meio, mas as roupas fae são uma exceção. Eu pego um vestido que parece que a madrugada deu a vida, púrpuras sangrando em rosas e laranjas sangrando em amarelos.

Eu não tenho mais o vestido quando ele escorrega.

Girando para Des, eu levanto uma sobrancelha.

— A menos que você queira quebrar minha vagina, eu sugiro que você dê um descanso.

Implacável é uma ótima maneira de descrever o apetite sexual do Rei da Noite. Não que eu seja preguiçosa, mas até eu tenho meus limites - especialmente quando minha sereia decide tirar a noite de folga.

Des aparece na minha frente, levantando as palmas das minhas mãos curadas.

— Você vai ler a minha sorte? — Eu provoco.

Ele finge olhar para elas.

— Você encontrará sua alma gêmea jovem. Há amor - e parece que você terá um monte de filhos - eles se pareceram com o pai deles,



infelizmente. Mal comportados, todos eles.

Eu rio e afasto minhas mãos.

— Oh, e você viverá uma vida longa e feliz.

Eu não falo nada sobre isso. Há muita incerteza nos dias de hoje.

Eu pego o vestido novamente.

— Você não está usando isso hoje.

— Por que não? — No momento em que pergunto, minha respiração fica presa. Eu meio que espero que os couros de batalha caiam do céu e que Des anuncie que, mais uma vez, nós dois estamos treinando.

Realmente estou enlouquecendo de ódio dos treinamentos.

— Eu poderia dizer-lhe por um preço—

Eu gemo. — Des...

Uma pilha de roupas *vem caindo*, mas não são os couros de batalha.

— Ou você poderia simplesmente vestir as roupas e adivinhar quais são os meus planos como uma boa detetive que você é.

Eu pego a roupa dobrada, reconhecendo uma camiseta desbotada que eu possuía. Há um sutiã, calcinha e jeans. Um momento depois, meias e tênis brancos se juntam a pilha. Todos meus, todos impróprios para usar no Outro Mundo.

Meu olhar vai para o Des. — O que você planejou para nós?

— Pergunta errada, querubim. Não é *o* que planejei, mas para *onde*.

Oh meu Deus. Eu aperto a roupa. — Onde, Des?

Des me dá um sorriso irônico. — Você sabe a resposta para essa pergunta.

Eu respiro fundo.

Casa. Terra.



VIAJAR NAS linhas LEY NÃO é mais a experiência confusa que costumava ser. Antes, eu não conseguia entender





essas estradas mágicas; minha magia não era compatível com isso.

Mas agora meu poder reconhece essas estradas estranhas que cruzam mundos. A magia é grossa, me puxando de todos os lados. Ele tenta me levar em sua própria direção, mas Des segura minhas mãos e me direciona para frente, cortando a compulsão bizarra da linha ley enquanto ele nos guia.

Ao meu redor, vejo paisagens voando - colinas, florestas, desertos, oceanos, ruínas - tudo isso estrangeiro e fae... até que de repente não *é* mais. Gradualmente, ele muda para cidades e pontos de referência reconhecíveis. Eu vejo o Nepal, depois o Cairo, Berlim, e finalmente - Los Angeles.

Com um puxão poderoso, o Negociador nos tira da linha ley.

Por um momento, sinto a magia resistir, ansiosa para nos manter trancados nessa estrada estranha, amaldiçoados a vagar para sempre. Mas o momento passa, a magia cede, e de repente estamos na casa de Des, na sala redonda que contém o portal da linha ley.

Eu dou um passo trêmulo para frente, meu pé afunda na grama macia. Eu toco a parede da sala circular, meus dedos roçando as videiras de glicínias crescendo, as plantas balançando contra uma brisa fantasma.

O Negociador me leva para fora da sala do portal, e é só então, apenas uma vez eu vejo o piso de madeira, as fotos montadas de lugares distantes, as linhas mundanas e detalhes e cores de sua casa em Catalina que eu realmente processo.



Terra. Estou realmente de volta à Terra.

Querido Deus, nunca quis tanto beijar o chão. Se eu pudesse dá um abraço de urso nisso, eu totalmente faria.





— Santa merda, eu senti falta deste lugar— diz Des, olhando em volta de onde ele estava.

Ao meu lado, minha alma gêmea parece um sonho que ganhou a vida. Ele passeia por seu corredor vestindo suas calças de couro, suas fodidas botas e uma camisa desbotada dos *Rolling Stones*, sua manga tatuada em exibição.

Eu tenho estado tão acostumada a ele vestindo trajes fae que vê-lo em roupas humanas em sua casa humana é algo saído de um sonho.

Eu solto a mão de Des e começo a fazer o meu caminho através de sua casa. Meu coração dói quando toco os móveis, as fotos, as decorações em exibição porque cada uma grita *Des*- pelo menos, como eu o conheci, quando nunca tinha visto sua vida no Outro Mundo.

Eu atravesso a sala dele e saio pela porta dos fundos. O sol da tarde bate na minha pele e eu fecho meus olhos, absorvendo-o. Eu posso com certeza chorar. Não é a noite eterna, não é o dia sem fim; é apenas uma tarde ensolarada média no sul da Califórnia.

Abrindo meus olhos, eu continuo em direção ao fundo da propriedade do Negociador, minha atenção vagando por um momento para o lugar onde eu fui levada. Qualquer medo que a visão possa ter conjurado se foi, embora eu não saiba exatamente por quê. Talvez seja porque Karnon morreu ou porque o ladrão parou de sequestrar mulheres. Ou talvez não seja a situação que mudou, mas eu.

Eu ando até a última parte do quintal do Negociador, caminhando até onde a terra dá lugar a um precipício.



Minha pele se arrepia quando ouço o som das ondas quebrando abaixo. Eu respiro fundo, bebendo o cheiro de água salgada.

Isto é onde eu pertenço.

Meu olhar se move para o horizonte. Há uma pequena extensão de mar que separa a minha casa da





dele. Em um dia claro, você pode ver a orla de Malibu, e se você tiver imaginação suficiente, você pode desenhar a minha casa entre essas colinas.

É a mesma visão que o Negociador deve ter encarado em todos os nossos anos separados. A visão preenche meu coração, agonia antiga e algo mais doce, como o passado e o presente e o futuro se sobrepõem.

O Negociador se aproxima de mim. — É protegido, você sabe.

Eu olho para ele.

— Sua casa, minha casa também. Elas sempre foram, mas depois de... — a voz dele para -depois que você foi levada, eu dobrei a proteção. Eu não posso prometer que você estará segura aqui — ele diz, lembrando-me da nossa conversa anterior— mas você não estará totalmente indefesa também.

Eu olho para Des. O sol poente incendeia suas feições. Minha sereia se agita dentro de mim, despertando agora que minha magia foi reabastecida.

Nós não precisamos de defesa, ela sussurra. *Precisamos nos defender.*

— Eu não estou preocupada.

Des me mostra um sorriso malicioso.

Pessoas como nós não são vítimas, ele me disse uma vez. *Nós somos o pesadelo de alguém.*

Suas asas surgem, desdobrando-se ameaçadoramente em suas costas. — Pronta para ir para casa?

Eu levanto minhas sobrancelhas. Eu assumi que *este* era o nosso destino.

— Ah, querubim, você não achou que eu te levaria tão longe apenas para parar agora, não é?

Eu analiso seu rosto, meu coração expandindo e expandindo.







Ele parece com algo arrancado dos meus sonhos mais desesperados.

Minhas próprias asas surgem em minhas costas, perfurando o material da minha camisa. Des olha, Ele coloca a mão na roupa, e num instante ela se conserta.

Des alisa a minha camisa. Quando seus olhos encontram os meus, eles estão animados. — Pronta? — Ele pergunta, se afastando.

Eu não tive a chance de responder. Des se joga de costas no penhasco, os braços abertos para o mundo quando ele cai. Minha respiração fica presa com a visão. Já devia saber melhor a essa altura. O Negociador tem asas e magia e a incrível capacidade de se tele transportar. Cair não era uma opção.

Ele faz malabarismo no ar, suas asas de aspecto cruel se espalhando para pegar a brisa.

Ele acena para mim. — Venha, bebê sereia-

Deus, mas ele parece magnífico e sobrenatural, banhado na luz moribunda do nosso sol.

Minhas próprias asas se espalharam. Eu dou um pulo acelerado do penhasco, e então estou mergulhando, voando suavemente para o alto. Eu rio quando o vento me atinge, avistando meu tênis no processo.

Fodidamente voando sobre o Pacífico.

Nós dois atravessamos o céu, o oceano escuro abaixo de nós. Esse momento poderia durar para sempre, a brisa passando pelo meu cabelo, a água azul embaixo de mim, o dia partindo acima de mim. E Des e eu como dois pássaros fantasmas estranhos acima do mundo.



Meu corpo está completamente cheio com a simples alegria.

Inevitavelmente, nós nos aproximamos da terra. Se tivéssemos outro destino em mente, talvez isso fosse uma decepção. Mas à frente





avisto minha casa e um novo tipo de euforia se move para substituir a antiga.

Casa. Doce, linda e solitária casa.

Nós tocamos no meu quintal.

Estou de volta.

Nunca quero sair.

Eu realmente não quero. Eu quero beber meu vinho, olhar para o oceano, ter pensamentos profundos, dormir debaixo dos meus lençóis.

Eu quero fazer tudo isso... Mas eu quero fazer isso com o Des.

O Negociador e eu vamos para a minha porta de vidro deslizante. Des só tem que olhar para a maçaneta e, com um estalo, a porta se abre e desliza. Tentadoramente, eu entro.

Casa é uma casa cheia de pisos de areia, balcões lascados e agora, minha alma gêmea. Ele fica em minha casa como se ele morasse lá - como se ele *sempre morou* lá - e do jeito que ele olha em volta, eu tenho todos os motivos para acreditar que ele pretende fazer deste lugar nosso.

Nosso.

Não vou superar isso.

— Onde estão todas as nossas coisas? — Pergunta ele.

Há essa palavra novamente. *Nosso.*

Eu me movo pela minha (nossa?) Casa, esperando que as coisas estejam diferentes. Parece anos desde que eu estive aqui.

— No sótão. — Eu não suportaria me desfazer de todas as bugigangas que Des e eu colecionamos durante meu primeiro ano do ensino médio, mas também não suportava olhar para elas. A dor de sua ausência sempre se aguçava quando via aquelas lembranças físicas.



Des estala a língua. — Querubim, vamos ter que mudar isso.

Ele levanta a mão e eu ouço alguns golpes distantes, depois o som de raspagem.





Menos de um minuto depois, uma caixa desgastada flutua até a sala de estar, espalhando partículas de poeira ao longo do caminho. Ele cai no chão a poucos metros na minha frente.

Por vários segundos tudo fica parado; de repente, a tampa se abre, fazendo-me pular.

E então a procissão começa. As bandeiras de oração, as máscaras venezianas, a cabaça pintada e as sedas, flutuam saindo da caixa uma a uma, alinhando-se no chão.

Uma vez que nossas antigas recordações foram removidas da caixa, minhas decorações de bom gosto são tiradas das paredes, empurradas das mesas e retiradas das prateleiras. Elas atravessam o ar e se empilham na caixa. Depois que todos estão acomodados lá dentro, as abas de papelão se dobram sobre eles e a caixa se ergue do chão. Sacolejando de um lado para o outro enquanto ele volta pelo caminho que veio.

Eu levanto uma sobrancelha, mas não digo nada.

Des sorri, uma faísca calculista em seus olhos.

De uma só vez, os objetos que nós dois colecionamos juntos - cada copo e cartão, cada desenho de mão e nota - erguem-se no ar. Por vários segundos, os itens pairam no ar. Então, como uma explosão, eles se espalham pela casa.

Des encontra um lugar para tudo. Nas paredes, nas prateleiras, enfiadas em armários, pendurados no teto.



Eu acredito que esta seria a versão de um fae demarcando seu território. E meu coração está doendo tão malditamente mal.

Todas essas coisas são testamentos da nossa amizade. Porque é isso que sempre foi. Muito antes de eu saber que Des era meu companheiro, eu sabia que ele era meu amigo. E





mesmo que eu o quisesse de um jeito distintamente não amigo, foram os dois por quase um ano.

Estou absorvendo minhas — novas— decorações quando o Rei da Noite aparece atrás de mim.

Ele beija a junção onde meu maxilar encontra meu pescoço. — Nós iremos em mais aventuras— promete Des, — comprar mais bugigangas, experimentar novos lugares juntos - tanto neste mundo e no outro. —

Eu me viro. — Por que você me trouxe aqui? — Eu pergunto.

De todos os lugares em todos os mundos, ele escolheu me trazer aqui.

Des tem o universo em seus olhos. — Porque eu amo você e é aí que você é mais feliz.

Isso não é verdade. A felicidade não é um lugar, é uma pessoa - mais especificamente, aquela que está de frente a mim.

O Negociador me leva até o sofá. — Agora, eu estava pensando que desde que terminamos de assistir Harry Potter, precisávamos de uma nova série para começarmos juntos ...

EU PASSO A noite embrulhada nos braços do Negociador, nós dois espalhados ao longo do meu sofá. Minha mesa de centro está uma bagunça de pizza gordurosa, pipoca e balas de uva coberta de chocolate - todas as besteiras para a nossa noite de cinema.

Game of Thrones passa na TV, e é claro que este é o tipo de show de Des. O cara é hardcore *nato*.



Eu deslizo meus dedos por seu braço tatuado. Eu deveria estar prestando atenção ao programa, mas não consigo superar a alegria que sinto. Des está reclinado aqui, no meu sofá, me segurando contra ele enquanto





assiste a um show na minha sala de estar. Mais cedo ele passou as mãos sobre minhas bancadas lascadas, e suas botas arrastaram areia pela minha sala de estar. Pequenos pedaços de si mesmo estão agora espalhados por todo o lugar. E ele está aqui, não porque quer que eu pague os favores que devo, mas porque ele é meu.

Eu fecho meus olhos e aprecio isso. Mais do que o Outro Mundo, e esse momento parece um sonho. Tudo o que foi jogado em mim foi muito mais fácil de se provar em um mundo onde as cidades flutuavam e a noite reinava eterna. Mas aqui no mundo normal, um homem como Des não pertence aqui, e definitivamente não com uma garota como eu.

Eu quero gargalhar pela manobra do destino. Porque eu loucamente *tenho* ele, o garoto mau que sempre esteve tão fora de alcance.

Nós dois assistimos mais alguns episódios, mas em algum lugar ao longo do caminho, a atmosfera muda.

Primeiro foram alguns beijos leves que Des dava no meu couro cabeludo e mais alguns que eu pressionava na base da palma da sua mão. Então foi o golpe suave de seus dedos acariciando minha pele, e o jeito inquieto que meu corpo reagiu ao toque. Mas não foi até ele desligar a TV que eu percebo que o Negociador estava meio distraído como eu estava.

— Verdade ou desafio? — Ele sussurra no meu ouvido.

Eu mordo de volta um sorriso. — Ambos.

Des me levanta do sofá, em seguida, me virando em seus braços para que eu possa envolver minhas pernas em torno de seus quadris estreitos. Eu fecho meus braços atrás de seu pescoço, brincando com as pontas do seu cabelo.



Ele procura meu rosto. — Verdade: Diga-me, pequena e doce





sereia, quantas noites você conseguiu pensar em mim quando nos separamos?

Eu deveria saber que Des pediria algo sujo. Sua magia se instala sob a minha pele, exigindo que eu responda a esta pergunta embaraçosa.

— Eu não sei— eu digo.

Não foi bom o suficiente. A magia do Negociador está ficando mais exigente, contorcendo-se ao redor das minhas traqueias.

— Quase todas as noites. — Eu olho para ele enquanto respondo.

— E o que você imaginou? — Sua magia ainda está lá, pressionando a minha garganta.

— O que você *acha que* eu imaginava? — Eu digo sarcasticamente.

Ele apenas espera. Seu poder faz o resto, se aproximando de mim.

— Eu já te dei uma resposta— eu digo. Ele já está recebendo um contrato de dois para um com esse jogo e agora está pressionando sua sorte com outra pergunta.

— É da minha natureza se aproveitar— diz ele, passando um dedo pelo meu decote. — Agora, você estava dizendo...?

Eu aperto meus lábios, embora eu saiba que é inútil. As palavras saem de mim de qualquer maneira.

— Eu imaginava você me tomando em quase todas as posições possíveis. Eu imaginava seu peso contra o meu, seus quadris entre os meus. Eu imaginava o seu corpo de menino malvado fodendo o meu uma e outra e outra vez. Eu imaginava isso doce e legal, eu imaginava isso duro e pervertido. Eu imaginava você quando eu estava sozinha... e quando eu estava com outros homens, eu até chamei seu nome uma vez. Eu imaginava tudo, e isso nunca chegou perto da realidade.



O Negociador observa minha boca enquanto eu falo. Finalmente, ele se inclina e morde meu lábio





inferior. Ele rola entre os dentes antes de liberá-lo.

Ele sorri de um jeito distintamente masculino, suas asas aparecendo em suas costas. — Você chamou meu nome quando estava com outro?

Eu me sinto corar. *Por* que eu compartilhei isso?

— Querubim, acho que vamos ter que fazer verdade ou desafio uma parte regular em nossos dias.

Deus não. Há tantas coisas - coisas como o que acabei de divulgar - que era melhor não ser dito.

Ele nos leva pelo corredor em direção aos fundos da casa.

— Qual é o meu desafio? — Eu pergunto.

— Eu acho que você vai descobrir em breve.

Entramos no meu quarto, as luzes acendem.

— Durante sete anos, ansiei entrar nesta casa— admite Des. — Isso me corroeu, precisando saber que tipo de vida você fez para si mesmo aqui.

Minha pele se agita com a sua confissão.

— Naquela primeira noite que voltei para você— ele diz, — você não podia saber como me sentia, deitado em sua cama, sabendo que você dormia nela. Minha mente estava uma bagunça.

Sua mente estava uma bagunça?

Era a *minha* mente que estava uma bagunça. O malvado e intocável Negociador estava de volta do reino desconhecido, para cobrar suas dívidas e quebrar meu coração de novo. Eu era a garota desajeitada da escola e ele o misterioso e distante.



— Eu queria dormir com você aqui— continua ele, — seu corpo dobrado contra o meu... Deuses, o quanto eu quis me inserir nesta sua vida. —

A magia do Negociador puxa minhas roupas. Um momento eles estão lá, e no próximo, eles são uma bagunça no chão.





Agora eu entendo. *Este* é o desafio - sexo embrulhado com o jogo.

Ele me coloca sobre meus lençóis, mas não se junta a mim. Em vez disso, ele fica ao pé da cama, me comendo com os olhos.

Depois de vários segundos, o Negociador me mostra um de seus sorrisos assustadores. É problema só em um olhar.

Ele agarra meus tornozelos e abre minhas pernas, indecentemente largas me exibindo. — Eu tive minhas próprias fantasias com você. Te comendo aqui mesmo, na sua cama.

Deslizando as mãos sob as minhas coxas, ele me arrasta para a borda do colchão. Eu sinto a fria mordida de suas faixas de bronze de guerra contra a minha perna.

— Esta noite, estou apostando a minha reivindicação a esta cama e tudo mais aqui. — Ele pressiona um beijo na minha parte interna da coxa, em seguida, arrastando seus lábios pela minha pele. — Começando por você.







CAPÍTULO 21

DES TRILHAS BEIJOS ao longo da minha coxa, movendo-se para dentro até que até que eu me contorço em meus lençóis e dou um grito, minha pele imediatamente se inflama enquanto ele belisca um dos meus lábios externos, depois o outro. Eu o sinto sorrir contra mim, e isso é quase pior. Eu não tenho defesa contra o diabólico Des.

Ele passa a língua pela minha fenda, e Jesus Cristo e todos os santos, isso é *sujo*.

O Negociador morde meu clitóris e agora grito.

Muito, *muito* sujo.

— Deuses, eu poderia comer essa boceta no café da manhã, almoço e jantar—, diz ele, logo antes de chupar meu clitóris.

Eu ofego algo ininteligível. Se eu não estivesse tão excitada ficaria envergonhada.

Em minhas costas, minhas asas começam a se formar, o que é realmente infeliz, considerando que elas serão esmagadas embaixo de mim.

Antes que eu tenha a chance de forçá-las a recuar, a mão de Des desliza pela minha espinha, sua mão quente na minha pele.

Com a explosão de sua magia, minhas asas se foram, resolvendo bem desse problema.

Ele continua chupando meu clitóris, e eu estou começando a lutar contra ele, lutando para fugir.



Sensação intensa de mais.

— Ah, ah, ah— ele diz, sua respiração se agitando contra mim.

— Você vai precisar ficar no lugar, querubim.

A magia de Desmond rola contra mim e ...





— Você é - uma pessoa - terrível— eu suspiro, as palavras separadamente. Eu estou perdendo rapidamente a última da minha compostura.

— Eu sou— ele concorda.

Ele lambe e suga e rola meu clitóris entre os dentes, o bastardo só se afastando quando estou perto de gozar. Estou presa por suas mãos e sua magia, e nenhuma quantidade de arqueamento ou torção pode me tirar de sua linha de fogo. Então eu sou deixada para cavalgar suas ministrações cruéis.

E elas são realmente cruéis. Eu estou presa em um ciclo interminável de acúmulo e desabamento, meu corpo enrolando mais e mais.

— Maldito seja, me deixe gozar— eu digo, encanto preenchendo minha voz.

Mas a ordem que eu dei não foi formulada corretamente, e ao invés de forçar a mão do Negociador, eu permiti que ele escorregasse com a minha.

Des se afasta, liberando minhas pernas enquanto ele se senta. Ele passa a língua sobre o lábio inferior, parecendo os Sete Pecados Mortais envoltos em um, e oh meu Deus, por que ele não está acabando logo com isso?

— Não é assim que isso funciona, amor— diz ele, olhando para mim como um homem enfeitiçado.

Depois de um momento, Des se inclina, mas quando penso que ele vai continuar de onde parou, ele me levanta da cama. Instintivamente, eu envolvo meus braços e pernas ao redor dele, sentindo seu pênis lutando contra suas calças.



— Coisa doce, a noite está apenas começando. — Com isso, ele leva meus lábios em um beijo carnal.





Eu provo a mim mesmo em sua língua, e isso faz meu coração doer novamente.

Eu tranco meus tornozelos nele, meus dedos bagunçando seus cabelos. Meu corpo está aceso no fogo, minha pele crua pelo jeito que Des trabalhou em mim.

Des me carrega através do quarto, até minhas costas baterem contra a parede. Ele interrompe o beijo, apoiando a testa na minha enquanto respira pesadamente.

— Eu não pretendo que isso seja uma reivindicação fácil.

Reivindicando. Ele continua usando essa palavra, e não pela primeira vez, eu sinto seu lado fae tentando consumir tudo o que pode.

Enquanto ele me segura, suas roupas deslizam de sua pele, se agrupando embaixo de nós. Seus quadris se afastam dos meus e, mantendo-me nivelada contra a parede, ele empurra para dentro de mim. Eu suspiro com a sensação, meu núcleo agarrando seu pênis como um punho.

Sim. Eu me aqueço na extraordinária pressão e plenitude, e seu corpo esmagador lutando contra o meu.

Eu deslizo minhas palmas sobre seus ombros largos, sentindo as faixas de aço do músculo abaixo. A presença de Des é intimidante o suficiente quando ele entra em uma sala, mas agora, quando ele está dentro de mim, é abrangente.

Suas mãos deslizam para a parte de trás das minhas coxas, angulando minha pélvis para que cada golpe de seu pênis deslize mais fundo do que antes.



Ele inclina a testa contra a minha enquanto me martela contra a parede. — Este é todo desejo, querubim, cada sonho meu, pondo em prática. Eu desistiria de todos os meus segredos - eu desistiria do meu próprio trono - se isso significasse estar com você.





Eu quero dizer algo eloquente, mas tudo o que sai da minha boca é um gemido ofegante.

Tão suave.

— E eu gosto quando minha companheira geme em meus braços— diz Des. — Hmmm, talvez eu deva fazer você gemer de novo...

Os primeiros tentáculos da magia do Negociador atingem a minha pele — *Não*— eu digo, encanto enchendo minha voz.

Des sorri para mim, parecendo emocionado com a minha resposta.

Nossos corpos fazem sons escorregadios quando ele entra e sai de dentro de mim, e logo a sensação está se acumulando até que estou enrolada. A liberação está ali - tudo o que tenho a fazer é deixar ir...

Des desliza para fora de mim e eu quase choro.

Uma mulher poderia ficar louca com isso!

O Negociador cai de joelhos, enganchando minhas pernas sobre os ombros. Sua boca está a centímetros do meu núcleo, mas sua cabeça está inclinada para cima. Eu pensei que talvez isso fosse parte de seu jogo - reter o meu orgasmo o maior tempo possível -, mas um olhar em seus olhos bane completamente esse pensamento.

Ele está olhando para mim como se eu fosse algo parecido com sua religião, algo que ele poderia orar, e agora eu me sinto como uma rainha negra, meu trono feito da carne deste homem.

— Case comigo— diz ele.

O tempo diminui e minha respiração para.

Case comigo.

Um segundo atrás, eu estava louco de luxúria e agora... Agora ...

— Não é o suficiente sermos companheiros— diz ele, — eu quero tudo, se você me quiser.

Minhas mãos começam a tremer onde elas o seguram. Eu mal







posso ouvir meus pensamentos sobre as batidas do meu coração.

— Case comigo, e eu vou te amar para sempre, querubim.

Case comigo.

Nós já estamos presos por forças inquebráveis. O mundo sobrenatural nos vê como almas gêmeas, assim como o Outro Mundo.

O casamento é para os humanos.

De repente, me sinto como se tivesse dezesseis novamente, e Des está me convidado para o baile. Baile de formatura, casamento - tudo isso é como aquela parte minha que sempre foi uma pessoa desesperada, uma solitária. Essa dolorosa parte minha que quer ser *normal.*

Isso é o Des me dando o normal.

— Santa merda— Des sussurra, — por favor, diga alguma coisa, Callie-

Eu balanço a minha cabeça, começando a sorrir.

Apenas Des interpreta mal a minha ação.

Seus olhos estão morrendo, morrendo...

Eu seguro suas bochechas, assim como fiz antes.

—*Sim*— eu digo, minha voz rouca de emoção. Eu começo a acenar e, quando começo, não consigo parar. Eu sorrio, e parece que aquele sorriso está tocando cada centímetro do meu rosto - cada centímetro deste quarto. Um riso feliz escapa.

Eu vou casar com o Des!



A vida passa pelo seu rosto, iluminando suas feições, e tenho certeza de que o mundo não tem utilidade para os sóis comparado ao sorriso tão brilhante quanto o dele. Ela se espalha por todo o rosto dele, seus olhos se enrugando pela ação.

— Você vai se casar comigo?





Eu aceno de novo e estou sorrindo tanto que meu rosto está começando a doer.

— Você vai se casar comigo— diz ele novamente, processando-o. — Você vai ser *minha esposa*. — Ele solta sua própria risada incrédula.

De repente, ele se levanta e minhas pernas escorregam de seus ombros. Ele me pega no meio do seu tronco, e então ele nos gira, me pressionando para perto.

Agora parece que nós dois estamos em nosso próprio pequeno universo. Ele é minha lua, meu sol, minhas estrelas, meu céu e todo esse espaço entre eles.

Des me deita na cama, subindo sobre o meu corpo devagar. Ele pega minha boca, beijando-a como se estivesse respirando a vida em mim.

Minhas mãos acariciam suas costas, roçando suas asas. Suas asas! Eu não os percebi antes, mas elas devem ter surgido quando eu disse sim. As minhas ainda estão trancados devido a sua magia anterior.

Desta vez, quando Des entra em mim, não é tão carnal como era minutos antes. Suas asas se esticam, cobrindo nós dois enquanto ele me enche. Ele puxa para fora, a ação é uma agonia.

— Anos eu esperei por isso— diz ele, — antecipei isso. Minha *esposa*.

Ele empurra de volta. De novo e de novo, ele sai e, como a maré, cada golpe profundo e ondulante é uma marca, como se ele quisesse deixar conhecido por todos e a tudo que somos reais, estamos juntos, somos um.



Desta vez, quando Des implacavelmente me empurra para o meu orgasmo, não há nada lá para pará-lo.

—*Des*— eu suspiro, e então estou gemendo, arqueando, *gozando*.





Eu encontro o clímax em seus braços, olhando para aqueles olhos claros quando me sinto em pedaços.

O Negociador bate em mim, esticando o meu orgasmo até que ele faz uma pausa, sua respiração acalmando por um instante. Então eu posso sentir ele engrossar. Ele geme contra mim.

— Callie— ele fala. É tudo o que ele consegue dizer antes de se entregar à sensação, entrando e saindo de dentro de mim enquanto ele cai no seu orgasmo.

Eventualmente, seus golpes se tornam gentis. Mesmo depois de terminar o orgasmo, ele fica em mim, passando a mão pelo meu cabelo enquanto olha para mim.

— Querubim... tem algo que eu estou esquecendo...

Ele estala os dedos e, do nada, aparece um anel entre o polegar e o indicador. — Eu acredito que isso é seu.

As asas do Negociador ainda estão fora, e além delas, a sala outrora brilhante está agora escura com a magia do Rei da Noite.

Des sai de mim para que ele possa pegar minha mão. Pressionando um beijo no meu dedo anelar, ele começa a deslizar a peça de joalheria.

A pedra colocada na faixa brilha fracamente; não é diamante. Eu não sou de me preocupar com os anéis, mas este me deixou hipnotizado.

— O que é isso? - Eu pergunto, olhando para a pedra brilhante.

— Eu fiz um acordo com as estrelas...



Um acordo, claro que ele fez. Eu sorrio um pouco.

— Ele captura a luz das estrelas— explica ele, apertando minha mão.

— Eu imaginei que a Rainha da Noite deveria levar um pedaço de seu reino com ela.

Vou chorar de novo.





— Você já tinha escolhido o anel... — É uma declaração tão ridícula. *Obviamente,* ele escolheu o anel há algum tempo; não é como se ele interrompesse o sexo para fazer um acordo com as estrelas no local.

Des sorrir, e a visão disso apenas me mata. — Querubim, você ficaria assustada pela quantidade de tempo que eu levei esse anel por aí.

Sim, tenho certeza que *assustada* não é a palavra que eu usaria.

— Eu vou me casar com você. — Eu fico um pouco zonza de emoção apenas dizendo as palavras.

— Eu vou merda me casar com você— ele concorda.

Enquanto olho para ele, penso naquele velho voto, o que me colocou em apuros. — Da chama às cinzas, do amanhecer ao anoitecer, pelo resto de nossas vidas, seja sempre meu, Desmond Flynn.

Ele beija meus lábios. — Até que a escuridão morra.





CAPÍTULO 22

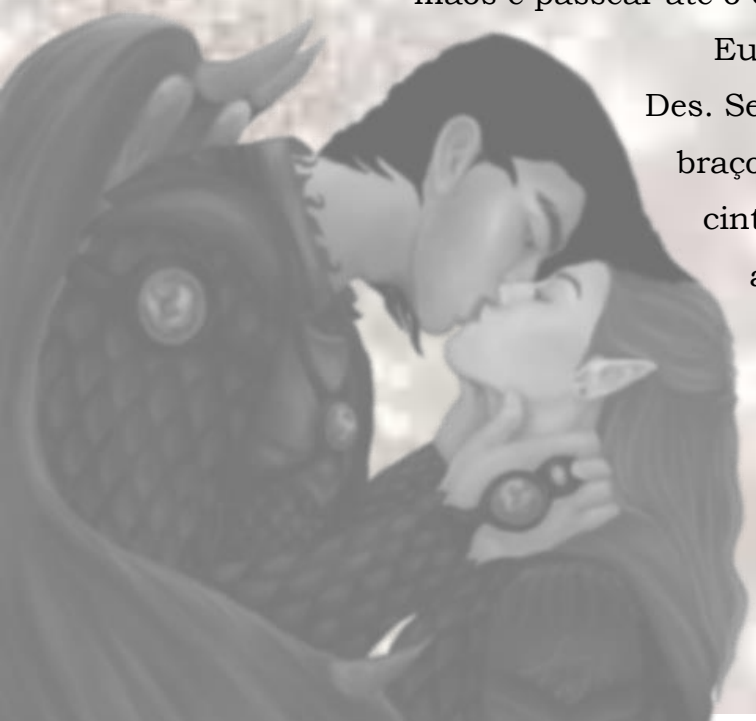
NA MANHÃ SEGUINTE, quando acordo, abro os olhos e vejo uma bagunça de cabelos louros brancos. A cabeça de Des repousa logo acima do meu peito, suas feições suavizadas pelo sono. Seus braços estão em volta da minha cintura, uma das pernas dele está jogada pesadamente sobre a minha.

Eu não posso impedir o sorriso que se espalha pelo meu rosto. Des está aqui comigo, me seduzindo em minha casa. Minha mão esquerda que está enterrada no cabelo dele, e agora eu a removo para olhar para o meu anel pela quinquagésima vez.

Milhões de pessoas passam por isso - se apaixonando, se casando, yadda, yadda yadda - e ainda assim não posso imaginar alguém sendo tão feliz como eu neste momento, no amor como estou agora.

Minha mão cai de volta para o cabelo branco de Des, e eu finjo por um momento que nós dois temos vidas simples. Que eu sou apenas uma humana, e ele é apenas meu noivo. Que ele não tem um reino para governar e que eu não tenho asas e escamas e um perseguidor fae quer a minha cabeça. Que não estamos envolvidos em uma batalha do Outro Mundo que pode destruir tudo o que os faes prezam.

Eu finjo por alguns minutos que somos apenas dois amantes perdidos e finalmente reunidos. Que mais tarde de hoje vamos dar as mãos e passear até o café na rua.



Eu ouço um estrondo profundo de Des. Seu rosto se esfrega contra mim, seus braços apertando em volta da minha cintura. Ele inclina a cabeça para cima, aqueles olhos luminosos encontrando os meus.

Um sorriso lento e fácil se estende por seu rosto. Não há nada



além de amor em sua expressão, embora até mesmo esse olhar em Des seja um pouco desonesto.

Ele dá um beijo no meu esterno. — Você sabe, Callie, eu nunca fiz parte da luz do dia, mas eu definitivamente acho que eu poderia me acostumar com isso. — Sua mão desliza para baixo e começa a acariciar minha coxa. — Diga-me, como você se sente sobre... dormir?

O brilho nos olhos dele é bastante sugestivo. Nós iremos dormir sem a parte *adormecida*.

— Eu acho que isso soa incrível.

Nós DOIS não saímos da cama até horas depois, apanhados um no outro. Terei certeza que o céu consista em dias intermináveis como este.

Apenas com relutância saio da cama, e apenas porque Des prometeu nos fazer o café da manhã.

Eu o vejo agora, meu Des sem camisa se movendo sobre a minha cozinha como se fosse a casa dele e não a minha. (Eu tenho certeza que *ele* sente que o lugar é agora dele.) Eu tento não sorrir enquanto ele puxa os ingredientes do ar.

Os ovos dançam no ar e os pimentões cortam-se. Todo o tempo, Des assobia, o cabelo amarrado para trás.

Meus olhos se movem para baixo, observando seu corpo musculoso e sua manga de tatuagens. O Negociador é algo belo. Algo mortal e astuto, mas bonito ao mesmo tempo.

E como eu estou admirando a paisagem eu percebo as marcas de garras espalhadas em suas costas.

Eu assobio. Aparentemente, sem o meu conhecimento, minhas garras saíram para jogar mais cedo.

Des se vira, instantaneamente alarmado. — O que foi?



Eu aceno para suas costas. — Eu machuquei você.

Ele lança um olhar por cima do ombro. Eu sei que ele não pode ver as marcas, mas ele deve se lembrar delas porque ele sorri.

— Se você está se sentindo verdadeiramente horrível sobre isso, Callie, tenho certeza que podemos descobrir um jeito para você pagar.

— Des! — Isso é o que eu ganho por ser atenciosa.

Ele ri, então se volta para o meu fogão, onde ele está preparando uma omelete. Eu percebo então que ele poderia simplesmente ter se curado. Mas muito parecido com Malaki com o chupão de Temper, ele não se curou.

Nunca vou entender os faes.

O Negociador sacode a mão com espátula e uma caneca de café se prepara. Uma vez terminado, ele flutua pela cozinha até onde eu me sento.

— Para você, meu amor— diz ele, sem se incomodar em se virar.

Eu pego a caneca no ar. — Você é o melhor— eu digo, tomando um gole grato.

— Alguma vez houve alguma dúvida? — Ele olha por cima do ombro e pisca para mim.

E um tempo depois Des termina as omeletes, meu prato flutua para mim, e outro para ele. Eles se agitam na mesa, garfos e guardanapos passando por eles.



Des se senta na minha frente, arrastando a cadeira para trás, e santo Jesus, um Des sem camisa, está sentado à minha mesa. As minhas partes de senhora não estão lidando bem com a situação.





Ele levanta as sobrancelhas para mim e olha incisivamente para a refeição.

O Negociador se recosta na cadeira. — Pare com isso.

— Parar o que?

— Me dando um olhar de *foda-me com os* olhos. Estou tentando ser um cavalheiro e não foder você aqui na sua mesa da cozinha.

Eu coloco meu café para o lado— A mesa aguenta uma surra...

ISSO PODE LEGITIMAMENTE ser o paraíso.

— Podemos fazer isso sempre? - Eu pergunto.

Estou sentada de pernas cruzadas na mesa, minha roupa bagunçada. Espalhados pelo chão estão os restos do café da manhã, as omeletes espalhadas pelo chão, os pratos quebrados em pedaços.

Por que Des e eu não voltamos para a Terra mais cedo? -É óbvio que aqui ficamos loucos. Lua de Mel: minha casa... Depois a casa de Des... e também em algum lugar nas nuvens entre as duas casas.

Des se aproxima de mim, suas calças de volta no lugar. Ele dá um beijo nos meus lábios e depois estende a mão. Os pedaços da minha caneca quebrada vibram no chão, depois se encaixam novamente. O café salpicado se junta no ar e depois volta para a caneca.

O Negociador entrega para mim. — Você precisa mesmo fazer tal pergunta? Vou i*nsistir* que façamos isso.



Eu pego a xícara de café dele. — Obrigada.

Ele se senta ao meu lado na mesa da cozinha, com s caneca dele flutuando até a sua mão. O café da manhã começa a se recompor, as omeletes se formando novamente, os pratos se encaixando. Eles se juntam na mesa.

— O que faremos hoje? - Des soa totalmente impertinente.





— Eu pensei que já tínhamos resolvido isso.

— Exigente a sereiazinha. Eu não sou nada além do seu pequeno boneco sexual, não é?

Eu balanço a minha cabeça, soprando no meu café. (De alguma forma, Des conseguiu fazer com que fumegasse). — Você me descobriu.

Ele me mostra um sorriso travesso. — Eu estava pensando que poderíamos fazer alguma coisa entre as nossas transas. — Ele estala os dedos. — Ah, eu sei.

Eu olho para ele. Ele parece um pouco conspirador para o meu gosto.

Um minuto depois, uma caixa sai do meu quarto de hóspedes. No começo, acho que estamos redecorando o Lar de Callie, parte II. Mas então eu reconheço a caixa indo em nossa direção.

Eu quase deixo cair a minha caneca.

— O que você está fazendo, Des?

Esta não é uma parte do meu passado que eu quero explorar com ele agora - ou nunca.

A caixa cai no chão à nossa frente.

— O que parece que estou fazendo - desenterrando todos os seus pequenos segredos sujos. Oh olhe - esta caixa não está empoeirada como a nossa. Alguém revisita essas coisas com frequência.

Estou apertando minha caneca agora.

As abas de papelão da caixa se abrem.



Eu me inclino para frente e bato uma mão sobre a caixa, fechando-a novamente— Não vamos.

— Vamos, amor. Eu quero ver o baú impertinente de Callie.

Eu quase luto contra ele. Mesmo que ele tenha visto o meu pior, esta não é uma coleção da qual tenho orgulho.





Mas então, é sobre isso que nosso relacionamento é construído: nós compartilhamos nossos pequenos segredos sujos um com o outro, coisas que ninguém mais pode aceitar.

Então, eventualmente, eu levanto a minha mão. — Tudo bem.

As abas se abrem mais uma vez. Meu coração está batendo um pouco mais rápido, e meus dedos estão um pouco nervosos. Ninguém mais viu o que há nessa caixa.

A primeira coisa que levita é um colar de ouro. Colar de ouro de um homem. Ele fica na mão de Des.

— Qual é a história por trás disso? — Pergunta ele.

Se eu fechar meus olhos, ainda posso ver o homem claramente. Estrutura fina e magra; quer dizer, olhos pequenos. Nem todos os meus alvos se parecem com pessoas más, mas este parecia.

— Keith Sampson. O ex dela queria a custódia exclusiva de seus filhos, então ela me fez cavar a sujeira dele. Entre uma longa lista de merda muito fodida que ele fez em sua vida, ele batia em sua esposa, vendia drogas para menores de idade, e transformou a filha dele em uma viciada em heroína para que “a vaca perdesse algum peso”.

Apenas me lembrar que Keith faz a minha sereia se mexer com agitação.

— O que você fez com ele? Des pergunta, curioso.

Rastejar. Chorar. Humilhar a si mesmo.

— Eu fiz ele se entregar.

— Hmm— diz Des, olhando para o colar.

Eu tenho a impressão distinta de que ele está ouvindo as sombras agora. Essa teoria só se solidifica quando ele sorri e então coloca a peça de lado.

A próxima coisa que sai é um mapa desenhado à mão.

— Arnold Mattis— eu digo.





A namorada dele, Christina Ruiz, me contratou para... Lidar com Arnold.

— Vários anos atrás, Arnold bateu, estuprou e esfaqueou repetidamente sua namorada depois que ela tentou deixá-lo. — As fotos da cena do crime ainda me assombram. — Ele saiu com acusações de estupro e agressão, foi condenado a dez dos trinta anos que deveria, mas foi colocado em liberdade condicional antecipadamente—

Quando encontrei Arnold, ele tinha esse mapa nele, o endereço de Christina escrito nele. Junto com o mapa, ele tinha alvejante, corda, fita adesiva e um martelo guardado no porta-malas do carro.

— O que aconteceu com ele?

— *Eu* aconteci.

Arnold e eu jogamos um jogo chamado Olho por Olho. Ele não gostou muito. Eu sim.

O próximo a sair da caixa era uma faixa bordada de ferro de um crânio flamejante. Ela cai na palma da mão de Des, um pouco de couro preto ainda agarrado a ela.

— Motociclista racista.

O Negociador aguarda mais explicações.

Eu dou de ombros. — Eu não sei. Era um dia ruim e ele me irritou. —

Aquele cara era *tão* idiota. E eu tinha poder absoluto sobre ele, apesar de seu tamanho enorme e seu temperamento branco e quente.

Des puxa um dente. Ele segura o incisivo.

— Querubim, isso parece mais o meu trabalho do que o seu.

Agora que ele menciona isso, concordo.

Eu tiro o dente dele, rolando entre meus dedos. Eu fecho meus olhos por um momento, ouvindo um eco dos gritos deste homem.



— Traficante de Humanos— Eu ainda posso ver sua camisa branca e a fumaça que saia do seu cigarro. Ele olhava para mim como se eu fosse gado. A memória ainda me dá arrepios.

Mas também tenho orgulho desse caso em particular. Acabei salvando mais de cem homens, mulheres e crianças.

— Deixei-o sozinho em uma sala com suas vítimas e suas famílias.

— Ele morreu?

Eu sacudo minha cabeça. — Ele implorou por isso… Mas não.

Eu nunca disse que era uma boa pessoa, mas cheguei bem perto do diabo com isso. O dente é prova suficiente disso.

— Eu levei todos esses homens a beira da morte— eu digo, olhando para o dente.

Por vários segundos, o Negociador não diz nada. Finalmente, — quão perto? -

Perto o suficiente para sentir o poder antigo se mover por mim, o mesmo poder que induziu aos meus ancestrais a matarem.

Eu limpo minha garganta. — Perto o suficiente para saber que eu deveria sentir vergonha.

… Perto o suficiente para realmente aproveitar.

Des bufa uma risada. — Mas você não sentiu. — Não é uma pergunta.

— Não.



De modo nenhum. A caixa está cheia de lembranças das pessoas mais cruéis e sinistras do mundo. Pessoas que machucam crianças, abusam de entes queridos, que tentam sair impune de assassinatos.

Nem mesmo a prisão ou a morte podem diminuir as atrocidades que cometeram. Eu posso ser a mais





próxima que eles chegam de um verdadeiro acerto de contas na terra.

Des sacode a cabeça. — Santa merda, se não somos parecidos. Eu te fiz assim?

—*Você* não fez nada— exceto talvez me deu um exemplo sobre como trabalhar com criminosos - — Eu era assim antes de você me conhecer.

No lembrete, os cantos da sala escurecem. É realmente muito animador, ver Des ficar chateado em meu nome depois de todo esse tempo.

Ele toca a caixa. — Acho que eu deveria dá a esses caras uma visita? —

Eu duvido que eles sobrevivam. O Negociador não tem o mesmo problema em matar que eu.

Ainda assim, eu sorrio ao pensar no Rei da Noite em suas calças de couro e camisetas vintage, indo até esses homens para causar uma pequena confusão - e tudo porque eles irritaram sua companheira em um momento no passado.

Eu enrosquei meus dedos nos dele.

—Casar com você vai ser *divertido*.







CAPÍTULO 23

— …ENCANTADORA… —

Eu ofego com a voz. Ela vem de todos os lugares ao mesmo tempo.

— Aproveitando seu tempo na terra?

Eu giro em círculo, meus pés cavando na areia.

Areia…?

É quando meu entorno entra em foco. Há uma praia, o oceano e um penhasco - um penhasco muito familiar.

Esta é a praia abaixo da minha casa. Eu estive aqui mil vezes, geralmente sozinha. Se minha casa é meu santuário, esta faixa de terra é meu templo. E agora está sendo corrompido.

— Bela vista— diz o Ladrão, sua respiração contra o meu ouvido.

Minha pele se acende quando o medo me invade. Eu giro para encará-lo.

O Ladrão está vestido com roupas escuras – roupas *humanas*. Eu pensei que o tinha visto em seu eu mais assustador antes, mas o Ladrão disfarçado de humano pode ser a versão mais assustadora dele.

— Como você sabia onde eu estava? — Eu pergunto.

— Callypso— ele passa a mão pelo cabelo preto, — eu sei de *tudo*.

Nenhum sobrenatural é *tão* onipotente.

O Ladrão de almas nivela seu olhar impiedoso em mim. Por um momento, simplesmente olhamos um para o outro, depois seus olhos se abaixam.

— Esse truque que você faz com a sua pele— diz ele, — eu gosto bastante disso. — Ele se inclina para perto, sua boca roçando minha orelha, — Eu imagino que estar dentro de você é como foder uma estrela.

O Ladrão se endireita, passando a mão pela camisa e







arruma as rugas imaginárias. — Falando de estrelas -— Antes de perceber o que ele está fazendo, ele captura minha mão esquerda. Ele faz um ângulo para que ele possa dar uma boa olhada no meu anel. — O Rei da Noite não foi barato quando ele fez a pergunta - e você disse sim.

— O que você achou que eu diria? 'Não'? Que eu estava me guardando para você?

Ele ri disso. — Que pensamento mortal. Eu prefiro aproveitar nossas palestras, feiticeira. Não, eu quero que você aproveite a companhia do seu companheiro o máximo que puder. Você vê, a vida é apenas uma longa história; eu realmente não me importo como a sua começa... Apenas como termina.

Isso envia um calafrio na minha espinha.

O Ladrão se senta na areia é tão inesperado. Você espera que o mal seja óbvio; você nunca espera que ele aja como qualquer outra pessoa. Ele dá um tapinha no chão ao lado dele. — Junte-se a mim.

Eu olho para ele. — Eu não pretendo ficar aqui.

— Você prefere voltar para sua casa? Preocupada para ver se o seu companheiro está lá? — Ele diz. — Eu me pergunto como seria isso, eu encurralando vocês dois em sua própria casa. Talvez pudéssemos todos nos beijar e compensar nossas ofensas.

Esse visual doe fisicamente.

— Ou eu poderia apenas te segurar e deflorar sua boceta 'virgem' enquanto o Rei da Noite é forçado a assistir.

Essa conversa acabou.

Eu ando para longe dele. Eu não dou cinco passos quando a terra treme violentamente, me jogando de costas. Abaixo de mim, a areia se desloca e se forma novamente







Eu pisco para o céu, um par de gaivotas gritando enquanto voam em cima.

— Você está no meu reino, feiticeira. Aqui nós jogamos pelas minhas regras — diz o Ladrão. Ele se senta ao meu lado e eu não tenho ideia se ele se moveu para o meu lado, ou se a terra me colocou ao lado dele.

Meus dedos escavam na areia. Se eu estou em seu reino, um reino que só visito quando durmo, então...

Eu me levanto, estudando o perfil dele. — Então você controla a pequena morte e tudo o que acontece aqui. — Como fazer o chão tremer e me jogar na areia.

Os olhos do Ladrão se iluminam. — A detetive finalmente juntou tudo. Como perspicaz você é.

Esse idiota.

Eu dou uma risada. — Você sabe qual é o seu problema? - Eu digo, girando para encará-lo mais uma vez. — Você acha que é um estigma especial do mal, mas não é. Eu conheci muitos homens como você antes. — Homens que usam, quebram e destroem.

Ele me dá um sorriso malicioso e eu nunca vi feições tão frias. Isso me assusta- realmente. Eu chamei a atenção de uma coisa abominável e sei que, no momento em que ele realmente colocar as mãos em mim - não em algum sonho, mas no mundo real e desperto - ele vai me destruir.

— Eu lhe garanto, feiticeira— ele diz, — você nunca conheceu um homem como eu.



EU ACORDO NOS braços de Des, meu corpo coberto de suor frio. Estou ofegando, meu peito subindo e descendo.

Um momento atrás, o Ladrão e eu estávamos sentados na praia abaixo do meu quintal, e eu não posso afastar a crença absurda de que ele ainda está lá fora, olhando para





minha casa, debatendo se ele deveria ou não arrombar a porta e foder comigo e com o Des.

Eu agarro o antebraço do Negociador enquanto ele segura minha cabeça e pescoço. Eu fecho meus olhos e meu coração começar a desacelerar.

Quando abro os olhos, o Negociador está alisando meu cabelo longe do meu rosto. — Nós costumávamos fazer isso juntos— ele diz suavemente, — de volta ao seu dormitório. Você costumava ter pesadelos e eu acordava você deles.

Porque, mesmo quando não éramos um *nós*, Des ainda me salvava várias e várias vezes.

— Você se lembra? — Ele pergunta baixinho.

Eu aceno com a cabeça contra ele.

— E agora os pesadelos estão de volta e, desta vez, não posso salvá-la deles.

Eu respiro fundo e pressiono a mão na testa úmida. — Ele pode controlar os sonhos - o Ladrão. Ele chamou o lugar de seu reino.

Des franziu o cenho, sua testa enrugando enquanto seu olhar procurava meu rosto. Eu acho que ele está prestes a me dizer algo, mas o momento passa e suas palavras nunca vêm.

Fora das janelas do meu quarto, eu posso ouvir as ondas batendo contra a costa. É mais um lembrete visceral do meu sonho.

Eu estremeço um suspiro. — Eu não sei porque ele me pegou como mira. — Estou envergonhada por quão fraca eu pareço.



— Ouça-me— diz Desmond, segurando-me com força. — O Ladrão das almas pode ser poderoso, mas você *não é a* vítima *de ninguém*. Você entende?

Eu engulo e aceno com a cabeça.

Des procura meu rosto, a luz da lua lançando seu rosto em tons de azul. — Acha que você conseguirá voltar a dormir? — Pergunta ele.





E acaba em outro dos sonhos do Ladrão?

Eu sacudo minha cabeça.

O Negociador solta um suspiro. — Então vamos tomar café da manhã.

Eu olho para o relógio na minha mesa de cabeceira. São 3:02 da manhã

— Onde tomaremos café da manhã tão cedo?

Des apenas sorri.

— EU AMO você, você sabe disso, Não é? — Eu pergunto, separando um croissant de chocolate. Ao nosso redor, a luz do sol penetra no Douglas Café. Pode ser o meio da noite em Malibu, mas é quase hora do almoço na Ilha de Man. O lugar está cheio de pessoas conversando com café e doces, a vida se movendo da mesma maneira de quando vínhamos aqui há uma década.

— É sempre bom ser lembrado. — Des chuta seus pés em cima da mesa, inclinando-se para bebericar seu café expresso. Os anos podem passar, mas ver o grande e mau Negociador beber café de uma pequena xícara nunca envelhecerá.

Eu tomo um gole do meu café, observando um grupo de bruxas adolescentes fofocando enquanto esperam na fila para pedir.

— Você já desejou ter isso? — Des pergunta, seguindo o meu olhar.

— Desejou o quê?

O Negociador sorri maliciosamente. — Não seja tímida, querubim. Você sabe do que eu estou falando.



Namorado. Uma posse. Um grupo de mulheres que cobre as suas costas e você as delas. As pessoas com as quais você compraria, pegariam emprestado, contariam todos os seus segredos. Houve momentos em que eu queria tudo isso tão desesperadamente que doía.





Eu respiro fundo, baixando a minha caneca. — Às vezes, quando eu não penso sobre o que isso teria me custado.

Se eu não estivesse tão desesperadamente sozinha, eu não faria a minhas barganhas pela companhia de Des. E se eu não tivesse barganhando por isso …

— Eu teria vindo para você, amor. — Ele chuta os pés para fora da mesa. — Procurei cem anos por você. Eu teria te encontrado de um jeito ou de outro.

Essa confissão me aquece até as pontas dos dedos dos pés.

Eu tomo um gole final do meu café, depois o afasto. Eu olho para trás para as meninas, que agora se afastaram para o lado enquanto aguardavam os seus pedidos.

— Eu tenho uma versão disso— eu digo baixinho.

Temper preencheu o buraco aberto que Des deixou em mim, e eu estava lá para preencher seus próprios buracos.

Deus, esse pensamento parece muito mais sujo do que eu pretendia. Não que Temper se importasse com a descrição.

— Ah, Temper, a mulher que eu sou eternamente grato. Sabe, eu sei um pouco sobre... A situação dela.

Meus olhos se arregalam. Eu sei o suficiente sobre seu passado fodido, mas eu não sei tudo.

Des toma outro gole de sua bebida. — Talvez eu te diga em algum momento... Por um preço, é claro.

Claro.

O Negociador abaixa seu expresso e fica em pé. — Devemos nos mexer. Nós temos um compromisso.



EU TIRO as teias de aranha depois que saímos da linha ley e entramos em uma igreja condenada.





Portais da linha Ley ocorrem nos lugares mais estranhos.

— Onde estamos? — Eu pergunto enquanto Des me leva para fora. Acima de nós, o céu está nublado e, do outro lado da rua, um prédio se ergue contra o outro.

— Londres— diz Des, pegando minha mão.

Por um momento, não acho isso incomum. Estou acostumada a aparecer em cidades aleatórias com o Des. É o que sempre costumávamos fazer juntos.

Mas agora que Galleghar e o Ladrão estão perdidos, e o Outro Mundo está no meio de uma guerra, Londres parece aleatória.

— Porque estamos aqui?

— Você verá.

Com essa observação enigmática, vamos pela rua. Nós dois caminhamos por vários quarteirões, o Negociador está praticamente arrastando minha bunda para esse destino misterioso.

— Onde estamos indo? - Eu pergunto novamente.

— Eu tenho um conhecido que pode ser capaz de nos ajudar.

Nos ajudar com o *que*?

— A menos que você esteja me levando para um spa, eu realmente não estou muito feliz com isso.

Quer dizer, eu vou arriscar mais um desentendimento com Galleghar se isso significar fazer algum tratamento de spa, mas é só isso.



O Negociador olha para mim enquanto atravessamos a rua, sua expressão maliciosa.

— Eu pensei que o café da manhã me comprou um pouco de anistia.

Eu resmungo com isso porque ele tem um ponto. Você me agrada com bolos e café, e eu vou ignorar um monte de porcaria.





Finalmente paramos em frente a um prédio elegante.

— Este é o lugar onde você queria me levar? — Eu pergunto, avaliando. Parece um lugar onde a diversão morreu. É tudo com bordas lisas e acessórios modernos, e, francamente, parece errado estarem colocados bem aqui nesta cidade antiga.

— Tenho certeza que vou odiar isso.

— Querubim, você nem sabe o que *é* isso.

Eu bufo. — A não ser que este lugar contenha um bar temático, um ano de macarons ou a porra do papai noel, isso vai me decepcionar.

Todos os quais são coisas que eu arriscaria se nos levasse a Galleghar.

— Tão dramática; talvez se você for legal, eu vou te levar a um bar temático depois disso - eu posso até deixar você tirar fotos do meu corpo—

Eu aperto meus olhos em direção a Des. — Isso é *chantagem com certeza*. — Chantagem completamente eficaz, mas chantagem mesmo assim.

— Suas habilidades de dedução estão fora das paradas.

Eu dou ao meu companheiro um leve empurrão, sorrindo um pouco.

— Você não precisa ficar com a boca em mim. E eu estou totalmente te prendendo para tomar minhas doses em seu corpo. — Tequila. Eu quero lamber o sal do seu abdômen enormemente sexy e fazer com que ele me alimente com o limão.



Por que sim, eu *sou* uma aberração.

Relutantemente, entro no prédio com ele. Só quando chegamos ao décimo sexto andar e vejo o letreiro de metal do outro lado do caminho





percebo exatamente qual é o compromisso de surpresa.

— Você está me levando para visitar um *vidente*? — Apenas falar esse nome envia uma onda de adrenalina em meu sistema.

Não é de admirar que o Negociador estivesse todo imperial sobre o nosso destino. Eu nunca teria concordado em vir aqui se soubesse.

— Você não acha que está na hora de alguém olhar para o seu futuro, considerando tudo o que está acontecendo? — Diz Des.

— Não, eu não penso assim. — Eu não penso assim no geral. Por algumas *razões*. Boas. Aquelas sobre os quais não quero falar.

Eu ainda estou olhando para o sinal.

BELLEBY & SONS, LLC

Vidente

É preciso ter cautela

EU TREMO UM pouco. Meu padrasto era um vidente. Ele trabalhava em um lugar como este, fazendo fortunas através de pessoas mais ricas e poderosas - pessoas que frequentemente estavam do lado errado da lei.

Foi assim que encontrei o Negociador pela primeira vez. Um cliente havia dado o cartão de Des ao meu padrasto, e ele matinha tudo à mão, pronto para chamar o Rei da Noite se ele se encontrasse em uma situação difícil. Por conta do destino, *eu fui* aquela cuja a situação era difícil, e o Negociador foi a minha graça salvadora.



O chão é assustadoramente silencioso, tudo é, exceto um gemido distante. Eu esfrego meus braços.

Essas doses de tequila no corpo terão que ser a mais deliciosa do mundo.

Des coloca uma mão nas minhas costas e se inclina para beijar





minha têmpora. É o mais próximo que ele chega de se desculpar pelo truque podre que ele jogou em mim. Ele me conduz pelo corredor, e o lugar parece praticamente abandonado.

— Os negócios estão realmente crescendo— eu digo.

A boca de Des treme, mas o resto do rosto dele é estoico.

Paramos na frente de uma porta. Atrás dele, o gemido é mais alto.

Quem prever futuros aqui, parece que estão ocupados arruinando a vida de outra pessoa.

Talvez devêssemos voltar mais tarde...

Sem qualquer aviso, o Negociador abre a porta.

— TOC Toc.

Dentro do quarto, uma mulher nua grita do local em que estava deitada esparramada sobre a mesa, o homem em cima dela lutando para se libertar.

— Oh *merda*— diz o homem, avistando Des. Ele rapidamente tenta empurrar seu lixo para dentro de sua calça.

Apenas... *Eca*.

A mulher quase nua grita novamente, tentando (sem sucesso) se cobrir.

Eu acho que isso explica os gemidos...

— Eu pensei que você disse que nós tínhamos um compromisso? - Eu assobio para Des.



Meu companheiro não olha para mim, em vez disso, balança a cabeça para o homem. — Você sabe melhor do que misturar negócios com prazer, Collin.

Acho que ele é o vidente. Não fiquei impressionada.

O Negociador agita a mão no ar, e as roupas que a mulher está





tentando colocar se encaixam em seu corpo. Ela grita e sai do quarto.

— Droga— diz o homem, observando a mulher sair antes de voltar sua atenção para Des. — Você poderia ter ligado.

Ele tem razão - afinal de contas, é preciso ter cautela.

— Meus clientes sempre dizem isso— diz Des. — O problema é que, quando eu ligo, eles têm o mau hábito de desaparecer, e eu tenho o mau hábito de encontrá-los e adicionar mais dividas à conta deles. E sinceramente, isso é melhor para todas as partes envolvidas.

Collin agarra sua camisa descartada e a coloca de volta.

— O que você quer? — Ele pergunta, descontente. Ele abotoa a camisa e se inclina contra a mesa.

Vai precisar de uma Bíblia e de um pouco de água benta para limpar as ações ocorridas naquele móvel.

Eu sinto o ar da magia de Des saindo dele. Um momento depois, desliza a camisa do vidente para cima, revelando duas marcas irregulares.

Eu dou um passo à frente, instantaneamente curiosa. É raro ver um dos clientes de Des com mais de uma das suas tatuagens. Provavelmente significa que Des confia em Collin.

— Me lembre de quantos meses você teve? - Pergunta o Negociador.

O homem puxa a manga para baixo, mexendo o punho; eu tenho um vislumbre de quão jovem ele realmente é. Vinte e poucos anos talvez?



E agora que estou olhando, há indícios de que ele está desconfortável com as roupas que usa.

Depois do que nós interrompemos, eu não estava esperando isso desse cara.

— Estou disposto a pagar minha dívida— diz Collin. — Apenas me diga o que você quer.

Agora que ouço o sotaque áspero de Collin. Um cenário se





forma: um garoto promissor, mas com poucas com opções se aproxima do Negociador. O Negociador vê algo de si no jovem, então ele o ajuda um pouco mais do que seus outros clientes. E assim, o jovem vidente tem um conto inspirador de riquezas e apenas duas dívidas para pagar.

Os olhos de Collin se movem para mim e lá eles travam.

— Quem é essa? — Ele pergunta com um pouco mais de interesse do que profissional.

— Não importa quem ela é. O que importa é o que você pode fazer por ela — diz Des.

O rosto do vidente se torna arrogante. Ele gesticula para eu ir para frente.

— Lave suas malditas mãos primeiro— Des rosna. — Você não está tocando nela depois de ter seus dedos na boceta larga de uma garota. —

Collin arqueia a sobrancelha, mas se levanta. — Eu vejo que o nosso tempo passado não fez você mais agradável.

Os olhos de Des passam rapidamente pela sala. — Eu vejo que o nosso passado te fez mais rico.

O vidente grunhe. Dando um pequeno aceno de cabeça, ele sai do quarto.

Eu me viro para o Negociador. — Por que estamos fazendo isso?

Realmente não quero estar aqui.

— Querubim, eu pessoalmente prometo que se Collin fizer qualquer coisa que você não goste.

Eu abro minha boca.

— Além de prever o seu futuro.

Droga. Eu fecho minha boca.

— Eu pessoalmente vou destruí-lo do umbigo à garganta.

Jesus.







— Bem, eu vou cobrar meu último pagamento dele, então eu vou estripar do umbigo até a garganta— Des completa.

— Ninguém precisa estripar ninguém. Eu só ...

A porta se abre e o resto das minhas palavras desaparecem quando Collin retorna.

— Tudo bem — diz o vidente — onde estávamos? — Seus olhos caem para mim, iluminando-se com interesse.

— Oh, certo, você quer uma leitura.

— *Eu* não quero uma leitura— digo, só porque acho que esse ponto precisa ser esclarecido.

Collin se vira para Des.

— Dê a ela uma leitura.

Ugh

O vidente limpa a garganta.

— OK. Por favor, sente-se, senhora. — Ele gesticula para um sofá próximo.

Tenho certeza que pareço uma criança petulante quando me sento. Quero dizer, eu entendo, só porque meu padrasto era o satanás (e isso não é literal - eu ouvi que Satã era realmente muito mais legal que Hugh Anders), não significa que todos os videntes sejam.

Mas isso também não significa que eu tenha que ser uma boa pessoa sobre isso.

Collin se senta ao meu lado, e Des se move para a parede em frente ao sofá, encostando-se a ele e cruzando os braços, seus bíceps esticando as mangas de sua camiseta do AC / DC.



Seriamente injusto que o Negociador pode parecer tão gostoso mesmo quando estou irritada com ele.

— Eu sou Collin— diz o vidente, chamando minha atenção de volta para ele.





— Imaginei que você deveria saber meu nome antes de eu examinar seu futuro.

Estou prestes a falar que eu já sei o nome dele e isso era uma porcaria e uma droga, mas eu forço um sorriso. — Callie.

— Prazer em conhecê-la.

Sim, tanto faz.

O vidente pega as minhas mãos, seus polegares acariciando minha pele de uma maneira que não é totalmente profissional. Mas talvez seja só eu.

Eu olho para as nossas mãos, e quando olho para elas, começo a sentir o batimento cardíaco dele através de sua pele, movendo a magia com seu sangue. Seu poder humano preenche meus sentidos.

Sua habilidade é forte, incrivelmente.

Meus olhos se movem para Collin.

Acho que estou à espera de incenso, encantamentos - pelo menos um fogo aceso ou uma tigela rasa de água para adivinhar o meu futuro. Meu padrasto tinha uma tigela que ele usava para adivinhar. Ele nunca usou isso em mim - nunca se atreveu a encarar suas ações monstruosas de frente -, mas gostava de usá-lo com os clientes.

Esse vidente não faz nada disso. Ele respira profundamente, seu olhar fixo no meu, seus olhos procurando, procurando ...

Eles desfocam.

Meu próprio olhar vai para Des, que se acomodou em uma cadeira próxima. Com um pé com as suas botas, ele inclinou o assento para que ele repouse sobre as duas pernas traseiras.



Quando ele me pega olhando, a borda da sua boca se enrola. Ele começa a levitar a si mesmo e à cadeira, entretendo-me como costumava fazer quando eu era adolescente.

Eu começo a rir.





— Olhos em mim— o vidente diz gentilmente.

Minha atenção retorna para Collin. Nós dois nos encaramos por um longo tempo. Tempo suficiente para me fazer mudar de assento e sentir-me desconfortável. Tempo suficiente para eu visualizar vividamente essas doses de tequila no corpo.

Demora mais um minuto e Collin começa a falar.

— Eu vejo outra entidade assombrando você, se metendo em sua consciência quando tem uma chance - o que pode fazer isso? — O vidente murmura para si mesmo.

— Isto não é nenhum pesadelo... isto não é... nenhum ser terrestre. Ele continuará a assombrá-la. Ele quer... Eu não tenho certeza. Ele quer você -*feiticeira*.

Esse nome. Eu fico tensa.

A cadeira de Des cai asperamente.

Agora Collin fecha os olhos. Segundos passam e sua respiração parece diminuir.

Parece que está saindo do roteiro ...

Os olhos do vidente se abrem.

Eu recuo. Eu conheço a criatura olhando por trás desses olhos.

Isso não é vidente. Não mais.

Ele começa a falar.

— *Corra feiticeira, você está ficando sem tempo.*

Eu tento puxar minhas mãos, mas o aperto de Collin fica firme.

— *Eu te devorarei devagar, sua vida é minha.*

O canto da boca de Collin se enrola em um sorriso sinistro.

—*Então fuja de mim, pois uma vez que eu terminar, eu estarei me libertando e vindo até você.*







O vidente solta minhas mãos, tossindo e esfregando sua garganta. Quando ele olha de novo, o Ladrão não está mais em seus olhos.

— Que *porra* foi essa? — Ele diz.

Estou tremendo e não apenas por conta da apreensão. A sala ficou fria e escura.

Des sai das sombras.

— Essa é a criatura que precisa ser exterminada.

ele diz, me ajudando a sair do sofá. — O que mais você previu? — Pergunta ele, olhando para Collin.

O vidente limpa a garganta, ainda esfregando-a.

— Eu vi a escuridão e a morte, e algo sobre isso era... *consciente.* O que quer que essa merda seja, está se aproximando dela, — ele diz, acenando para mim.

— Se ninguém parar essa coisa... Então ela irá pegá-la. E nesse caso, — Collin olha para mim desculpando-se.

— A morte não é aquilo que você deva se preocupar.

A MORTE NÃO É AQUILO Que você deve se preocupar.

Esse deve ser o lema do Ladrão. Eu já vi que quando se trata deste monstro, há outras coisas brutalmente distorcidas que ele pode fazer para circunvagar a morte.

E agora minha mente evoca todos os tipos de coisas impossíveis que são piores que a morte.



Veja, isso é o que quero dizer sobre querer ter uma vida normal. Pessoas normais não precisam se preocupar com coisas piores do que simplesmente morrer.

Collin levanta a manga da camisa exatamente quando uma das duas linhas pretas desaparece de sua pele.

— Isso era realmente tudo o que você queria? — Pergunta ele.





— Você gostaria que eu cobrasse mais? — A escuridão ainda não se sumiu.

— Não, não— o vidente se apressa em dizer.

— Então eu estarei por perto— diz Des.

— E uma dica profissional: tente manter seu pau em suas calças durante o dia de trabalho. É ruim para os negócios.

Desmond coloca uma mão nas minhas costas.

— Pronta para ir, querubim? — Pergunta ele, sua voz gentil para mim.

Eu concordo.

Mais que pronta.

Collin estende a mão, supostamente para apertar a de Des. O Negociador olha para baixo com um leve desgosto.

Em vez de pegar a mão do vidente, um cartão de visita preto se manifesta entre os dedos de Des.

— Você sabe como isso funciona. Nós não somos merda de amigos. Entregue meu cartão a um amigo que esteja numa situação difícil, ou não, mas não se esqueça onde estamos. Você ainda tem uma dívida sobrando.

Eu acho que isso é o mais próximo que o Negociador chega dos seus melhores clientes.

Collin pega o cartão de Des, e isso deve ser o fim das coisas.

Não é.



Talvez Collin seja convencido, ou curioso, ou talvez ele só queira fazer um ponto, mas no último minuto ele agarra a mão de Des de qualquer maneira, forçando o Negociador a dá um aperto de mão forçado.

No momento em que a pele de Collin entra em contato com o do meu companheiro, o vidente suga a respiração, seus olhos desfocam.





Eu acho que alguém está tendo sua sorte lida...

Ao meu lado, a forma de Des desaparece. Num segundo Collin está segurando a mão dele, e no próximo Des pega o vidente pela garganta.

Ele bate Collin contra a parede.

— Sinto muito, mas não me lembro de pedir a você para ler o meu futuro— diz o Negociador calmamente. Não há nada demonstrando sua raiva crescente - sem as sombras, sem suas asas - nada.

Collin tenta inutilmente afastar os dedos de Des, mas quanto mais a pele deles entram em contato, pior fica o vidente. Os olhos de Collin reviram, sua respiração sufocando. Seu corpo tremendo uma vez, duas vezes.

Eu dou um passo à frente. — Des, o que você está fazendo? — Eu pergunto, assustada.

Ele franze a testa para o vidente.

— Nada. — Como para provar seu ponto, o Negociador libera o homem.

Collin se encolhe no chão, seu corpo fraco e trêmulo. Ele geme, suas pálpebras tremulando. Ele tosse. — Negociador.

O Rei da Noite olha de forma neutra para ele. — Você faça essa gracinha novamente, então vai perder os dedos, um por um.

Des olha para mim. — Pronta, querubim?

Uh... — Sim?



Des coloca uma mão nas minhas costas e me leva até a porta.

— Espere— grita Collin atrás de nós.

O Negociador não desacelera.

— Há algo que você deve saber— diz o vidente, com a voz rouca.

— A escuridão... A escuridão vai te trair.



CAPÍTULO 24

NÓS NÃO FALAMOS até que estamos a um quarteirão de distância do prédio.

— Como você quer a sua cerveja? — O Negociador finalmente diz.

— *Des*— É quase um sussurro.

— *Eu* preciso de uma cerveja.

— *Des*— Eu paro. Eu sinto que não consigo recuperar o fôlego.

— Você não pode simplesmente fingir que os últimos dez minutos não aconteceram.

O Negociador murmura algo em voz baixa. Ele se vira para mim, seu cabelo parecendo neve contra o pano de fundo cinza de Londres.

— Callie, nada vai acontecer comigo. — Ele soa tão seguro de si mesmo. Como se ele fosse imune a danos.

Eu quero sacudi-lo. — Esse vidente disse que a escuridão irá traí-lo, Des!

— O vidente é um pequeno idiota que ficou grande demais para suas calças.

Por que ele não está escutando? — Ele olhou para o seu futuro!

— *Callie*. — Ele pega minha mão, rodando o meu anel de noivado um pouco. (Sempre tenho que estar usando uma peça das joias do Negociador.) —Está tudo bem. Eu não estou desconsiderando as palavras de Collin. O que for de acontecer vai acontecer, mas você precisa confiar em mim. Você pode fazer isso?

Não. Ugh, *sim*.

— Parece que eu acabei de ter você de volta. — Eu olho para os meus pés antes de olhar para o Negociador novamente.

— Eu não posso te perder duas vezes.

— Quem disse alguma coisa sobre me perder? — Des pergunta.







—Não deixe sua mente brincar com você agora, amor. Traição não é o mesmo que a morte.

Eu respiro fundo. Ele tem razão. A contragosto, eu aceno.

— Você está bem? — Des pergunta.

Não. Na verdade, não.

— Eu quero essas doses de tequila no corpo.

DESMOND ACHOU PARA NÓS um clube temático depois de tudo. Um que oferece doses de tequila no corpo.

Alquimia, uma boate em Londres, que está decorada para parecer um paraíso de feiticeiros, cada uma das últimas decorações ligadas à magia negra e ao lançamento de feitiços.

— Querubim, isso é uma má ideia. — Des olha para mim de onde ele está deitado, falsas velas brilhando rodeando-o. Ele parece uma oferta de sacrifício misturado entre elas, e eu acho que esse é o ponto.

— Você ama ideias ruins— eu digo. Eu seguro um pequeno frasco com sal em uma mão e um limão na outra.

Tão excitada porra.

— Normalmente. Dessas eu não tenho tanta certeza. — Sob sua respiração ele diz: —Teria sido mais divertido se nossos papéis fossem invertidos.

Eu me inclino me aproximando, minha boca a centímetros da dele.

— Vou *garantir que* você se divirta. — Eu faço essa declaração com ênfase, passando a fatia de limão ao redor do umbigo do Negociador. Seus olhos brilham, e através de nosso vínculo eu sinto o pequeno indício de sua excitação.

Ele é tão mentiroso. Ele está entusiasmado com a situação tanto quanto eu.







Minha atenção se move do rosto para o torso.

Eu passo a fatia de limão com um círculo de sal.

Honestamente, isso é tão sexy que deveria ser ilegal.

Des me mostra um sorriso de lobo. — Se divertindo, querubim?

- Só um pouquinho. Coloco a fatia de limão na boca dele e aceno para o garçom.

Um homem vestido com vestes de feiticeiro vem com uma garrafa de tequila. Ao meu sinal, ele despeja o líquido âmbar no umbigo de Des.

Depois que ele termina, eu me inclino.

Eu sorrio para Des enquanto lambo o sal de seu abdômen.

Um gemido escorrega entre os dentes.

Pressionando meus lábios em seu umbigo, engulo a tequila.

Abaixo da minha boca, os músculos do Negociador se flexionam. Eu coloco a mão contra eles enquanto me levanto, o álcool queimando pela minha garganta.

Eu me inclino novamente, pressionando meus lábios contra o do Negociador, então pego a fatia de limão entre meus dentes, o cítrico cortando a picada do álcool.

Uma vez que deixo o limão de lado, Des se senta e gira para me encarar, arrastando uma série de velas no processo.

Ele coloca a mão entre as pernas. — Você já teve o seu divertimento, amor?



Essa é uma pergunta capciosa, certo?

Eu me inclino. — Nem perto.

DES FICA SEM A SUA camisa pelo resto da noite, e toda a população feminina deste lugar não pode lidar com isso.

Sério, elas não podiam. E isso é um problema.





— Todo mundo está olhando para você— eu digo.

Des senta *no* bar, bebendo direto de uma garrafa de uísque chique. Ele também não deveria estar fazendo isso, mas quando eu disse isso, ele simplesmente disse: — As regras devem ser quebradas— Então ele piscou, tomou um gole de seu uísque e eu espontaneamente tive um orgasmo.

Ok, o último não aconteceu, mas foi quase.

Sento-me na banqueta como uma mulher normal e crescida... Enquanto meu rei fae me prende com as pernas.

Não que eu esteja reclamando disso. Em absoluto.

Quero dizer, estou bem ao nível dos olhos dele. Existem pontos de vista piores.

Des abaixa sua garrafa de uísque.

— Todo mundo está olhando para *você*, querubim. — Ele balança a cabeça. — Os anos podem passar, mas no final do dia, você ainda é aquela garota do ensino médio que lamentavelmente desconhece sua própria beleza.

Uma mulher se aproxima do bar ao nosso lado, o braço inocentemente roçando a coxa de Des.

— Desculpe— ela diz, se desculpando, embora metade das pessoas neste lugar estejam tocando a outra metade.

Eu dou ao Negociador um olhar aguçado. *Vê?*

Ele ignora a mulher, em vez disso, inclina-se para a frente.

— Suas asas estão começando a aparecer, bebê sereia.

Estou bem ciente disso. O álcool mais a possessividade fae e todos os meus pensamentos vigorosos estão tornando quase impossível escondê-los.







A mulher se inclina para Des e, dessa vez, quando o braço dela roça a coxa dele, não é por acaso.

— Você vem aqui com frequência? - Ela pergunta a Des, me ignorando completamente.

Minha pele se ilumina e olho para a mulher.

— *Corra.*

Sem outra palavra, a mulher se afasta do bar, voltando para a multidão.

Então isso foi tecnicamente contra a lei... mas Deus se sentiu bem.

— Alguém está com *ciúmes*? - Des pisca um sorriso diabólico, tomando outro gole de sua garrafa.

— Pssh, não. — *Sim.*

Eu olho para a minha pele e franzo a testa enquanto escurece.

— Este é um bar sobrenatural, certo?

— Não exclusivamente. — Usando a mão que segura a garrafa de uísque, Des coloca um dedo em mim. Eu não me movo muito então a magia dele me pressiona contra ele. — O que significa que, tanto quanto eu amo elas— Ele toca uma asa.

Oh droga, elas saíram novamente.

— Vamos ter que guardá-las.

Debaixo de sua palma, sinto a magia de Des derramar em mim, assim como da última vez em que ele escondeu minhas asas, quando estávamos em minha casa. Há uma pressão momentânea quando a magia as obriga a desaparecer, e então elas desaparecem.



Ficamos na boate por mais uma hora, passando do bar para a pista de dança e para uma área onde podíamos ficar em pé e nos misturar.

O tempo todo os clientes deste lugar me observam e Des, e tinha muito em suas aparências. Luxúria,





inveja, avareza. O Negociador não faz nada além de semeá-las; eu posso provar sua magia no ar, imprudente e selvagem, sinalizando para as pessoas tomarem decisões ruins.

Eventualmente elas fazem. Elas bebem mais, tocam mais e se aproximam cada vez mais de nós. Logo as brigas estão surgindo, pelo menos dois casais parecem estar participando de algumas carícias *pesadas*, e Des e eu assustamos uma dúzia de pessoas interessadas em atrapalhar essas relações.

— Você faz isso em todas as festas que frequenta? — Pergunto.

— Fazer o quê? — Ele pergunta, parecendo inocente.

— Irrita as pessoas.

Ele sorri. — Você não está se divertindo?

— Eu literalmente quase rasguei uma mulher a cinco minutos atrás. Ela se colocou entre mim e Des, e então começou a flertar com o meu companheiro - pelo menos até que ele convenientemente ficou de lado para se juntar a mim.

— Foi uma pena que eu interrompi tão cedo.

Ugh Isso é o que acontece quando sua alma gêmea é um fae. Os verdadeiros shows de devoção geralmente envolvem derramamento de sangue.

— Mas você está esquecendo todos os homens e mulheres que se aproximaram de *você*— acrescenta ele.

Homens e mulheres que então deram uma olhada no ameaçador Negociador e repensaram seus planos de jogo.



Des coloca a cerveja que ele agora segura em uma mesa próxima.

— Por que não terminamos a noite?

As doses de tequila no corpo estão embriagadas, os bons tempos foram vividos, e todos os outros aqui estão agora numa bagunça mais desleixada





do que qualquer um de nós. É um momento tão bom quanto qualquer outro para terminar.

Nós dois saímos do clube, descendo alguns quarteirões até chegarmos a um cemitério local. Uma vez lá, Des me conduz pela entrada de uma linha ley, o ar oscilando conforme nós passamos.

Demora menos de um minuto para viajar de Londres de volta à Califórnia e, quando saímos da linha ley, voltamos para a casa de Des.

O Negociador me empurra para fora da sala circular do portal, a porta batendo em minhas costas, trancando depois de uma intrincada trava.

Eu olho para Des, que se inclina contra a porta por um momento. Ele tem o diabo em seus olhos quando ele olha para mim.

— O que eu digo. Meu sangue está começando a correr pelas minhas veias.

— Você não acha que eu deixaria você tomar essas doses de tequila no corpo sem um reembolso, não é? — Diz Des.

Em um piscar de olhos ele está na minha frente.

Magicamente, sua camisa está de volta. Ele roça a minha quando ele entra no meu espaço, me apoiando contra uma parede próxima.

— Como você quer - no chão, contra a parede ou sobre o balcão?

Cristo. Minha pele começa a brilhar quando minha sereia desperta, atraída pelo sexo e pela magia.

Sua mão mergulha em minhas calças e cobre meu sexo.

— Ou prefere que eu escolha para você?

Eu suspiro, minhas mãos chegando aos seus braços, meus dedos cavando.



É preciso pouco esforço para ele deslizar minha calcinha para o lado e mergulhar um dedo no meu núcleo.

— Estou aceitando isso como uma *escolha para mim*.

— *Des ...*



Ele é feroz e esmagador e muito, muito fae.

Um segundo dedo afunda. Eu gemo com a sensação.

Minhas unhas afiam quando eu o agarro, minhas garras arranham a sua pele. Minhas unhas se aprofundam, e o Rei da Noite sorri quando elas perfuram sua carne.

Nós realmente somos um casal doente, se satisfazendo com sangue e sexo.

Minha respiração falha, minhas pernas se abrindo mais quando eu o provoco a continuar.

Seu nariz e lábios passam por minhas bochechas coradas.

— Ou talvez eu não escolha nada disso. Como eu amo ver você desmoronar com o meu toque. Talvez o meu toque seja tudo o que você terá. -

Ele morde meu queixo, brincando comigo. É claro que gosto de ser como uma argila mãos de Des, pronta para ser moldada na forma que ele quiser.

Um minuto atrás eu não estava pensando em sexo, agora eu estou lamentando com a tortura lenta dele me queimando sem me preencher corretamente.

Eu começo a pegar as calças dele quando ele pega meu pulso e prende-o na parede.

— Ah ah. Não é assim que isso funciona. — Des beija meu pescoço, em seguida, move sua atenção para a minha boca, com gosto de uísque e ações sombrias. Todo o tempo seus dedos hábeis me acariciavam para cima e para baixo.

Ele pega meu lábio inferior entre os dentes, mordendo, seus olhos inteligentes particularmente desonestos.

Ele solta meu lábio.



— Goze em minha mão— Des exige.

É a mesma ordem agressiva que ele costumava me dá quando eu tinha uma pulseira de miçangas.

E mesmo que a pulseira tenha ido embora há muito tempo, sinto a magia do Negociador florescer entre as minhas pernas, estranha e proibida.

Meus joelhos ficam fracos quando meu orgasmo é arrancado de mim, varrendo meu sistema. O prazer é violento e repentino. Parece se estender indefinidamente, e mesmo quando as ondas diminuem, a queda parece durar uma vida inteira.

Eu inclino minha cabeça contra a parede, sem fôlego e corada.

— Você é um bastardo— murmuro.

— Aiiiii, você realmente não quer dizer isso, querubim— diz Des, removendo os dedos da minha calcinha. Ele coloca os dois na boca, lambendo-os.

Já mencionei o quão sujo ele é?

Leva apenas um minuto ou mais para eu me recompor dos seus dedos. Minha sereia está alta. Longe de ser saciada, ela só teve um gostinho do sexo.

Me empurrando da parede, eu vou até o Negociador. Pegando seu queixo rudemente, eu beijo sua boca.

— Para um cara que se especializou em barganha, seus planos de pagamento ultimamente poderiam causar algum trabalho— eu digo, batendo o lado de sua mandíbula com o dedo com a garra.



Tenho certeza que pareço tão desonesta quanto ele.

Liberando sua mandíbula, eu me ajoelho na frente dele.

— Callie ...

Eu começo a desabotoar suas calças, olhando para ele. Os olhos de





Des estão brilhando de desejo; Des quer me dizer para parar, mas ele também quer meus lábios em seu pau, e ele quer *muito* isso.

O zíper faz um ruído estridente quando eu o puxo para baixo.

— Sorte a sua, quando se trata de pagamento, estou disposta a ajudar.





CAPÍTULO 25

O MUNDO SE FORMA do caos, os borrões de cores se tornando mais arrumados até se tornarem coisas.

A primeira coisa que noto é um pouco de trigo contra a palma da mão aberta. Então o vívido céu azul caindo sobre mim.

Então o Ladrão.

Ele caminha pelos campos vestidos de preto, parecendo um ceifador vindo buscar minha alma. Como o último sonho, vê-lo dessa maneira é desarmante. Se você pegar o monstro que vive debaixo da sua cama e colocá-lo em plena luz do dia, o que acontecerá?

Ele vem até mim, desconfortavelmente perto. É aqui que me afasto dele, onde me revolto.

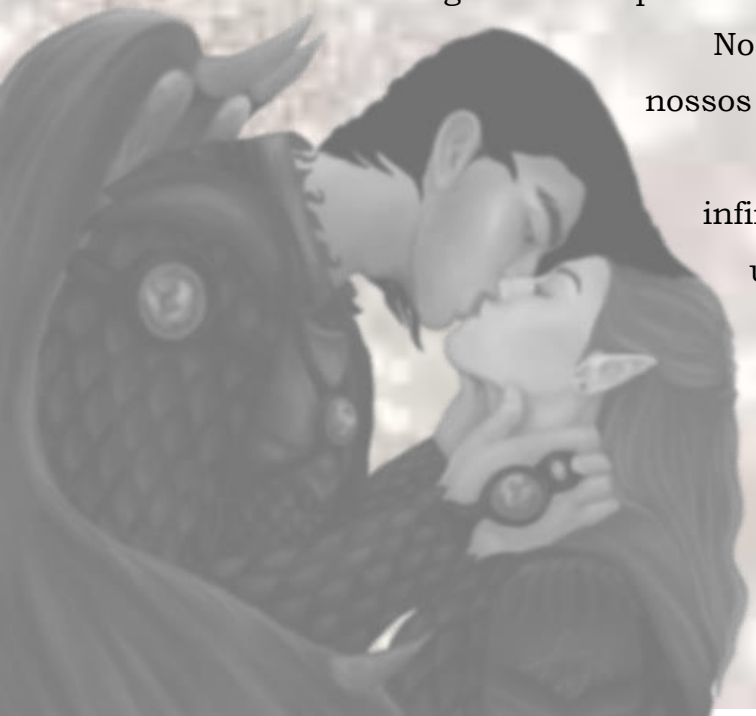
— Você foi para a cama com um homem e acordou com outro. *Que* confuso — diz ele.

Eu não estou acordada. Está na ponta da minha língua, mas depois hesito.

Eu tenho a estranha sensação de que isso é o que eu deveria dizer. Que o Ladrão tem toda a nossa interação coreografada, e tudo faz parte do nosso joguinho.

Só não quero mais jogar.

Acabei com a revolta, ficar assustada, terminar de acordo com algum roteiro pré-ordenado.



No lugar de responder, eu olho para os nossos arredores.

Do horizonte ao horizonte, estão infinitos campos dourados ondulando sob um céu dolorosamente azul. Os rangidos do vento cantam através do trigo.

— Como você escolhe onde nos encontramos? - Eu pergunto.





Seu cabelo se agita quando ele responde: — Tudo o que me agrada no momento, é o que eu escolho.

Quando meus olhos absorvem aquele céu azul, nuvens começam a rolar no horizonte. Eles se movem de forma pouco natural, juntando-se umas às outras.

O Ladrão das almas pode construir paisagens de sonho e usar os rostos dos mortos. Dois poderes surpreendentes.

As nuvens escurecem como contusões até que elas estão sombreando a terra. As nuvens se abrem acima de nós e o céu à solta. Relâmpagos e trovões explodem.

A chuva cai sobre mim, e o vento açoita meu corpo, chicoteando meu cabelo. Eu sinto que estou no centro de algum furacão terrível, e a magnitude disso tudo é estonteantemente linda.

— Isso assusta você? — O Ladrão pergunta. Ele me observa com cuidado, o vento e a chuva rasgando-o.

Não.

Eu me viro para ele, meu cabelo molhado batendo na minha pele.

— Você quer isso?

Um sorriso enigmático cruza seu rosto e seus olhos brilham ao lado do raio.

Tão rapidamente quanto a tempestade se aproximou, recua. A chuva para, o céu clareia, e o sol aparece novamente.

— Eu acho que você tem coisas melhores a temer de mim. — Ele começa a me circular.

— Coisas piores que a morte.

Lembro-me da prisão de Karnon, as mulheres algemadas ao ferro, estupradas pelo Ladrão, perdendo-se lentamente para a sua magia negra. Eu penso no soldado que entrevistei.

Está escuro aqui. Muito escuro.







Eu quero descansar. Por que eu não posso descansar?

Ele volta para a minha frente. — Eu nunca vou te deixar em paz, feiticeira. Nunca. Vou banir a esperança, se você tiver isso. Você não pode escapar das minhas garras. Nem mesmo na morte.

Eu analiso seus olhos escuros. — O que eu te fiz?

Por ser uma sereia? É tão simples e superficial como a pele bonita moldada sobre ossos bonitos? Ou é algo mais específico? Algo que deu errado há muito tempo?

Há uma parte minha, uma grande parte que está acordando. Deveria ter sido libertada na escola, quando meus poderes floresceram, ou quando Karnon me alterou, ou mesmo quando Des me alimentou com o vinho lilás, mas não aconteceu.

Isso não aconteceu naquele momento, mas eu posso sentir isso agora, alguma força enterrada há muito tempo que vem de dentro de mim.

O Ladrão inclina a cabeça. — O que você fez? — Ele ecoa.

— Você me *alegra*. Você faz sentir o meu sangue correr em minhas veias. Ele se aproxima.

—Você me *excitou*. Humana suja, mulher bonita, feiticeira improvável. Você chamou minha atenção e eu vou aproveitar você por um tempo.

Eu não vou escapar dele.



Essa é a única verdade que eu estive negando há tanto tempo, e agora eu enfrento isso.

Eu realmente não vou escapar dele. Um dia, em breve, terei que enfrentar o Ladrão, não em um sonho, mas no estado de vigília. Um acerto de contas está chegando para nós e, no final,





um de nós será o vencedor, e um, o vencido.

— Eu vou te quebrar de novo e de novo até que não haja mais nada para quebrar— o Ladrão diz suavemente, passando os dedos sobre minha bochecha.

Me quebrar?

Eu estive pensando sobre isso errado toda a minha vida. Eu não sou de porcelana para ser quebrado, eu sou outra coisa completamente diferente.

Me quebrar?

Eu nivelo meu olhar impiedoso sobre ele. — Você pode tentar.

NA MANHÃ SEGUINTE, quando acordo, estou sozinha na cama de Des.

Por um momento, eu simplesmente deitei lá, recolhendo meu travesseiro e respirando o cheiro do Negociador.

Eventualmente, eu me sento, passando minhas mãos pelo meu cabelo. Na mesa de cabeceira, está uma xícara de café. A nota ao lado diz: *Até que a escuridão morra.*

Um pequeno sorriso escapa. Eu pego a caneca e dou um gole, deixando minha mente vagar.

Inevitavelmente, meus pensamentos se movem para o sonho da noite passada. Pela primeira vez desde que comecei a tê-los, não me assusto com o pesadelo. O Ladrão de almas e eu fomos colocados uns contra os outros, não como caçadores e caçados, mas como *adversários*.

E esse detalhe muda tudo.



Desde a morte de Karnon, eu estou fugindo - tanto que realmente não fiz nenhuma *perseguição*.

Pondo meu café de lado, saio da cama e procuro nas coisas de Des até encontrar um caderno e uma caneta. Subindo de volta na cama, pego a caneta e coloco na página.





O LADRÃO DAS Almas - controla os sonhos (pequena morte), usa os corpos dos mortos, controla magia negra, coloca os faes em um estado vegetativo, os filhos que bebem sangue e profetizam...

A MAIORIA DOS atributos tem algo a ver com a morte e eles não parecem ser atributos dos faes da Noite. Não que esse conhecimento me aproxime mais das respostas.

Mistério estúpido.

Eu poderia apenas encantar o Ladrão e obrigá-lo a confessar.

Puta merda

Eu *poderia* fazer isso. Por que eu não pensei nisso antes?

Eu fico entusiasmada por dois segundos e meio antes de me lembrar que eu já tinha tentado este truque *depois* que bebi o vinho lilás, quando ele veio para mim em um sonho. Não aconteceu nada, apenas excitei a aberração.

Tanto esforço por essa ideia. A menos que os sonhos tenham seu próprio tipo de lógica neles. Talvez ele seja apenas imune ao meu encanto nos sonhos... Eu esfrego minha testa. Quero dizer, quem diabos sabe neste momento? Estou correndo em círculos aqui e tudo que estou conseguindo fazer é me confundir.

Deixando minhas anotações de lado, eu me empurro para fora da cama de Des. Eu roubo uma camisa do Iron Maiden de sua gaveta, ignorando o conjunto dobrado de roupas femininas claramente para mim, pego minha caneca, depois caminho pelo corredor.



Eu encontro o Rei da Noite em sua sala de estar, abençoadamente sem camisa enquanto ele anda de um lado para o outro. Ele olha para um pedaço de pergaminho desenrolado, com a testa franzida e o lábio inferior entre os dedos.





Seus olhos se movem do seu trabalho para mim. Um sorriso se espalha em seu rosto quando ele vê minha camiseta. — Isso ficou *muito* bem em você, Callie.

Eu levanto a caneca. — Obrigado pelo café.

— A qualquer hora, amor.

— O que você está lendo? - Eu pergunto, indo até ele.

Seu olhar cai para o papel e sua carranca retorna.

— Relatórios sobre o estado do Outro Mundo.

Por um momento, a informação é um choque. Eu quase consegui esquecer que mesmo na terra Des tem uma série de responsabilidades que ele ainda deve cumprir.

Veja, esta é a prova que eu serei uma rainha de merda.

— O que eles estão dizendo? — Eu pergunto.

— Malaki rastreou Galleghar até o Reino da Fauna, mas o perdeu lá. E, quanto aos reinos, Flora e Fauna estão sofrendo baixas maciças.

— O massacre nos reinos continua. Os soldados do Ladrão estão se movendo para todas as grandes cidades e matando todos os fae que encontrarem. Os soldadas adormecidas estão enfrentando perdas pesadas – Os faes da Flora e Fauna não estão caindo sem lutar - mas a carnificina continua.

Todo esse tempo, os faes estão morrendo. Enquanto eu tomava doses de tequila no corpo de Des, esses soldados estavam matando inocentes.



Meu estômago embrulha com o pensamento.

Você se deixou ficar ociosa, minha sereia sussurra. *Isto é o que acontece.*

— Por que o Ladrão faria isso? — Conquistar é um esporte de sangue, mas esses reinos já caíram. Não há razão para as mortes continuarem.





— Por que ele faz isso, sério? — Des tira os olhos do papel, encontrando meus. — Você tem uma caixa de memorias de alguns dos piores humanos. O que *eles* fariam se chegassem ao poder?

Eles matariam e mutilariam e governariam seus reinos sem lei, e ninguém estaria a salvo, a não ser eles.

— Isso não é um ser humano que estamos lidando— eu me oponho.

Os humanos têm seus próprios impulsos, fae outro.

— O mal não funciona de forma diferente entre os mundos— diz Des.

— Embora os fae *fazer disso* um talento especial de criatividade e ostentação.

Des coloca o pergaminho de lado.

— Oh, a propósito, eu pensei que você deveria saber, Typhus Henbane está morto.

Demoro um minuto para colocar o nome.

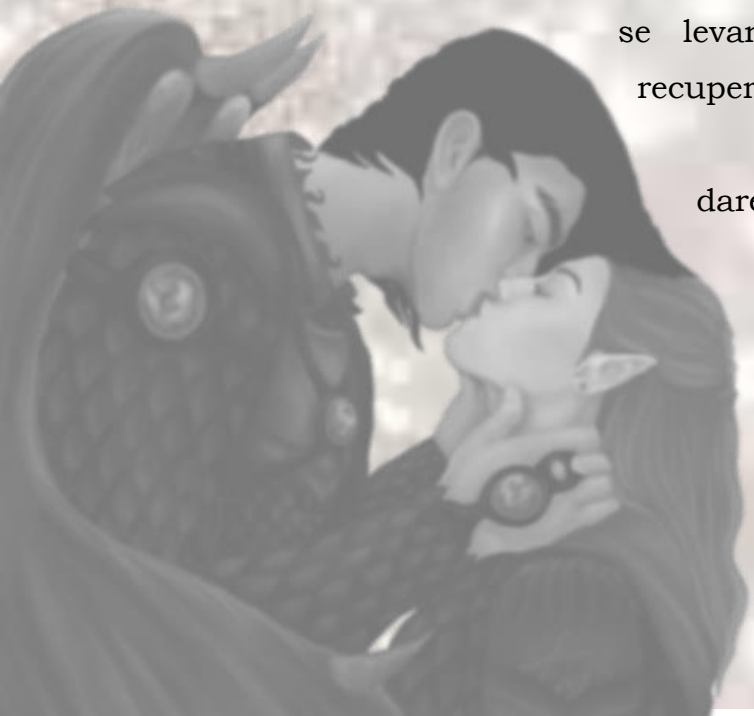
O Rei das Terras Banidas, aquele a quem visitamos para sabe notícias de Galleghar.

O homem da cidade de magia roubada está morto e eu sou parcialmente responsável por isso.

Ontem, essa informação teria me acertado como uma pedra no meu estômago. Hoje... hoje estou com um humor estranho.

— O que aconteceu? — Perguntei.

— Exatamente o que você temia que pudesse acontecer. Seu povo se levantou contra ele e o matou. Eles recuperaram a magia deles.



A magia que ele tinha forçado a lhe darem...

Magia trocada.

Meus olhos voltam para o Des.

— O que?

Corro de volta para o quarto dele, só para descobrir que o





Negociador já estava lá esperando por mim. Ele está de braços cruzados, olhando-me com olhos curiosos. Evitando-o, pego o papel que deixei na cama e olho para minhas anotações.

— Posso ter a minha linha do tempo? — Eu aceno para Des com a minha mão.

Sem palavras, o Negociador produz a linha do tempo que eu havia criado dias atrás, soltando na minha mão.

Eu coloco os dois papéis lado a lado no colchão. Por cima do meu ombro, o Negociador olha para eles.

Estava bem na minha frente o tempo todo.

— Galleghar e o Ladrão compartilham poderes.





CAPÍTULO 26

GALLEGHAR E O Ladrão compartilham poderes.

Eu não sei como ou quando ou porque os dois estão ligados, mas eu apostaria dinheiro sério que os dois estão compartilhando. Isso explicaria por que Galleghar continua aparecendo durante nossa busca pelo Ladrão. Ele está viciado na mesma linha de poder mágico que o Ladrão de alma está. Enquanto sua magia estiver unida, você não pode ter uma sem a outra.

A prova de sua estranha parceria é mapeada na linha do tempo. Séculos atrás, Galleghar foi morto, mas seu corpo era incorruptível, desafiando a ordem natural. Por duzentos anos, ele permaneceu adormecido - muito parecido com os soldadas adormecidas - até que ele foi despertado por uma sombra - uma sombra semelhante à que assombrava as mulheres adormecidas e as crianças do caixão.

Quando me viro para enfrentar Des, ele parece... Horrorizado. A expressão está lá por um momento antes que ele a tire.

Seu olhar se move para o meu. —*Deuses*— Ele dá um passo mais perto. — Isso explicaria porque meu poder não destruiu os soldadas adormecidas.

Porque as sombras são fiéis aos seus. Mesmo que o Ladrão não seja um fae da noite, sua vida e magia estão cobertos por um homem que é um.

A escuridão vai te trair.

Pego minhas anotações e leio a lista dos traços do Ladrão. Seus poderes, obviamente, têm algo a ver com a necromancia, mas os necromantes são mortais, e o Ladrão não é.

— Des, você consegue pensar em alguma fae que possa fazer o que o Ladrão faz?



É uma questão antiga, uma das quais já corremos uma dúzia de vezes. Então eu não estou surpresa quando Des balança a cabeça. O que quer que as sombras falam a Des, elas não vão contar a ele isso. Existem alguns segredos que nem elas desistirão.

Infelizmente, esses são os segredos que vale a pena conhecer.

O DIA PASSA TRANQUILO. Des e eu tomamos um bom café da manhã, depois tomamos um banho e relaxamos um no outro, e as horas passam.

Ao meio-dia, estou nadando no oceano abaixo da casa de Des - até consegui arrastar o Rei da Noite para aquelas ondas geladas. E, longe da costa, mostro a ele que as sereias não gostam apenas de matar homens na água. Nós gostamos de fodê-los lá também.

Em algum momento nós voltamos para a minha casa. Des conserta a torneira quebrada no meu banheiro de hospedes e eu lhe dou um muito pessoal obrigada. Nós cozinhamos, nós conversamos, nós nos divertimos.

É simples e encantador e perfeito -*e ainda*. Nem Des nem eu conseguimos ter essa vida - não enquanto o Ladrão e Galleghar estiverem aterrorizando o mundo - e nenhuma barganha pode mudar isso. Em algum momento, nossas pequenas férias aqui na terra terminarão, e então teremos que voltar ao Outro Mundo e lidar com todos os problemas que deixamos para trás.

Eu giro meu anel de noivado em volta do meu dedo. E então, abruptamente, eu paro de girar como um pensamento vem para mim.



Há uma coisa que eu gostaria de fazer antes que nosso tempo acabe.

Meu olhar se move para o de Des.

— Leve-me para Veneza.

FAZ OITO anos desde que eu vim a este lugar. Oito chocantemente longos anos. E, no entanto,





caminhando ao lado dos canais, você pensaria que foi apenas ontem que convenci Des a me levar em uma de suas barganhas.

Mesmo agora, meu coração pula, lembrando-se da primeira vez que o vi trabalhar. Seu mundo deveria me assustar, mas teve o efeito oposto. Eu tenho um gosto por seus segredos, seus acordos, sua *magia*. Essa foi a primeira noite em que eu olhei para o mundo dele.

Então parece certo voltar aqui agora.

Ao meu lado, Des estuda meu rosto. Ainda não lhe contei minhas razões para vir aqui.

— Segredos, querubim, são *minha* coisa, não sua— diz ele. Mas seus olhos estão brilhantes, como se ele gostasse muito do pequeno truque que eu tenho na manga.

É um bom truque também.

— Me dê uma hora sozinha.

Des levanta as sobrancelhas. — Que travessura você vai entrar sem minha companhia?

Aiiii alguém está se sentindo excluído? Que pena.

— O tipo que você não está a par.

Des estreita os olhos.

— Vá encontrar algo para fazer por uma hora— eu digo.

— Eu sei como chegar até você.

—Hmmm— diz ele, avaliando-me. Seus olhos se erguem, contemplando as luzes cintilantes de Veneza. É tarde aqui, mas a cidade ainda está viva com música, vozes e risos. O lugar está sob seu próprio tipo de feitiço.



— Eu deveria apenas me entreter enquanto espero? Aqui? — *Sem você?* Ele não diz isso claramente, mas eu escuto isso mesmo assim. E isso me aquece até os dedos dos pés.





— Tenho certeza de que esta não é a primeira noite em que você se encontrou com tempo para matar.

Ele pega uma mecha do meu cabelo e torce em torno de seu dedo.

— Tudo bem, Callie. Eu vou encontrar algo para fazer - ele diz isso como se ele fosse procurar por problemas - enquanto espero.

Eu separo meus lábios para responder, quando Des desaparece no ar. A mecha de cabelo que ele estava torcendo agora voa de volta para o meu ombro.

Meu coração bate um pouco mais acelerado.

Eu tenho uma hora. Melhor fazer valer a pena.

EU SEI O que quero no momento em que meus olhos pousam sobre ele. Eu estou ainda mais segura quando eu passo meus dedos sobre isso.

Agora eu tenho um grande segredo que estou tentando esconder de Des.

Sua aliança de casamento.

Eu inclino o anel para frente e para trás sob a luz da joalheria. Pequenos pedaços de madrepérola esmagada captam a luz. Sua cor florescente não é tão chamativa quanto que eu estou acostumada; parece mais perto da pedra da lua do que qualquer outra coisa, mas não é a lua que quero que Des lembre. E sim o mar.

Meu companheiro me deu um pedaço do seu céu noturno. Estou dando a ele um pedaço do meu oceano. A sereia praticamente ronrona com o pensamento.



Eu passo meu dedo sobre ele novamente, meu coração batendo rápido. Eu nunca pensei que eu fosse do tipo sentimental, mas aqui estamos nós.

— Vou levar este aqui— digo ao joalheiro.





Eu compro a aliança e saio da loja. Eu nem sequer dou dez passos quando paro e puxo o anel da pequena caixa de veludo em que ele está encaixado. Eu o rolo entre meus dedos enquanto olho para baixo.

Há uma última coisa que quero.

Eu raramente tento usar a magia de Des, mas eu não tinha razão para isso. Agora eu tenho.

Fecho os olhos e puxo a conexão que compartilho com o Negociador. Abaixo do nosso vínculo, sinto o pulso de sua magia. Eu uso isso até o sentir deslizando em minhas veias. Com um pequeno impulso, eu envio meus dedos para dentro do próprio anel.

Quando abro os olhos, vejo as palavras gravadas que a magia de Des me comprou. Elas torcem em torno do interior do anel.

Até que a escuridão morra, seja sempre meu.

Uma combinação do seu voto para mim e do meu para ele.

Deus, eu estou realmente possuindo todo esse negócio de ser sentimental.

Antes que eu possa estudar meu trabalho com mais detalhes, uma presença familiar está aparecendo na minha frente.

Eu olho para o Negociador, surpresa em vê-lo.

— Você não deveria aparecer até que eu chamasse— eu protesto.

A questão cai em ouvidos surdos. Os olhos do Negociador se prendem à aliança de casamento, e ele está olhando para ela como se fosse Gollum e eu estivesse segurando o Um Anel para governar todos eles.



Ah, foda-se!

Isso não deveria acontecer desse jeito.

— Você chamou a minha magia— diz Des pensativo. — Eu estava preocupado. O que é isso?





Meu coração martela por causa da sua pergunta.

Eu mordo meu lábio, mas isso não impede que as palavras se espalhem.

—É o seu anel. — Eu respiro fundo. —Case comigo, Des. Esta noite. Agora mesmo.

Ele olha para o anel por mais alguns segundos. Lentamente, seus olhos enluarados se levantam até os meus, os fios prateados deles luminescentes.

Sua mão se fecha ao redor do anel, sua outra mão envolvendo meu pulso como uma algema - como se eu e minha proposta pudessem escorregar por seus dedos, se ele não segurasse com força suficiente.

Ele parece... Muito fae. Muito, *muito* fae. Suas feições parecem ter afiado, e o olhar em seu rosto é voraz.

— Você está falando sério, Callie? — As palavras são cuidadosas e fragmentadas, como se ele estivesse segurando uma grande dose de esperança.

Eu aceno, não me atrevo a falar. A última de minha coragem escapou com minhas palavras.

Seu aperto no meu pulso fica forte e, em seguida, suas asas aparecem.





CAPÍTULO 27

EU NÃO CONSIGO superar a visão dele em toda a sua glória - bem no meio de Veneza, não menos.

Ele olha para mim como se estivesse morrendo, como se isso fosse uma agonia, mas então ele sorri, e a visão é impressionante.

Sua mão livre penetra no meu cabelo, e então ele está me puxando para frente e sua boca está subitamente forte contra a minha.

Ele me beija como um homem possuído, seus lábios reivindicando os meus. Eu posso provar sua magia em sua língua, como se a própria noite tivesse um sabor.

Mesmo depois que o beijo termina, o Negociador me mantém perto, sua mão cruzada atrás do meu pescoço, sua testa pressionada na minha.

— Eu adoraria mais que tudo, Callie, casar com você. — Ele inclina minha cabeça para que ele possa sussurrar em meu ouvido.

— Você pode não saber... — Eu o sinto sacudir a cabeça contra mim enquanto as palavras o deixam. Ele me segura perto, suas asas de ponta de garras curvando-se em volta de nós.

Eu estico e toco uma asa, traçando uma veia — Negociador, eu gostaria de fazer um acordo.

Des endurece. — Callie ...

Ele não precisa dizer mais nada para eu entender o que ele está pensando. A última vez que eu negociei com nosso relacionamento, perdemos sete anos.

— É um pequeno pedido— eu digo. Um que não deve ter repercussões duradouras.

O Rei da Noite espera, mas não há dúvida de quão tenso seu corpo está.

— Eu quero me casar em algum lugar que seja especial para você.

Des toca meu rosto levemente, sua expressão ilegível. Eu acho que



talvez ele esteja entusiasmado, mas talvez seja só a esperança da pergunta.

Envolvendo uma mão ao redor da minha cintura, o Rei da Noite nos levanta no ar, suas asas ondulando sobre ele.

— Querubim, é um acordo.

O LUGAR QUE DES escolhe para casar comigo não é na terra, mas eu não pensei que seria lá.

Estamos entre as ruínas do templo de Lyra, uma antiga deusa fae associada à nova vida. Os arcos e colunas de mármore esculpido são agora meros ossos do que antes devia ter sido um edifício extravagante.

O tempo corrói todas as coisas - nem mesmo os faes são imunes a esse destino.

A grama selvagem alcançou algumas das pedras caídas, suas hastes balançando ao vento da noite, as flores de mil flores peroladas flutuando para lá e para cá entre tudo.

As flores imortais de Lyra, Des me disse quando pusemos os pés neste lugar.

Temper e Malaki chegaram logo depois de nós, eu tenho que agradecer os dois - eles limparam bem, considerando que nós demos tão pouco tempo.

E por pouco tempo quero dizer demos a notícia apenas algumas horas atrás.



— Bem, bem, bem— diz Temper quando ela me vê, o seu vestido azul enevoado se arrastando atrás dela, — *há minha* melhor amiga. Você se divertiu desossando o homem morcego enquanto o resto de nós estava realmente salvando o Outro Mundo?

Eu aperto meus lábios para não sorrir.





— Eu não estava apenas desossando o Des— eu digo.

— Nós nos divertimos um pouco também.

— *Sem mim*?

— Não aja como se estivesse sendo mantida aqui contra a sua vontade.

Encontrei-a no quarto de Malaki, embrulhada em seus lençóis.

— Cadela, você não sabe como tem sido aqui. — Ela olha de lado para Malaki, que está ocupado batendo no ombro de Des.

Temper abaixa a voz dela.

— Ele é realmente muito intenso, o que é incrível quando ele está me tomando, mas não tanto quando sai do quarto. Tenho a impressão de que o cara quer *compromisso*.

Sim, eu também tive essa impressão. Pena que Temper é alérgica a isso.

Ela acena e me puxa para um abraço. — Eu seriamente nunca esperei que esse dia chegasse— diz ela, segurando-me perto.

— Você está me dando fé que até nós, vadias ruins, podemos encontrar amor.

Eu rio em seus braços.

Minha amiga se afasta para pegar meu vestido pálido e brilhante. O tecido é feito de luar, o bordado brilhando um pouco mais do que o resto. Na minha garganta está o colar de Des moldado para mim a partir dos raios de lua.

Eu me sinto como uma rainha das faes.

— Você está linda— diz Temper. Não há sarcasmo, nem piada, nem uma pitada de escarnio costumeira para afastar a doçura de suas palavras.



— Tudo bem, Temper, você pode deixar de ser sentimental. Está me enlouquecendo.



Malaki vem então, me puxando para um abraço.

— Desmond é um homem abençoado por ser companheiro de uma mulher como você. Obrigado por fazê-lo feliz.

O general de Des e eu nunca conversamos muito, e para ser honesta, sempre achei que ele sentia que eu era apenas uma garota. Então, para ouvi-lo dizer isso...

Eu não tenho palavras para dizer a ele como isso me faz sentir, então eu simplesmente abraço Malaki mais forte.

Ele me solta e recua, colocando uma mão pesada na nuca de Temper, seus dedos esfregando a pele dela. Ela não está batendo nele, o que ela não teria problema em fazer se não gostasse do cara.

Hmmm...

Um mistério para outro dia.

Des se aproxima de mim, vestido com as mesmas sedas brilhantes que eu, seu círculo de bronze em sua cabeça. Ele é quase insuportável de se olhar; sua beleza desumana é quase dolorosa de se olhar.

— Callie— diz ele, — há algo que eu queria te mostrar.

Des pega minha mão e me leva para longe de Temper e Malaki, depois para longe das próprias ruínas. Ar fresco da noite assobia através das flores, e é tudo muito sereno.

O Negociador me leva a um pequeno monte coberto de flores. Ele se ajoelha na frente dele, colocando as mãos na terra.

— Isso pode ser um pouco macabro, mas eu queria trazê-la aqui por um longo tempo— diz ele.

— Aqui foi onde coloquei minha mãe para descansar.

Eu ofego por isso.

Sua mãe, a única mulher que sacrificou tudo por ele no final, foi enterrada aqui?



E *Des a colocou* para descansar? Tento imaginar Des carregando sua mãe morta para este lugar, cavando um túmulo para ela. Ele estava sozinho? A possibilidade em si é triste.

— Por que aqui? — Eu pergunto.

É lindo, mas há inúmeros outros lugares no Outro Mundo.

— Ela costumava me contar histórias sobre Lyra, a deusa da nova vida.

Des acena com a cabeça para as ruínas.

Seus olhos retornam ao túmulo.

— Às vezes eu venho aqui para estar perto dela— ele admite.

Ele olha para mim.

— Sinto muito, eu não queria transformar isso sobre o passado.

— Não está. — Eu pego sua mão e puxo-o para ficar de pé.

O Negociador tem poucas pessoas importantes em sua vida. Mesmo na morte, sua mãe é uma delas. A primeira mulher a cuidar dele. É apropriado estar aqui, onde ela pode passar essa tocha para mim.

Eu aperto a mão dele.

— Vamos nos casar.

Eu começo a puxá-lo de volta para Temper e Malaki quando ele resiste.

— Espere, Callie, há mais uma coisa.

Eu me viro exatamente quando Des alcança os céus. Muito acima de nós, as estrelas brilham, mas enquanto eu assisto, pitada de luz das estrelas giram lá em cima, se fundindo na palma da mão de Des. Ele sussurra algo em antigo Fae. Em resposta, a luz das estrelas salta em sua mão, movendo-se até formar um arco cintilante e delicado.



Des agarra nas duas mãos e coloca na minha cabeça. — Aqui.





Ele recua, a luz das estrelas refletindo em seus olhos, e olha para mim da mesma maneira que fazia todos aqueles anos atrás, quando ele fez para mim uma coroa de vaga-lumes.

— Em todos os mundos e em todas as eras, nunca houve outra como você, Callie. — Ele limpa a garganta, como se estivesse lembrando de si mesmo. — *Agora* vamos nos casar.

DES E EU estamos diante de Temper, nossas mãos apertadas. A atitude habitual da feiticeira desapareceu. Aqui, com Des e eu diante dela, ela é solene. Entre as esquisitices da noite é que ela é nossa celebrista. Malaki se posiciona ao lado dela, testemunha da celebrista Temper.

Des passa o polegar sobre a pele da minha mão enquanto ele olha nos meus olhos. Não tenho certeza se ele esteve mais bonito antes do que em seu traje de luar. De pé em frente a ele em meu próprio vestido brilhante, o vento soprando meu véu para a noite, eu finalmente sinto que está vida se encaixa.

Meu companheiro estava certo. Eu não sou normal, *isso* não é normal. As pessoas não têm garras, escamas, asas e perseguidores do Outro Mundo.

Mas as pessoas normais também não conseguem sentir a magia de suas almas gêmeas se movendo nelas. Elas não fazem parte de um conto de fadas. Elas não recebem o amor que transcende o tempo e os mundos.

Eu aperto as mãos de Des.

Pessoas normais não entendem isso, mas eu sim.



Temper lê nossos votos de casamento, e o Rei da Noite e eu os recitamos um ao outro - com alguns acréscimos nossos.

— Da chama às cinzas, do amanhecer ao anoitecer, pelo resto de





nossas vidas, seja sempre meu, Desmond Flynn— digo. Minhas asas saíram, expostas pela minha emoção crua.

O Rei da Noite traz meus dedos aos meus lábios.

—Eu sou seu, Callypso. — Suas próprias asas estão dobradas em suas costas. Eles estão visíveis desde que o Temper começou a ler os ritos.

Des abaixa minhas mãos, seus olhos buscam os meus. Eu posso sentir sua magia se reunindo no ar, a escuridão se aproximando de nós.

— E as montanhas podem subir e descer, e o sol pode secar, e o mar reivindicar a terra e engolir o céu. Mas você sempre será minha. E as estrelas podem cair dos céus, e a noite pode encobrir a terra, mas até que a escuridão morra, eu serei sempre seu.

E então nos casamos diante das ruínas de Lyra, a mãe de Des nos observando de onde ela esteja entre as flores imortais, as estrelas, nossa única outra testemunha.

ANTES DE DEIXARMOS o antigo templo, Malaki, Temper, Des e eu compartilhamos uma garrafa de vinho fae de Lephys, onde a fruta em si é cultivada nas águas brilhantes da ilha. Tem gosto de esperança, amor e as lembranças mais doces.

Esta pode ser a primeira vez que nós quatro nos sentamos juntos fora de um ambiente profissional, e acho que Malaki tem um senso de humor sujo, e ele e Des agem mais como irmãos do que melhores amigos.

— Graças aos deuses você finalmente fez Desmond um homem honesto- diz Malaki, inclinando-se para a frente para brindar com o meu copo.

— 'Honesto'? — Eu levanto as sobrancelhas.

— Estamos falando do mesmo homem?







Malaki ri e seus dentes são cegamente brancos contra sua pele morena. — Sim, isso é um ponto justo.

— Permitir que vocês dois sejam amigos pode ser minha pior decisão ainda— diz Des, gesticulando entre mim e seu general.

— Agora você sabe como eu me sinto. — A única coisa pior do que Temper ou Des é ficar com os dois juntos.

— Eu ainda não consigo acreditar que vocês dois fodidos fizeram doses de tequila no corpo sem mim— resmunga Temper.

— O que é dose no corpo? - Malaki parece genuinamente confuso.

— Oh, coisa doce— Temper acaricia sua bochecha.

— Eu vou te mostrar mais tarde.

Depois que o vinho acaba, Temper e Malaki voltam para Somnia. Des e eu demoramos um pouco mais no templo caído de Lyra, a brisa da noite farfalhando a grama selvagem e fazendo as flores balançarem.

Lá, entre as ruínas, o Negociador faz amor comigo, cada golpe de seus quadris uma promessa. Nós dois compartilhamos um vínculo, uma vida única e décadas e décadas de um futuro não escrito.

Finalmente deixamos as ruínas, trocando as flores imortais de Lyra por lençóis de seda e pelo conforto do palácio de Des.

É só nos aposentos de Des, meu corpo sobre o dele que o silêncio entra. Eu levanto a cabeça de seu peito. O Rei da Noite já está dormindo, sua respiração profunda e uniforme.



Eu olho para suas características impressionante na luz fraca da lamparina. Algo grosso se aloja na minha garganta.

Marido.

É só mais um título para guardar, mais um direito que tenho sobre ele.

Eu traço uma das suas orelhas pontudas.





Eu estou indescritivelmente feliz -*e ainda*

E ainda assim eu não consigo ter essa vida. O fácil e descomplicado. Eu posso está vivendo um conto de fadas, mas contos de fadas não são apenas cheios de príncipes e donzelas justas e casamentos ao luar. Eles estão cheios de monstros também. Monstros, violência, terror e morte.

Minha mão treme enquanto continuo a rastrear a orelha de Des.

Esta noite é o começo de algo... Mas temo - temo que seja também o fim.







CAPÍTULO 28

— PARABÉNS PARA A nova noiva.

Eu me viro e enfrento o Ladrão das almas.

Ele se reclina em uma cadeira de ouro, o metal trabalhado em espirais estranhos e tortuosos que se arqueavam muito acima do encosto de cabeça. Eu olho em volta e percebo que estou de volta ao quarto feito de pedra pálida. O mesmo vermelho sangue, a videira florida cresce na parede, e a piscina com o zumbido fica do lado do trono, mesmo agora vibra com força.

Ao meu redor, as colunas parecem ossos, e há um leve cheiro aqui, como vinho azedo...

— Onde estamos? — Eu pergunto.

— Você sabe, eu nunca entendi o motivo de pequenos casamentos. Por que se dar ao trabalho de casar com alguém se não houver ninguém lá para assisti-lo?

Acho que eu sei a resposta para a pergunta do Ladrão:

— Se uma árvore cai na mata...

— Aparentemente *você assistiu*— eu digo.

Ele levanta um ombro. — De uma certa maneira.

Eu estreito meus olhos para ele.

Ele se inclina, o couro que ele usa range um pouco com o movimento.

— Você já descobriu quem eu sou?

Não.

Eu olho para ele.

— Ah. — Ele sabe a resposta pelo meu rosto. — Ou talvez ele já soubesse disso.

— Você pode ter suas artimanhas, feiticeira, mas você não é boa para quebra-cabeças. Uma vergonha, na verdade.







Seus olhos ficam astutos – enquanto o seu companheiro está mais avançado.

— O que isto quer dizer?

O Ladrão parece tão satisfeito quando se acomoda em seu assento.

— Ele descobriu um pouco mais do que você.

É só mais uma mentira para adicionar ao resto.

— O que você tem feito agora que você não tem mulheres para estuprar e soldados para sequestrar? — Eu pergunto.

O sorriso que ele me dá é francamente assustador.

— Você não sabe, feiticeira? — Eu estou me preparando para você.

Há pouco tempo, uma confissão como essa teria me desfeito. Mas eu tenho mudado de alguma forma sutil, mas fundamental.

— Que faz de nós dois.

Seus olhos piscam com excitação escura.

— Muito intrigante. Aguardo a nossa verdadeira reunião.

Ele se inclina para frente, juntando os dedos.

- Diga-me, saber que estou dividindo o poder com Galleghar de alguma forma diminui meu mistério?

Eu quase dou um passo atrás. *Como ele sabe disso?*

Os olhos do ladrão me encaram.

— Estou realmente desapontado com o quanto você me subestima de forma magnífica. Eu tenho espiões mais minuciosos do que os duendes do Rei da Noite. Eu pensei que você já estaria ciente disso agora.



— Eu sei o que você comeu no café da manhã, quantas vezes você espalhou suas lindas coxas para seu companheiro no último dia. Eu sei que o tolo do Galleghar atacou você no seu caminho para capturá-lo. Eu sei que ele quer fazer isso de novo. Eu sei que você não é tão digna de destruição como o rei caído





parece pensar que você é. Na verdade, eu posso ficar com você.

Isso é... *alarmante*. Ele está me observando como um falcão rastreando uma presa.

Eu olho para a pequena roupa que uso e toco o material fino. O vestido é branco e transparente e deixa pouco para a imaginação.

— Parece injusto— eu digo, olhando para o Ladrão.

Ele descansa o queixo no punho.

— O que parece ser injusto?

Eu ando em direção a ele, a ação fazendo o fae arquear uma sobrancelha. Não são muitos fae que conhecem a sua verdadeira natureza que se aproximaria dele de boa vontade.

— Se estamos jogando um jogo, como é que eu deveria realmente me envolver com você, se você conhece muito de mim, e eu conheço muito pouco de você?

Seus dedos batem distraidamente contra seu braço de ouro.

— Humana impaciente. Eu pensei que você fez uma carreira para si mesma com dedução? — Seus dedos param de bater.

— Mas eu *tenho* uma injusta vantagem e bem, não podemos ter isso agora, podemos? — O Ladrão se instala em seu assento e levanta a mão.

— Por todos os meios, expresse suas dúvidas.

Isto é apenas mais um jogo dentro de um jogo, mas isso não me impede de perguntar de qualquer maneira.

Eu olho em volta.

— Este é um lugar real?

— É bem real.

Eu tenho a sensação de que respostas de lado como essa são as melhores que eu vou tirar dele.

— Onde estamos?

— Três palpites— diz ele.







Eu me aproximo mais dele. Eu realmente não quero. Eu não sou uma idiota; essa *coisa* que está atrás de mim é tão maligna quanto ele aparenta, mas minha sereia está estranhamente intrigada. Ele me faz querer afiar minhas garras e pintar os dedos com o sangue dele.

— Você está sentado em um trono...

— Eu estou.

Eu já visitei todos os reinos e vi todos os palácios. Isto não parece nenhum deles.

— Você é um rei? — Eu pergunto.

— Um rei? — Ele zomba.

— Qual é, feiticeira, vamos pensar maior que os reis.

Esse cara é tão megalomaníaco.

— Qual é o seu nome verdadeiro?

O Ladrão das almas inclina a cabeça.

— E se eu te disser, o que fará então? Você invadirá o meu castelo, procurando derrubar minhas portas como os meus soldados fizeram com o seu?

Sim.

Ele olha para longe de mim, seus músculos tensos quando ele olha para longe. O canto da boca dele se curva em diversão.

O Ladrão relaxa e me encara mais uma vez.

— Um dia eu vou te dizer o meu nome— diz ele.

— Quando for tarde demais.

Mais uma vez a atenção do Ladrão é retirada. Seus dedos voltam a bater no braço dele.

— Alguém está tentando entrar— o Ladrão diz preguiçosamente.

— Por que não os convidamos para entrar?







Por um momento eu o vejo, como uma miragem no horizonte.

— Malaki?

A forma do general oscila quando seu olhar se move em minha direção. Ele olha cegamente sobre isso.

— Callypso? Você está bem? — Ele pergunta.

— Ela estava, até agora.

Um instante o ladrão está sentado em seu trono, e no próximo ele está na minha frente, me levantando pela garganta.

— Callypso! — Eu ouço o deslizar do aço quando Malaki desembainha sua espada.

Eu chuto o Ladrão, minhas garras saindo. Eu não me incomodo em tentar rasgar a mão me sufocando; em vez disso, eu vou para os olhos do Ladrão, pronta para arrancá-los. Minhas unhas afundam na sua pele macia e sangue quente e *preto* começa a sair.

Xingando, o Ladrão me joga para o lado.

Eu rio, e não tenho vergonha de admitir que soa assustador pra caralho com meu encanto aparecendo.

— O Ladrão está sofrendo mais do que eu— eu falo a Malaki, que parece estar cego olhando para a nossa direção.

— Você vai pagar por isso— diz o Ladrão, e a certeza em sua voz deveria me assustar sem sentido.

Seja qual for o juízo que eu tenha, eles estão muito longe agora.

Eu me levanto, minha pele iluminada. A sereia está me cavalgando forte e Deus como nós queremos esse momento.



Com a espada erguida, Malaki se aproxima de mim, seus olhos ainda sem me ver.

—Você vai ter que passar por mim para chegar a Callypso— diz ele para o quarto.

Levanto-me quando o Ladrão começa a se aproximar de Malaki.





— Tecelão dos sonhos— diz o Ladrão, — Esse não é lugar para você. Seus sentimentos podem ser doces, mas você não pode proteger sua preciosa rainha. Você nem sabe onde ela *está*.

Minhas asas saem e minhas escamas douradas ondulam para a vida em meus antebraços. Eu sou tão do Outro Mundo como nunca fui.

Com uma poderosa batida de minhas asas, pulo para o céu e, quando aterrisso, estou na frente do general.

Eu abro minhas asas largamente, bloqueando-o do Ladrão.

— Este é o *nosso* jogo— eu digo, ficando um pouco excitada com a visão do rosto ensanguentado do Ladrão. — Deixe-o fora disso.

— Eu pretendo— diz o Ladrão. Há alegria maliciosa em sua expressão, e posso ver que qualquer sofrimento que ele queira infligir, é tudo para mim.

— Você está tentando me proteger, Callypso? — Pergunta Malaki. Eu sinto o roçar de uma mão contra minhas asas.

— Afaste-se. Deixe-me estripar esse monstro.

O Ladrão ri. — E como você fará isso? Você está cego para nós, e é somente por minha graça que você não foi ferido.

Enquanto observo, o olho do Ladrão se conserta.

Jesus. Como eu conseguirei matar essa coisa se ele pode se curar tão rápido?

— E pensar que eles te chamam do Senhor dos Sonhos— continua o Ladrão, seu olhar focado em Malaki.

— Suas linhagens estão tão fracas hoje em dia.

Atrás de mim, o general diz: — Você irá ...

Como uma vela apagando, a presença de Malaki desaparece de repente.







Parece mais frio aqui. Eu não tinha percebido que, mesmo em sonhos, a magia do Ladrão carrega vestígios de sua depravação.

— Ele estava ficando entediante, fiquei com medo. — O Ladrão enxuga o rosto, os dedos ficando ensanguentados. — Você me deixou de bom humor. Não pense que vou esquecer isso, Callypso.

— Eu espero que você não faça.

Eu quero que ele lembre como eu o machuquei.

Ele se vira de mim, voltando para o seu trono. Quando ele se senta e me encara novamente, o estranho sangue negro desaparece, todas as evidências da minha agressão foram apagadas como se nunca aconteceu.

Eu recuo minhas asas em minhas costas e me aproximo dele mais uma vez.

— Você é muito tola ou muito corajosa para chegar tão perto de mim. —

Aetherial disse algo parecido para mim uma vez... Quando éramos prisioneiras deste homem.

— O que você quer? — Eu pergunto, minha pele escurecendo.

— Quero dizer, o que você *realmente* quer?

O Ladrão está sentado em sua cadeira.

— O que qualquer criatura quer? Viver.

Perdoe-me ao declarar o óbvio, mas ...

— Você *está* vivo. —



Ele sacode a cabeça.

—Não-não-não, feiticeira, estou *sobrevivendo*.

Se toda a carnificina que ele causou for a sua versão de *sobrevivência*, então não posso imaginar o que viver *i*mplicaria. Só que isso simplesmente não pode acontecer.





Eu olho o Ladrão de cima para baixo. Ele parece normal o suficiente, mas ele é uma esquisitice mesmo entre os fae.

— De onde você é?

Ele me dá um sorriso enigmático. — Longe, longe, feiticeira. Tão, tão longe. —

QUANDO EU acordo, Des se foi.

Eu me sento na cama, meu cabelo em cascata ao meu redor. Por um momento, não posso identificar onde estou. Terra ou Outro Mundo? Minha casa ou a Des?

E só quando vejo as janelas arqueadas que lembro que voltamos para Somnia. Uma brisa suave da noite sopra do lado de fora, levando consigo o aroma de flores.

Minha mão desliza sobre o espaço vazio ao meu lado.

— Des? — Eu chamo.

As lâmpadas estão apagadas. Eu não tenho um relógio para me sinalizar, mas tenho certeza que esta é a Hora da Bruxaria, a hora em que bons sobrenaturais já estão todos dormindo.

Provavelmente por isso eu *não* estou dormindo.

Levanto-me, coloco um dos vestidos menos elaborados que consigo encontrar. Movendo-me de sala em sala, procuro o Negociador em nossos aposentos, brincando com meu anel de casamento enquanto o faço. Ele não está em lugar algum para ser encontrado.

Eu poderia simplesmente chamar ele. Eu conheço as palavras.

Negociador, eu gostaria de fazer um acordo.

Ele estaria aqui em um instante.

Mas eu não necessariamente quero afastá-lo do que ele está fazendo.







Pelo menos é o que eu digo a mim mesma. Eu ignoro a bola de preocupação que fica na boca do meu estômago.

Eu estou imaginando coisas. Isso é o que sempre faço quando a vida fica boa demais. Eu assumo o pior - e com razão, devido a forma que minha vida tem sido no passado.

Fechando meus olhos, eu me concentro. Bem onde meu coração está, eu posso sentir o brilho do meu vínculo. É a corrente mágica que me liga ao Des, a coisa que fisicamente nos torna almas gêmeas. Eu puxei o poder dele através da nossa conexão, mas eu nunca tentei simplesmente encontrá-lo através disso. Eu sei o suficiente sobre os sobrenaturais para saber que isso pode ser feito.

Eu posso tentar.

Minha respiração diminui. Os cheiros, sons e sensações, tudo isso desaparece enquanto eu busco aquele elo mágico.

E... *Nada*.

Eu abro meus olhos, me sentindo ridícula.

Onde *está o* Des?

Uma batida na porta interrompe meus pensamentos. Eu ando até lá e, pego a maçaneta, abrindo-a.

Malaki olha para mim, parecendo mais feroz do que nunca.

— Acho que é hora de conversarmos.



— ONDE ESTÁ DES? — Eu pergunto.

Nós dois estamos sentados em alguma sala ao lado da qual eu nunca estive antes. Na parede há um intricado mosaico mostrando uma grande batalha ocorrendo entre os céus.

— Ocupado sendo um rei. — Já se foi o bom humor de Malaki. E eu





pensando que tínhamos nos ligado ontem à noite com aquele champanhe.

Eu me inclino na minha cadeira.

— E Temper? — Eu pergunto.

— Eu não sou o guardião dela.

Poderia ter me enganado...

Só então um fae entra carregando uma bandeja com uma variedade de café e bolos. Malaki e eu estamos quietos enquanto ele serve. É só depois que o fae sai e nós dois estamos sozinhos mais uma vez que falamos novamente.

— Por que você estava batendo na porta de Des no meio da noite? — Na nossa noite de núpcias, não menos.

Olho em volta, tentando descobrir por que estou aqui, conversando com Malaki, em vez de estar na cama com Des.

Sério, onde diabos está o Negociador?

— Há quanto tempo você tem sonhos com o Ladrão das Almas?

Eu me concentro em Malaki mais uma vez.

— Desde o Solstício. Por quê?

— Você não falou sobre eles— diz ele, inclinando-se em seu assento.

Agora que tenho um bom momento para estudar o amigo de Des, percebo o quão fora de lugar ele parece aqui no palácio. Ele é um homem sólido e enorme, e com esse tapa-olho ele parece mais um pirata do que um delicado fae.



— Eu deveria ter dito? — Eu falo. — Eles são *sonhos*.

Mas eu sei melhor que isso. Sonhos nunca são apenas sonhos, especialmente não esses que estou tendo.

Malaki xinga em voz baixa.

— Há quanto tempo Des sabe sobre eles?

— Desde Solstício.





O general se levanta de seu assento, parecendo totalmente aterrorizante.

— Aquele *tolo* — ele diz sombriamente.

Eu não me movo, mas minhas garras se estendem e minhas escamas aparecem, minha pele iluminando apenas um pouco.

— *Cuidado com o* que você diz sobre o meu companheiro. — Minha voz é suave e perigosa.

Uma ofensa para o nosso companheiro é uma ofensa para nós.

Malaki olha para mim, seu olhar se distrai quando ele me estuda.

— Você sabe por que eles me chamam de Senhor dos Sonhos? - Pergunta ele.

O Tecelão dos sonhos, o Ladrão, chamou ele.

— É porque eu sou o melhor no que faço. — Ele não diz isso como se estivesse se gabando. Ele afirma como se isso fosse um mero fato.

Minha pele escurece de volta. — E o que você faz?

— Eu posso controlar os sonhos.

Seu olhar escuro perfura o meu. — Eu desenho o cenário, trago as pessoas, orquestro as atividades. Eu posso separar a mente de um inimigo dessa maneira - aprender suas fraquezas, descobrir seus planos. Ontem à noite, pela primeira vez, conheci uma força mais poderosa que a minha. E não apenas um pouco mais poderoso. Minha magia era praticamente inútil contra a do Ladrão.

O Ladrão das Almas me disse que a pequena morte era o seu reino.



Malaki esfrega a mão no rosto.

— O Ladrão tem uma obsessão doentia por você, Callypso. Eu não entendi a profundidade disso até hoje à noite.

Ouvir essas palavras saindo da boca de outra pessoa faz minha pele pinicar.





— Desmond admitiu para mim ontem que Galleghar e o Ladrão dos sonhos compartilham o poder— diz Malaki. — Que eles são compatíveis.

Ele faz uma pausa.

Eu espero que ele continue. O suspense me faz ficar tensa.

— Galleghar era um rei extremamente poderoso, mas pelo que entendi, ele nunca conseguiu controlar os sonhos, muito menos se infiltrar neles. Sua magia estava em outras áreas mais táticas.

Eu analiso o rosto de Malaki. — Por que você está me contando isso?

— Galleghar não conseguia controlar os sonhos, ele não conseguia colocar os faes para dormir, ele não podia usar os corpos dos mortos. Quaisquer que sejam os poderes que o antigo Rei da Noite dividiu com o Ladrão, eles não seguram uma vela para aqueles que o Ladrão já tem.

Meu coração está batendo alto. Eu posso ouvir as batidas.

— Nós já sabíamos que o Ladrão de almas era poderoso— eu digo.

Malaki sacode a cabeça. — Você não está me acompanhando. O poder do Senhor das Almas supera o meu - e isso supera o de um *rei*, um poderoso. E eu temo...

Uma agitação do lado de fora do quarto nos interrompe. Um momento depois, a porta se abre e uma guarda real entra.

— Sua Majestade, meu Senhor— o guarda ofegante diz, acenando para cada um de nós. Não conseguimos encontrar o rei e...



Espere, Des não está nas terras do palácio?

— O que foi? — Pergunta o general, de pé.

Eu também estou de pé. Eu tenho um mau pressentimento na boca do meu estômago. Nas minhas costas, minhas asas coçam para sair.





— Soldados dormindo— diz o guarda. — Mais deles invadiram o nosso portal e agora estão indo para os portões.





CAPÍTULO 29

MALAKI JÁ ESTÁ caminhando para a porta. Ele aponta para mim.

— Você precisa parar. Guardas... Ele não está falando sério, está?

— Eu estou indo com você— eu digo, seguindo o general para fora das portas. — Eu posso pará-los.

Malaki solta um suspiro.

— Desmond iria querer que eu te protegesse. — Des, que está notavelmente ausente.

— Desmond *adoraria* ver você tentar.

Malaki murmura algo sobre mulheres humanas teimosas em voz baixa.

Nós dois seguimos pelo corredor, cercados por guardas.

— Eu posso parar os soldados com o meu encanto — eu insisto.

— Você realmente acha que eu esqueci? — Malaki pergunta, sua voz aguda.

— O problema é que o Ladrão também sabe disso. Seja o que for, isso certamente é uma armadilha.

— Eu não me importo.

Malaki agarra meu braço, girando-me para encará-lo.

— Droga, Callypso— ele rosna, — você vai me ouvir!



Minha pele se ilumina. — *Solte*-me.

A mão de Malaki sai do meu braço.

—*Ninguém* fala comigo desse jeito— eu digo, veneno na minha voz. -Nem mesmo Des e definitivamente não você.

— Você vai pensar com a cabeça e não com o coração! — Diz Malaki.

— Eu vi centenas de homens morrem por agirem assim.





Minha voz fica mais forte. — Você realmente acha que estou ansiosa para correr de cabeça na batalha? Que eu quero ser morta ou capturada e me encontrar com o monstro que estamos caçando? Você esqueceu – que já fui prisioneira dele uma vez. Eu vi o que ele faz com as faes com quem ele brinca.

Enquanto viver, essas memórias nunca me deixarão.

— Que porra está acontecendo agora? — A voz de Temper vem do corredor.

Surpresos, Malaki e eu nos viramos para encará-la.

Minha amiga parece sonolenta e irritada, mas apesar disso, seu cabelo está arrumado, e ela ainda conseguiu usar um vestido preto brilhante.

Ela está me saindo uma fae muito melhor do que eu.

Eu relaxo ao vê-la. A coisa sobre sermos melhores amigas há muito tempo é que Temper e eu não precisamos nos falar na metade das vezes para nos entender. Tudo o que ela tem que fazer é dar uma olhada no meu rosto e minha expressão exasperada, e seu olhar aguçado desliza para Malaki.

— Que diabos você pensa *que está* fazendo? — Ela pergunta.

— Temperance— diz Malaki, — não tenho tempo para isso.

— O inferno que você não tem. É melhor você muito bem criar um tempo.

Ele hesita, e essa é toda a abertura que eu preciso.



Eu agradeço a Temper, e deslizo pelo corredor.

— Ei! — Malaki grita atrás de mim, mas então eu ouço Temper enfrentar ele, e deixe-me dizer-lhe, que a garota sabe como rasgar um homem a um novo idiota. Ainda posso ouvi-la quando desço pelo próximo corredor, andando até a frente do palácio.





Alguns guardas se separaram de Malaki; eles agora seguem atrás de mim. Se algum deles discordam da minha participação nessa situação, eles mantêm essa opinião para si mesmos.

Eu entro no hall de entrada e me dirijo para as enormes portas de bronze que levam para fora.

Não posso acreditar que estou fazendo isso. Des queria que eu fosse sua rainha, e eu lutei e lutei contra isso... E agora eu me vejo aqui, ansiosamente me preparando para combater uma ameaça ao seu reino.

Os guardas que controlam a entrada principal abrem as portas para mim, e então eu estou passando por eles, deixando o castelo atrás de mim.

Paro quando os noto.

Soldados adormecido estão marchando pelas ruas de Somnia, indo direto para os portões, e deve haver centenas deles. Esses soldadas adormecidas não são do Reino da Noite. Alguns têm flores brotando de seus cabelos, outros têm penas e rabos.

Estes são o que restaram do exército roubado do Ladrão. Estes são os vencedores, aqueles que têm aterrorizado os Reinos da Flora e da Fauna. A evidência disso está à vista de todos - a maioria deles estão cobertos de sangue, sangue e outros pedaços emaranhados em seus cabelos, ou então secos e desbotados em suas roupas.

Se há uma coisa que aprendi sobre faes, é que elas levam *muito a* sério a aparência. O que torna a coisa toda ainda mais horrível. Este exército parece com os mortos ressuscitados.



Mas apesar de sua aparência horrível, por uma vez eles não estão parecendo loucos. E eles vieram aqui de todos os lugares...

Um dos assessores reais se aproxima de mim. — Minha rainha, nós barramos os portais da linha ley





como o rei ordenou - eles conseguiram passar de qualquer maneira.

O poder do ladrão das almas... ofusca o de um rei.

— Nós pegamos vários soldados na entrada do portal, mas eles não estão atacando...

Respiro audivelmente e o ajudante para de falar.

— Eu vou lidar com eles— eu digo, ainda olhando para os soldados.

O assessor recua, me deixando sozinha. À minha frente, os soldados marcham em fila ordenada, com os rostos neutro.

No momento em que eles chegam aos portões, eles param. Sua última pegada ecoa pelas ruas, e então tudo fica em silêncio.

Eu respiro fundo novamente e atravesso o pátio, em direção à cerca que circunda o palácio. Quando me aproximo dos soldados, libero minha sereia. Minha pele se ilumina e meu passo fica um pouco sensual.

— Você não deve prejudicar nenhum dos súditos do Rei da Noite — eu grito, minha voz carregada pela noite.

Silêncio. Então ...

— Não estamos aqui por causa deles— diz um dos soldados. Sua voz é baixa, mas suas palavras parecem chegar a todos os cantos da cidade.

— Por que você está aqui? — Eu pergunto.

— Você sabe por quê— outro soldado diz.

Eu na verdade não sei.



Paro a vários metros do portão. — Ilumine-me— eu digo baixinho.

— Seus dias estão contados, feiticeira— diz um dos soldados à minha frente.

— Estamos ansiosos para espalhar essas belas coxas e ver como é o tesouro de um rei.





Tem gosto de sua morte, minha sereia sussurra.

Ao meu redor, a noite escurece.

Des.

— O próximo soldado que ameaçar minha esposa será abertamente eviscerado— o Negociador fala em minhas costas, sua voz soando na noite. — E por favor, me teste.

Eu giro para encará-lo.

O Rei da Noite anda na minha direção, vestido com suas roupas reais. Seu arco de bronze está em sua testa, e suas três faixas de guerra de bronze estão em proeminente exibição. Ele até usa uma capa e deveria parecer ridículo, voando e farfalhando atrás de dele, mas, isso só aumenta sua presença ameaçadora.

Des chega ao meu lado, suas asas se espalhando em suas costas.

— Eu saio por uma hora, e olha em quantos problemas minha companheira se mete— ele diz suavemente, seus olhos brilhando.

— Você nem está usando suas adagas. Não te ensinei melhor? — Ele estala os dedos, e as adagas e os coldres se manifestam, encaixando-se em meus quadris.

Além dele, Malaki está saindo do palácio. Temper passa por trás dele, parecendo satisfeita.

No momento, Des e eu temos a atenção de Somnia. Seu pessoal assiste das janelas, telhados e das ruas abaixo. Os soldados olham fixamente para a frente, embora eu saiba que por trás daqueles olhos aparentemente vazios, o Ladrão das Almas se esconde.



Des os observa. — Por que vocês estão aqui? — Pergunta ele.

— Não é o costume que novos governantes se encontrem? - Responde um soldado.

Enquanto observo os soldadas adormecidas, percebo que entre eles





há alguns filhos do caixão. Tenho que reprimir meu horror ao ver seus rostos doces cobertos de sangue, os olhos cheios de prazer malicioso. Seus corpos podem ser jovens, mas sejam quais forem suas almas, são coisas antigas e corrompidas.

— O Reino da noite não reconhece seu reino, Ladrão— diz Des.

Por um momento, o único ruído é o chacoalhar da capa do Negociador ao vento. Então uma risada baixa começa entre os soldados. Isso me arrepia, ouvindo aquela risada maligna ondular entre a fila deles.

— Por agora.

Eu dou um passo à frente, minha pele brilhando intensamente.

— Você está tão ansioso para conseguir este reino e, no entanto, aqui estamos todos nós. Eu te *desafio* a fazer apenas uma das suas ameaças e me levar.

Venha para mim e eu vou te rasgar em pedaços.

Não me surpreende quando o ar escurece. Des odeia quando eu provoco o Ladrão.

— Tentador— diz o soldado.

Eu abro meus braços.

— Leve-me, Ladrão. Aqui e agora. Eu sei que você quer.

—*Querubim.*

Eu ignoro o Rei da Noite quando me aproximo da borda da propriedade.



Um grande silêncio caiu sobre a multidão. Estava em silêncio antes, mas agora é como se o mundo estivesse prendendo a respiração, esperando que algo acontecesse. Eu posso sentir uma magia grossa e escura ao meu redor. Quem quer que seja o Ladrão das almas, sua fome me aperta.





A primeira fila de soldados dá um passo à frente, até que eles estão contra a cerca. Agarrando suas armas, eles as levantam e atacam a grade de bronze.

Antes que seu aço atinja a cerca, ele colide com uma barreira invisível - algum feitiço forte feito para afastar o inimigo. A barreira não apenas os impede, mas ela joga a fila de soldados de volta como uma explosão, jogando-os em seus companheiros.

Outra fila de soldados dá um passo à frente e tenta quebrar o encantamento e, como a primeira fila, eles são empurrados para trás. Então uma terceira fila se aproxima

— Parem— eu comando.

Imediatamente, a multidão para.

Eu olho sobre os homens e mulheres, com seus olhos vazios.

— Você pode ser forte, Ladrão, mas hoje não será o dia em que você derrotará o Reino da Noite.

— Tão confiante. Tão forte — diz um soldado. — Minha cara, você não cresceu em seu papel. Eu me pergunto se nunca crescerá.

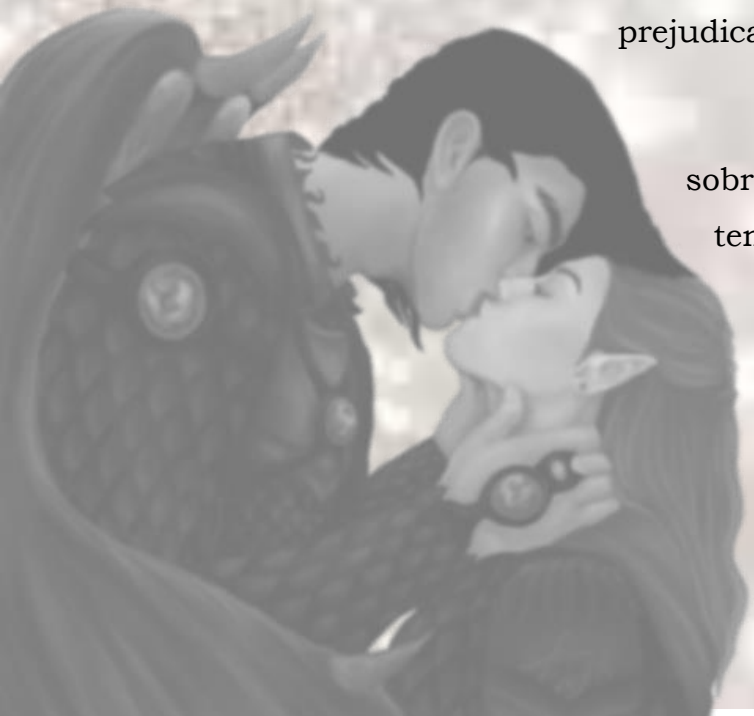
— Saia— ordeno —antes que os bons cidadãos deste lugar decidam que todos vocês são melhores mortos do que vivos.

Os olhos do soldado brilham quando ele abaixa a cabeça.

— Até a próxima vez, feiticeira.

O lote de soldados giram, seus movimentos robóticos.

— Oh, uma última coisa— digo às suas costas, — você não vai prejudicar outro fae. Nunca.



VOCÊ SABE QUAL É a coisa mais chata sobre esses pequenos embates? Sempre tem que haver alguma longa discussão seguindo-os. Todo mundo tem que se reagrupar e decidir sobre um plano de ação quando realmente não há como planejar contra um homem como o





Ladrão das Almas. Ele não joga conforme as regras e não está claro o que ele quer, e parece não haver uma maneira ordenada de detê-lo. —

Mas eu sento na reunião de qualquer maneira, e ouço todos repassar as últimas várias horas novamente. Terminada a reunião, fica claro que Des e Malaki têm mais a conversar, os dois indo para um canto da sala, onde continuam falando em voz baixa.

Eu me viro para Temper. — Descendo para invadir a cozinha?

Preciso de uma bebida depois dessa reunião.

— Você realmente tem que perguntar?

Quinze minutos depois, nós duas estamos sentadas em algum corredor aleatório, mastigando uma bandeja de doces e bebendo álcool fae direto da garrafa.

— Tem sido muito tempo desde que fizemos isso— eu digo,

Costumava ser uma coisa semanal. Nós saíamos, ou ficávamos em casa, mas sempre estaríamos juntas. Festa de pijamas, café da manhã, noites de cinema tarde da noite, barzinhos, boates - éramos ligadas pelo quadril.

— Você pode dizer isso de novo. — Temper suspira. — Só por isso é motivo suficiente para matar o Ladrão das almas. Ele está mexendo com a nossa rotina.

Eu dou uma grande mordida de uma massa cheia de queijo, lavando-o com um gole de vinho fae.



Eu puxo a garrafa e olho para ela. — Já notou que os faes fazem seu álcool muito doce?

— *Não é*? — Temper diz. —Nunca pensei que eu desejaria tanto um uísque barato na minha vida, mas aqui estamos.

Eu me viro para ela.

—Obrigada por mais cedo, você sabe, com Malaki.





— A *qualquer hora*. Você sabe como nós funcionamos.

Nós fomos a cúpida uma da outra por tanto tempo quanto podemos nos lembrar.

Eu abaixo a garrafa e estico a mão, pegando a mão de Temper.

— Deus eu te amo.

—Você está bêbada? Você é *tão fraquinha*.

— Sério, Temper? — Essa é a resposta que ela me dá ao declarar o meu amor a ela? — Você é uma ingrata. E eu não estou *bêbada*.

Ela aperta minha mão.

— Também te amo, boo, mesmo que você foi para a Terra e fez doses de corpo sem mim.

— Ei, eu convidei você para o casamento.

— Só porque você precisava de um ministro ordenado.

Ela e eu sabemos que essa não é a única razão.

— Como você *conseguiu* ser ordenada? — Se alguém tivesse que ser rejeitada, provavelmente esse alguém deveria ter sido Temper. Quer dizer, eu amo minha amiga, mas ela não é exatamente uma santa.

— Foda-se se eu sei - a Internet é uma coisa mágica.

Nós duas nos olhamos e caímos na gargalhada.

É a vez de Temper pegar a garrafa de vinho e bebe-la.

— Você sabe, apesar de todas as batalhas sendo travadas no Outro Mundo, eu não tive quase chance nenhuma para apagar alguém.



Meu humor escurece quando meus pensamentos retornam ao Ladrão.

—Tenho certeza que seu dia chegará.

— Oh, eu *sei* que vai. É por isso que tenho andado por aqui. Eu amo uma boa luta.

Eu dou a ela uma olhada.

—*O que foi*? — Temper pergunta, acusadoramente.





— Você é tão corajosamente uma mentirosa.

Ela respira fundo. — O que você quer dizer com isso...?

— Você não está aqui por causa de alguma luta— eu digo, falando sobre ela. - Você nem está aqui porque eu estou, embora saiba que você me ama. Você está aqui porque gosta de se enroscar com Malaki- digo, interrompendo-a.

Por um momento, Temper não responde, reagrupando-se para reunir seus pensamentos.

— Estou aqui porque quero uma briga— ela finalmente diz,

—*E* minha melhor amiga é uma rainha. Malaki é um bônus a mais na situação.

Sim, eu não estou comprando isso.

— Eu vou jogar uma praga por conta desse olhar em seu rosto.

— Eu vou te parar primeiro— eu digo, minha pele se iluminando.

—Boa tentativa— diz Temper.

— Seu encanto não funciona mais em humanos. — Ela parece tão certa desse fato, como ela conhece os efeitos do vinho lilás melhor do que eu.

— Faça isso agora? - Eu digo, deixando minha magia encher minha voz.

O olhar de Temper fica brevemente nebuloso antes de clarear.

— Oh, sua puta ruim— diz ela, começando a rir. Ela toma outro gole do vinho, sacudindo a cabeça.



— Você pode encantar humanos *e* faes?

Eu levanto um ombro. —Parece assim.

Apenas o Ladrão parece ser imune aos meus encantos, o que é uma pena, considerando que ele é aquele que eu provavelmente precisarei usar.

— Senhora, é melhor você cuidar de suas costas— eu digo.





— Malaki fica com aquele olhar possessivo quando ele te vê— eu digo.

-E ele é irritantemente mandão- eu descobri.

Temper se abana. — Eu sei, e não é gostoso?

Essa é uma maneira de ver isso.

— Temper, ele é o melhor amigo de Des. Se você quebrar o coração dele, a merda vai ficar estranha. Quero dizer, eu tive um gostinho de Malaki quando ele estava irritado; perdoe-me se eu não quiser ver como ele fica quando está com o coração partido.

— Cadela, quem disse algo sobre eu quebrar seu coração? Estou mais interessada em quebrar a cama dele.

Ela não está pensando em terminar com ele? Nesta altura do campeonato, Temper está *sempre* pensando em terminas as coisas.

Eu me viro para dar a ela toda a minha atenção.

—*O que* está acontecendo entre vocês dois?

Ela abana as sobrancelhas.

— Você não gostaria de saber?

Eu ri. — Oh meu Deus, não me segure agora.

—*Você* não quer que *eu te esconda nada*? Você é a única que é mais reservada do que o seu marido ultimamente e, ugh, podemos falar sobre o fato de que você está casada agora? Vocês são todos domésticos e velhos.

— Não sou velha. E pare de mudar de assunto — eu digo. Eita, ela é difícil de pegar quando quer.



— Que tal falarmos sobre o fato de que o Ladrão das almas quer teus ossos?

— *Não vamos*. — Eu posso sentir um tremor vindo.

— Quero dizer, você poderia simplesmente desistir e dá umas com o vilão.

—*Temper*. — *Sério?*





— Sim, você está certa— diz ela. —Isso foi muito mal.

— Além disso, sou casada - companheira - e apaixonada— digo devagar. — Não vamos esquecer isso também.

— Certo, certo, certo. — Ela toma outro gole do vinho fae. Uma risada sai dela, e é quando percebo que ela está me provocando.

Eu libero minha respiração.

— Você é terrível.

— Chupe, Lillis. Eu sou a melhor e todo mundo sabe disso.

O ar oscila na nossa frente, e então Des está lá, uma sobrancelha levantada enquanto ele olha para nós.

— Então é por isso que há uma falta de doces na cozinha.

Eu discretamente espano as migalhas do meu peito. Temper, no entanto, lambe os dedos dela.

— Não é minha culpa que sua cozinha está desabastecida— diz ela, com a voz grossa na garganta.

Os olhos de Des se movem para ela.

— Malaki está procurando por você.

— Ele está agora? — Temper diz, seu interesse despertado. Ela se levanta, pegando a bandeja de doces, a garrafa de vinho ainda está em suas garras.

— Então é melhor eu ir encontrá-lo... Paz, Callie. — Ela me saúda com o sinal de paz, então sai pelo corredor, seus saltos estalando.

Des volta sua atenção para mim.

—Esposa. — Seus olhos estão queimando. —Temos alguns negócios inacabados.





CAPÍTULO 30

—NÃO ERA assim que eu esperava passar o dia depois do meu casamento. — Nós dois andamos pelos corredores do castelo. Suponho que estamos voltando para os aposentos de Des para, você sabe, *terminar os negócios*, mas o Negociador me conduz pelos corredores que rodeia a sua suíte.

— Eu acho que esse é o ponto— diz Des.

— Eu duvido que o Ladrão queira que aproveitemos nosso tempo juntos.

Esse era o motivo do Ladrão por trás daquele show nos portões? Ele me disse em um sonho antes que ele queria que eu aproveitasse meu tempo com Des. Então não faz sentido.

— Onde você estava esta manhã? — Eu pergunto.

— *Por aí* ...

Por que os faes não podem ser simples?

— Seus guardas não conseguiram encontrar você. Você estava mesmo no palácio?

Des desaparece, apenas para reaparecer a alguns metros de distância no final do corredor. Ele prende as mãos no arco acima dele e se inclina para a frente, bloqueando meu caminho.

— Querubim, é exagerado que você fique zangada comigo quando *você f*oi a único a desafiar o Ladrão a quebrar minhas proteções e te sequestrar.



Mesmo quando ele fala, as sombras começam a engrossar e enrolar a seus pés. Ele parece casual o suficiente, mas obviamente este é um ponto dolorido.

— Humm... ei. Não é assim que isso funciona. Você não pode ficar chateado comigo pela forma que lidei com a situação quando você me deixou sozinha - digo.





Não é inteiramente verdade, ele estava lá para me ver brincando de durona com um monstro psicopata, mas ele não estava lá quando a notícia chegou a mim e a Malaki.

Ele deixa cair as mãos e desaparece novamente, reaparecendo diretamente na minha frente. Aproximando-se, ele diz: — Você está certa— As sombras ao redor dele ficam claras.

— Você foi uma rainha esta manhã. Eu vi, meu povo viu, e o Ladrão viu.

Claro que ele traria isso de volta para mim sendo uma rainha.

— Eu também ouvi que você escapou de Malaki. — Os olhos de Des praticamente dançam com o pensamento.

— Ele queria me esconder como se eu fosse uma donzela em perigo.

— Que *audácia*— diz ele.

Des pega minha mão e, recuando, começa a me levar para frente novamente.

— Eu te perdoo por seu imprudente comportamento esta manhã.

Eu levanto minhas sobrancelhas. — Você é inacreditável.

— Assim como tenho certeza de que você me perdoa por ter abandonado você durante uma situação como essa.

Eu gargalho.

Abruptamente, Des nos para na frente de uma porta de bronze, o topo dela chegando a um ponto curvo.

Eu estive tão envolvida em nossa conversa que eu não prestei atenção para onde o Negociador estava me levando.



— Onde estamos? — Eu pergunto, olhando para a porta na minha frente.

Des está me dando uma olhada, seus olhos brilhando. Eu diria que ele está particularmente perigoso agora ou particularmente sensual - ele



tende a usar a mesma expressão para ambas as emoções.

— Abra a porta.

Eu fico olhando para ele por vários segundos, minhas sobrancelhas franzem, então eu agarro a maçaneta e abro a porta.

Dentro, lâmpadas suaves pendem do teto. Uma série de colunas sustentam os tetos arqueados, suas superfícies incrustadas com azulejos azuis. A parede distante nada mais é do que arcos abertos. Metade do lado de dentro e metade do lado de fora do arco de colunas é uma piscina infinita, cheia até a borda com a brilhante água de Lephys. Ela rodeia as câmaras pouco iluminadas antes de se curvar fora de vista. Eu não tenho certeza, mas acho que poderia dividir cada um dos quartos desta suíte.

Além da piscina, Somnia está posicionada a minha frente, as luzes da cidade cintilando âmbar, azul e verde-claro durante a noite.

Eu acho que não respiro enquanto absorvo tudo. Estou acostumada com a beleza do Outro Mundo, mas isso realmente parece mágico.

— Você está me segurando, Flynn— eu digo, entrando mais profundamente na sala, meu olhar voltando para a piscina.

Eu não tinha ideia de que *havia* um lugar como esse em seu palácio.

— Você gostou do seu presente de casamento? — Ele pergunta atrás de mim.



— Presente de casamento? — Eu me viro para encará-lo.

Os olhos prateados de Des brilham.

Eu olho em volta novamente. — Espere, estes são...?

— Nossos novos quartos. —

Ele coloca as mãos nos bolsos, aproximando-se de mim para examinar as câmaras.





— Não é o oceano - temo que haja limites até mesmo para o que eu posso fazer - mas imaginei que minha esposa precisava de um lugar para a sereia relaxar.

Nossos novos quartos. Eu ainda estou presa nisso. Ele fez tudo isso por mim – por *nós*.

As cortinas transparentes sopram das janelas, o vento trazendo os aromas da noite. Eu passo minha mão por uma coluna.

— Eu amei— eu suspiro.

— Estou feliz.

Quando eu olho de volta para Des, ele usa um pequeno sorriso no rosto, seus olhos macios.

A felicidade genuína parece bem nele.

Eu ando pela suíte, observando o banheiro opulento, com seus azulejos turquesa multicoloridos e fechos de bronze - cada detalhe tocando o mar de alguma forma. Ao meu redor, as paredes do banheiro estão cobertas de pedras cinzas de ardósia, e a banheira embutida é feita da mesma pedra escura.

— Eu não pude evitar— Des admite, seguindo o meu olhar.

— Depois de todo esse tempo, sinto falta das cavernas em que cresci. —

Agora que eu analiso, eu vejo, o banheiro é uma fusão entre o oceano que eu amo e as cavernas escondidas de Des.

— É perfeito.



Saio do banheiro e entro em nosso quarto. A câmara fica sob a luz de dezenas de lâmpadas, suas chamas acendendo como fogos de artifício. A cabeceira da cama é o mesmo bronze trabalhado que as outras câmaras de Des, mas alguém se deu ao trabalho de colocar uma imagem de ondas quebrando sob um céu estrelado.





Há milhares de outros detalhes para esta suíte que certamente me levarão dias para perceber e apreciar plenamente.

Eu me viro para encarar Des.

— Você planejou tudo isso? - Ele não diz nada, mas ele não precisa, está tudo em seus olhos. Des deve ter passado séculos colocando essa organizando essa câmara. Eu esfrego meu peito. Meu coração dói muito.

Eu sacudo minha cabeça. — Obrigada.

Des desaparece, e reaparece ao meu lado. Ele coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — Não foi nada— diz ele, sua voz um pouco áspera.

Eu me inclino em seu toque, dando-lhe um pequeno sorriso. Meu olhar passa pelos cômodos novamente e, novamente, meus olhos pegam a piscina.

Realmente quero entrar.

Antes que eu consiga expressar essas palavras, minhas roupas escorregam, deixando para trás um maiô de tiras.

Eu toco o material macio. — Como *é que* você faz isso? — Mas não é realmente uma pergunta e eu não esperava uma resposta. Des sempre teve seus caminhos.

— Magia, amor— ele diz, me respondendo de qualquer maneira.

Eu recuo dele. O Rei da Noite me observa com seus olhos brilhantes, e eu sinto esse olhar em todos os lugares.



— Se eu entrar na piscina, você vai se juntar a mim? — Eu pergunto.

— Eu tenho uma escolha?

— Você realmente quer uma?

Seus olhos se estreitam, mesmo quando a satisfação toca suas feições.

— Respondendo perguntas com perguntas. Você está se preparando para ser uma excelente fae, Callie. —





Eu me viro para a piscina para esconder meu sorriso, e lentamente me abaixo. A água está fria contra a minha pele e minha sereia pede mais.

Eu afundo mais e mais no líquido incandescente até estar totalmente submersa.

Des está certo - não é o oceano tumultuoso. Não há marinheiros para chamar para a sua morte, nenhuma promessa de violência. Mas há paz aqui. E o algo a mais, eu penso quando sinto a mudança da água e Des se junta a mim, haverá *sexo*.

Eu me levanto lentamente das ondas, meus olhos se encontrando com o Negociador. Ele está na água, o brilho ilumina todas as partes duras de seu torso nu. Suas tatuagens estão em exibição e seu cabelo está amarrado em um coque.

Ele é, em uma palavra, *impressionante*.

Lentamente me aproximo dele. Enquanto faço isso, retiro uma das minhas tiras do maiô por cima do ombro e pelo braço, depois a outra. O resto é rápido para sair. O maiô foi um bom pensamento, mas agora é inútil para mim.

Des me observa com aqueles olhos prateados dele. Quando eu chego a ele, eu paro, olhando em seus olhos.

— Eu nunca poderia imaginar isso— eu digo.

— Nem nos meus sonhos mais loucos eu poderia imaginar como seria a vida com você.

Ele toca o lado do meu rosto, seu olhar se movendo para os meus lábios.

— Será assim; para o resto de nossas vidas, nós teremos isso - os momentos doces, as confissões, as risadas, a magia - nós teremos tudo.

Seu polegar acaricia minha bochecha. — Querubim, você é tudo o que seu sempre quis.







Abaixando minhas pálpebras, levanto-me na ponta dos pés e o beijo profundamente, *ferozmente*. Alcançando seu coque, eu solto seu cabelo, deixando-o cair em seu rosto em ondas. E é em momentos como esse que faço algum comentário sobre ser o homem do coque bobo, e ele faz uma piada que me deixa na ponta dos pés.

Mas pela primeira vez, meu humor me abandonou. Tudo que eu quero é Des, e tenho certeza que tudo o que ele quer sou eu.

Seus braços vêm ao redor da minha cintura, e então ele está envolvendo minhas pernas em torno de seus quadris. Se Des estava vestindo uma sunga, está muito longe agora. Eu posso sentir cada centímetro glorioso dele nu contra mim.

Eu passo as minhas mãos sobre seus bíceps, suas tatuagens chamam minha atenção. Tem aquele anjo sombrio e a rosa. Eu as toco com as pontas dos meus dedos. Foi quando noto pela primeira vez a faixa de miçangas pretas tatuadas ao redor do braço dele.

Meus dedos param. — Isso é novo?

Seus olhos parecem estar sorrindo.

— Eu queria usar um pedaço seu em mim para sempre.

Eu traço o cordão de miçangas em seu pulso, em seguida, levanto o braço dele até o ombro... onde elas se transformam em escamas pintadas. Aquelas, por sua vez, fazem a transição para penas negras.

As minúsculas plumas cobertas de tinta escorrem de seu ombro para o seu peitoral, algumas delas se soltando para flutuar sobre seu coração.



Eu puxo minha cabeça para trás.

— Quando?

— Ontem à noite, quando eu supostamente deveria estar defendendo meu reino.





Então *era isso* que ele estava fazendo longe do castelo. Meu coração dói com tudo o que sinto.

Eu estudo a tatuagem novamente. As miçangas, as escamas, as penas, essas coisas já foram um fardo para mim.

Eu queria usar um pedaço seu em mim para sempre.

Minha garganta se fecha. Esse quarto já era demais. Ouvir que ele tatuou essa parte minha nele mesmo...

Ele deve ver minha garganta trabalhando, ele deve saber que eu literalmente não tenho palavras para transmitir através desse emaranhado inimaginável de emoções que sinto.

Eu sou tão insuportavelmente, indescritivelmente feliz.

— Eu te amo, querubim— diz ele. — Até que a escuridão morra, eu amarei.

Eu me levanto um pouco, meu corpo deslizando sobre seu torso duro. Entre nós, nossa ligação pulsa como um único batimento cardíaco unificado. Eu seguro suas bochechas e pressiono minha boca na dele.

Como raios de luar e sombras. É esse o gosto dele, como se parece. Como se o próprio universo negro se reunisse e decidisse um dia formar um homem. Ele ainda não parece real. Espero que ele nunca pareça. Ele é minha magia.

Des me abaixa, ou talvez eu seja a única a afundar de volta. Minha pele se ilumina quando a ponta de seu pênis pressiona contra a minha abertura por um momento, parecendo largo, grosso demais. E então está deslizando para dentro de mim, e essa espessura requintada está me esticando, enchendo-me.



Eu olho nos olhos de Des, e vejo uma eternidade estendida neles. Anos e anos de noites como esta, amor como este.

Ele puxa seus quadris para trás e sinto a perda em todos os lugares.





Mas no instante seguinte, ele está deslizando de volta para mim, seu pau latejando.

— Eu te amo muito, Callie— ele suspira.

— Teria esperado uma eternidade se isso significasse encontrar você.

Eu inclino minha cabeça contra ele, sentindo-o profundamente enfiado em mim.

— Eu teria andado pelo inferno para encontrar você— eu sussurro de volta.

Ele estremece com um suspiro.

— Você fez, querubim, você fez.

Eu não sei a que experiência ele está se referindo, e eu realmente não me importo. Nenhum desses horrores chega a ser parte desse momento.

Eu passo meus dedos pelo seu cabelo branco, os fios parecendo brilhar graças à água molhando-o.

Nós dois nos movemos para cima e para baixo, para dentro e para fora, nos afastando e correndo como as marés. Estamos equilibrados nos limites de Somnia, com as estrelas acima e o mundo abaixo.

Às vezes o sexo é sujo e carnal, e às vezes, como agora, é o amor mais íntimo.

Meus seios deslizam sobre seu peito enquanto eu subo e caio, a água brilhante fazendo nossa pele escorregadia.

Minha respiração engata quando o ritmo de Des acelera e seus golpes se aprofundam. O tempo todo nós dois nos encaramos. Eu não sei sobre Des, mas eu tenho a visão mais deslumbrante. Os planetas giraram e as estrelas se alinharam para nos unir.



— Cada desejo... — Des fala, tomando a minha boca.

O gosto dele e a sensação dele - esses são os gatilhos que me levam ao





limite. Eu grito em sua boca, eu aperto Des, enquanto meu orgasmo me atravessa.

O beijo termina quando eu luto com a última gota do meu clímax. Des olha para mim, seus olhos prateados devoram minha expressão. Seus impulsos se tornam frenéticos, quase punindo.

— Minha esposa— diz ele, sua voz baixa. Seu olhar cai para os meus lábios e seu aperto fica firme.

Com um gemido, eu o sinto gozar. A água espirra em torno de nós quando ele bate em mim, de novo e de novo. Seu olhar rasteja de volta para cima, e ele me absorve enquanto ele sai do seu orgasmo.

Mesmo depois de terminarmos, ficamos abraçados. Eu passo a mão em seu cabelo molhado, tentando memorizar cada característica dele.

— Eu realmente amei meu presente de casamento— eu digo.

Ele solta uma risada baixa e satisfeita. —Eu também.

EU NÃO SEI que horas são, só que meu corpo parece desossado e minha sereia está, pela primeira vez em sua vida, completamente saciada. Des dorme ao meu lado, sua perna jogada sobre a minha e um braço pesado em meu corpo.

Eu invejo o Rei da Noite em sua capacidade de dormir. Eu tenho certeza que no momento em que eu ceder, o Ladrão das Almas estará do outro lado esperando por mim.

Os mortos realmente morrem mesmo? A voz do Ladrão ecoa na minha cabeça. Eu franzo a testa. Eu não posso escapar dele, até mesmo agora.

Este é o nosso joguinho - e acredite em mim, feiticeira, está longe de terminar.

Eu passo as palavras repetidamente em minha mente.

Ele levou Des a me dar o vinho lilás na noite em que ele disse isso,







tornando minha magia compatível com a dele.

Tudo com que propósito? Por que eu ser magicamente compatível importa para ele?

Eu nunca vou te deixar em paz, feiticeira. Nunca. Banirei a esperança, se você tiver isso. Você não pode escapar das minhas garras. Nem mesmo na morte.

Arrepios florescem nos meus braços.

Nem mesmo na morte.

Os soldadas adormecidas, o corpo incorruptível de Galleghar, a capacidade do Ladrão da alma de sobreviver até a morte ...

Eu quase ofego quando compreendo.

Claro. *É Claro.*

Todos aqueles enigmas estúpidos, e isso estava bem na minha frente o tempo todo.

Não muito tempo atrás, Des havia explicado os quatro reinos do Outro Mundo - Noite, Dia, Flora e Fauna.

Mas havia *outros dois*.

O Reino do Mar... E o Reino da Morte e a Terra Profunda.

O Reino da Morte e a Terra Profunda.

Em um mundo em guerra, quem realmente ganharia?

Morte e quem seria?

Os mortos realmente morrem mesmo?

Jesus.

É por isso que o Ladrão pode usar os corpos dos mortos, e é assim que ele pode enviar soldados para um sono do qual eles não podem acordar. Todos os estranhos e misteriosos poderes do Ladrão que o Outro Mundo nunca viu, são poderes que pertenciam ao Reino da Morte.



O trono que o Ladrão estava sentado, o alcance impressionante de sua magia... Ele não é apenas um fae





da terra dos mortos - ele deve ser o *rei* deles.

Isso, claro, é tudo suposição.

Eu estou certa. Eu sinto isso nos meus ossos.

Eu agito o ombro do Rei da Noite.

Des acorda com um sorriso, já me agarrando. — Esposa insaciável. Quer outra vez?

Se fosse isso.

— Des— eu sussurro — acho que sei quem é o Ladrão.







CAPÍTULO 31

É MUITO, *MUITO* mais tarde, quando adormeço. E quando eu faço, o Ladrão está esperando por mim em meus sonhos, assim como eu sabia que ele estaria.

— Então você finalmente descobriu. — Ele se reclina em seu trono de ouro, e pela primeira vez eu vejo um rei nele. Não o tipo de rei que Des é escuro, honrado e vil de uma só vez.

Este é o tipo de rei do qual você se vira, o tipo de rei que você espera nunca notar.

Estou deitada no chão de pedra abaixo dele, esparramada como se estivesse jogada aos seus pés.

— A morte é o único reino que todos esses faes satisfeitos se esqueceram — continua ele.

Eu não me incomodo em perguntar como ele sabe.

Lembro-me da reação de Des quando contei a ele a minha conclusão. Sua expressão espantada. A descrença que se seguiu, depois a consideração relutante e, finalmente, sua aceitação horrorizada.

Mesmo agora eu posso sentir o jeito que as mãos do Rei da Noite agarraram meus braços, apertando-os enquanto eu explicava o meu raciocínio.

Ele estava atordoado, mas no final, senti a corrida quente de seu orgulho. *Você descobriu, querubim. Tantas vidas serão salvas porque você descobriu.*



O problema é que não tenho certeza de onde vamos a partir daí. Saber quem é o Ladrão não o torna mais fácil de derrotar. E de alguma forma, o fato dele governar os mortos é um novo enigma.

Quero dizer, você pode realmente matar uma coisa que *vive* entre os mortos? É mesmo possível? Des não sabia quando eu perguntei,





assim como ele não sabia como chegar à terra dos mortos sem morrer primeiro.

O Ladrão se levanta do seu trono e caminha para mim, quando eu começo a me sentar. Ele se agacha ao meu lado no chão. Sua mão vai para o meu pescoço, sua pele fria, tão fria. Por que eu nunca notei isso antes?

— Eu vou te contar uma história— diz ele, empurrando-me de volta para o chão.

Eu não tento lutar contra ele, embora a sereia em mim queira.

— Eu realmente não quero ouvir isso — eu digo, presa sob o seu aperto.

— Mas eu acho que você quer, feiticeira. — O Ladrão de almas flexiona os dedos, pressionando levemente contra a minha traqueia. Eu posso dizer que ele quer fazer mais, que o pensamento o excita. Mas, como eu, ele reina sobre seus impulsos mais selvagens.

— Muitos anos atrás, um fae ansiava pelo poder, e ele fez muitas coisas terríveis para mantê-lo— ele começa.

O chão frio pica a minha pele e o cheiro de ossos velhos está de volta. Eu juro que posso sentir o cheiro de sangue apodrecendo em algum lugar próximo.

— Um dia, esse fae descobriu que seu tempo realmente terminaria - a menos que ele tomasse medidas para garantir que o tempo não acabasse. — Outra pressão de seus dedos. — Eu fui uma dessas medidas.



— Eu dormi por muitos anos antes de Galleghar me procurar. Mas então sua escuridão tocou a minha e eu *acordei*.

Minhas sobrancelhas se juntam. Eu não sei o que fazer com suas palavras. O Ladrão é o rei da morte. Presumi que, como outros reis faes, ele nasceu, cresceu como homem e



em algum momento herdou o trono. Não este negócio dele adormecido e acordado. Eu não sei o que fazer com essa informação.

— Ele me deu a vida para que um dia eu devolvesse o favor. — Os olhos do Ladrão se distanciaram. — E assim fiz, e aqui estamos nós.

Eu olho para ele. Eu posso sentir sua necessidade de espremer a vida fora de mim.

— Faça isso— o insulto. — Me mate. Eu sei que você quer.

Esta é minha natureza básica falando. Minha sereia quer a dor e a violência. Ela acolhe o caos.

Os olhos do Ladrão apertam, mesmo quando ele sorri.

— Você é, talvez, a única criatura viva que desafia a minha violência. Os dedos do Ladrão apertam e ele começa a me sufocar. Ele se inclina para perto. — E estou adquirindo um gosto por sua coragem tola.

Não posso respirar.

Ele se inclina para perto, sua boca apenas a centímetros da minha. Uma mecha de seu cabelo escuro roça minha bochecha.

Pontos pretos estão começando a salpicar minha visão.

— Você e eu sabemos que eu não posso te matar aqui— o Ladrão diz, ainda apertando meu pescoço.

Preciso respirar.

Está começando a *parecer* que ele está legitimamente me matando.

— ...Mas eu *posso* te machucar. — Para enfatizar seu ponto, ele aperta.



Eu não me mexo, não luto. Eu quero, eu quero tirá-lo de mim, mas uma parte mais profunda e maldosa minha está se livrando de seu próprio sono profundo, e ela não vai dar *nada a* esse monstro.

Eu começo a sorrir para ele, mesmo quando a escuridão se arrasta pela minha visão.





—Se você quiser me machucar... — Estou sussurrando as palavras mais do que falando. Meu entorno está desaparecendo enquanto a escuridão se aproxima da minha visão. *—Você vai ter que se esforçar mais...*

EU SUSPIRO ACORDANDO, respirando fundo, depois de novo e de novo. Levantando, vejo asas prateadas bem abertas.

Um momento depois, o rosto de Des preenche minha visão. — Você está acordada. — Alívio engrossa sua voz.

Eu lembro pela milionésima vez que quando o Ladrão decide comandar meus sonhos, nem mesmo o Rei da Noite pode me acordar.

Ainda sinto a pressão da mão do Ladrão no meu pescoço e juro que posso sentir a morte no fundo da garganta.

Realmente deveria parar de provocar o Ladrão.

— Por que suas asas estão do lado de fora? — Eu pergunto, sacudindo os últimos vestígios do sonho.

— Você sabe quantas vezes eu luto com essa reação por você? — Des diz, sentando. Ele passa a mão pelo cabelo despenteado. — Uma pergunta melhor seria: por que minhas asas não saem o tempo todo? Eu também quero transar com você ou acabar com aquele que mexer com você.

Eu dou um pequeno sorriso para o Negociador e então meus olhos voltam para suas asas. Eu levo meus dedos sobre elas novamente.

— No que você está mais disposto nesse momento? — Pergunto.

Os lábios do Negociador se contorcem em um sorriso irônico.

— Ambos. — A expressão desaparece rapidamente. Ele passa uma mão pelo meu rosto.

— Você sabe que isso está quase acabando, certo?







Eu sei que ele está falando sobre o Ladrão das almas, mas por alguma razão horrível, eu penso que isso significa a gente. O medo desse pensamento - me paralisa.

Três pancadas abruptas na porta nos interrompem.

— Sua Majestade— Malaki chama pela porta, — Galleghar foi visto.

TEM QUE ser outra armadilha.

É o que eu penso quando me sento na sala do trono ao lado de Des, e uma estranha criatura fae está diante de nós.

— Eu o vi. O rei velllhhhooo. — O fae mal consegue falar palavras coerentes de sua boca disforme. Sua pele é da cor de uma contusão, seus olhos são reptilianos e seu corpo é fino e encurvado.

Não tenho ideia de que criatura seja essa, só que já a vi em um dos esboços de Des.

Des apoia o queixo na mão, o dedo indicador batendo contra a bochecha dele. — Onde?

— Barrrrbooosssss.

Minha pele se ilumina.

— Você está trabalhando para ele? — Eu pergunto, encanto pingando das minhas palavras. Eu não quero um replay da última vez que soubemos do paradeiro de Galleghar.

— Não.

— Ele sabe que você o viu?

— Nãaao.

O Rei da Noite para de tocar sua bochecha.

— O que *mais* você sabe?

A estranha boca torce. — Ele se escondeuuuuu com os selvagenssss nos túneis. Muitos o ajudaaaaram.







Eles matarão qualquer um que prejudicar o antigo rei.

— Por que eles o ajudam? — Eu pergunto.

— Suassss mentesss está a muitoooo tempoooo com outroooo.

Eu ainda estou no meu lugar.

Des se levanta sua expressão imponente. — Quem? — Mas nós já sabemos.

— O Ladrão deeeeee aaaallllmaaaa.

— PRECISAMOS tomar uma decisão— diz Malaki quando a sala se esvazia. Tudo o que resta são ele, eu, Des e um punhado de guardas.

Desmond olha para mim. — O que devemos fazer sobre Galleghar?

Ele está me perguntando como eu fosse sua co-governante.

Eu sacudo minha cabeça. Eu não quero tomar uma decisão como essa. Esta é a razão pela qual eu tenho fugido da ideia de ser uma rainha. Uma coisa é lidar com uma ameaça ou interrogar alguns faes. Outra é tomar uma decisão com um resultado que você desconhece e que pode ter consequências de longo alcance.

Estou prestes a dizer, *eu não sei,* mas droga, meu orgulho de repente parece que está na reta, e eu não quero decepcionar Des.

Na verdade, vou tomar uma decisão sobre isso. Porra.

Ir atrás de Galleghar ou não?

Sabemos onde está o velho rei, mas sabíamos onde ele estava da última vez e ele ainda nos surpreendeu.



No entanto, se nós o pegamos de surpresa, então esse pode ser o começo do fim para Galleghar e o Ladrão. Os dois compartilham um vínculo. Um elo que estou ansiosa para quebrar.

— Eu acho que é hora de capturarmos seu pai— eu digo devagar.





Des me olha por um longo momento. Sempre tão minucioso, um sorriso perverso se espalha por seu rosto. — A rainha deu a palavra.

BARBOS NÃO É COMO eu me lembrava.

Quando Des e eu descemos para a ilha - Malaki e Temper atrás de nós - dou minha primeira boa olhada no lugar desde a última visita. As ruas que sobrevoamos são mais moderadas, as vistas e os sons silenciosos. A multidão áspera que geralmente se divertiam aqui agora está desaparecida. Aqueles que permaneceram parecem olhar por cima dos ombros, como se estivessem sendo observados.

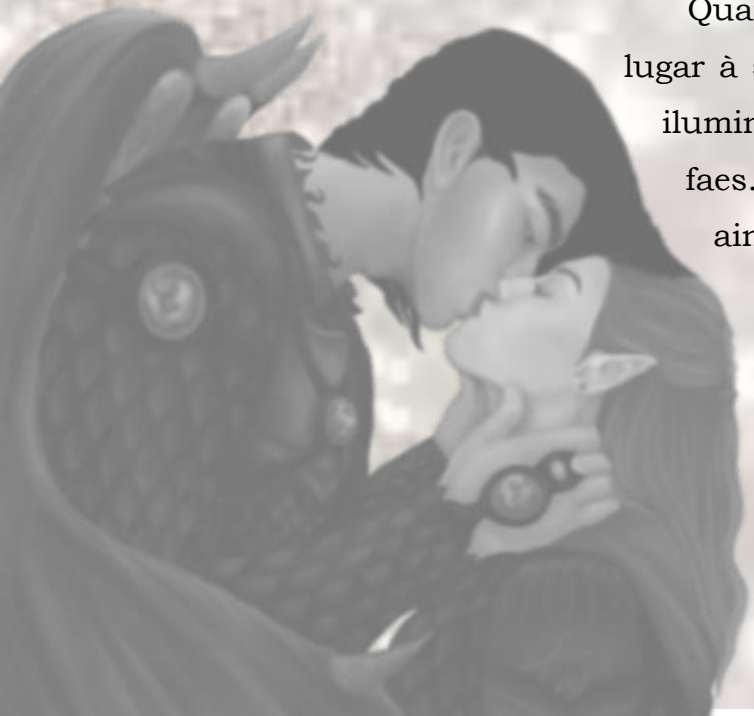
A coisa toda me dá arrepios.

Você está apenas impressionada.

Pelo menos não fomos emboscados a caminho. Prendi a respiração durante a maior parte da jornada, esperando que Galleghar aparecesse e lutasse contra nós. Mas ele nunca apareceu.

Ou tivemos sorte, ou os encantamentos estão fazendo o trabalho deles.

Eu posso sentir os feitiços agarrados à minha pele, a magia me protegendo como um casaco. Antes de sairmos, vários homens de Des colocaram defesas em Temper, Malaki, Des e eu contra a magia do inimigo. Entre outras coisas, esses encantamentos nos escondem da visão de nossos oponentes, tornando-nos invisíveis para os faes como para o Galleghar.



Quando voamos para o interior, a cidade dá lugar à selva densa. Aqui e ali as árvores são iluminadas pelas luzes brilhantes de vários faes. Não parece um lugar assustador, e ainda assim em algum lugar há um rei assassino.

Não posso acreditar que estamos fazendo isso. Tudo porque eu falei a Des para ir em frente. Ainda





espero que Galleghar apareça diante de nós ou que os soldadas adormecidas do Ladrão se aproximem de todos os lados. Nada nunca vai de acordo com o plano; por que está sendo agora?

No entanto, nada acontece. Galleghar e o que sobrou do exército do Ladrão se afastaram, e o nosso grupo voa tranquilamente, o único som é o assobio que o vento está fazendo contra nossos ouvidos.

Des começa a mergulhar em direção à terra, embora esse pedaço da selva pareça com todos os outros. Eu sigo sua liderança, descendo na folhagem espessa e escura até minhas mãos e pés roçarem as copas das árvores, as folhas sussurrando contra a minha pele.

O emaranhado de arbustos densos não deixa muito espaço para pousar. Eu assisto Des, vendo a maneira como suas asas se inclinam em torno das árvores, e acho que entendi... Até que minha asa prende num galho de árvore que eu não vi.

Eu grito com a dor, e minha asa se fecha reflexivamente. Eu caio através das árvores, batendo em todos os ramos que já existiram. Eu caio no chão da floresta num tombo.

Filho da mãe *ai*

Em um instante, o Negociador aparece ao meu lado.

— Você ainda é a sereia mais desajeitada que já conheci— diz ele, estendendo a mão para me ajudar.

— Sim, sim, sim— eu murmuro, pegando sua mão e deixando-o me ajudar.



Malaki cai ao meu lado, Temper em seus braços.

— Por que você não acorda a selva inteira enquanto está nela— minha melhor amiga diz quando sai dos braços do fae.

Dou a Temper um olhar irritado, eu tiro a poeira dos meus





couros de batalha, tirando galhos do meu cabelo. Pelo menos eu não perdi minhas adagas; as lâminas gêmeas permanecem amarradas aos meus lados, seus punhos de pedra brilhando.

Eu dou um tapinha no bolso de trás. Nós quatro recebemos um par de algemas de ferro, caso estivéssemos no alcance de Galleghar. Como minhas facas, meu conjunto de algemas está exatamente onde deveria estar.

Os olhos de Des percorrem a espessa folhagem. — Sigam-me— diz ele ao grupo.

Andamos por quinze minutos, nossos passos em silêncio. Ao nosso redor, a selva parece estar prendendo a respiração.

Parece que nós quatro estamos vagando sem rumo até que Des para. Ele toca a terra à sua frente e, com um aceno de mão, a terra à sua frente se dissipa, revelando uma pedra chata e circular esculpida com símbolos do Fae antigo.

Ele olha para mim. — Esteve aqui.

VOLTANDO SUA ATENÇÃO para a pedra, o Rei da Noite sussurra um encantamento em voz baixa. Os símbolos do Fae Antigo brilham esmeralda por um momento, depois a pedra desliza para o lado, revelando outro maldito buraco no chão.

O que é que esse cara tem com os buracos?

— Naah ah— diz Temper, olhando da mesma maneira que eu estou.

— Ninguém disse nada sobre um túnel. Eu tenho claustrofobia.

Os olhos de Des rapidamente vão para ela antes de pousar nos meus. —Você pode optar por ficar também— ele me diz.

Eu sacudo minha cabeça. — Eu vou contigo.

Eu vou aonde Des vai.







Seus olhos brilham. — Então eu estarei esperando por você no fundo. Com isso, ele dá um passo e cai na terra.

— *Merda*— Temper xinga atrás de mim.

Eu olho para ela, depois para Malaki. O general parece ameaçador na escuridão. Ele não está muito contente que Temper e eu estamos aqui, nos colocando na linha de fogo, mas ele não tentou parar nenhuma de nós do jeito que ele tentou da última vez.

Tomando fôlego, sento-me na beira do buraco, mergulhando meus pés na escuridão. Minha bota bate contra uma escada no lado do buraco, e eu deslizo meu corpo para baixo até que eu possa agarrar os apoios.

E então eu começo a descer.

Não posso dizer até onde tenho que escalar, só que quando chego ao fundo do buraco, Des está lá esperando por mim, sua forma iluminada por globos de luz.

— Sereia corajosa — ele diz, quando eu dou o último passo no chão.

Isso não é coragem. A coragem é enfrentar o que está no final desses túneis.

Antes de responder, ouço o peso de Malaki enquanto ele desce a escada. É só quando me afasto do buraco que o general pula da escada e cai o resto do caminho até o chão, aterrissando pesadamente na terra úmida.

O general se endireita, olhando de volta para a abertura.

Como se fosse uma sugestão, ouço um murmúrio raivoso bem acima de nós, seguido pelos passos agitados dos pés de Temper contra a escada.



Quando ela chega ao fundo, ela sai da escada e olha para cada um de nós. — Deixo registrado que eu *não* estou feliz com isso.

— Você poderia ter esperado por nós lá em cima— eu digo.





— Eu não vou esperar em alguma selva aleatória enquanto meus amigos caçam um rei sanguinário. Esse merda é *meu* para esmagar.

Auuu, ela disse *amigos*, no plural. Alguém está aprendendo a brincar bem em grupo.

Os olhos de Des nos percorrem e então ele se vira e começa a descer um dos túneis. Como ele sabe onde nos levar está além de mim.

As raízes das árvores se agarram à curva do teto, iluminadas por esferas de luz que se movem acima de nós. Pequenas criaturas fae correm ao longo das raízes, uma pausa para observar o ar em nossa direção, como se percebesse que algo estava errado. Mas não nos vê.

— O que é este lugar? — Temper pergunta, olhando para uma das esferas de luz que suavemente salta entre as raízes das árvores.

— Os Anjos da Pequena Morte costumavam usar túneis como esses para mover mercadorias delicadas— diz Malaki, com a voz retumbante.

Irônico que a *autoridade que* eles escondem agora é o *criminoso que* eles estão atrás.

Eu olho para o nosso entorno com novos olhos. Des e Malaki devem ter trabalhado nesses túneis por anos, movendo itens ilegais, acumulando tesouros e se escondendo dos homens do rei. A coisa toda é tão surreal para mim - este lugar e todas as vidas que Des viveu muito antes dele ser meu.

Ele sempre foi nosso, minha sereia diz.



Eu olho para as costas largas do Negociador. Eu sei que ele diria a mesma coisa.

O túnel parece se estender por uma eternidade, e quanto mais nos afastamos, mais minha pele se arrepia. Talvez seja a vizinhança ou a escuridão, ou estar no subsolo - ou talvez seja o homem que procuramos, mas algo não está batendo.





Des para, levantando a mão. — Galleghar está à frente— ele fala.

Reflexivamente, minha mão vai para o meu punhal.

Des começa a andar de novo e, mecanicamente, eu o sigo.

À frente, o túnel se abre para uma sala, mas não vejo o quão maciça a câmara realmente é até entrarmos nela. Devemos estar debaixo de uma colina, para os arcos do teto estarem bem acima de nós. É tão grande quanto alguns dos salões de baile do palácio em que estive, embora este não tenha toda a beleza e o refinamento desses palácios fae, as paredes aqui são feitas de terra compactada. É uma sala destinada a armazenar bens de um armazém. No momento, porém, está quase vazio, salvo por alguns sacos de ouro.

Bem, alguns sacos de ouro... E um rei morto-vivo.

DO OUTRO LADO DA SALA, Galleghar se senta em um trono. É a visão mais triste, vê-lo encurvado naquela cadeira de prata, como se esperasse ouvir as queixas de uma plateia que nunca chega.

Seus olhos cinza-tempestuosos são turbulentos enquanto olham para longe, e tenho um calafrio, quando olho para aquele rosto nefasto que é tão parecido com o do meu companheiro.

Ele não pode nos ver. Os encantamentos realmente funcionaram. Estamos bem na frente de Galleghar, mas somos totalmente invisíveis para o rei tirano.



Flutuando no ar à sua frente está um pedaço de pergaminho desenrolado e ao seu lado há uma refeição - que ele parece ter esquecido.

É isso que ele faz o dia todo? Esconder e considerar e tramar?

Meus olhos se movem pela sala novamente. Há uma colmeia na





entrada e saída da câmara, e não tenho ideia de como vou descobrir qual delas pegar quando saímos.

Uma preocupação para mais tarde, uma vez que Galleghar for nosso.

Parece tão fácil. Ele está bem ali na nossa frente. Tudo o que temos que fazer é arrancá-lo de seu trono esquisito, colocar um par de algemas de ferro nos pulsos dele e levá-lo de volta a Somnia.

Talvez deveria ser assim, mas só demos alguns passos em direção a ele quando o ar ao nosso redor muda. No momento que isso acontece, sinto os encantamentos se dissolvendo.

Tenho certeza de que isso não deveria acontecer.

Em um instante, os olhos de Galleghar se voltam para nós. Eu pego o lampejo de surpresa neles, mas então seu rosto se abre em um sorriso frio e malicioso.

— Meu filho não quisto, nos encontramos novamente.







CAPÍTULO 32

—E VOCÊ TROUXE amigos— Galleghar diz casualmente, seus olhos passando rapidamente por nós.

De repente eu me sinto estranha aqui, como se nós quatro fossemos uma gangue de Vingadores sobrenaturais. Só que fomos pegos com as calças abaixadas.

Não era isso que imaginei que essa interação se desenvolveria.

Des se move para a frente, colocando as mãos no bolso.

— Eu nunca pensei que veria o dia em que você fosse aquele em que vive nas cavernas, e eu o rei— diz ele suavemente.

Ooooh, queime.

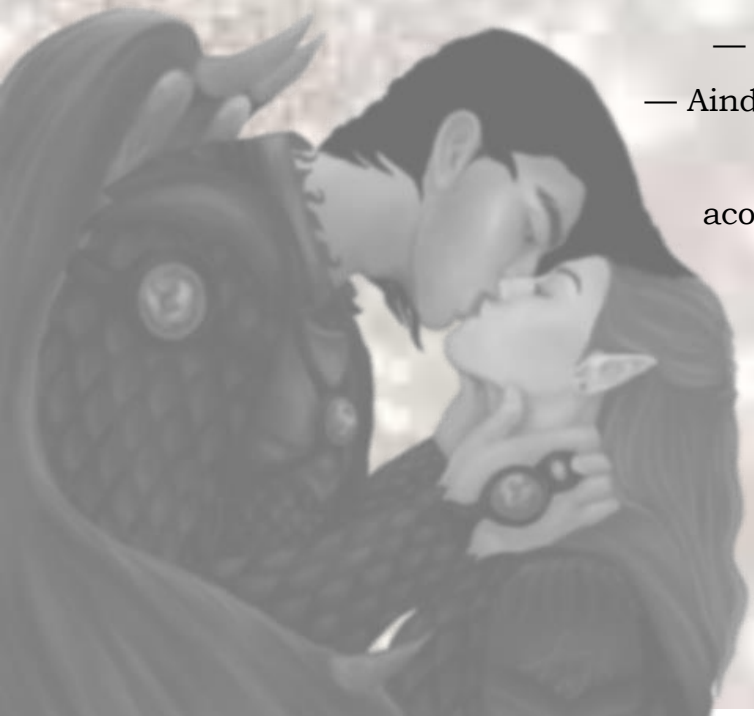
Uma das mãos de Galleghar se fecha, mas essa é a sua única reação. O pedaço de pergaminho flutuando na frente dele se enrola e navega suavemente para o chão ao lado dos sacos de ouro. Em um dos corredores escuros que levam para a sala, vejo um movimento de luz.

Essa é a escuridão de Des? Outra coisa? É impossível dizer.

O rei morto-vivo cruza uma perna sobre a outra, erguendo as sobrancelhas enquanto seu olhar se move sobre nós.

— Eu sinto muito, eu deveria estar com medo? Duas escravas e um criminosinho com um título - oh, e o meu intrigante filho.

Esse idiota. Colocando todas as suas atrocidades de lado, ele deve ter sido um verdadeiro idiota de estar por perto.



— Como estão as asas? - Des pergunta. — Ainda quebrada?

Galleghar olha para ele, se acomodando mais em seu assento.

— Eu imagino que você se lembra do sentimento. Suas asas se quebraram como galhos sob o meu toque.





Eu quase me esqueci da lesão que Des sofreu no Reino da Flora; tantas coisas terríveis aconteceram naquela noite.

— Seu trono é fofo— diz o Negociador, continuando a andar.

— Eu dei à filha do meu servo um quase assim - só que acredito que foi um pouco maior.

Droga. Faes não fodem por aí com seus insultos.

Os olhos de Galleghar se estreitam. Eu estou esperando por sua resposta quando ele desaparece.

Minha sereia aparece em um instante, fazendo minha pele brilhar.

Galleghar reaparece na frente de Des, punho levantado. O Negociador desaparece com a mesma rapidez, sumindo no ar atrás de Galleghar. Des bate com o pé nas costas do pai, derrubando o fae aos meus pés.

Minha alma gêmea põe um pé na garganta de seu pai, sua mão pegando suas algemas. — Essa é toda a luta que você tem? Você está fazendo isso muito fácil.

— Por que lutar quando as chances são tão injustas? - Seu pai diz.

Des inclina a cabeça, estreitando os olhos.

—Você mesmo disse que éramos apenas alguns escravos e criminosos humildes; que não éramos páreo para o grande Galleghar Nyx. —

Uma criança aparece em uma das portas que levam para a sala, me distraindo do confronto diante de mim. A menina parece absurdamente deslocada - até eu ver seus olhos. Toda essa raiva, toda essa malevolência - ela deve ser uma criança do caixão.



Das outras portas aparecem outras poucas crianças, seguidas de soldados com olhos vidrados e uniformes ensanguentados.





Soldadas adormecidas.

— Você não achou que eu estava falando sobre mim mesmo quando disse que chances eram injustas, não é? -Galleghar ofega, sorrindo apesar de sua traqueia está sendo lentamente esmagada.

Algumas das crianças começam mostrar suas presas, enquanto outras começam a rosnar. Os soldados pegam metodicamente suas armas.

Os soldados estão vindo de todas as direções, seus corpos enchendo as portas ao redor da sala.

Des olha para as novas adições, e sua bota aperta um pouco mais forte. — Eu diria que as chances ainda estão contra você, meu velho. Mas você só saberia se não morasse em uma caverna.

Ele está se referindo a mim e ao meu encanto, percebo. Soldadas adormecidas são nada mais que adereços uma vez que eu uso minha magia neles.

O rei morto-vivo usa um sorriso malicioso enquanto olha para o filho, logo antes de desaparecer.

Galleghar aparece entre os soldados quando eles entram na sala de todos os lados.

Dentro de um minuto, eles formam um anel ao redor de nós quatro, seus rostos neutros, seus olhos misteriosamente vazios.

Uma briga e um som abafado vêm de um dos soldados atrás de mim. Eu me viro bem a tempo de ver uma espada ensanguentada empalada no abdômen de um fae. Um segundo depois, é arrancado do jeito que veio, fazendo um barulho molhado e nauseante.



O soldado ensanguentado oscila por alguns segundos e depois cai para a frente. Na porta escura, além do fae que está morrendo, surge uma estrutura, seu corpo rapidamente se





iluminando a cada segundo até que tudo o que vejo é uma esfera de luz.

Quando escurece de novo, fico olhando para o Rei do Dia.

NÃO SABIA QUE *ELE TINHA SIDO* convidado para a festa.

Aparentemente, Des chamou a ajuda de seu aliado.

— Ouvi dizer que o Reino da Noite tinha um problema com insetos— diz Janus. Seus olhos pousam em Galleghar.

— Ah. Aí está o próprio rato.

O rosto do meu companheiro permanece neutro, mesmo quando ele vem para o meu lado.

Os olhos de Galleghar se estreitam.

— Você veio aqui para me matar também?

— Bem, eu não vim por conta do clima— responde Janus.

O sangue ainda escorre de sua espada enquanto ele avança, e ele não faz nenhuma tentativa de limpá-la. Ele vem até nós quatro, acenando para Des, depois para Malaki e Temper. Temper, por sua vez, o observa de cima a baixo como se ele fosse o almoço.

Quando os olhos de Janus pousam em mim, ele se curva. — Senhora, você tem minha espada e escudo.

Meus lábios abrem surpresos. Eu supus que o Rei do Dia veio aqui porque ele e Des eram aliados, mas talvez esse não seja o motivo.

Janus jurou sua fidelidade a mim não faz muito tempo; talvez Des tenha contado a ele sobre o nosso plano, talvez ele esteja cumprindo o seu juramento.



Os soldados não fazem nenhum movimento para vingar a morte de seu companheiro; eles apenas continuam nos observando com essas mesmas expressões estoicas.

Galleghar estuda Janus por outro momento, depois seus olhos são





atraídos para mim. Minha pele ainda brilha, e quanto mais ele olha para mim, mais intrigado ele aparece.

— Escrava— ele murmura. Mais alto, ele diz: — Eu tenho uma mensagem para você.

Uma mão pesada cai no ombro de Galleghar.

— Chega— o soldado atrás dele diz.

O rei morto-vivo olha fixamente para o soldado manchado de sangue, embora o fae não dê atenção ao rei enquanto ele caminha para a frente, com os olhos iluminados pelo deleite sombrio.

Há apenas uma pessoa que me olha assim.

— Encantadora— o Ladrão diz, — como você me seduz até mesmo agora.

É uma sensação horrível ouvir o espírito dele projetado através do corpo de outra pessoa.

— Eu tinha pensado em simplesmente observar e aproveitar o banho de sangue, mas -— ele olha para mim com uma fascinação doentia, — Eu quero que você me note como eu notei você.

Ao meu lado, as asas de Des aparecem, espalhando-se nas costas dele. Ao nosso redor, sombras enchem a sala. O Ladrão das almas não percebe nada disso.

— Batizada no sangue, entregue à sua natureza mais selvagem, se eu pudesse tocar sua mente, talvez então eu ficaria satisfeito.

O soldado manchado de sangue se aproxima de mim, aproximando-se o suficiente para eu sentir o cheiro podre que se apega a ele.



Des pisa na minha frente, suas asas me protegendo da vista.

— Não é dos meus punhos que você precisa protegê-la— diz o Ladrão. Eu não posso mais vê-lo, mas posso sentir seus olhos por toda a minha





pele, observando-me através das dezenas de soldados diferentes.

— Um único segredo pode causar *assim* muitos problemas -não é mesmo, Desmond?

Meu companheiro não diz nada e, infelizmente, não consigo ver qual expressão ele usa. Suas asas, no entanto, começam a se dobrar, o que é pelo menos alguma indicação de que suas emoções estão controladas.

O Ladrão continua. — E nós dois sabemos que você tem mais do que apenas *um* segredo— diz o Ladrão. Seus olhos deslizam para mim.

— O rei da noite lhe contou sobre mim e Galleghar?

Do que ele está falando?

Eu passo ao lado de Des e dou uma boa olhada nele. Ele está usando seu rosto secreto. Quanto mais olho para ele, mais desconfortável me sinto.

O Ladrão levanta as sobrancelhas. — Eu entendi que *ele não contou*. Ele balança a cabeça em descrença. — Eu sei que você tem uma reputação a defender, Desmond, mas alguém poderia pensar que você seria pelo *menos* aberto com a sua companheira.

Os olhos do Negociador se movem do soldado para o meu.

— Querubim— ele diz, e eu posso dizer que ele está escolhendo suas palavras com cuidado, — eu *tenho*... Sido desonesto com você.

Ele parece tão estranho, tão fae.

Meu coração bate um pouco mais alto.



— Eu lhe disse que não sabia nada da profecia de Galleghar Nyx ou como ele e o Ladrão estavam ligados, mas eram mentiras. Eu li a profecia do meu pai. Eu sei porque ele está atrás de você e do que ele teme. Eu sei quando e como ele procurou o Ladrão, e sei como ele deve ser detido.

Minhas sobrancelhas se juntam, mesmo quando olho para





Galleghar. O olhar do rei traidor se move para mim, e eu posso ver uma promessa letal neles.

Minha sereia se irrita com a ameaça.

Chegue mais perto, rei caído, para que eu possa te esculpir melhor.

— Desmond, você não vai dizer a ela o resto? — O Ladrão fala. Ele ainda está olhando para mim, me dando aquele mesmo olhar estranho que ele usava quando era o Homem Verde.

— Conte a ela como você soube da minha verdadeira identidade e onde eu morava. Diga a ela como você escondeu esse conhecimento dela - diga a ela e ao resto de seus amigos.

Cada declaração dos lábios do Ladrão é uma toxina, envenenando lentamente meus pensamentos.

O Rei da noite tem me enganado todo esse tempo?

Você pode ter suas artimanhas, feiticeira, mas você não é boa para quebra-cabeças. É uma pena, na verdade, quando seu companheiro é tão escuso. Ele descobriu um pouco mais do que você.

— Desmond— diz Janus, dando um passo em nossa direção, — O que ele está dizendo é verdade?

Des me observa, não respondendo, então eu respondo por ele.

— Isto é.

Sinto meus joelhos enfraquecerem quando Janus e os outros começam a falar ao mesmo tempo, expressando sua frustração.

Des é mais esperto que isso. Tudo o que estou descobrindo agora não se alinha com o que sei do meu companheiro. Ele pode ser reservado e um pouco perverso, mas é *leal*. O que quer que esteja acontecendo, qualquer que seja a decepção que o Ladrão esteja tentando puxar, deve ser algum tipo de cortina de fumaça.



Eu pego a mão de Des, segurando-a entre as minhas. Há





tantas coisas que quero contar a ele. O que me incomodou é que ele me manteve fora do circuito. E eu juro por Deus vou chutá-lo em sua bunda se ele continuar a ter esse hábito de mentir. Mas o mais importante

— Eu confio em você— eu digo baixinho.

O olhar de Des é firme, mas seus olhos, seus olhos queimam como estrelas agonizantes. Ele aperta minha mão.

— Você é minha vida, querubim.

Com isso, ele pega a espada amarrada a ele, desembainhando-a em um movimento fluido. Ele ataca o soldado manchado de sangue diante de nós. Ao redor da sala, os soldadas adormecidas ficam tensos.

Des se afasta de mim, suas asas perversas se espalhando até que sua estrutura cambaleante parece preencher o espaço.

— Até a escuridão morrer— ele jura para mim.

E então ele desaparece.





CAPÍTULO 33

DES ESTÁ EM seu pai em um instante, espada no alto. Essa é a sugestão que todo mundo parece estar esperando.

Com um grito de guerra, Malaki dispara contra os soldadas adormecidas assim que eles correm para nos encontrar. Janus voa para o ar, e Temper solta uma risada baixa, seu poder ondulando ao longo de sua pele.

— Soldados, parem! — Eu grito, empurrando tanto encanto nessas duas palavras.

Os soldadas adormecidas *deveriam* parar, mas eles não param. Em vez disso, eles continuam avançando.

Que inferno?

Cinco deles se aproximam de mim ao mesmo tempo, e eu mal tenho tempo de pegar minhas adagas antes de começar a bloquear golpes.

Eu não entendo.

Esse pensamento se repete na minha cabeça enquanto luto contra meus agressores. Eu me abaixo quando um machado de dois lados balança sobre a minha cabeça, depois lanço as minhas adagas.

Eu deveria ter sido capaz de encantar todos eles.

— Congelem, soldados— eu digo novamente.

— Receio que eles não podem seguir seus comandos— diz um dos soldados. Mas é o Ladrão que está falando.

— Eles foram protegidos contra o seu encanto— diz ele.

Protegidos contra isso? Eu congelo toda. Qualquer vantagem que pensei ter desapareceu

E aqui eu pensando que talvez pudéssemos nos tirar dessa emboscada. Mas eles estavam prontos com sua própria magia -

magia que retirou nossos encantamentos e os tornou imunes ao meu poder.

Eu ouço o rasgo de tecido nas minhas costas e sinto a sensação repugnante de uma lâmina afundando na pele. Eu sinto a cascata de sangue sair da ferida antes que a dor se instale.

Quando isso acontece, no entanto – *Jesus* – isso dói como uma cadela.

Antes que eu possa revidar, outro golpe segue o primeiro, abrindo meu braço.

Eu cambaleio para frente, direto para um soldado coberto de sangue seco e pedaços inomináveis, minhas asas se manifestando em resposta à dor e adrenalina. O sangue quente escorre do meu braço e das minhas costas. E ainda assim o ataque continua chegando. Isso é tudo que posso fazer para desfazer a maioria dos golpes. Des pode ter me treinado sobre como lutar, mas eu não sou párea para *cinco* soldados fae.

— *Callypso*! — Des ruge.

De repente, ele está ao meu lado, passando por soldadas adormecidas. Mas então seu pai usa a distração para aparecer na minha frente, arma levantada.

— Você *não* será minha ruína, escrava— ele promete.

Eu nem mesmo tento encantar Galleghar. Em vez disso, faço o que qualquer mulher sensata pode fazer - chuto aquele filho da puta nas bolas.



Duro.

A reação é imediata. Ele se dobra, um ruído sufocante vindo dos seus dentes.

É tudo o que vejo antes dos soldadas adormecidas se aproximarem novamente apesar dos melhores esforços de Des. Sangue está pulverizando ao redor do meu companheiro enquanto ele esculpe





através deles, mas há sempre mais para lutar, e nenhum deles joga limpo.

— Ladrão! — Des fala. — Você e eu tivemos um entendimento!

Um entendimento?

Os soldados que me rodeiam de repente param de lutar, ficando parados.

— Então nós tivemos— diz um deles.

Eu olho para eles. Entre o grupo, o pai de Des começa a se endireitar. Além de nós, os outros soldadas adormecidas ainda estão travados em batalha, sem saber que a luta neste lado da sala parou.

Esse pensamento mal passou pela minha cabeça quando Galleghar desaparece, se materializando mais uma vez na minha frente, com a espada apontada. Antes que ele possa acertar um golpe, uma mão agarra seu pulso e torce, forçando o pai de Des a abandonar a lâmina.

Eu sigo a mão de volta ao seu dono, chocada ao ver que pertence a um soldado.

— *O que você está fazendo?* - Galleghar fala espantado.

Um instante depois, Des aparece em suas costas, prendendo-o em um estrangulamento. — Aiiii você acha que você foi o único que fez acordos com esse monstro?

Meu sangue gela

Des, o que você fez?

O rosto de Galleghar torce em uma careta, e então ele desaparece, Des desaparecendo uma fração de segundo depois dele. Os dois atravessam a sala, entrando e saindo da existência como fogos de artifício.



Eu posso sentir o cheiro de sangue e magia negra enchendo o ar enquanto a batalha continua.

O cabelo de Temper está começando a levitar com seu poder, e





ela usa um sorriso selvagem enquanto luta contra seus oponentes. Malaki e Janus lutam no céu e no chão, usando suas asas para ganhar vantagem. As crianças do caixão têm suas presas à mostra, suas bocas ensanguentadas e muitos dos soldadas adormecidas têm lâminas manchadas de sangue.

Não vai ser uma vitória limpa para nenhum dos lados.

E depois há eu, cercado por uma faixa de soldadas adormecidas que agora não são dóceis.

Eu olho para eles, apontando minha adaga.

— Por que você não luta? — Eu pergunto, o sangue pingando do meu pulso enquanto eu falo.

— Eu já disse— diz um deles, — seu companheiro guarda muitos segredos.

Eu giro ao redor, olhando para cada agressor. Por trás de seus olhos, o Ladrão de almas sorri para mim.

Você e eu temos um entendimento, o Negociador falou.

- Qual é o entendimento que você e Desmond têm? - pergunto, nivelando a adaga em uma das gargantas dos soldados.

— Realmente agora, você vai me esfaquear com isso- O Ladrão pergunta, sorrindo para a lâmina.

Talvez. Eu não sei. A ameaça é tão obviamente inútil para ele.

— Qual é o entendimento? - Eu repito.

Ao nosso redor, gritos ecoam pela sala, acompanhados pelo som úmido de metal cortando carne. O ar brilha com sangue. Eu posso sentir o mais leve nos meus lábios.



— Você não vai gostar de saber.

O Ladrão e seus jogos. Eu decidi há um tempo que eu tive o suficiente deles.

Eu começo a empurrar os soldados. Se eles não vão lutar





comigo, eu vou ajudar um dos meus amigos que está passando por dificuldades esmagadoras. Mas assim que eu tento empurrar meu caminho através da multidão deles, eles fecham a minha saída.

— Saia do meu caminho— eu digo, minha pele se iluminando.

Mas eles estão neutros.

Eu quero gritar. A cada minuto que passa, meus amigos ficam cansados e mais feridos.

— Eu deixei minha natureza mais básica tirar o melhor de mim, mas seu companheiro está certo. Eu quero deixar você inteira e intocada — um soldado diz em minhas costas, — por enquanto.

Eu me viro para a fae que falou. Ela tem longos cabelos loiros de trigo que foram trançados longe de seu rosto angelical. Na mão dela, ela segura uma espada curvada.

Caminhando até a soldada, eu agarro as suas bochechas, olhando profundamente em seus olhos azuis. A soldada permanece parada, o olhar do Ladrão se acende com interesse. Eu olho para os lábios da mulher. — Não é minha mente que você quer tocar, é, Ladrão?

A soldada me estuda antes de baixar os olhos para os meus lábios.

— Você quer o que você teve apenas um gosto na prisão de Karnon — eu digo.

Naquela época tudo o que ele fez foi me beijar. Ele não tinha feito nada mais.



Eu sinto a corrida quente do meu poder.

Beije-o. Mate-o. Pegue tudo de uma vez.

Eu me inclino, meus lábios tão perto da soldada minhas mãos deslizando por suas bochechas. As pontas dos meus dedos tocam os cabelos dela.

Vamos derrubá-lo e fazê-lo nos dar tudo.





Esse olhar neutro permanece em mim por um segundo ou dois.

— Olhe para o seu companheiro— diz ele do nada.

Eu franzo a testa. Todo o meu poder fortemente enrolado está se dissipando.

Não está acontecendo como isso deveria acontecer.

— Por quê? — Eu digo, meu olhar inabalável.

— Eu quero ter certeza de que você está assistindo.

Eu posso sentir um zumbido ao longo da minha pele. Magia - magia negra e oleosa - começa a vibrar ao meu redor. Ele se separa das paredes, do chão e do teto, engrossando no ar.

Ao meu redor, os outras faes estão começando a olhar em volta, confusos.

Eu estreito meus olhos para o Ladrão, mesmo quando a magia começa a se congelar em nuvens de fumaça.

— O que você está fazendo? — Eu pergunto.

— Olhe para cima.

Meus olhos se demoram no Ladrão por um longo momento, mas eventualmente eu olho para cima, meus olhos atraídos para o meu companheiro.

Eu suspiro com a visão.





CAPÍTULO 34

Desmond

OS ANOS PODEM ter passado, mas meu pai ainda luta do mesmo jeito.

Como um covarde.

Eu o persigo através da escuridão, nós dois nos tornando um quando ele retorna das sombras para os homens. De novo e de novo e de novo.

— Você não pode me matar— diz ele enquanto nossas lâminas se chocam. Nós dois pairamos no ar, a maioria dos faes lutando abaixo.

— Enquanto você sofre, eu não me importo. — Com exceção ao pai de Callie, eu nunca desejei tanto uma vingança. Eu quero espetá-lo como um animal e assá-lo sobre um espeto. Eu quero esculpi-lo e fazê-lo assistir enquanto eu removo seus órgãos um por um. Eu quero usar cada pedacinho de tortura que eu aperfeiçoei ao longo dos séculos para fazê-lo pagar pela minha mãe, pelos meus irmãos, pela ameaça que ele representa a minha companheira.

Galleghar bloqueia o golpe, as lâminas iluminando com a força do golpe, depois ele desaparece novamente.

Eu desapareço na escuridão, sentindo-o se materializando acima de mim. Eu volto a ser um homem só para meu pai se dissipar na sombra mais uma vez. Agora ele está atrás de mim, agora ele está do outro lado da sala. Eu o persigo, tecendo através do campo de batalha ao nosso redor. Malaki está sangrando no abdômen e Janus segura o braço dele.

Temper pode ser a menos ferida, mas seus olhos começaram a brilhar; a feiticeira está perdendo sua mente e controle do seu poder.



E Callie, Callie está enfrentando o pior monstro de todos eles. Eu a condenei a ele. Mesmo agora eu tremo ao pensar nisso.

Galleghar aparece na minha frente. Eu surjo na frente dele, minha espada pronta. Ele aponta sua espada para o meu estômago, e meu balanço se torna um ataque defensivo, jogando sua arma de lado.

Galleghar ri. — Você não me pode matar. *Nada* pode me matar.

— Foi por isso que você se ligou ao Ladrão? Para você nunca poder morrer?

Essa pergunta dificilmente vale a pena fazer. É claro que o idiota escolheu o ser mais malvado para se ligar.

— Segredos são feitos para uma alma manter— diz Galleghar.

Eu quase deixo cair a minha espada. Minha mãe costumava dizer isso para mim quando eu era menino. Quando os soldadas adormecidas começaram a sussurrar, fiquei imaginando por quê.

Galleghar ataca novamente e eu bloqueio o golpe com a minha lâmina.

— Aquela cadela que te deu a vida disse isso para mim. — Galleghar diz por trás de nossas lâminas travadas.

— Você sabia disso? Mais e mais ela sussurrava em meu ouvido como uma provocação. Mas a piada é ela porque ela está morta e a única coisa miserável com a qual ela se importou morrerá uma morte terrível e macabra.



— Minha pequena espiã — continua Galleghar. — O Ladrão a vê de vez em quando.

Ele lhe contou isso?

Raiva prensada a frio escorre em minhas veias.

Se o que ele diz é verdade ...

— Ele gosta de atormentar os mortos, e mesmo para a nossa





espécie, sua atenção é incomumente malvada.

Nós dois ainda estamos presos pelas nossas lâminas, o metal se esfregando um no outro.

— Pelo menos sua mãe vai ter uma folga em breve — continua Galleghar. — Uma vez que eu matar sua companheira, a atenção do Ladrão estará totalmente ocupada. Eu quase sinto pena daquela sua escrava. Ele fará com que ela faça coisas que até as prostitutas ficariam coradas.

Eu sinto meu ódio gelado se expandir.

— Ele pode até fazer você assistir.

Eu empurro a arma de Galleghar de volta, nossas espadas destravando. Não há nada que eu amaria mais do que atropelá-lo. Mas eu não sobrevivi tanto tempo perdendo a minha paciência.

Vários soldadas adormecidas se separam de suas brigas quando percebem que eu não desapareci. Eles saltam no ar, suas asas se abrindo, suas armas apontadas para mim. Eu desapareço e apareço apenas o tempo suficiente para matar cada um.

Os corpos sem vida dos soldados caem do ar, e eu respiro várias vezes, meu corpo ensanguentado, quando me aproximo do meu pai mais uma vez.

Os olhos de Galleghar se movem brevemente para os mortos que caem.

— Todo esse poder— ele murmura, — estou quase orgulhoso de ver o quão forte o meu sangue flui.



— Você poderia ter se poupado de tudo isso— eu digo. — Eu só estou lutando porque você desejou a minha morte. — Porque ele soube do seu destino, e assim fez a sua missão matar cada um dos seus descendentes.

Galleghar ri, como se eu fosse um tolo, em vez de um rei e criminoso experiente.





— Não se iluda, *filho*. Essa não é a única razão.

Eu faço uma careta para ele.

— Você não sente isso? — Pergunta ele.

— Nossa brutalidade está bem ali em nossa magia, fervendo em nossas veias. Se eu tivesse escolhido um caminho mais pacífico, ainda teria morrido pela espada das minhas crias. Somos muito envenenados.

Como em resposta, as sombras começam a sussurrar.

Eu olho para Callie e para o grupo de soldados que a rodeiam. Suas asas estão para fora e sua pele brilha. Minha linda e letal sereia. Um dos soldados se aproxima dela, com uma expressão doentia nos olhos.

Callie ...

O medo enche minha barriga, algo que eu *nunca* senti.

— O que você poderia possivelmente oferecer a essa criatura? - Pergunto a Galleghar, ainda olhando para o confronto entre a minha companheira e o monstro que Galleghar liberou neste mundo. Esse mal antigo é quase inigualável em poder.

— Oh, uma coisa pequena, meu filho malquisto— responde meu pai.

— Liberdade de seus laços eternos, poder, vida como a conhecemos... E um reino.

Um reino de espíritos e carne podre. O reino da morte e da terra profunda.



— Como você poderia prometer-lhe algo assim? — Um reino para conquistar. Isso seria como eu oferecer a alguém o Reino da Fauna.

O Ladrão das almas nunca foi o herdeiro legítimo da morte.

— Certamente você sabe que esta terra fica bem na porta da





Morte— diz Galleghar. — Eu marchei com minhas forças, tomei o palácio à força e deixei que ele fizesse o resto.

Mesmo aqui, no Outro Mundo, as leis da vida e da morte são bastante rígidas. Para levar a vida para a terra dos mortos, então *derrote* os mortos...

E agora o Ladrão das almas era um rei. Não apenas um marionetista preenchendo o corpo de um governante morto ou moribundo, mas um rei por si só.

— Você deu a ele liberdade, um reino e um pouco do seu poder, e então você o deixou colocá-lo para dormir, esperando que ele acordasse você.

— Ele me acordou.

Essa pode ser a parte mais surpreendente dessa coisa toda - que o Ladrão realmente cumpriu até o final o negócio. O Ladrão das almas precisa de Galleghar não mais do que eu.

Eu quase rio. — Você *realmente* confia nele— eu digo, maravilhado.

Meu pai sempre foi um homem condenado. Ninguém pode ter esse tipo de ego sem consequências.

Eu sacudo minha cabeça. — Certamente você sabe que não pode controlar algo assim— eu digo. Algo que é mais antigo que nós, mais forte e mais malicioso que nós.

Callie terá que enfrentar essa criatura.

O pavor se espalha.



— Eu não preciso— responde Galleghar arrogantemente. — Eu só preciso coexistir com ele.

Agora eu solto uma risada cruel. — Você acha que ele vai deixar você viver? Você acha que ele lhe deve *alguma* lealdade?

— Eu o libertei de seus laços eternos.





Isso é um feito impressionante. Outros reis não ousariam. Mas isso não significa nada para um ser como o Ladrão.

— Ele vai mantê-lo por perto contanto que você o agrade.

E o prazer do Ladrão é uma coisa passageira.

O rosto de Galleghar torce. Seu antigo ego, nascido de séculos de impiedosa decisão, agora se mostra. Ele acredita demais em sua própria importância para ver a verdade claramente.

Meu pai não avisa. Sua forma tremula, um momento a vários metros de mim, o próximo às minhas costas.

Eu sinto em vez de ver sua espada arqueando em minha direção. Em um instante, eu desapareço e voltamos a trocar golpes. Por vários minutos, ele e eu somos tudo o que existe.

Ele, eu e Callie - sempre Callie. *Não* posso *deixar d*e notar todos os seus movimentos. Seu poder canta para mim mesmo agora, a sereia nela chamando por mim, sempre me chamando de volta para o lado dela. É só a ocasião e a prática que me mantêm focado na batalha em questão.

Eu corto o braço de Galleghar e ele arranha a minha coxa. E assim por diante, golpe após golpe, um golpe certeiro seguido por outro. Nunca lutei com um adversário mais difícil - e nunca gostei tanto do desafio.

Meu pai está certo. Há brutalidade em nosso sangue. Eu sempre tive consciência disso, mas são momentos como esse que sinto a carnificina me chamando.



Eu posso ouvir nossa respiração ofegante e sentir o cheiro de suor, sangue e magia pingando de nossa pele. A sala inteira está se enchendo com isso...

Ao meu redor, as sombras caíram em silêncio. Estão muito, muito quieta.

Eu o sinto então. O Ladrão.





Eu desvio um golpe do meu pai e deixo meus olhos varrerem o quarto.

Como eu não percebi?

Toda aquela magia vil e antinatural que estou sufocando não pertence a Galleghar nem a nenhum dos soldadas adormecidas. É o Ladrão.

Eu posso sentir sua força vital ao meu redor. Ele não é simplesmente um rei morto-vivo ou um leviatã banido.

Eu não tinha percebido até agora a verdadeira natureza da escuridão. Ele se fecha em mim de todos os lados, com a magia.

… Nós lamentamos …

… Sinto muito …

Congelado, uma certeza sombria me domina.

Meus olhos se movem para Callie a tempo de encontrar seu olhar horrorizado.

Eu te amo, eu quero dizer. *Mais do que os mundos podem conter ou as palavras podem transmitir. Você é tudo que já importou para mim. Tenha fé e força. Você ficará bem.*

A escuridão se fecha em mim, descendo sobre a minha carne, assim como eu tinha visto fazer em muitos dos meus inimigos.

Eu tento dizer as palavras, dar *algo* para Callie, mas as sombras se afundam em mim, carregando magia negra com elas. Parece fogo sob a minha carne, um inferno nas minhas veias.

Me desculpe, querubim. Meu lindo pesadelo. Você terá que nos salvar sozinha.







CAPÍTULO 35

EU ASSISTO CONGELADA, enquanto as sombras de Des se aproximam dele.

Suas costas arqueadas e seu corpo inteiro tenso, seus músculos lutando contra sua pele.

Isso é o que o Ladrão queria que eu visse.

Eu agarro meu coração. Eu posso sentir sua dor como um martelo, batendo em mim uma e outra vez. Eu quase engasgo com sua agonia. Se estou sentindo isso através da nossa conexão, então o que *ele* deve estar experimentando?

E então a escuridão o engole.

Quando isso desaparece, ele se foi.

Imediatamente, a dor no meu peito para. No começo, sinto um alívio; Des não está mais com dor.

Mas então, *pânico*. Pânico como eu nunca sentir.

Eu não consigo respirar. Eu não consigo respirar, não consigo respirar, não consigo respirar.

Meus olhos vasculham todos os cantos da sala. Para onde Des *foi*?

Meus dedos, ainda cobrindo a pele sobre o meu coração, agora atacam.

A magia do Rei da Noite, no entanto ainda dança em minhas veias, agora parece uma sombra de seu antigo eu. E a cada respiração, escurece e escurece até que eu só guardo uma lembrança dentro de mim.



Eu agarro os últimos tentáculos de seu poder enquanto eles se desfazem da nossa conexão mágica. Descendo e ficando longe de mim. Todo o tempo, meu olhar procura pelo quarto.

O que acabou de acontecer? Para onde Des foi?





E por que não posso senti-lo no nosso elo?

À distância, alguém me chama.

Eu ainda não consigo ar suficiente.

Por quê?

Porque? Porque? porque?

Meus dedos começam a formigar como se tivessem sido beijados pelo gelo. A sensação se espalha, me entorpecendo quando me varre. Colocando minhas mãos na minha cabeça, eu me inclino sobre mim mesma.

Muito confusa …

De repente sinto uma presença nas minhas costas. Alguém pega uma mecha do meu cabelo e empurra minha cabeça para trás, colocando uma lâmina na minha garganta. Eu ouço o grito de Temper.

— Hora de se juntar ao seu companheiro— Galleghar assobia contra o meu ouvido.

Assim que as palavras saem, mais uma explosão daquela magia doentia o afasta com força.

— Eu te disse para não a tocar— diz um soldado, sua voz ecoando nas paredes.

Uma segunda onda de magia segue a primeira, de Temper. Explode da palma de sua mão, acertando Galleghar na cabeça e derrubando-o.

— Coma merda, filho da puta— diz ela.

Apesar de tudo acontecendo ao meu redor eu mal registro. Tudo o que posso focar é a batida do meu coração e a certeza doente que algo está errado, que *eu* estou errada.

Onde está meu companheiro?



Os passos de Temper ecoam pela sala quando ela vem na minha direção, com os olhos em chamas. — Você tem cerca de um minuto para começar a se explicar— ela exigiu de um soldado adormecido, — e então eu vou começar a foder essa merda.





—Há apenas um humano cujas palavras eu vou ouvir— responde o soldado suavemente, — e elas não são suas.

Isto é um sonho. Claro. Um *sonho.*

Soltando minhas mãos, me endireito.

— Chega com os jogos. — Estou surpresa que minhas palavras saem tão bem quanto antes.

Eu procuro pelo quarto pelo Ladrão. Quando não vejo suas feições escuras, me acomodo em um soldado adormecido. — Onde está meu companheiro? — encanto reveste as palavras como xarope.

Ao meu redor, a sala inteira está equilibrada, o ar denso com violência prometida e a magia negra do Ladrão.

A mulher soldado que eu olho me dá as respostas: — Ele está no meu reino agora.

Pequena morte. O Ladrão domina a pequena morte. É por isso que nesse pesadelo tudo é possível. Eu estou dormindo e o Ladrão está fodendo comigo.

— Me acorde— eu exijo.

O olhar que o Ladrão me dá ... Se eu não o conhecesse melhor, quase diria que é pena. Mas ele está gostando disso.

— Isso não é sonho, feiticeira. Se fosse, eu ficaria diante de você como eu mesmo - assim como sempre fiz.

Eu olho em volta, para todos os rostos congelados. Malaki e Janus estão esparramados no chão, suas formas anormalmente paradas,



Galleghar não se moveu de onde Temper o derrubou, e o resto dos lacaios do Ladrão parece contente em ficar onde estão.

A única outra pessoa que parece verdadeiramente viva é Temper. Meu olhar cai para ela assim que ela se aproxima de mim.





Querida Temper, minha melhor amiga. Uma lágrima escorrega de seus olhos ardentes.

Eu só a vi chorar duas vezes.

Ela sacode a cabeça. — Querida, isso não é um sonho.

Isso não é um sonho?

Mas é claro que é. Ninguém é como parece e nada parece como deveria.

Meu coração dá um pulo, e essa dormência fria, alcançou meu vínculo com Des.

Eu tropeço e caio de joelhos.

A realização é sempre descrita como um instante de iluminação, mas não é assim que acontece desta vez. A verdade vem crescendo lenta e gelada.

Eu *não fui* deixada em algum sonho. Eu me lembro do último minuto e do minuto antes disso. Eu me lembro de vir aqui e me lembro de todas as coisas lógicas, mas daquele último, o final.

Des desaparecendo. Des me deixando.

Ofegando, eu agarro meu coração.

A escuridão vai te trair, o vidente disse.

Eu solto um suspiro.

Isso não é um sonho.

Parece... Parece que caí num lago gelado e a água fria está chegando aos meus pulmões.



Outra respiração vem estremecida.

Se não é um sonho, isso significa que Des... Des...

Minha garganta se agita quando um grito surge.

Eu estou balançando a cabeça

Não, não, não, não, não.

O choro está se formando no fundo da minha garganta.





Ele não pode estar - não pode estar morto.

Eu grito, minha sereia aparecendo. Minhas asas se abrem e minhas escamas ondulam nos meus antebraços, minha pele brilhando fortemente, tão terrivelmente brilhante. Meus dedos picam onde minhas garras se estenderam.

Eu não me sinto humana, não sinto fae. Estou me perdendo, meu coração e minha cabeça tentando infrutiferamente escapar do vínculo que compartilho com Des, perseguindo os últimos ecos de seu poder.

Mas acabou. Se foi e eu não sei se alguma vez voltará.

Nós o recuperaremos – do contrário.

Estou gritando e gritando e gritando, e o mundo inteiro está caindo. Minha dor está escurecendo, se aprofundando como a noite até que eu não sei onde a agonia termina e a raiva começa.

Nós vamos matar, matar, matar, matar e

— *Callypso.*

Eu me viro ao som ecoante da voz de Temper. Seus olhos queimam com seu poder. Aos pés dela está Malaki, com o corpo deitado de bruços. Não muito longe Janus está deitado, sua forma similarmente entorpecida. Vítimas da magia negra do Ladrão.

— Estamos saindo— diz Temper.

O olhar da feiticeira, seu olhar ardente, está focado na forma imóvel de Galleghar.

Sua vingança combina com a nossa ...



O ex-Rei da Noite jaz esparramado no chão, inconsciente de seu último golpe.

Temper levanta a mão, com a palma da mão estendida.

Ela quer matá-lo.

— Não— eu digo, minha voz vibrando com o meu poder.

— Sua morte é *minha* para reivindicar.





Os olhos de Temper se estreitam em Galleghar, mesmo quando seus lábios se curvam um pouco. O sorriso não é nada além de cruel.

— Bem. —

Ela volta sua atenção para um soldado adormecido.

— Você fodeu com os humanos errados— diz ela, sua voz ressoando com sua própria magia.

De seus pés, chamas de fogo ganham vida. Ele passa pelo chão em uma dúzia de direções diferentes, indo em direção aos soldadas adormecidas. Pousa em um primeiro, depois outro e outro. Um por um, os lacaios do Ladrão são arrebatados pelas chamas.

Eles gritam quando seus corpos escurecem e queimam, e eu não sinto absolutamente nada.

Os fogos ardem por apenas alguns minutos, e quando se extingue, tudo o que resta dos soldados são ossos e cinzas enegrecidos.

As únicas pessoas que permanecem na sala são eu, Temper, Malaki e Janus - os dois últimos ainda estão imóveis, a magia do Ladrão se agarrando à pele deles. E depois há Galleghar Nyx.

A raiz de todo o meu sofrimento.

Eu me levanto do chão, minhas asas se espalhando atrás de mim. Lentamente, eu ando até ele.

Eu sinto muito frio. Até minha raiva queima como gelo. As únicas coisas que restam dentro de mim são dor e vingança.

O pai de Des está começando a se mexer, gemendo um pouco.

Temer se aproxima dele, rindo baixo em sua garganta.

— Você vai desejar que você estivesse morto. — Sua voz é desumana, possuída por sua natureza perversa. Pela primeira vez, eu aceito isso completamente.







É por isso que ninguém cruza o nosso caminho.

Nós somos terrivelmente forjadas.

Eu me aproximo de Galleghar, puxando as algemas de ferro do meu bolso de trás. Eu ignoro a maneira como o metal chia contra a minha pele enquanto eu agarro os pulsos do antigo rei. Arrastando-os para trás, eu bato em um punho, depois no outro, prendendo seus braços atrás dele.

Cortou a garganta dele. Arranque seu coração e faça ele comer. estripe ele e dance em suas entranhas.

Eu quero tudo isso.

Faça-o pagar pelo que fez ao nosso companheiro.

Os gemidos de Galleghar ficam mais altos e seus olhos começam a tremular.

Agachando-se ao lado dele, eu sussurro uma única promessa.

— *Sua vontade é minha.*

Todos aqueles anos em que estive sob o jugo da minha consciência, fugi desta única e solene verdade: posso fazer mais do que dobrar os outros à minha vontade; eu posso totalmente *escravizá*-los.

Todo esse tempo eu escondi da minha verdadeira natureza.

Eu não me esconderei mais.





CAPÍTULO 36

EU NÃO SINTO nada.

Eu não senti o toque de Temper quando ela me segurou em seus braços, sua pele como fogo na minha gelada. Não senti a pontada de dor ou gratidão quando vários fae da noite nos recolheram daquela caverna. E eu não senti o vento açoitando minhas bochechas durante a longa jornada de volta a Somnia.

E só quando sou depositada em meus aposentos eu respiro e estremeço, sentindo *algo*.

Agonia como nenhuma outra. Isso enfraquece meus joelhos e sufoca a minha respiração.

Eu aperto meus olhos fechados. Isso é pior, muito pior do que não sentir nada. Essa dor é como uma ferida que está me sangrando.

Temper ainda está ao meu lado, seus dedos enfiados nos meus. Eu deslizo minha mão da dela.

— Deixe-me— eu digo.

Não tinha como ela me deixar se as circunstâncias fossem normais. Mas minha pele ainda está brilhando e meu encanto ainda está montando minhas palavras. Minha sereia não me deixou desde a batalha, e até mesmo uma feiticeira tão poderosa quanto Temper não pode lutar contra a minha magia.

— Isso é bobagem— resmunga Temper enquanto seus pés a levam para fora do quarto. Ela pega a maçaneta da porta e abre a porta. — Assim que seu encanto desaparecer, eu voltarei para você.

A porta se fecha atrás dela e sua voz cede ao silêncio.

Meus olhos percorrem a suíte. O presente de casamento de Des para mim.



Um soluço escapa, e meu peito arfa com gritos vazios e silenciosos. Eu ando até a piscina infinita com sua água brilhante.

Passo a passo, entro na piscina com roupas e tudo. Sob a superfície, minha cabeça desliza.

Isso não pode ser real. Dor como essa não *existe*, e certamente não se pode sobreviver a esse tipo de sofrimento.

Eu me afundo no fundo da piscina e olho através da água. Daqui eu posso ouvir a água correndo entre as minhas orelhas, e posso ver as lâmpadas da suíte brilhando muito acima de mim.

Eu poderia ficar aqui, para sempre, e ficaria bem com isso. Não acho que uma sereia seja capaz de se afogar, mas estou sempre disposta a testar essa teoria.

Se eu morresse, estaria no Reino da Morte e da Terra Profunda. Então eu estaria com Desmond de uma vez por todas.

Minha garganta aperta. Ele se foi.

Mas eu poderia me juntar a ele. Eu conseguiria me juntar a ele na terra dos mortos

Isso é o que o Ladrão quer.

Eu solto um gemido, o som deformado sob a água.

Não há alívio dessa agonia; nem a morte será o fim dela. Se eu morresse, cairia sob o reinado do Ladrão. Então o monstro poderia me controlar completamente, e duvido que me reunir com meu companheiro seja parte de seu plano.



Então, estou presa aqui, na terra dos vivos, enquanto Des

Des está morto.

Morto.

Um soluço escapa então, uma explosão de bolhas se formando com o grito. Mas quando começo a chorar, parece que não consigo parar. Minha





voz de sereia transforma o som em música, e é horrível que a dor possa soar adorável.

Ele se foi e eu não sei o que *fazer*.

Aquele filho da puta do Ladrão e seu jogo doente e distorcido. Eu me joguei direto na mão dele no momento em que decidi ir atrás de Galleghar. Quando pus os pés naquela caverna, os dentes de sua armadilha se fecharam ao meu redor.

Des desapareceu; Malaki e Janus são catatônicos, vítimas da mesma magia negra que comprometeu os soldadas adormecidas.

E eu estou quebrada.

Tudo minha culpa. Se eu não tivesse feito a ligação para ir atrás de Galleghar, Des estaria aqui ainda.

Eu fecho meus olhos, minhas lágrimas escorregando na água.

Não sei quanto tempo durmo no fundo da piscina. Mais do que um humano poderia suportar. Eventualmente, alguém pula na piscina e me pega, me arrastando para fora da água.

Eu tusso um pouco, meus pulmões arfando com uma respiração.

— Sua Majestade!

Eu pisco para o soldado fae, a água escorrendo pela minha pele brilhante.

Ele parece em pânico.

— Eu sei que é difícil, mas você não pode morrer. Nosso reino precisa de você.

Eu não vou morrer.



Eu já estou morta.

O que é a morte?

Os mortos realmente morrem verdadeiramente?

Minha respiração pega esse último pensamento.

Eles morrem?

Des ainda está lá fora?





Meu olhar se concentra no soldado. Atrás dele, a porta se abre. Temper deve ter avisado que eu não estava em um bom lugar.

— Nós precisamos de você— o soldado da Noite repete, me sacudindo um pouco.

Suas palavras finalmente se registram.

Nosso reino precisa de você.

Eu forço a minha garganta. Ele quer que eu seja uma rainha. Para ordenar e governar agora que meu companheiro não pode.

A última decisão que tomei matou meu companheiro.

Mas não há mais ninguém para tomar decisões. Todos os outros governantes estão mortos ou incapacitados.

Eu engulo e aceno com a cabeça. — Ok— eu digo, minha voz rouca.

Ele me baixa. Estou pingando água luminosa por todo o chão.

— O que eu devo fazer? — Eu pergunto, minha voz crua.

Eu não sei nada sobre ser uma rainha.

O olhar do soldado passa por mim.

— Governe. Governe e salve-nos.

O GUARDA REAL sai logo depois disso. Eu não sei como consegui convencê-lo de que estou bem. Eu não estou, e eu provavelmente não deveria estar sozinha, mesmo que eu não possa suportar o pensamento de compartilhar essa dor com mais alguém. Parece estranhamente pessoal.



Eu arrumo o meu cabelo e começo a laboriosa tarefa de despir minhas roupas e vestir algo seco. Mesmo depois disso, meu cabelo molhado pinga nas roupas.

Agora mesmo Des teria secado meu cabelo para mim. Ele fazia coisas estranhas e atenciosas assim o tempo todo.

Fazia.





Sento-me pesadamente na minha cama - *nossa* cama - um pedaço de papel farfalhando abaixo de mim. Uma dor violenta e sem fôlego da minha dor está escorrendo como veneno pelas minhas veias.

Eu cubro meus olhos. Feios soluços machucam o meu corpo.

Eu deixo sair, deixo *tudo* sair até me sentir esgotada das últimas lágrimas. Colocando minhas mãos em minhas coxas, eu respiro fundo.

É quando eu finalmente percebo um pedaço solto de pergaminho em que estou sentada, o papel amassando toda vez que eu me desloco. Fica ali, como se Des apenas descuidadamente deixou na cama. Mas Des não faz nada descuidado.

Eu puxo ele debaixo de mim. Na verdade, são dois pedaços de papéis, um documento formal e uma nota menor escrita por uma mão familiar. Eu tenho que colocar a palma da mão na minha boca para parar outra rodada de soluços.

Não tenha medo de si mesmo, querubim. Você é exatamente como deveria ser. Da chama às cinzas, do amanhecer ao anoitecer, sou sempre seu. Até a escuridão morrer.

~ Seu Negociador

Des sabia que ele ia morrer.



É isso que é - uma nota de amor pós morte.

De repente estou com raiva, brutalmente, gravemente zangada com ele.

Minha mão treme, o papel se enrugando.

Aquele *bastardo*. Como ele *ousa* me deixar?

Eu quase não leio o outro pedaço de papel, estou tão furiosa.





Mas então, isso é tudo que me resta dele. Uma nota curta e outro pedaço de pergaminho.

Fazendo uma careta, eu desamasso o papel, meus olhos percorrendo as palavras escritas em estrofes formais.

A profecia de Galleghar Nyx

Nyx poderoso veio, Nyx poderoso solicitou, Tudo que ele pôde, Do seu lote escuro.

Na noite profunda, Seu reino ascendeu, Tenha cuidado, grande rei, Daquilo que cresce.

Fácil de conquistar, Fácil de coroar, Mas mesmo o mais forte, Pode ser derrubado.

Criado nas sombras, Criado na noite, Sua criança virá, E ascender por poder.

E você, o morto, Deve esperar e ver, Que outras coisas, Uma alma poder ser.

Um corpo para amaldiçoar, Um corpo para culpar, Um corpo na terra, Ainda não reivindicará.

Tenha cuidado com o mortal, Abaixo do seu céu, Esmague o humano, Quem verá você morrer?

Duas vezes você ascenderá, Duas vezes você cairá, Afim de que não possa, Mude tudo.

Ou perecerá pela manhã, Perecerá ao amanhecer, O mundo acreditará, Que você já se foi.

Então escureça seu coração, Meu rei das sombras, E veremos, Do que a guerra trata.



Eu fico olhando as palavras por um longo tempo. Horror, medo e fúria se agitam dentro de mim. Minhas emoções parecem uma mesa de roleta, girando e girando. Não tenho certeza de qual emoção vai vencer.

Isso deveria significar algo para mim? Porque isso não acontece.

Eu coloco o pergaminho de lado, minhas emoções girando,



girando até que eventualmente, elas pousam em algo como uma determinação sombria.

Eu *vou acabar com* isso. Eu vou encontrar o Ladrão, eu vou matá-lo e Galleghar junto com ele, e então eu vou vasculhar o submundo pelo meu companheiro perdido. Eu não vou parar até que Des seja meu novamente.

Nada mais fará.

UMA BATIDA NA porta me puxa dos meus pensamentos.

— Sua Majestade? — O soldado que me deixou não muito tempo atrás agora chama do corredor. Eu acho que ele não confia em mim o suficiente depois de tudo para me deixar em paz.

— Entre— eu ligo. Eu quase não reconheço minha voz. É fria e calma, como se meu mundo não tivesse acabado de ser derrubado.

Des não está aqui. Oh Deus, ele não está aqui e eu ainda tenho que funcionar.

Você já funcionou sem ele uma vez, quando você pensou que nunca mais o veria. Você é uma veterana nisso.

Mas naquela época eu pelo menos sabia que o Negociador estava lá fora em algum lugar do vasto universo, tomando expresso com xícaras minúsculas e fazendo acordos com homens desesperados.

O coração pode, de fato, ser o órgão mais detestável porque pode sentir amor e amor é algo terrível.

O ódio é uma emoção muito melhor.

Eu tenho muito ódio.







Eu deixo aquecer minhas veias quando me levanto e abro a porta.

— Sua Majestade— diz o guarda do corredor, — a Rainha da Flora está aqui, e ela está procurando refúgio.

CAPÍTULO 37



MARA VERDANA ESTÁ *viva* – *viva* e aqui em Somnia.

Por um momento, estou tão chocada que esqueço meus próprios problemas.

Eu posso imaginar a rainha da Flora tão claramente em minha mente. Seu cabelo vermelho - fogo,





aquelas flores torcidas em seus cabelos de fogo. Seu lindo sorriso venenoso.

A maravilhosa e malvada Mara. No final da minha estadia no reino dela, ela se tornou uma figura trágica. Como eu, ela assistiu sua alma gêmea morrer. E também como eu, ela sobreviveu à provação.

— Chame a Temper, eu ordeno a um dos guardas quando sou levada para a sala do trono.

Eu poderia não querer a companhia da feiticeira quando me desfiz, mas eu a quero ao meu lado para todo o resto.

Os soldados me levam para a sala do trono, e minha garganta balança um pouco quando noto a única cadeira esperando por mim. Alguém discretamente removeu a segunda.

Sento-me, ignorando a sala cheia de nobres e funcionários, aqui por uma razão ou outra. Minhas mãos apertam os braços.

Eu mal estou respirando; eu não tenho ideia de como devo governar quando mal posso me manter firme.

As portas do outro lado da sala são abertas, e uma comitiva carrega uma cadeira de veludo ornamentada sobre ripas. Sentado nela está a Rainha da Flora.

Suas bochechas estão magras, o cabelo vermelho flamejante está entorpecido e as flores que crescem nelas murcharam, as bordas marrons.

A visão dela murchando, é sóbria. No entanto, o queixo dela ainda está erguido naquele desafio arrogante de que me lembro.



A comitiva para, os últimos passos ecoando pela sala, e os faes carregando sua cadeira agora o colocam no chão.

No silêncio que se segue, um dos guardas da Flora, seguindo atrás da procissão, avança.





— Sua Majestade— ele anuncia, — Nossa Senhora da Vida, Senhora da Colheita, Rainha do Reino da Flora e tudo o que cresce, Mara Verdana.

O olhar de Mara cai para mim. Até mesmo seus olhos, que antes eram tão verdes, perderam o brilho.

Se ela está surpresa ou ofendida ao me ver - um ser humano - sentada em um trono fae, ela não mostra.

— Eu vim logo que ouvi as notícias sobre Desmond— diz ela.

Eu franzo a testa para ela, minhas garras espetando os braços de veludo.

A palavra começou a expandir rápida.

Uma das portas laterais se abre, e um soldado da Noite acompanha Temper na sala do trono, depositando-a a poucos metros de mim. Quando ela olha para mim, suas sobrancelhas se apertam com preocupação. Então seu olhar varre para Mara.

Ela assobia. — Nunca pensei em ver *você de* novo. — Temper olha Mara de cima até embaixo. — Parece que você usou metanfetamina muitas vezes.

Mara ignora Temper e, em vez disso, ela se esforça para ficar de pé. Eu me levanto do trono.

Ela levanta a mão. — Estou bem.

A Rainha da Flora leva um minuto agonizante para fica de pé. Uma vez que ela consegue, seus olhos percorrem a sala, e seu olhar ainda tem aquela nitidez que eu me lembro. Eventualmente, a atenção dela se move para mim.



— Um momento sozinhas? — Ela pergunta.

Eu levanto minhas sobrancelhas. — Da última vez que você e eu compartilhamos o espaço, você ordenou que me chicoteasse quase até a morte.





Em torno de mim alguns faes da noite assoviam. O som aperta o meu coração. Eles estão na defensiva por mim. Eu não esperava isso. Eu não esperava a aceitação deles.

— Acredito que, quando se trata de discutir o destino de nossos companheiros— Mara diz suavemente, — você preferiria um pouco de discrição.

Meus olhos se estreitam nela. Eu vou dar isso a Rainha da Flora, ela tem algumas bolas de metal, desfilando aqui como uma espécie de estrela do rock, em seguida, exigindo uma reunião privada.

Olho para Temper, que empaticamente balança a cabeça e murmura:

—Hoje não, Satanás.

Meus olhos retornam para Mara, que parece exausta, mas paciente. Ela entende o que estou sentindo. Agora, ela pode ser a *única* que entende.

Olhando para ela por mais um momento, eu finalmente aceno.

— Vocês poderiam por favor nos dar um momento a sós? — Eu pergunto ao quarto.

Em resposta, a sala esvazia. Temper olha furiosamente ao sair, resmungando como foi inútil arrastá-la para cá se eu não fosse ouvir seus conselhos.

O último fae sai e as portas se fecham, o som reverberando pelas paredes.



Eu olho para Mara.

É isso que eu vou me tornar? Uma casca de mim mesma?

Levanto-me e puxo uma cadeira próxima ao veludo que Mara entrou.

— O show acabou— eu digo, apontando para sua cadeira elaborada.

— Você pode se sentar.





Ela se aproxima e desmorona no assento, ofegando um pouco.

— Eu sei que ele matou seu companheiro— ela começa.

Eu não preciso perguntar de quem ela está falando.

Ela passa o dedo indicador sobre o braço.

— Eu passei a procura por outros homens dez anos atrás. Eu me lembro do dia exato —Não foi... assim que imaginei que a conversa aconteceria.

Mara continua: — Eu olhei para o Homem Verde e, de repente, ele não me atraiu do jeito que ele fazia antigamente. De fato, se estou sendo perfeitamente honesta, diria que fui *repelida* por ele, embora aparentemente nada tenha mudado.

— Eu não conseguia entender o porquê disso, é claro, fiquei com vergonha. Nunca ouvi falar de um fae que estivesse enojado da sua alma gêmea.

— Eu não sei como o Ladrão fez isso, como ele conseguiu retirar o espírito do homem verde e inserir o seu próprio. — Ela cobre os olhos por um momento. — Eu só vi magia assim antes.

Minhas sobrancelhas se juntam. Eu descanso meus antebraços nas minhas coxas e me inclino mais perto.

— Quando eu era jovem e meus pais governavam o Reino da Flora, conheci um homem como você - um encantador. Lazaret. Mara respira seu nome. — Ele veio para a nossa corte como um artista, para entreter minha família e a pequena nobreza.



A rainha da Flora já me contou essa história quando visitei seu reino. Ela se lembra disso ou sua mente se deteriorou junto com seu corpo?

Seus olhos se distanciam.

— Deuses, ele era deslumbrante. Pele dourada, olhos como esmeraldas.





Eu tento não revirar os olhos. Mara pode ser trágica, mas ainda é sem graça.

— No entanto, foi a minha irmã— diz Mara, — Thalia, que reivindicou seu coração. Invejei-a então, por ter a atenção de um homem tão bonito.

— Mas quanto mais tempo ela estava perto de Lazaret, mais fraca ela se tornava. Ela estava convencida de que eles eram companheiros, mesmo que isso fosse ridículo - faes podem sentir esse tipo de magia, e não estava presente com minha irmã ou Lazaret. Mas Thalia não acreditou. Ela prometeu sua vida e seu coração para o encantador... E seu poder.

— Meus pais disseram a ela para desfazer o que ela fez, que sua magia pertencia ao reino e não a um fae bonito, mas ela não os escutou.

— Mesmo com o enfraquecimento de Thalia, Lazaret estava tendo cada vez mais influência entre nosso povo. Ele tocava músicas e hipnotizava o público de maneiras que não eram naturais. Ela solta um suspiro.

— E quanto mais próximos ele e eu nos tornamos, mais ele me perturbava. Era apenas uma conversa que deu errado em algum lugar ao longo do caminho, ou uma reação inadequada a uma situação.

Minha pele espinhas. Eu sei muito bem do que ela está falando.

— Mas na época— continua ela, — estávamos todos sob seu feitiço. Todos menos meus pais, que o enxergaram pelo que ele realmente era – um *Ladrão*.



Essa palavra é como um hálito frio no meu pescoço.

— Eles o chamaram para a corte numa manhã de primavera para entreter os nobres. Mas era uma armadilha. Antes que ele pudesse abrir a boca, o executor da corte cortou sua cabeça.

Ela esfrega os olhos. — Minha irmã... Ela não sobreviveu tempo





suficiente para ver o próximo ciclo lunar. Seu poder voltou para ela novamente, mas seu coração não. Ela pegou a espada do meu pai e tirou a própria vida.

Mara franze a testa, a mão se curvando em punho. Ela respira fundo.

—Eu não era como a minha irmã. Eu nunca tive a mesma magia impressionante que ela tinha. Eu deveria ter um bom casamento e aproveitar os frutos da vida na corte. Em vez disso, ela morreu e eu herdei o trono— Eu não era poderosa, mas a terra da Flora era gentil; no momento em que eu estava mais insegura sobre o futuro do meu reino, ela me deu meu rei. Encontrei o Homem Verde, no meio da Floresta Arcana. Ele nasceu das próprias árvores; eu vi com meus próprios olhos, a maneira como a carne do tronco da árvore se separou e um homem completamente formado saiu dela.

Suas palavras me lembram de todos aqueles soldados sangrentos presos nas árvores. O Ladrão deve ter usado o poder do Homem Verde para colocá-los lá.

— Nesse momento, nosso vínculo se encaixou no lugar. Somente os maiores governantes recebem esse tipo de presente da própria terra. O Homem Verde era surpreendente e magnífico, do jeito que as coisas selvagens devem ser, mas ele não era um fae normal. Ele era uma bênção e ele era meu.

Ela estremece. — Eu o amava. Tanto. Seus olhos se voltam para mim. — Eu sei que você provavelmente questiona isso, mas o homem que você viu ...

— Era o Ladrão— eu termino por ela.

Ela se encolhe um pouco, suas flores murchas se mexendo em seus cabelos. — Como eu não consegui perceber isso? Eu me pergunto o tempo todo nos dias de hoje. Eu não tenho respostas. Eu pensei que talvez a estranheza do Homem Verde fosse um sinal de que







a terra o estava chamando de volta para casa. E quando as árvores começaram... *Apodrecer*... Eu pensei que minha magia tinha me traído.

A escuridão vai te trair, o vidente havia dito a Des. Eu não sabia que a magia *poderia* trair seu portador, mas eu de todas as pessoas deveria saber melhor. A magia de Des levou-o a uma barganha que nos manteve separados por sete anos.

Magia é sensitiva.

— Eu estava com raiva e cansada do meu poder— diz Mara, — e do companheiro que tinha começado a agir estranho e distante e passava longas horas entre os meus carvalhos sagrados. Eu deveria saber. Houve momentos em que meu companheiro parecia sinistro para mim.

— E então, quando as mulheres adormecidas começaram a retornar para nós em caixões, e começamos a colocá-las nas estufas, o Homem Verde costumava visitá-las. Eu confundi sua fascinação com preocupação, nenhuma vez pensando que ele fosse o resp... — A voz dela quebra, — responsável. - E então eu enterrei minhas emoções cansadas em corpos quentes e belas celebrações. Mesmo quando meus carvalhos morreram e meu povo sumia e meu companheiro escorregava para longe do meu alcance, eu fingi que estava tudo bem.

— Eu me tornei cruel.

Seu olhar mantém o meu cativo. — E é assim que minha grande e improvável história termina - minha alma gêmea morta, minhas terras envenenadas e um impostor na minha cama que semeou seu exército de mortos-vivos em *minhas árvores* sagradas. — Ela balança a cabeça. — *Blasfêmia*— ela sussurra em voz baixa.



Fazendo caretas, ela acrescenta: — Eu vivi com ele por dez anos.





Eu tento não tremer com isso. Ela passou a última década ao lado de uma criatura que estuprou milhares de mulheres e matou quem sabe quantas mais. Ela o chamou de seu *companheiro*.

— Você vai atrás dele? — Ela me pergunta.

Nós vamos caçá-lo e cortar sua carne.

Eu concordo. Mesmo agora, minha sede de vingança aumenta.

— Ele tirou minha irmã de mim— diz Mara— Ele levou minha alma gêmea de mim. Se eu pudesse matá-lo eu o faria, mas, infelizmente, estou morrendo.

Ela estende a mão e pega minha mão, apertando-a com força. Seus olhos brilham.

—Ache essa coisa e *acabe com* ele de uma vez por todas.

EU ME AFASTO da sala do trono enquanto a minha audiência volta para dentro. Alguém me chama e tenho certeza de que estou fazendo uma bagunça do protocolo real. Considerando o dia que tive, acho que tenho o direito de dar as responsabilidades o dedo do meio.

Minhas emoções estão difíceis de desvendar. Eu não achei que eu teria vontade de gostar de Mara Verdana depois de tudo que ela me fez passar, mas eu estava errada. Eu gosto dela quando é tarde demais para sermos amigos.

Como um fantasma, eu deslizo em direção aos meus aposentos.

Uma vez que estou dentro, a porta, firmemente fechada atrás de mim, tiro os sapatos e me deito na cama.



É mais um daqueles dias de Ave Maria, só que desta vez, não há Negociador para afastar minha dor.

Amanhã não vai ser mais fácil.

Eu aperto meus olhos fechados, meu corpo inteiro pesado. Eu não acho que poderia me mover se eu tentasse.





Nunca vou sair.

Não leva mais de dez minutos para o Temper me encontrar. Eu ouço seu estrondo quando ela entra no quarto. Ela coloca algo de lado, em seguida, rasteja para a cama, deslizando sob os lençóis.

Seus braços serpenteiam ao meu redor e ela me abraça.

— Está tudo bem, querida— ela sussurra.

Eu sacudo minha cabeça. — Não está.

Temper exala. — Você está certa. Não está. Mas você não está sozinha. Eu sempre estarei aqui por você.

Isso faz uma lágrima escapar. — Des me prometeu a mesma coisa. —

O mentiroso.

Minha melhor amiga afasta meu cabelo, inclinando-se sobre mim para dar uma boa olhada no meu rosto.

— É doce que você esteja preocupada comigo— diz ela, — mas você e eu sabemos que a minha bunda é muito má para matar.

Uma risada escapa e ela se junta.

— Eu acho que a minha também pode ser— eu admito.

— Claro que sim, está certa— concorda Temper.

— Você é uma vadia fodona quando quer ser.

O braço de Temper aperta me aperta. — Callie, você e eu passamos por alguma merda na última década. Você não precisa ser forte comigo. Apenas deixe sair.



Eu não sei se eu precisava ouvir isso, ou se as palavras de Temper eram simplesmente a palha que quebrou as costas do camelo, mas eu desisto e choro - se você pode chamar assim.

Você chora com seus olhos, mas eu não estou apenas chorando - estou chorando e tremendo e ofegando.





Temper esfrega minhas costas e me segura quando eu desmorono, e ela pode literalmente ser a melhor amiga que alguém em qualquer lugar já teve. Quero dizer, o namorado dela está em coma agora, e ela está se forçando para ser forte para que eu possa quebrar.

Minutos, depois horas passam e, de vez em quando, as pessoas batem à porta, suas vozes mencionam coisas como *me xingar* ou *lidar com assuntos delicados*. A única vez que o Temper sai do meu lado é para afastá-los.

— Você quer ser queimado? — Temper ameaça um agora.

Uma pausa, depois alguns resmungos.

— Sim, foi o que pensei. Foda-se. — Ela bate à porta e volta para o meu lado.

Em algum momento da noite, a feiticeira admite que ela pode ter sentimentos por Malaki. Ela chora um pouco comigo, e agora eu estou segurando-a tanto quanto ela está me segurando.

Nós duas dormimos assim, lamentando a nossa mágoa e confortando um a outra como sempre fizemos.

CAPÍTULO 38



—SENTINDO FALTA DO SEU COMPANHEIRO?

Eu viro com essa voz, minha pele se iluminando e minhas asas aparecendo.

O Ladrão de almas reclina-se em seu trono, um sorriso de satisfação no rosto.





— Eu vou te *estripar* — Eu vou em direção a ele, minhas garras saíram num instante.

Beba seus gritos.

Ria enquanto o vemos morrer.

Ele levanta uma sobrancelha. — Eu gostaria de ver você tentar.

Minhas asas se movem, me puxando para o ar. Eu desço sobre ele furiosa, minhas pernas em cima dele, minhas garras à mostra.

O Ladrão pega meus pulsos.

— O que foi que você disse da última vez que você sonhou comigo...? — Ele finge procurar em sua memória. — Oh sim - 'Se você quer me machucar, você vai ter que se esforçar mais.'

— Diga-me, feiticeira, já tentei o suficiente?

Eu grito, lutando contra o seu aperto nos meus pulsos. Eu quero arrancar aquele sorriso presunçoso dele.

— Maldito seja! — Minha voz é crua com fúria e dor. Uma lágrima irada escapa. — Eu vou fazer você dançar em seu próprio coração pelo que você fez.

— Isso é *terrivelmente* intenso. Você vai ter que arrancar isso do meu peito primeiro, e... — Ele olha para os meus pulsos que ele está prendendo— parece que isso não vai acontecer tão cedo.

Eu tento me soltar, meus dentes cerrados.

O Ladrão senta novamente entre minhas pernas. — Meu, isso é íntimo.



— Onde Des? Está- Eu exijo. O encanto enche minha voz, mas não faz nada para retirar a verdade do Ladrão.

— Se você quer sua alma gêmea— ele diz, sua voz baixa, —você terá que vir buscá-lo. — Ele puxa meus pulsos, me puxando para perto.

O Ladrão se inclina e lambe minha garganta descoberta.





— *Por um preço* — diz ele, usando palavras que ele roubou do Negociador.

Eu estou feroz em seus braços, batendo descontroladamente e arranhando tudo o que posso.

O Ladrão facilmente me joga no chão na frente dele. Estou novamente em pé num instante, mas isso é tudo o que é preciso para o chão se abrir e uma gaiola literalmente *subir* do chão. As barras pretas se erguem ao meu redor, arqueando-se no alto até se encontrarem.

— Eu acho que você esqueceu que dentro de um sonho, eu posso fazer qualquer coisa. — Para enfatizar o seu ponto, minha roupa - um vestido azul pálido - começa a desaparecer polegada por polegada.

— Eu posso humilhá-la— diz ele, enquanto a bainha do vestido sobe pelas minhas pernas e as alças deslizam dos meus ombros, revelando meus seios.

Eu faço uma careta para o Ladrão, com raiva demais para ficar envergonhada. Distraidamente, empurro as alças de volta ao lugar, cobrindo meu seio mais uma vez.

Seus olhos estão acesos de excitação. — Eu posso te machucar... — As barras do metal se curvam até tocarem minha pele. Minha pele começa a chiar e esfumaçar sob a pressão de ferro.

— Isso nem é mesmo eu sendo criativo— acrescenta. — Eu poderia fazer o chão ter olhos e uma boca e engolir você inteira. Eu poderia mudar sua aparência...



Ele começa a sorrir. — Eu poderia até mesmo fazer os mortos voltarem à vida.

— Querubim.

Eu endureço com essa voz, minha respiração falhando. Eu me viro tão rápido que me queimo contra as barras novamente.





Saindo das sombras, vestido em couro e uma camisa desbotada do Guns N 'Roses, essa é minha alma gêmea.

Um pequeno som escapa da minha garganta. — *Des ...*

Meus olhos o vasculham, observando sua manga de tatuagens, seus ombros largos e esculpidos, o rabo de cavalo que ele usa.

Eu sei que ele não é real, que nada disso é real, e ainda assim ele parece completamente real.

No Outro Mundo os sonhos nunca são apenas sonhos. Eles são outro tipo de realidade.

Des me disse isso uma vez.

Com cada passo que ele dá em minha direção, seus passos ficam mais longos, mais rápidos. Ele para na frente da minha jaula, seus olhos procurando meu rosto. Seu olhar vai para o Ladrão, seu lábio superior tremendo. Um sorriso sombrio surge em suas feições.

— Ela vai matar você— diz ele com certeza.

— Não— o Ladrão discorda, —ela vai fazer coisas em mim - muitas coisas perversas - ao longo de sua longa vida, e não há nada que você possa fazer para impedir isso.

Meu coração está começando a martelar no meu peito, minha dor e raiva alimentando a sirene dentro de mim.

Eu mostro a ele um sorriso malicioso. — Se você quiser me provar, Ladrão, então chegue mais perto— eu aceno.



Seu rosto é perspicaz, mas seu interesse é despertado. — Eu poderia ir até você - ou você poderia vir até mim.

Minhas sobrancelhas se juntam.

De repente, um vento forte atravessa o palácio do Ladrão. O vento sacode as barras da minha gaiola; ele afasta as colunas de osso que sustentam o teto, depois as paredes





de pedra pálida junto com ele. O vento vem do chão, soprando o meu vestido.

Então, para o meu horror, faz Desmond explodir, pedaço por pedaço. Primeiro os pés e as panturrilhas, depois o peito, os braços e a pélvis. Ele olha para mim com seus ferozes olhos prateados, suas íris brilhando enigmaticamente. Aqueles também são perdidos um segundo depois, espalhando-se como poeira ao vento.

Eu solto um grito, mas o vento me arrebata, chicoteando meu cabelo quando isso acontece. A rajada sobrenatural está varrendo tudo para dentro da escuridão.

As últimas coisas a serem apagadas são o Ladrão e seu trono dourado.

Ele sorri para mim, parecendo um conquistador. —*Venha encontrar seu companheiro onde o esquecimento está. Eu vou mantê-lo cativo até que a escuridão morra.*

EU ACORDO COM um suspiro.

Meu cabelo está grudado no meu rosto e minha pele brilha. Ao meu lado, Temper ronca, seu corpo de alguma forma conseguindo ocupar três quartos da cama.

Eu escorrego do colchão e começo a vasculhar o quarto, discretamente procurando por um maiô. Quando não encontro, me contento com uma lingerie. Me trocando, eu volto para a piscina que fica meio dentro de casa, meio fora.



Desta vez, quando entro nas águas brilhantes, não me afundo até fundo. Em vez disso, viro de costas e me deixo flutuar pela superfície. Inevitavelmente, a água me move para as bordas externas da piscina e eu olho para as estrelas.

Des...





Meu peito parece estar desmoronando.

Até as estrelas parecem zombar de mim. Como elas podem continuar a brilhar quando o homem que os governou se foi?

Venha encontrar seu companheiro onde o esquecimento está...

Começo a brilhar de novo, só de pensar no Ladrão.

Já faz muito tempo desde que eu queria machucar alguém tão mal.

Vamos cantar para ele nossa doce e estranha canção. Ele conhecerá o prazer então - prazer e dor. Vamos lembrá-lo porque as sereias são conhecidas como assassinas.

O enigma de tudo é como colocar minhas mãos no Ladrão. Morrer é a maneira mais óbvia - é um bilhete de ida direto para o reino do Ladrão. Mas é exatamente isso que o Ladrão quer - é exatamente esse o motivo pelo qual ele me deu o vinho lilás. Porque, no final do dia, uma vez que um fae morre, suas almas estão sob o domínio do Rei dos Mortos.

Pelo menos eu acho que ele me quer sob seu domínio... Ele não tentou muito me matar.

Venha encontrar seu companheiro onde o esquecimento está ...

Dito como se eu pudesse simplesmente *andar até* lá.

Eu olho para as estrelas

Minha respiração me deixa de uma só vez.

Puta *merda.*

E se eu *pudesse* simplesmente caminhar até o Reino da Morte?



E *se ...*

O Reino da Morte e a Terra Profunda for um lugar físico no Outro Mundo, assim como os outros reinos. O fato de você ter que morrer para chegar lá é o caminho mais óbvio, mas...

Se os faes podem transformar o luar em pano, e Des pode colocar a luz





das estrelas no meu cabelo, por que os vivos não poderiam entrar no reino dos mortos *sem* morrer?

Mesmo na Terra, havia histórias de pessoas vivas entrando no submundo - algumas até saindo com os mortos. Aqui no Outro Mundo, um lugar onde o impossível é possível, talvez eu pudesse fazer o mesmo.

Ou talvez o pesar tenha feito você lelé da cuca.

Eu murcho.

Eu continuo a olhar para as estrelas, a água batendo contra a minha pele. Mas quanto mais meus pensamentos vagam, mais eles continuam voltando para a possibilidade de que possa haver uma maneira de eu entrar na Terra dos Mortos, uma que não envolva morte.

Aposto que é possível.

Talvez então eu posso enfrentar o Ladrão de almas sem ser está sob seu domínio.

Afinal, eu não seria a primeira pessoa a visitar o Rei dos Mortos e viver para contar a história. Havia outro que o procurou há muito tempo...

Eu me sento na água, as ondas espirrando no movimento.

Porra, eu tenho uma *ideia*.

Uma ideia que pode realmente funcionar.







CAPÍTULO 39

— TODOS SAÚDEM A rainha da noite.

Eu passo pela sala do trono, Temper arrastando atrás de mim. Um coro de aplausos surge enquanto os faes me observam seus olhares atraídos para minha pele brilhante. Meu poder







ainda não se abrandou, não desde ontem. Neste ponto, não tenho certeza se isso acontecerá.

Não até eu ter meu companheiro de volta.

Sento-me no trono de Des, Temper parada ao meu lado. Horas atrás eu enchi minha amiga em tudo que eu sabia sobre o Ladrão e o reino que ele governa - e então eu disse a ela a minha ideia. Agora, tudo o que resta é executá-la.

A sala fica em silêncio, as pessoas me esperando para mais instruções.

Eu não uso uma coroa, e eu não estou aqui por escolha, mas pela primeira vez, eu me sinto... Rainha.

Tarde demais para Des ver.

Eu olho para um dos soldados da Noite guardando as portas no fundo da sala. — Traga o traidor para dentro.

O soldado abaixa a cabeça e sai. Em sua caminhada, o silêncio parece se aprofundar.

Nós esperamos os minutos passando.

De repente, as portas duplas se abrem e dois guardas vestidos de preto escoltam um fae de cabelos brancos pelo corredor.

Galleghar sorri para mim, claramente satisfeito consigo mesmo apesar da situação - satisfeito por seu último filho estar morto.

Ao vê-lo, aperto os braços do trono, minhas garras perfurando o veludo.

Nós vamos rasgar nele e fazer fitas de sua carne.



Os soldados levam o pai de Des até o fim do corredor.

— Solte-o— digo aos guardas.

Imediatamente eles se afastam de Galleghar, movendo-se para tomar seus postos nas proximidades.

O ex-rei olha para seus punhos de ferro, um sorriso torcendo sua





boca. — Como você se sente ao perder o que mais amava escrava? Pergunta ele, olhando para mim.

A sala toda respira audivelmente.

Eu o observo, batendo uma garra no meu braço do trono.

Vamos provar sua carne enquanto ele implora por misericórdia minha seria sussurra. *Traga-o para mais perto.*

— Por toda a minha vida, eu nunca realmente entendi o meu poder— eu começo. — Por que a natureza das sereias pode atrair os homens? —

As sobrancelhas de Galleghar franzem. Não era a resposta que ele estava esperando, e ele não tem ideia de onde estou indo com isso.

Mas eu sim.

— Eu não entendo— diz ele, forçado a responder por causa do encanto da minha voz.

Quaisquer que sejam as proteções que o protegeram da minha magia de volta a Barbos, eles se foram agora.

Nós o temos em nossas garras.

Eu analiso ele. —Você entenderá.

Por que meu poder atrai os outros?

Eu sempre me perguntei sobre isso. Sobre o quanto da minha natureza sedutora era culpada pelos ataques do meu padrasto. Obviamente, isso é um pensamento incorreto - meu *padrasto* era culpado por suas ações, e não o *meu* poder - mas na época eu não sabia disso. E então um instrutor da Academia Peel me tocou de maneira inadequada, e de repente o abuso pareceu um padrão, e eu me perguntei de novo - *por quê*? Por que eu tenho que ser assim? Se eu me misturasse mais, poderia ter escapado do abuso que sofri?



Não.





Não, eu não conseguiria escapar.

Sempre haverá homens maus e eles tomarão, tomarão e tomarão.

Mas eu também

Pessoas como nós não são vítimas. Nós somos o pesadelo de alguém.

Eu finalmente entendi porque o meu poder atrai os outros.

— Existem dois tipos de predadores— eu digo baixinho. — Aquele que persegue a presa e aquele que persuade sua presa até eles.

Galleghar não perdeu sua expressão presunçosa.

Ele vai entender em um momento.

— O que você vê quando olha para mim? — Eu pergunto.

— Minha inimiga mortal— diz ele. — Você deve ser destruída.

— O quê mais?

Novamente suas sobrancelhas se juntam.

— Uma escrava— diz ele, obrigado a responder pela minha magia.

— O quê mais?

Ele franze a testa, mas seus olhos me absorvem, fascinados. — ...Uma feiticeira— ele finalmente diz.

— Uma *sereia* — eu o corrijo.

Existem aspectos da minha magia que eu inconscientemente entorpeci ao longo dos anos. A capacidade de prender minhas vítimas com apenas um olhar - essa é uma delas.

Essa mesma parte minha que se ressentia da minha natureza também temia *essa* parte. A parte sinistra, poderosa e punitiva de mim. Eu já não gostava da atenção que recebia. Eu não queria *mais* nada disso.



É por isso que, mesmo na Peel Academy, eu era uma solitária. Eu me obriguei a ser esquecida. Eu não percebi naquela época que era isso o





que eu estava fazendo, mas eu fiz isso, no entanto.

E continuei fazendo isso.

Até agora.

De repente, libero toda a força da minha magia na sala. Minha pele ilumina mais e meu poder enche o ar.

Dezenas de faes estão de pé, seus olhos brilhando enquanto olham para mim. Muitos começam a levantar das cadeiras, tentando se aproximar de mim. Até o Temper anda em direção ao meu trono.

— Todo mundo, fique onde estão. — Meu público para onde eles estão, vinculados pelo meu pedido.

Eu olho para o antigo Rei da Noite. De repente, estou de pé. Descendo os degraus, indo até o trono, até que estou a apenas alguns metros dele.

— O que você vê agora? — Eu pergunto.

Isto é o que seria uma sereia caçando.

Ele dá um passo à frente, seus olhos brilhantes, seu olhar embaçado.

— Sem... Sem palavras— ele suspira, sua vingança esquecida. Ele sacode a cabeça maravilhado. —Em todos os meus anos, nunca vi um ser como você. — Ele dá outro passo à frente. — Por que meu filho recebeu tal prêmio dos deuses, mas não eu?

Um momento atrás eu era uma escrava. Agora eu sou um prêmio. Sempre um objeto a ser possuído.



Fecho os olhos, mesmo quando o ex-rei da noite começa a murmurar promessas sobre o futuro. — Quando eu for rei de novo, você ainda poderá viver aqui... O Ladrão não tocará este reino... Você poderia ser uma das minhas concubinas... Eu faria de você a minha favorita... Você teria tudo que você sempre quis ...





A única coisa que eu sempre quis se *foi*.

Ensina-me novamente como ser o pesadelo de alguém, eu pedi a Des.

Meu poder percorre sobre minha pele.

Com prazer, companheira.

Eu abro meus olhos.

— Ajoelhe-se— eu ordeno.

Galleghar nem sequer tem força nele para me encarar. Eu seguro sua mente na palma da minha mão; aquilo que o governa agora é o *desejo*.

Eu faço uma careta para o ex - rei da noite. Esta é a semente do mal que começou tudo. Se não fosse pelo egoísmo de Galleghar, todo o tecido da história deste mundo teria sido diferente. A mãe de Des ainda poderia estar viva, junto com seus meios-irmãos. Des poderia ter sido criado em um castelo ao invés de uma caverna. Ele poderia ter tido uma ótima vida.

Nós poderíamos nunca ter nos encontrado, e ele poderia nunca ter morrido antes de seu tempo.

A coisa horrível sobre o amor verdadeiro é que eu *nos* apagaria se isso significasse mantê-lo vivo.

Lentamente, diminuo meu encanto. Não quero que Galleghar goste do que estou fazendo com ele, quero que isso o incomode muito, muito mal.

Em segundos, a expressão do ex - rei passa de lascivo a confuso a furioso.

— *Sua puta* — ele rosna.

— Ah, ah— eu o censuro. — Da próxima vez que você disser ou fizer algo que não faça jus a mim - ou a qualquer outra pessoa - farei com que você coma sua língua. *Literalmente*.

Eu estico a mão para acariciar a bochecha de Galleghar.







Ao nosso gosto, nosso para quebrar.

Ele levanta as mãos amarradas, presumivelmente para afastar as minhas.

— Não. — Eu digo. — Você não vai lutar comigo, você não vai fugir. Você vai sentar aqui, responder minhas perguntas e me deixar tocar em você como eu quiser.

Suas mãos caem, mesmo quando ele enrola o lábio superior. Galleghar tem tanto poder - eu posso sentir isso vibrando dentro dele - e ainda isso contra mim é totalmente inútil.

Eu acaricio sua bochecha. — Você é muito bonito— eu digo

—De uma maneira cruel. Pena que o resto de vocês é inútil. Eu o agarro pelo maxilar inferior e viro a cabeça para trás e para a frente, avaliando-o de diferentes ângulos. — Então, novamente, talvez eu *possa* encontrar algum uso para você. Agora que meu companheiro se foi, não há nada que me impeça de começar meu próprio harém. — Eu me aproximo mais. — Você seria meu concubino. Eu deveria avisá-lo, *se* você estivesse no meu harém, há muitas coisas que eu pediria a você que você não ficaria confortável. Sabe-se que as sereias gostam de sexo e sangue. Eu espero que você não seja escrupuloso. — Eu sorrio um pouco com o ódio em seus olhos. Eu duvido que ele já tenha tido alguém para virar seus próprios truques de volta nele.

Liberando sua mandíbula, eu digo: — Relaxe, idiota, eu *nunca* seria íntima de você.

Chega de brincar com ele.



Eu me endireito. — Quero fazer uma visita pessoal ao Ladrão dos sonhos. Como eu chego a ele?

Galleghar ri. — Você teria que morrer primeiro.

Eu espero que o riso dele pare.

— É o único jeito? — Pergunto.

Ele hesita.

— É? — Eu pressiono.





O olhar odioso está de volta. Eu vejo quando ele luta contra o meu encanto por um, dois, três, quatro, cinco segundos.

— Não— ele finalmente diz.

Meu pulso começa a acelerar.

Eu tinha razão. Existe outra maneira de entrar.

— Diga-me tudo o que você sabe sobre essa outra entrada para a Terra da Morte e da Terra Profunda.

Os lábios de Galleghar se contraem enquanto ele luta contra minha compulsão. Pela primeira vez, não é gratificante vê-lo resistir. Cada segundo que ele não responde, parece uma eternidade.

Impaciente, libero um pouco mais do meu poder. — Você *quer* me responder— eu digo, minha voz hipnótica. — Agora, *me diga.*

O olhar maldoso em seus olhos se dissolve; ele olha para mim como se eu fosse um tesouro raro. —Na Terra dos Pesadelos, há uma floresta — diz ele.

A terra dos pesadelos...

Por que isso soa familiar?

Memnos, eu lembro. A Terra dos Pesadelos era outro nome para Memnos, uma das ilhas flutuantes do Reino da Noite. Foi a única ilha que Des não me levou - e por um bom motivo. Era onde as criaturas dos pesadelos viviam.

— Nas profundezas desta floresta, existe a Cova. — O olhar de Galleghar nunca vacila no meu. — Vá até a Cova e viaje o mais profundo que puder, e lá você encontrará o Reino da Morte e da Terra Profunda e o próprio Ladrão.

Eu exalo.

Lá está, minha resposta muito procurada. Meu coração palpita para a vida. Eu quero rir de toda a esperança que sinto.

Vou arrastar Des de volta para a terra dos vivos e ninguém pode me







impedir. Nem mesmo o próprio Ladrão. Pela primeira vez, vou salvar o Companheiro que me salvou uma e outra vez.

Eu olho para Temper. Como para os faes no quarto, ela foi pega pelos reflexos do meu encanto, seus olhos brilhando. Ainda assim, ela consegue dá um sorriso predatório.

Voltando para Galleghar, concentro toda a força do meu poder.

É a coisa mais natural do mundo, fortalecer e enfraquecer a minha magia. E aqui eu pensava que tinha pouco controle sobre minha sereia. Eu nunca percebi que eu tinha mantido uma coleira tão apertada no meu poder o tempo todo, mesmo quando eu estava usando-o. Pelo menos, eu não tinha percebido isso até agora, quando eu não me importo mais em controlar minha natureza sedutora e destrutiva.

A expressão de Galleghar cintila, depois se desloca, enquanto meu domínio sobre ele diminui. Suas feições se contorcem com sua fúria. Eu duvido que alguém o tenha tratado assim.

Eu estudo o antigo rei, que ainda está de joelhos. Apesar de ser um prisioneiro, ele ainda está vestido com linho fino e usa vários anéis.

— Deixe-me ver suas mãos.

Ele luta contra o meu encanto, suas mãos tremendo, mas eventualmente ele as estende para mim. Galleghar usa três anéis de bronze, um magistralmente trabalhado para representar uma lua crescente e estrelas, outro inserido com uma pedra negra, e o último uma banda simples com um rosto esculpido de uma mulher com cabelos selvagens, a boca aberta em um grito.



Meus dedos pousam naquele anel.

Sob o meu toque, a pele de Galleghar treme. Ignorando a reação dele, retiro o anel.

— O que você está fazendo? — Ele exige.





— Não é óbvio? — Eu digo, minha voz cadenciada. — Estou levando suas joias. — Uma lembrança para lembrar dele - o rei que eu coloquei de joelhos com um olhar só. O homem que abusou de seu poder de tantas maneiras horríveis. Ele está impotente agora, talvez pela primeira vez em sua vida anormalmente longa.

Sua boca se move, provavelmente para amaldiçoar meu nome, mas acho que ele se lembra do meu aviso.

Eu vou fazer você comer sua língua.

O que quer que ele dissesse, fica firme preso em seus dentes. Ele se concentra em me encarar mais um pouco, o ódio em seus olhos se misturando com um pouco de dor. Ser impotente é um sentimento terrível e humilhante. Tanto Des e eu saberíamos. Nós tínhamos sido impotentes antes, vítimas da crueldade de nossos pais. Oito anos atrás, Des tinha lidado com o meu; agora estou devolvendo o favor.

— Diga-me, rei caído— eu digo em conversação, — quantos de seus próprios filhos você matou?

Ele rosna para mim, lutando contra as palavras. Eu espero, um pequeno sorriso puxando meus lábios. Ele não pode aguentar para sempre.

— Eu... Não... Sei. — As palavras são arrancadas de sua garganta.

Eu levanto minhas sobrancelhas. — Então foram muitos. — Na verdade dói, pensar sobre esses herdeiros mortos há muito tempo, alguns que devem ter sido crianças e bebês quando seu próprio pai veio atrás deles.



— E você já foi levado à justiça por esses crimes?

A sala está extasiada, vendo esse show de horror se desenvolver.

— *Não* — ele rola por entre os dentes.





— Então é hora de você enfrentar a punição.

Galleghar franze a testa para mim, furioso.

— Como o Reino da Noite retribui o homem que se forçou inúmeras mulheres em seu harém? — Eu pergunto. — Mulheres das quais ele se aproveitou, mulheres cujos filhos ele matou. Como pagamos o homem que permitiu que o Ladrão das Almas sequestrasse milhares de soldados e lhes impusesse crueldades indescritíveis?

— Como você coleciona justiça para algo assim? — Eu pergunto a ele.

Está quieto por vários segundos, nós dois nos encarando.

— Você não pode— Galleghar finalmente cospe, respondendo a minha pergunta retórica.

Agora eu sorrio, só um pouquinho.

— Isso— eu digo baixinho, — é onde você está errado. — Meus olhos se movem para os soldados em pé perto das portas.

—Guardas, encontrem o pântano e tragam-no aqui.

Os olhos de Galleghar se arregalam e agora sua raiva é substituída pelo pânico. O rosto do ex - Rei da Noite fica vermelho enquanto ele se contorce contra o meu encanto, lutando para se libertar. Mesmo forte como ele é, ele não consegue.

Eu posso sentir os olhos de Temper em mim, eu posso sentir sua surpresa e aprovação. Ela pode não saber o que é um pântano, mas ela sabe que estou prestes a fazer algo ruim, e ela está bem com isso. Nós duas abrigamos monstros dentro de nós; ela entende isso.



O sentimento no resto da sala é um mistério. Há magia no ar, e tem gosto de medo e antecipação e prazer perverso, mas as próprias fadas não dão nenhuma indicação de seus verdadeiros sentimentos.





Leva uma eternidade para a criatura se juntar a nós. O tempo todo eu olho Galleghar abaixado. É a onda de vozes no fundo da sala mais do que o próprio monstro que me alerta que o pântano chegou.

Eventualmente, eu vejo isso subindo pelo corredor. Não sei se estou fazendo certo com Desmond ou com qualquer outra pessoa, ou se minha própria maldade está me ultrapassando, mas sei que não sinto culpa.

Nenhum pouquinho.

— Eu não sei quais são seus medos— digo a Galleghar, —mas espero que o pântano os saboreie tanto quanto eu.

Nosso para matar, a sereia protesta.

Mas estou salvando a morte de outra criatura.

O lábio superior de Galleghar se enrola, ainda preso ao chão pelas minhas ordens. — Espero que o ladrão faça você sofrer— diz ele enquanto a forma sombria do pântano cai sobre ele.

A atenção do antigo rei se move rapidamente de mim para o monstro se aproximando dele. Sua respiração engata.

O olhar de Galleghar se volta para mim. Ele não vai implorar - mesmo agora ele tem muito orgulho intocado para isso - mas seus olhos estão me implorando por misericórdia.

O tempo da misericórdia já passou há muito tempo.

— Eu quero que você saiba— eu digo, —eu estou fazendo isso por cada mulher que você prejudicou, cada criança que você matou, todas as pessoas que você machucou. Mas mais do que isso, quero que você saiba que estou fazendo isso por Desmond e sua mãe - e estou fazendo isso por *mim*.

Eu me volto para o pântano. — Devore-o.







CAPÍTULO 40

EU VOU te salvar, Des.

Aquela linha repete-se em minha cabeça enquanto ando pelo palácio do Rei da Noite, o vestido transparente que uso arrastando-se atrás de mim.

Preciso mudar.

— Garota, aquilo foi *frio* — Temper diz ao meu lado enquanto nós duas colocamos distância entre nós e a sala do trono.

— Você teria feito o mesmo.

Ela bufa. — Eu teria feito *pior*. - Todos sabemos que de nós duas somos o bom policial.

Eu costumava ser. Agora, no entanto...

— O pai de Des não pode ser morto— eu digo.

Pelo menos, Galleghar não pode ser morto enquanto o Ladrão continuar prolongando sua vida antinatural. Isso significa que o pântano pode ser capaz de assustar o rei caído, mas ele não vai morrer da experiência.

— Porra— diz Temper —Então você vai deixá-lo apodrecer dentro daquela criatura?

— Não.

Infelizmente.

— Eu ainda preciso de Galleghar.

Temper me dá um olhar questionador.

— Ele vai me guiar para a cova.

Ela levanta as sobrancelhas. — Oh *merda*. Você vai tentar salvar Des.

Não tentar. Eu *vou* salvá-lo.

Ela contorce o pescoço. — Eu nunca estive no submundo antes. Isso deve ser divertido.

— Você não vai. — Eu não olho para ela quando digo isso.



Por um momento, há silêncio.

Então ...

— *O que?* Claro que eu vou. Não me faça ficar ofendida.

Eu paro no meio do corredor e me viro para ela. — Temper, eu provavelmente vou morrer.

E não posso suportar a ideia de colocar sua vida em risco no processo.

— Um— diz Temper, — você não vai *morrer* porra. Esta não é uma missão suicida - caso contrário, eu estaria acorrentando sua bunda a uma das estúpidas esculturas de mármore espalhadas pelo lugar, em vez de me preparar para arrumar minhas malas. E dois, sim, isso é uma merda perigosa. Você quer resgatar sua alma gêmea e matar aquele babaca do Ladrão enquanto você está nisso. Eu nem sei como você deve fazer isso. O que eu sei é que você precisa de uma feiticeira para ajudá-la. Eu gosto de assustar criaturas assustadoras e bagunças em geral. Eu vou contigo.

Eu pigarreio e canto enquanto nós duas estamos lá no corredor. Quer dizer, Temper é minha carona ou morre puta. E não há ninguém melhor para se ter ao seu lado do que uma feiticeira furiosa ao enfrentar um inimigo de proporções épicas.

Mas a coisa é, o Ladrão tem poder e influência aparentemente ilimitados.

— Temper, eu não sei como isso vai acabar, e eu não quero...

Eu não quero que você morra.

Ela levanta as sobrancelhas. — Você realmente acha que essa aberração pode me derrotar? Agora *estou* ofendida. — Seus olhos brilham brevemente com poder.

Ugh, ela é impossível.

— Tudo bem, venha comigo então. — Não vou brigar com ela por causa disso.







Ela solta uma risada baixa, sua língua passando sobre o lábio inferior. Eu posso amar esta senhora, mas nesse momento Temper parece *sinistra.*

— Garota— ela diz, — vamos fazer o bastardo *pagar.*

—EU PRECISO DE ARMAS. Muitas e muitas armas, — ordeno a um dos meus guardas quando Temper e eu vou para o meu quarto. — E couros de batalha. Traga o suficiente para nós duas.

A feiticeira, por sua vez, está praticamente brilhando com sua excitação. Ela tem um apetite saudável por vingança, isso é certo.

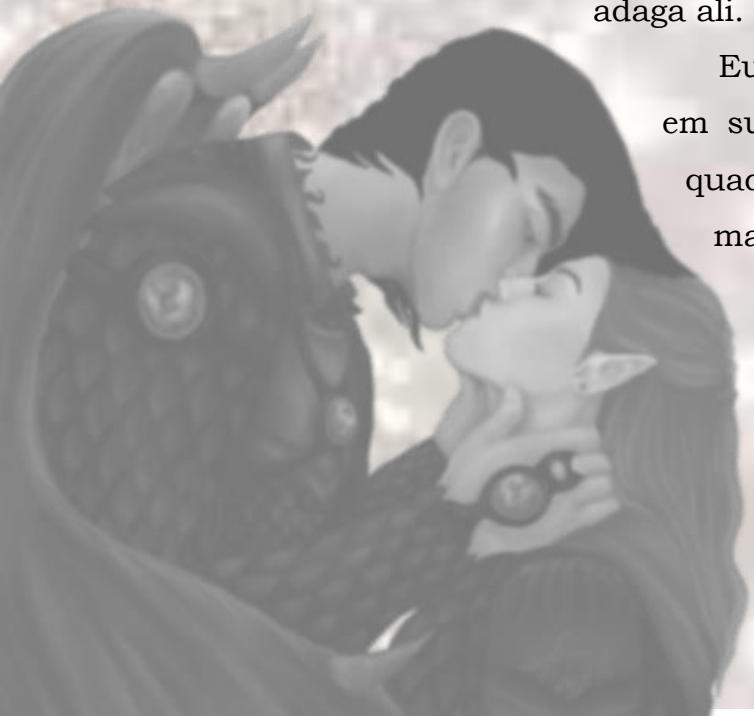
Temper e eu entramos em meus aposentos, e tento não estremecer com a visão dos quartos. Eu continuo esperando que Des apareça a qualquer momento, sua voz irônica nas minhas costas.

Mas eu não vou ouvi-lo ou vê-lo - não até salvá-lo.

Vários minutos depois, um casal de soldados da Noite vem ao meu gabinete, com os braços cheios de uma grande variedade de armas e armaduras. Eles depositam as mercadorias na cama e se retiram.

Quando a porta se fecha atrás deles, Temper e eu começamos a nos trocar.

Já que Des não está aqui para ajudar magicamente, me vestir leva uns bons dez minutos. Enquanto nós dois nos fixamos e prendemos os couros de batalha, começamos a nos armar - uma espada aqui, uma adaga ali.



Eu deslizo meus punhais de confiança em suas bainhas em cada lado dos meus quadris, enquanto Temper pega um machado de duas pontas.

— Olha— diz ela, — é do tamanho de uma mulher para os meus dedos femininos.





Eu sorrio. A arma *é* pequena. Temper desliza o machado em um coldre nas costas dela. Acho que para o seu tamanho pequeno funciona.

Eu termino de apertar um coldre de coxa e endireito.

Não há mais medo. Eu fui de tristeza para desespero, dormência, e agora isso.

Determinação fria e dura.

Essência para a essência. Respiração para respiração. Eu fui eliminando as minhas fraquezas. Isso é o que está abaixo.

Morto ou não, eu vou pegar o meu companheiro de volta, e então que os Deuses ajudem, eu derrubarei o universo se for preciso.

Até a escuridão morrer, Des.

DUAS HORAS DEPOIS, Temper e eu estamos diante de um Galleghar que está gemendo, com o corpo revestido de uma substância clara e semelhante a muco, que suponho ser o ácido gástrico do pântano.

O pântano, por sua vez, está guardado em segurança na mesma caixa despretensiosa que Des o libertou uma vez.

Eu franzo a testa para Galleghar, que está segurando a cabeça.

— Levante-se— eu comando, minha pele brilhando.

Ele se levanta com os pés trêmulos. Quando ele enxerga a mim e a Temper, ele solta um grito que está em algum lugar entre a raiva feroz e o medo ofuscante.



A feiticeira o avalia. — Você nunca pensou que duas escravas foderiam sua vida de merda, não é?

Não apenas escravos, e sim duas *mulheres*, que para Galleghar é de alguma forma pior.

— Eu vou te matar—, diz ele, cambaleando para a frente.





— Não, você não vai— eu digo calmamente. — O que você *vai* fazer é tomar um banho, pegar roupas novas e nos ajudar.

— Sua cadela louca.

— Eu *não* preciso da sua língua, então a menos que você queira perdê-la, você continuará falando comigo e com minha amiga feiticeira aqui da maneira mais reverente.

— Eu quero que ele me chame de 'Grande Deusa'. Você pode fazer isso acontecer? — Temper pergunta para mim.

Olhando para Galleghar, eu digo: — Você se referirá à feiticeira daqui em diante como 'Minha Grande Deusa da Fodelância e Outras Coisas Mágicas'. Entendido?

Se Galleghar pudesse cuspir fogo agora, ele o faria. Em vez disso, ele balança a cabeça bruscamente, as narinas dilatadas.

— Bom— eu digo. Faço um movimento para os soldados que estão em seus postos nas proximidades. — Por favor, leve ao traidor para um banho e roupas limpas — e algo para comer. Ele precisará de sua força para o que está por vir.

— O que está por vir? — Ele pergunta, uma faísca de medo iluminando seus olhos.

— Eu não te disse? — Eu digo. — Você está nos levando para Memnos.

MEMNOS É SUPOSTAMENTE um lugar assustador, mas quando vejo a ilha escura no horizonte, tudo o que sinto é uma emoção fria.

Chegando perto agora.

Os ajudantes de Des e seus soldados relutaram em me deixar vir aqui com nada além de uma humana e um traidor. Eles queriam mandar até o último de seu exército, sem se





importar que o Ladrão das Almas podia colocar a todos para dormir em um instante, se isso lhes agradasse.

Então eu ignorei o conselho deles. No final, eles não podiam fazer muito sobre isso - não quando eu tinha o encanto trabalhando para mim.

Nós três nos aproximamos da ilha, com Temper nos braços de Galleghar. O outrora poderoso rei agora nada mais é do que nosso menino de recados. Ele usa um olhar venenoso, mas está magicamente escravizado às minhas ordens. E então ele obedientemente nos leva adiante em direção à ilha flutuante.

Quando chegamos, passamos por uma cidade pequena. As luzes abaixo de nós estão fracas, o cheiro de sangue e magia corrompida tinge o ar. Eu praticamente posso sentir o perigo irradiando da terra.

Os prédios dão lugar a florestas densas e arruinadas, com árvores sombrias e luz estranha brilhando de dentro de suas profundezas. Os bosques só são quebrados pela estranha fortaleza ou cabana, as estruturas parecendo abertamente nefastas.

As árvores desaparecendo e as que permanecem parecem fracas e deformadas. É entre essas árvores que pousamos.

Eu caio de pé, dobrando minhas asas quando Galleghar para na minha frente.

Seus braços tremem quando ele suavemente solta Temper. Eu posso dizer que ele quer muito jogar minha amiga no chão, mas meu encanto o proíbe de machucar a feiticeira.

— Onde está a cova? — Temper pergunta, olhando em volta.

— À frente... Minha Grande Deusa da Fodelância e Outras Coisas Mágicas. — Ele murmura a última parte.

— Fale— eu comando.







Seus olhos disparam punhais em mim. — Eu disse, está à frente... Oh Rainha da Noite, que pensa que sou um imbecil de proporções épicas.

Temper sorrir. — Qual é o seu nome de novo? — Ela pergunta a ele.

Ele enrola o lábio para ela.

— Callie? — Temper pergunta, pedindo um pouco de ajuda.

— Responda-a— eu ordeno.

Ele range os dentes. — Galleghar O'Malleghar, rei estupido, um fiasco de assassino imperador invejoso que precisa comer um saco de pênis e morrer. —

Os títulos claramente ficaram um pouco fora de mão.

Quer dizer, podemos não ser capazes de matá-lo ou levá-lo à justiça, mas podemos humilhar a merda fora dele.

Eu gesticulo ao nosso redor. — Leve-nos para a Cova.

A FLORESTA É sobrenaturalmente tranquila... até que não é.

Primeiro, surge um grito zangado de alguma criatura solitária. Então o canto de um corvo se junta a ele. Em poucos minutos, os bosques estão cheios de silvos e uivos, gemidos e gritos meio loucos.

— Isso é fodidamente assustador— Temper sussurra ao meu lado.

Os ruídos não são a pior coisa sobre este lugar. Eu posso sentir uma dúzia de diferentes conjuntos de olhos em mim enquanto cruzamos a floresta escassamente arborizada. Ainda estou brilhando como um farol, meu poder atraindo um número crescente de fae. Mais magia malévola tinge o ar, e só piora quanto mais caminhamos.



As poucas árvores se abrem, e eu vejo – A Cova.

A coisa é sólida; parece um buraco, suas profundezas estão lançadas na escuridão. Quanto mais





olho para ela, mais percebo que a escuridão está se *movendo*, escrevendo sobre coisas vivas ou mágicas.

Não quero ir até lá.

Meus ossos protestam quando ficamos mais próximos.

Duas criaturas sombrias se separam da escuridão. Eles são mais longos e mais finos do que um fae normal, mas eu posso sentir o cheiro da magia fae deles.

Eu olho para eles quando eles se aproximam. — O que eles são?

— Representantes— diz Galleghar um pouco desgostoso. — Eles são os supervisores da Cova, Oh Rainha da Noite que pensa que eu sou um babaca de proporções épicas.

— Você pode parar com os títulos— eu digo.

— É melhor ele continue me chamando pelo meu— diz Temper.

— Você pode parar de falar todos os títulos, exceto o dela— eu complemento, apontando para a minha amiga.

Gallegher olha furiosamente.

Os representantes se aproximam de nós, a aparência deles faz com que os pelos do meu braço se arrepiarem.

Eu não sei como eles vão se sentir sobre eu usar sua preciosa Cova para chegar ao Reino da Morte e da Terra profunda, mas duvido que eles ficarão emocionados com isso.

Eles param quando chegam perto de nós, um deles farejando o ar. Deus, eles são uma dupla horrorosa, seus membros são desajeitados, seus olhos são redondos e seus lábios são firmes e sem sangue.



Um deles cheiram o ar. — Nosso antigo rei, uma humana, e... algo meio interessante— um deles anuncia, seus olhos pousando em mim. Ao





nosso redor, sinto aquela mágica espessa e enjoativa se agitar.

O pai de Des se aproxima de mim. — Como legítimo herdeiro.

— Segure suas calças, amigo— eu digo. — Você não deve falar com esses dois agradáveis representantes.

Os agradáveis representantes parecem não se importar em nos comer vivos.

— O Rei da Noite está no fundo do poço— eu digo para eles, sinalizando para o buraco. Ruídos estranhos e inumanos estão vindo disso.

Coisas *vivem* naquele lugar, coisas que não pertencem necessariamente a este mundo ou ao próximo. Eu vou ter que enfrentá-los.

— Todos os mortos acabam em algum lugar no fundo do poço— diz um dos representantes com a sua boca torcida.

— Você me entendeu mal— eu digo devagar. — Eu estou dizendo a você que seu rei está lá embaixo não porque ele está morto, mas porque eu vou entrar naquele buraco e *trazê*-lo de *volta*.

— Você não pode— diz um dos representantes. — É proibido.

O outro toca as narinas. Tenho a impressão de que ele está farejando o ar de novo.

— Eu posso- eu insisto, — e você e nem ninguém vai me impedir— eu ordeno, minha voz se harmonizando, meu encanto engrossando o ar.



— Você não pode fazer seu caminho para baixo— diz o outro, mesmo quando ele sai do meu caminho.

— É melhor você esperar que eu possa— eu respondo, — ou então eu vou arrastar você até lá comigo.





Na escuridão, alguma criatura assobia e os ruídos do poço aumentam de excitação.

—*Sangue fresco*— pareço escutar uma das vozes dizer.

Sim, minha sereia ronrona, *há muito sangue fresco para nós derramarmos.*

— Isso é uma ameaça? — O representante pergunta.

— Porra, é a verdade— diz Temper. — Você não está ouvindo? — O poder da feiticeira está começando a crepitar.

Estamos perdendo tempo brigando. A cada momento que passa, Des está se afastando de mim.

Eu libero a força total do meu poder, minha pele pulsando com o impulso da minha magia. — Eu estou indo para a Cova e vou sair com seu rei. Ninguém deve me impedir, e ninguém poderá fazer mal a mim ou a minha amiga humana aqui.

— O fae de cabelos brancos aqui, esse você pode foder— Temper acrescenta sombriamente, ganhando um olhar de Galleghar.

Em resposta aos meus comandos, os representantes recuam, os olhos brilhando de malícia.

Eu olho para Temper. — Aqui é onde eu deixo você.

— O que você quer dizer com 'deixar você'? — Ela pergunta acusadoramente.

— Você não vai me seguir até a Cova— eu ordeno.

Ela realmente achou que eu a deixaria entrar na terra dos mortos?

— Não se *atreva a* me deixar aqui. — A magia de Temper começa a iluminar a sua pele, um sinal claro de que ela está ficando chateada.

— *Não* é assim que isso funciona.

Como isso funciona é que eu não vou deixar minha amiga ser morta.







— Eu te amo, Temper, mas esta é a minha batalha. — Ela não vai morrer hoje. — Se eu não voltar em um dia, então você pode vir me procurar.

Deus, por favor, não me faça comer minhas palavras.

— Eu não vou esperar por um *dia*— ela protesta.

Eu aperto seus braços. — Eu tenho que fazer isso, Temper. — Eu estou praticamente implorando a ela.

Ela olha para mim por um momento, depois me puxa para seus braços e me abraça apertado. — Você se mantenha segura - o mínimo que você pode fazer é me prometer isso.

Eu a aperto, segurando-a forte. — Eu prometo. — É uma mentira, mas nós duas precisamos ouvir.

— Você mata esse filho da puta— acrescenta ela.

Eu aceno em seu ombro. — Eu vou. — Ou, pelo menos, vou tentar. Não tenho certeza ainda como vou matar uma coisa morta-viva.

Liberando-a, eu me viro. Temper não tenta me impedir, embora a expressão quebrada em seu rosto quase me faz vacilar.

Além dela, vejo uma figura se afastando. O pai de Des, tentando fugir, que cobra.

— Galleghar, pare— eu comando.

Ele faz uma pausa no meio do caminho.

— Volte para mim.

Roboticamente, ele retorna, seus passos pesados enquanto ele luta contra o meu encanto.

Eles nunca desistem que é inútil.

Eu inclino minha cabeça quando ele para na minha frente.

— Você realmente acha que eu deixaria você sair?

Ele rosna algo incoerente.

— Isso é fofo— comento. Meu coração dá um pulo quando percebo







que é algo que Des teria dito. — Quando eu te disse que você seria meu guia, eu quis dizer que você estava me levando *até* o fim. —

Ele olha para mim, mas obedientemente caminha até a beira da Cova.

Eu sigo atrás dele, ciente dos curiosos olhares de dezenas de fae diferentes, todos eles observando o que faremos em seguida.

O pai de Des olha para o negrume escuro.

— Vá em frente— eu digo. —Lidere o caminho para o reino do Ladrão.

— Você vai morrer por isso— ele promete.

Antes que eu possa responder, as asas de Galleghar aparecem. Eu sinto algo se alojar na minha garganta ao vê-las. Elas são escuras e com ponta de garra.

Tão parecida com a de Des.

Galleghar sai da borda e mergulha na escuridão.

Eu dou uma olhada final em Temper, cuja pele continua brilhando, seu poder mal está sob controle. Ela parece devastada por ter sido deixada para trás.

Levanto a mão para ela e depois saio da borda.

Minhas asas se abrem em minhas costas, espalhando-se para controlar minha queda enquanto eu desço.

Eu cometi um erro, pensando que Galleghar poderia liderar o caminho. A escuridão aqui parece engolir *tudo*, inclusive ele. Eu sou a única coisa que ilumina essa trincheira na terra, e o brilho da minha pele está lançando luz sobre os faes assustadoras que vivem aqui.



Criaturas sem pelos e nuas agarram-se às paredes, suas formas definhadas, as asas em suas costas murchas com o desuso. Um deles





rosna para mim enquanto eu passo, outro fareja o ar, sua boca escancarada.

Verdadeiramente, esses fae são coisas dos pesadelos.

Criaturas aladas, semelhantes a duendes, com dentes pontudos, voam pelo ar, batendo dentro de mim como insetos contra um para-brisa, suas formas atraídas pela minha luz e meu encanto.

— Você vai me deixar passar ilesa— eu ordeno. Eu tenho que repetir a ordem uma e outra vez enquanto eu descendo para que os faes que estavam fora do alcance da voz possam ouvir minhas palavras e obedecer.

Descendo e descendo eu vou mais fundo, e aparentemente não há fim à vista. Por toda a lógica, o fundo dessa Cova deve me levar ao coração da ilha flutuante... Ou deve atravessar diretamente a ilha e esvaziar no céu noturno abaixo. Em vez disso, esta trincheira supostamente vai nos cuspir para o reino do Ladrão.

Eu vou acreditar quando eu ver.

A temperatura cai, ficando cada vez mais fria. Os faes que vivem aqui são estranhos, coisas sem visão, seus corpos pálidos e carnudos, seus olhos nublados pelo desuso.

Eventualmente, o ar fica estático e eu paro de olhar os fae. De vez em quando ouço um uivo ou um choro estridente, no entanto eles também morrem.



Isso parece com a morte. Silencioso como o túmulo, o ar estagnado. Até as partículas de poeira capturadas pela minha luz parecem congeladas no lugar, brilhando no ar.

Tudo de uma vez, o chão aparece abaixo de mim.

Eu aterrisso com força em uma pilha de ossos, restos quebrados se desintegrando sob o meu peso. Uma



nuvem de poeira começa a se soltar lentamente no ar parecendo um melaço.

Eu me sacudo, observando o que me rodeia. Eu não posso ver muito além de ossos, ossos e ossos. Há crânios e fêmur e costelas e tantos outros pedaços da anatomia que não consigo identificar. Quanto mais olho, mais começo a notar a armadura manchada entre os ossos. Uma lua crescente está estampada em um escudo de metal. Outro capacete tem a mesma marca.

Soldados da noite.

Merda.

— Aí está você.

Minha cabeça se levanta quando Galleghar sai da escuridão. Ele está com sangue e suas roupas em frangalhos. Por toda sua pele há marcas de mordidas e, em algumas áreas, falta carne. Ele está acabando, mas cada ferida é uma lembrança sombria do que poderia ter acontecido comigo se eu não tivesse meu encanto para afastar todos os fae que vivem na Cova.

Eu olho de volta para os ossos.

— Por que existem soldados da Noite aqui em baixo? — Eu pergunto.

Galleghar chuta um osso inutilmente para o lado.

— Há muito tempo, eu invadi o Reino da Morte e da Terra Profunda.

Horror surge em mim. Todos esses ossos, pertenciam aos faes que Galleghar trouxe aqui - trazidas aqui para morrer.

— Ilumine este lugar— eu ordeno a ele.

Galleghar me encara por alguns segundos. Então, levanta a mão, uma bola de luz se forma. Enquanto eu assisto, ela fica maior e mais



brilhante antes de sair da palma do rei caído e flutuar no ar acima de nós.

Agora eu dou uma boa olhada no nosso entorno. Até onde os olhos podem ver, o chão é um oceano de ossos. Deve haver *milhares* de corpos.

— Por quê? — Eu pergunto, meus olhos procurando os restos.

— O Ladrão precisava de um reino para governar.

Eu olho rapidamente para Galleghar.

— O que você quer dizer com o Ladrão precisava de um reino para governar?

O pai de Des me dá um sorriso enigmático. — Ele era um invasor. —

Meus olhos varrem o cemitério. — E você o ajudou.

Galleghar trouxe um exército aqui para assumir um reino. Ele permitiu que esses soldados morressem, tudo para que ele pudesse dar ao Ladrão um trono roubado.

Jesus.

Alguém mais costumava governar este lugar. Alguém que provavelmente deve estar agora sob o domínio do Ladrão. — Eu tremo ao pensar como a vida após a morte deve ser para eles.

— Eu fiz.

Galleghar se afasta de mim, os ossos de seus ex-soldados esmagando seus pés. Ele não presta atenção a eles. E por que ele deveria? Em sua mente, faes são tão bons vivos quanto mortos.



— Por aqui— ele diz por cima do ombro. — A menos que você tenha mudado de ideia.

Nós caminhamos, passando pelo cemitério assustador. Entre os soldados mortos estão esqueletos de monstros que viveram e morreram





neste lugar. Não tenho certeza se alguma vez vi algo assim - ou que alguma vez voltarei a ver.

A luz criada por Galleghar mais cedo balança acima de nós, iluminando um enorme arco de pedra à frente. Do nosso lado jaziam os ossos dos mortos, do outro lado, uma fumaça grossa e ondulante obscurece nossa visão.

O rei caído passa por baixo do arco sem olhar para trás, a fumaça se agitando enquanto o engole.

Eu hesito.

Eu não tenho nenhum plano de ação, nenhum grande conhecimento que poderia levar a ruína do Ladrão das Almas. Tudo que tenho é determinação e algumas armas.

Espero que seja bom o suficiente.

Respirando fundo, passo sob o arco e entro oficialmente no Reino da Morte e da Terra Profunda.





CAPÍTULO 41

EU NÃO ESTAVA ESPERANDO jardins. Jardins cheios de plantas que provavelmente têm nomes como raiz de sangue e Veneno do demônio, mas jardins, no entanto. Eles se expandem para todos os lados, encontrando o caminho de pedra em que estou.

Galleghar está a seis metros de mim, subindo o caminho, e nem sequer se incomoda em olhar para trás. Muito à nossa frente, há um palácio feito de pedra pálida que alcança o céu noturno, suas torres e hastes parecendo os ossos de um monstro. O castelo está localizado na beira de um oceano.

A vida após a morte tem um *oceano*. Minha sereia se agita com isso.

O ar ainda está gelado e imóvel, mas este lugar parece como qualquer outro lugar no Outro Mundo, com seus jardins bem cuidados e o céu noturno acima. Isso não é de todo como eu imaginei que fosse a vida após a morte.

Eu sigo Galleghar pelo caminho de pedra até o palácio. O tempo todo nós não vemos outra alma.

O Ladrão está em algum lugar neste lugar. Eu posso sentir sua magia negra pressionando de todos os lados, e eu sinto os olhos invisíveis em mim. Mas se ele está perto, ele não está se dando ao de aparecer.

Galleghar se aproxima de duas enormes portas. Eu paro ao lado dele.

— E agora? — Eu pergunto.

Em resposta, as portas duplas pesadas começam a se abrir.

Galleghar me dá um sorriso arrepiante.

— Depois de você— diz ele, apontando para a frente.

E tê-lo às minhas costas? Acho que não.



— Você lidera o caminho— eu comando.

O rei caído me dá um longo olhar, depois entra no castelo comigo seguindo atrás dele.

No interior, nossos passos ecoam. Há uma entrada e mesas laterais, tapeçarias e plantas estranhas crescendo nas paredes do castelo. Basicamente, o reino do castelo dos mortos parece com qualquer outro palácio fae que eu já estive, o que torna toda a experiência assustadoramente real.

Eu nunca estive mais certa da minha própria mortalidade do que neste momento, entrando no palácio do Rei da Morte e da Terra Profunda. Parece que me afastei muito da terra dos vivos.

Mas então, meu coração pulsa, meu vínculo com Des dando um puxão suave, e eu quase caio de joelhos. Deixando escapar um suspiro suave, eu pressiono minha mão no meu peito.

Eu o sinto. É fraco, mas eu *sinto* ele.

Meu Negociador. O mundo parou de girar no momento em que ele desapareceu. Agora, posso imaginar ele movendo mais uma vez.

Desespero como eu nunca conheci, assume. Entrando, eu tento usar a força do nosso elo para rastrear o local onde o meu companheiro está.

Eu já fiz isso uma vez antes e não funcionou, mas agora eu me movo com meus instintos, deixando o lado de Galleghar e vagando pelo castelo, inconsciente dos quartos pelos quais estou passando, focando naquela corrente mágica que foi despertada agora que eu estou na Terra dos Mortos e da Terra Profunda.



Maravilha das maravilhas, posso *sentir* minha conexão com Des fortalecendo sutilmente.

Eu estou fazendo isso. Na verdade, estou caminhando até o meu companheiro através do nosso vínculo. O pensamento quase me tira o fôlego.





Meus passos ecoam ao meu redor. Chegando perto. Eu posso sentir isso.

A sala ao lado da qual entro é coberta do chão ao teto, com prateleiras sobre prateleiras, cada uma delas cheia de potes e poções, livros com títulos e instrumentos dourados cujo uso eu não posso imaginar. Bem no meio da sala há uma placa de mármore esculpida, e deitada na placa...

— *Des*— Seu nome, espontaneamente, sai dos meus lábios.

Agora eu corro.

Ele está tão imóvel. Muito imóvel.

Ele *não pode* estar morto. Não aqui, na terra *dos* mortos. Onde os fae conseguem passar sua vida após a morte.

Eu paro quando me aproximo a placa de pedra. Minha conexão pulsa uma vez, como se para confirmar que isso não é uma ilusão.

Eu estico a mão, tremendo. Estou quase com medo de tocá-lo. Algo grosso se aloja na minha garganta.

Eu pensei que eu estaria alegre, encontrando Des. Em vez disso, sinto que estou perdendo-o de novo.

Seus longos cílios tocam a parte superior de suas bochechas e seu cabelo branco está ao redor dele. Ele parece com todas aquelas pessoas intocáveis nos contos de fadas, dormindo algum sono eterno. Ele é lindo e desolador de se olhar.

— Des— eu repito, minha voz implorando. Com a mão trêmula, toco sua bochecha; sua pele está fria e úmida. — Acorde.

Ele não se move.

Meus dedos percorrem seu rosto, seu queixo e seu pescoço, parando em seu coração. Eu pressiono a palma da minha mão nele. Por baixo do meu toque, o coração dele bate devagar.

Ele está *vivo* – o que isso significa neste momento.







Sinto-me fraca com o alívio por vários segundos, até me lembrar de que os soldadas adormecidas estavam tecnicamente vivos também, suspensos num estado como este.

Um pouco de mim morre com o pensamento. Meu Rei da Noite se reduziu a isso.

Atrás de mim, um homem estala a língua.

—*Você* não pertence aqui.

Minha pele estica por causa da voz familiar.

Eu me viro, e é só agora que noto as luzes baixas da tocha e dos candelabros em volta de uma escuridão não natural.

O Ladrão de almas está entre eles, e ele está exatamente como ele apareceu em meus sonhos. Cabelos escuros e olhos vazios. Pele pálida e uma boca muito macia para o resto do rosto.

Finalmente nós dois nos encontramos em carne e osso.

Ele começa a bater palmas. —Muito bem, bem feito, feiticeira. Você descobriu como me encontrar. E aqui eu pensando que você fosse totalmente inútil em resolver problemas. Eu deveria saber que você simplesmente precisava de um certo - seus olhos deslizam para Des

–*Incentivo*.

Minha pele ainda está brilhando, mas agora libero toda a força do meu encanto.

— Acorde meu companheiro— eu exijo.

Os olhos do Ladrão brilham com interesse. Ele caminha até Des, olhando para o Rei da Noite por um momento. Erguendo a mão, o Ladrão segura o rosto do Negociador sinto a magia negra se juntar na palma da mão, mas ele fecha a mão e a retira.



— Eu não acho que quero fazer isso— diz o Ladrão.

Como ele pode nos desafiar?





— Não fique tão surpresa— diz ele. — Você realmente não achou que isso funcionaria em mim agora, não é? — Os olhos do Ladrão ainda brilham, mas ele não tem a aparência de um fae encantada.

Ele caminha até mim e eu o observo com olhos irritados.

O Ladrão para bem na minha frente.

— Diga-me, como *é que* você está pensando em me matar e recuperar o seu companheiro? — Com um dedo, ele levanta um dos meus coldres.

— Certamente não com *essas* armas? Você estava esperando usá-las contra mim? - A boca do ladrão se curva. Ele puxa a lâmina e a joga de lado. —Sinto muito em dizer que você não pode me matar com qualquer um dos pequenos brinquedos que você trouxe.

E... lá se vai os planos que eu fiz.

Lentamente, o Ladrão me circula, estendendo a mão para remover várias armas. Todo o tempo ele parece entediado e não impressionado.

Esta situação está desmoronando. Eu vim aqui para salvar meu companheiro e, em vez disso, o Ladrão provou que nada à minha disposição pode prejudicá-lo.

Eu me afasto dele e ele deixa, mesmo que ele não tenha terminado de me desarmar. Eu ainda tenho uma adaga amarrada na minha coxa e outra no coldre da minha panturrilha. Para me deixar com algumas armas... elas devem ser realmente inúteis contra ele.



Minha atenção retorna ao Des. O Rei da Noite ainda está como a própria morte. Eu poderia fingir que meu coração não está deitado bem aqui nesta placa, mas então o Ladrão já sabe o que ele tem.

Eu baixo as minhas mãos no braço da minha alma gêmea; Há um frio assustador em sua pele. — Por que você fez isso com ele?





O Ladrão vai para o meu lado. —Se você soubesse alguma coisa sobre influencia, saberia a resposta para isso.

Eu me viro para o Ladrão, uma resposta em meus lábios. Mas num instante, ele desaparece, desaparecendo exatamente como Des e Galleghar.

Eu sinto sua magia negra e cruel ao meu redor. É selvagem de uma forma que nem mesmo a magia pode ser. Isso flui no ar, depois desliza até o Rei da Noite, até que não esteja mais no ar, mas no *meu companheiro*.

Sob meus dedos, o braço de Des se contorce. Eu avanço com a sensação. Então meu aperto fica firme.

— Des ...

Seus olhos se agitam e seus lábios se movem, como se ele estivesse murmurando alguma coisa. Mas, do nada a nossa conexão parece ficar mais fraca.

Querido Deus, o que está acontecendo?

A magia selvagem e malévola sai de Des e ele fica imóvel mais uma vez.

Eu esfrego meu peito enquanto nosso vínculo voltar a fortalecer.

— Ah, bem, valeu a pena tentar.

Eu me surpreendo quando o Ladrão aparece trás de mim.

— E aqui eu esperava que tivesse mais alguns dias— diz ele. — Então talvez minha forma — ele alisa a camisa - — seria um pouco mais...

Ao seu gosto.

Eu giro para encará-lo. — Do que você está falando? — Mesmo quando eu pergunto, o entendimento aparece.

O Ladrão estava tentando invadir o corpo do meu companheiro.

Um raio de puro terror atravessa-me.





É isso que ele pretende fazer? Usar o corpo de Des assim como ele fez com o Homem Verde? Para me aterrorizar com o rosto do meu companheiro enquanto ele habita o corpo do Rei da Noite?

A bile sobe pela minha garganta enquanto olho para suas feições escuras.

Não, eu quero comandá-lo. Existem linhas que são cruzadas e, em seguida, há *linhas cruzadas*. Paro analisando como minha alma gêmea cai na segunda categoria.

Mas, claro, não digo isso porque tenho uma crença profunda de que, quanto mais eu mostrar meus medos, mais provável é que o Ladrão os explore.

— Esse é o seu verdadeiro rosto? — Eu digo em vez disso.

— Quem disse que eu realmente tenho um rosto? — Ele retruca.

Um calafrio percorre minha espinha.

— Esse, feiticeira, é a forma que escolho tomar - por enquanto— diz o Ladrão.

O som de passos interrompe nossa conversa.

Galleghar entra na sala, parecendo vagamente irritado. Ou talvez seja a sua expressão normal.

É provavelmente a sua expressão normal.

Primeiro Galleghar vê seu filho deitado no altar de pedra, então ele percebe que o Ladrão está muito perto de mim.

Seus olhos se estreitam no seu parceiro. — Como você pôde me deixar com essa humana? — Ele reclama para o fae ao meu lado.

O Ladrão das almas se afasta de mim, avaliando Galleghar. Não há nada por trás dos olhos do Ladrão, nem camaradagem, nem suavidade - nada para indicar que esses dois têm algum tipo de proximidade.



— O que, precisamente, eu deveria fazer? — Pergunta o Ladrão.

— A Rainha da Noite domesticou meus soldados.

— Ela *não* é uma rainha— diz Galleghar veementemente.

— Ela é— o Ladrão insiste.

Galleghar me lança um olhar que claramente diz que ele ainda discorda.

— Você deveria *matá*-la— diz o pai de Des. — O que diabos aconteceu com esse plano?

Ainda me lembro do ataque em Barbos; o Ladrão não me deixaria morrer lá. Aparentemente eu não sou a única surpresa com isso.

Algo no ar muda e a magia do Ladrão se agita. Parece violento.

— Eu a matei. Na floresta de Mara, — o Ladrão responde suavemente.

— E, no entanto, aqui está ela— diz Galleghar. — Você teve uma boa oportunidade em Barbos, mas não foi até o fim. Pior, você não me deixou terminar o que você *não conseguiu*.

Os dois olham um para o outro por vários segundos, e eu estou estranhamente calma sobre a coisa toda, considerando que eles estão discutindo a minha morte.

— Você cometeu um erro vindo aqui— diz o Ladrão.

— Não— a voz de Galleghar aumenta, —*você cometeu* um maldito erro, pairando sobre essa mortal. Você está deixando o seu pau tomar decisões quando tínhamos um plano.



A sala praticamente crepita com poder. Eu juro que algo está prestes a acontecer.

— Mate-a— diz Galleghar, caminhando em nossa direção. — Ou deixe-me fazer isso.





O Ladrão lhe dá um olhar neutro.

— *Mate-a*— repete o pai de Des, insistente.

Magia inunda o ar. E ainda assim, o Ladrão não faz nenhum movimento.

É resposta suficiente.

O lábio superior de Galleghar se enrola.

— Você fez um j*uramento.* Cumpra-o e mate-a.

—*Não.*

ESTRONDO!

Magia divide o ar, e Galleghar é jogado de costas. Seu corpo bate em uma parede de prateleiras, livros, ossos e jarros caindo nele. Ele cai no chão, gemendo.

O corpo do Ladrão ondula, como se fosse uma miragem, a magia tão intensa que dobra a luz. Uma escuridão se acumula ao redor do Ladrão, escurecendo a sala.

Não sei se esse é o poder emprestado de Galleghar para o Ladrão, ou o seu próprio, mas é estranhamente parecido com o de Des.

O pai de Des parece chocado quando ele aparece ao seu lado.

—Perjúrio— ele sussurra.

— Não sei por que você está tão surpreso— diz o Ladrão, — quero dizer, você mesmo disse, eu não a matei em Barbos quando podia.

A voz de Galleghar começa aumentar. — Nós tínhamos um acordo!

— Você pensou que um *juramento* me obrigaria? — O Ladrão caminha para a frente, examinando casualmente Galleghar.

— Depois de tudo que você soube da minha natureza, você pensou que seria suficiente?

— Eu te *libertei*— diz o pai de Des.







O Ladrão faz gestos com os dedos e um punhado de lâminas mágicas abrem o peito de Galleghar, cortando-o até o osso.

Eu tremo com a repentina violência, mesmo quando o pai de Des solta um suspiro chocado.

Ele se vira para mim. — Liberte-me! — Galleghar implora.

— Libertar você? — Eu pergunto. *De que?*

— Seu encanto ainda me liga— explica ele. — Liberte-me disso.

O ladrão ri. — Você acredita que a habilidade de desaparecer vai te salvar? Eu posso te seguir até os cantos mais escuros do universo. Nenhum lugar está a salvo de mim.

Ele pontua suas palavras com golpe após golpe mágico. O corpo de Galleghar sacode com cada um, os golpes rasgando sua carne. O antigo rei grita, seja de dor ou raiva.

Ele tenta se levantar. — Por favor— ele me implora novamente.

O Ladrão ri. — Você está implorando para a escrava agora? Como as marés viram, meu amigo. E aqui eu pensei que você a queria morta.

O Ladrão de Almas move seu pulso para frente e para trás, para frente e para trás, cortando Galleghar centímetro a centímetro, comum pequeno sorriso no rosto.

— Você se arrependeu do preço que pagou pelo poder? — Pergunta ele.

Mas Galleghar está além das palavras, seu rosto está uma massa de feridas. Quaisquer poderes regenerativos que ele possua, ele não consegue ou não quer usá-los.



Em algum momento, eu me afasto. Eu sou tão sanguinária quanto a próxima criatura, mas há vingança e depois há sadismo. Este é o último.





Eu volto para a estrutura de pedra, até Des, ignorando os sons sufocantes atrás de mim.

Suavemente, acaricio sua bochecha. *Como vou nos tirar daqui?*

— Negociador— eu sussurro, — eu gostaria de fazer um acordo.

Nada acontece. Eu não esperava que qualquer coisa acontecesse, mas é uma decepção mesmo assim.

Minha outra mão desliza para o braço de Des, suas três faixas de guerra de bronze esfriam contra a minha pele. Seu arco combinando está alojada em sua testa. Se alguma vez ele pareceu um rei, seria nesse momento, deitado aqui como um morto majestoso.

Galleghar parou de fazer barulho, e o som úmido de pele se rasgando desapareceu. No silêncio, os passos do Ladrão ecoam como sinos.

Ele vem para o meu lado e, sem a menor cerimônia, pega a minha mão, me afastando de Des.

— Venha— diz o Ladrão, — tenho muito a lhe mostrar.

Eu resisto. — Acorde ele.

— OK. —

Eu viro para encará-lo, chocada com a resposta dele.

O Ladrão se aproximou muito, forçando-me a me inclinar contra o altar. Seus braços se movem para os lados da pedra e me prendem.

— Diga-me— ele diz, — o que você faria para eu acordar o seu companheiro?

Qualquer coisa.

Eu não respondo. Eu não preciso. O Ladrão sabe.

Ele se inclina para perto. — Agora, feiticeira, você e seu companheiro tiveram um pequeno jogo que você costumava jogar -







Verdade ou Desafio. Por que não tentamos isso?

Meu lábio superior está enrolando.

Este é o nosso joguinho - e acredite em mim, feiticeira, está longe de terminar.

— Então, verdade... ou desafio? — Ele pergunta, seus estranhos olhos vazios brilhando.

— Nenhum dos dois.

— Receio que não seja uma opção— diz ele. — Por que não começamos com um desafio simples: me toque.

— Não.

O Ladrão faz uma pausa e depois sorri. É só então que percebo que ele quer mais da minha desobediência do que qualquer outra coisa.

Ele olha para Des. Eu sigo seu olhar, inquietação embrulhando o meu estômago.

De repente, as costas do Rei da Noite se arqueiam e ele começa a gritar.

Meus joelhos quase se dobram com o som.

Muita dor. Eu posso sentir ecos disso através do nosso vínculo.

— Pare— eu sussurro.

O Ladrão me ignora e Des continua a gritar, com os olhos cegos. O som tampa a minha garganta.

— Pare!

Ainda assim, nenhuma reação.

Eu engulo meu desgosto e minha raiva. Eu imagino por um momento que sou Des, que sou sombria e intocável e que nada pode me machucar.



Eu olho para o Ladrão. E em toda a minha vida, nunca tive fome da morte de alguém. Mas, em vez de me entregar a morte, levanto a mão e seguro o lado do rosto do Ladrão.

E ainda os gritos de Des continuam.





Os olhos do Ladrão deslizam para os meus. — Mais— ele exige. Eu posso ver a emoção em seus olhos.

Há tantas maneiras de controlar uma pessoa, mas a chantagem é, talvez, a pior de todas.

Respirando fundo, fecho os olhos e me forço a abafar os gritos horripilantes do meu companheiro. Eu guio o rosto do Ladrão para o meu. Muito suavemente, eu passo meus lábios contra os dele.

Eu posso sentir o menor indício da magia negra do Ladrão. Isso me lembra de todos aqueles outros beijos que ele roubou de mim.

Estamos simplesmente retomando de onde paramos.

Quando os gritos de Des finalmente se acalmam, deixo a minha mão cair e termino com o beijo.

O Ladrão sorri para mim. — Eu acho que vou gostar muito desse jogo. —

Vou destripá-lo por isso.

— Oh, não olhe para mim assim, Callie. Você aprenderá a amá-lo ou a viver com ele. Porque você *vai* viver. Afinal, isso fazia parte do acordo do seu companheiro.

O que?

— Des fez um acordo com você? — Meu coração gagueja. Eu olho para o meu companheiro, seu rosto calmo.

Você e eu tivemos um entendimento, ele disse ao Ladrão.

— Desmond, Desmond, Desmond, *sempre* o guardião secreto— diz o Ladrão. — Ele não lhe disse até onde ele foi, para tentar salvar você?



Eu continuo olhando para a forma adormecida do meu companheiro. A luz baixa fazendo as sombras dançarem ao longo de sua pele. Talvez seja apenas minha imaginação, mas parece que a escuridão está sofrendo por ele.

Des, o que você fez?





Isso me leva ao núcleo da questão ao imaginar o que foi que Des arquitetou e planejou, ele se colocou aqui, neste estado. Eu nunca conheci alguém para ter alguma vantagem sobre o Negociador.

Assim não.

O Ladrão se afasta de mim, circulando o altar. Isso me deixa nervosa, vendo ele se concentrar em Des quando minha alma gêmea está tão exposta.

— Eu tinha ouvido muitas coisas sobre as infames barganhas do Rei da Noite. Quão perspicaz era, calculista e implacável. O amor pareceu ser sua queda. - Veja, ele veio até mim não muito tempo atrás - ele lhe contou isso? Ele veio até mim e fez um acordo: desde que eu nunca o matasse ou a sua preciosa companheira, ele voluntariamente se tornaria meu prisioneiro.

A sala parece inclinar um pouco e eu tenho que colocar uma mão no altar. Meus olhos voltam para o Des.

Isso não é vida. Isso é alguém zombando disso.

Mas Des devia estar ciente disso. Ele viu os soldadas adormecidas, sabia que o Ladrão poderia manter um homem vivo sem que eles realmente vivessem.

Então, por que ele faria tal acordo?

O Ladrão olha para o rei da noite. — O que seu companheiro não percebeu foi o seguinte: a dor mais verdadeira vem da vida, não da morte.

Des *nunca* iria sentir falta de algo assim.

A questão é: o que estou *eu não estou entendendo*?

— Você sabe— continua o Ladrão, — ele ainda está aí. Sua mente, tudo. Talvez eu o acorde... - Eu posso ver as engrenagens na cabeça do Ladrão girando.

Eu lido com uma andorinha delicada. Eu quero ver os olhos de







Des abertos, mais do que qualquer coisa no mundo, mas eu não quero que o Ladrão os obrigue a abrir - e eu não quero que Des veja seja lá o que for que o Ladrão pretenda.

O Ladrão quebra nosso olhar primeiro. — Talvez nós revisitemos esse pensamento emocionante mais tarde.

Ele pega minha mão novamente.

— Eu não vou deixá-lo— insisto. Eu não posso. O pensamento de me afastar de Des agora que eu finalmente o encontrei é insuportável.

— Você vai— o Ladrão insiste, um pouco de seu bom humor se esvaindo.

Eu mostro meus dentes para ele. —Me obrigue.

Ainda estou brilhando, ainda feroz com meu poder.

Ele ri, o som passando por meus braços. O aperto do Ladrão fica firme me acorrentando a ele.

— Você percebe que eu poderia imobilizá-la assim como eu fiz com o seu companheiro? Eu fiz isso com mil faes diferentes. Agora que você tomou vinho lilás, você não é imune a nenhum deles.

Ele tem razão. Ele poderia me incapacitar tão facilmente. Sua ameaça paira sobre a minha cabeça como uma lâmina.

Eu analiso seu rosto. — É isso que você vai fazer? Você vai forçar a magia negra em mim, assim como você fez para todas os outros faes? —

Ele não precisa responder para eu ter a resposta dele.



— Você *não vai*. — Oh Deus, ele vai fazer tudo *menos* isso. Por alguma razão perversa, o Ladrão quer me ver cair de costas.

Sua mão desliza para o meu pulso, onde escamas douradas cobrem a minha pele. Ele aperta minha pele ao ponto de dor.

— Você sente isso? — Pergunta ele.





Por um momento, presumo que ele esteja falando sobre a pressão no meu pulso. Mas então há uma agitação no meu peito, o que está acontecendo? Minha mão se move para o meu coração, então minhas costas se curvam enquanto uma onda de magia inunda minha conexão com Des.

Por um instante, parece que o vínculo que compartilhamos está voltando à vida. Ainda deitado, Des se agita.

Tão rapidamente quanto a sensação vem, ela passa, se acomodando nas brasas que estão morrendo. Minha alma gêmea fica imóvel de novo.

— Isso é o que está em jogo para você— diz o Ladrão.

Eu o odeio. Cristo, eu o odeio.

Ele segura a vida de Des na palma da sua mão, e apesar dele não poder matar meu companheiro, ele vai balançar o nosso laço na minha frente. E isso é tudo o que ele precisa fazer para conseguir minha conformidade.

— Isso é o que vai acontecer— o Ladrão diz, — você vai fazer tudo o que eu disser. Caso contrário, você perderá Des, peça por peça. — Para enfatizar seu ponto, a magia negra engrossa o ar, e as costas de Des se arqueiam novamente. Como um sonho doentio, meu companheiro começa a gritar de novo.

— Pare, pare! — Eu estou gritando, e meu encanto está em toda parte e em tudo, queimando tão intensamente. E isso não faz nenhuma diferença.



— Estamos entendidos? — O Ladrão diz calmamente, Des berrando entre nós enquanto a dor continua a atormentar seu corpo.

Minha ira se acumula em minhas veias, mas aqueles gritos - é como se uma parte de mim estivesse morrendo.





— Entendi— eu digo, minha voz crua.

Des estremece, seu corpo caindo frouxo na laje de pedra.

— Você vai se arrepender de fazer isso— eu digo, brilhando com raiva mal contida.

— Não, feiticeira, é você quem vai se arrepender, se me desafiar novamente.







CAPÍTULO 42

O LADRÃO me LEVA para fora do quarto e através de seu castelo, mostrando-me isto ou aquilo, tudo enquanto usa um sorriso triunfante em seus lábios. Nós dois sabemos que ele não dá a mínima para nada neste castelo roubado, exceto pelas almas miseráveis que ele consegue atormentar. Agora ele está apenas saboreando minha dor.

Vamos esfaquear os olhos e cortar a língua dele—

Desde que o Ladrão começou a nos conduzir pelo palácio, minha sereia tem sussurrado todas as maneiras pelas quais ele vai pagar por seus crimes.

Nós o levaremos ao ponto de prazer e então o destruiremos como sempre *destruímos nossos inimigos.*

Eventualmente, o Ladrão me leva para uma sacada. De local onde estamos, posso ver o vasto oceano. Sob a cobertura da noite, parece tinta derramada, estendendo-se até onde os olhos podem ver.

Ao meu lado, sinto o Ladrão prestes a falar.

— Por que estou aqui? — Eu pergunto, me virando para ele. — Por que não apenas me matar ou me incapacitar como todas as outras faes que você encontrou?

Isso teria sido mais fácil.

O Ladrão faz uma pausa, me avaliando.

— Por quê? — Ele finalmente diz. — Por que, *por* que, *por que*? Suas criaturas e suas necessidades de ter respostas ordenadas e lógicas. Quando alguém se apaixona, é lógico? E quando eles odeiam cegamente, isso também é lógico? Seus impulsos mais profundos são baseados em *nada*. O que você está perguntando é uma explicação para o inexplicável.







Eu não esperava essa resposta. O Ladrão de almas foi e ficou filosófico comigo.

Ele se aproxima. — Pare de tentar me entender. Você *nunca* vai entender meus motivos. Eu não sou como você ou qualquer outra pessoa.

Eu estudo ele. — O que você pretende fazer comigo?

Agora esse sorriso sinistro está de volta. Um minuto atrás, eu quase podia fingir que ele era civilizado. Eu não posso agora.

— Tudo o que eu quiser— diz o Ladrão.

Nós gostaríamos de vê-lo tentar.

— Sim, eu fodidamente entendi isso, mas o que isso realmente significa? —

— A antecipação está matando você, feiticeira? — Ele toca uma mecha do meu cabelo, sua mão deslizando até em baixo. — Isso significa que eu vou ter você de todas as maneiras mais óbvias que você teme - eu vou foder você, eu vou comer essa pequena boceta encantadora, eu vou fazer você cair sobre mim. Mas isso não será o fim disso. Há muitas coisas que você vai fazer para me agradar, e há muitas coisas que eu vou fazer você fazer para agradar a mim mesmo. Vamos continuar fazendo isso até você não consiga mais fazê-las.

Até que meu espírito esteja totalmente quebrado, ele quer dizer.

— A verdadeira questão será quanto tempo você sobreviverá às minhas... Atenções. Sua vida agora está medida em séculos, não em décadas. Essa sua mente está mais resistente do que era quando você era humano - e, claro, seu vínculo vai mantê-la são e manter suas prioridades exatamente onde eu preciso que elas estejam. Tenho a sensação de que você vai durar muito tempo.



A horrível verdade é que, embora ambos saibamos que o Ladrão está usando meu vínculo contra mim, ainda vou me jogar direto na mão





dele. Porque vendo Des sentindo dor e se afastando de mim, isso me deixa em pânico.

— Você vai descobrir que eu não sou tão divertida sendo uma prisioneira. — Eu não fui quando era sua prisioneira antes. E eu não vou ser desta vez também.

— Pelo contrário, acho que você vai ser extremamente agradável.

Eu não consigo imaginar o futuro que ele pretende para mim. Todos esses minutos, horas, dias, anos - *séculos*. Tudo isso é um show de horrores doentio e distorcido.

Talvez isso seja o inferno. Talvez isso seja um inferno e eu estou sentindo meu primeiro gosto.

Eu olho para o mar, franzindo a testa. Ele se estende pela noite, e não está claro - se existe alguma coisa - além dele.

Um píer se projeta para fora do castelo. Amarrado a ele está um navio solitário, suas velas estão em farrapos e seu casco afundado na água. Ela está inclinada severamente para um dos lados, e o aparelhamento do navio balança fracamente, e não há uma brisa para mexer em nada.

Imediatamente, fico impressionada com a verdadeira estranheza desse lugar.

Por que o Reino da Morte e a Terra Profunda teriam um palácio ao lado de um oceano estranho? Por que haveria um navio? E por que esse navio ficaria em desuso?



E falando do inferno e da vida após a morte

Eu olho em volta. — Onde estão todos os mortos?

Você pensaria que eles estariam perambulando por esses corredores, seja como espectros ou como pessoas de carne e osso, mas ainda não vi





outra alma além de Des e Galleghar - e do Ladrão, é claro.

O Ladrão olha para mim, sua mente um mistério. — Eu vou mostrá-los para você, em breve.

Com essa resposta enigmática, ele pega minha mão e placidamente me leva de volta para dentro de seu palácio, com suas paredes pálidas e as videiras vermelho sangue que parecem feridas profundas.

Passamos por várias salas, cada uma parecendo a última, e esta não deve ser diferente, a não ser que seja. Quando entramos, vejo alguém que não reconheço.

O fae está coberto de algemas de ferro - seu pescoço, seus pulsos, seus tornozelos. Correntes grossas de ferro unem as algemas.

Eu respiro fundo ao ver sua pele empolada.

O fae não está sozinho também. A mulher ao seu lado tem um brilho etéreo para ela.

Ela está morta, percebo com choque.

Eu não tinha imaginado que o Ladrão me mostraria os mortos tão logo após sua resposta enigmática.

Se os mortos se parecem com isso...

Des não está morto. Eu não tinha pensado que ele estava, mas eu não tinha certeza. Este lugar duplica a realidade.

O homem acorrentado nos ignora completamente, liderando a mulher morta.



— Quem é ele? — Eu pergunto enquanto passamos os dois.

— Kharion, o barqueiro.

O barqueiro?

— Você quer dizer o cara que transporta os mortos? — De volta à Terra, tivemos mitos humanos sobre isso. Eu não tinha percebido que pelo





menos no Outro Mundo, a vida após a morte realmente funcionava dessa maneira.

— Apenas quando penso que sua única qualidade redentora é seu rosto, você me surpreende com seu intelecto sem fim— diz o Ladrão.

Meu olhar se aperta.

— Por que ele está algemado? — Eu pergunto.

— Nós não nos encaramos.

Antes que eu possa fazer mais perguntas, o Ladrão me arrasta para fora da sala, e depois nós andamos.

— Onde estamos indo? Eu pergunto.

Estou ficando impaciente. Minha sereia ainda está sussurrando seus atos sombrios, e eu não estou agindo sobre nenhum deles porque temo que nada pare o Ladrão - nada além de paciência e surpresa.

— Eu pensei que você gostaria de ver onde você ficará hospedada.

Eu não vou ficar. Estou saindo daqui com Des assim que veja uma boa oportunidade para fazer isso - ou então Temper virá até aqui para buscar nossas bundas.

Nós dois chegamos a uma porta gótica e eu olho para o Ladrão com uma sobrancelha levantada. Em resposta, ele me lança um sorriso malicioso.

Com um rangido sinistro, a porta se abre.

— Bem-vindo ao nosso quarto.

Nosso.



Meu sangue gela quando meus olhos varreram o espaço. Mesmo que eu seja corajosa e destemida, eu ainda tremo com a visão na minha frente. A cama, com seus lençóis vermelhos, tem algemas e correntes de ferro afixadas nos quatro postes. É óbvio que eles foram feitos para mim.





Há uma donzela de ferro na sala, uma gaiola do tamanho de um homem pendurada no teto e uma roda quebrada. Há correntes penduradas nas paredes e nos tetos, e quase todas as superfícies têm presilhas de ferro ou couro presos a ela.

Parece que uma masmorra de BDSM conheceu a Inquisição e eles tiveram algumas fodidas crianças juntos.

Minha mão está no coldre da minha coxa.

Mate-o, mate-o agora antes que ele possa nos acorrentar.

O Ladrão sai do meu lado e vai até o pneu. — Cuidado ao testar este aqui?

— Isso não é minha coisa— eu digo.

Ver você morrer é.

— Você já tentou isso?

Obviamente não. Eu não me envolvo em torturas leves nos finais de semana.

— O que você acha? — Eu digo azeda.

— Eu acho que você não vai saber se gosta se você não tentar.

— Eu não percebi que o meu prazer importava para você.

Sua mão deixa o pneu e ele caminha até mim, aproximando-se. — É melhor você esperar que seja importante para mim, feiticeira. Caso contrário, os próximos duzentos anos de sua vida podem ser muito, muito sombrios.

Estou tensa, esperando o Ladrão quebrar esse breve momento de civilidade. Não vai durar muito – isso nunca dura. E que local é melhor começar do que neste quarto fodido?



Mas isso nunca acontece. Sua mão pega a minha e ele me tira do quarto e andamos pelo corredor.

Se eu pensei que este seria o fim da excursão ao palácio, pensei errado.





— Você sabe como os reis dos mortos fizeram a sua trajetória? - Ele pergunta causalmente enquanto andamos.

Eu não tenho ideia do que mais ele espera me mostrar neste castelo. As masmorras talvez? Mesmo um idiota como ele só tem certas quantidades surpresas terríveis para compartilhar.

— Eles - *nós* - *temos* que sequestrar nossas noivas— diz ele. — Isso não é nada incomum para um fae. Caso você não tenha notado, preferimos aproveitar rapazes e donzelas. Tudo faz parte da emoção.

— Mas os Reis da Morte - bem, eles sempre fizeram as coisas um pouco diferentes. Ao escolher noivas e noivos, eles usavam a pele dos mortos e iriam para cima. Inevitavelmente, há sempre um festival fae ou outro acontecendo pelo Outro Mundo. Esses sempre foram o local de caça favorito dos governantes dos mortos.

Minha pele se arrepia quando penso no Solstício. Como o homem verde me procurava de novo e de novo.

— Surpreendentemente, quantos faes amam o estranho misterioso. Dê a eles álcool o suficiente e deixe-os dançar até que estejam embriagados com magia e vinho... E então é *tão* fácil sussurrar algumas promessas e atrair um fae.

Compreensão me atinge.

— Então os Reis da Morte atrairiam suas esposas relutantes para a Terra da Morte e da Terra Profunda. Eles então as batizariam na Piscina da Ressurreição e ligariam suas esposas ao seu lado - para sempre.



A mão do Ladrão desliza para o meu ombro, seus dedos perfurando.

—E então essas noivas e noivos viveriam aqui, assim como você viverá.

Tá certo, isso não vai acontecer.





— Claro, trocar de corpo é útil para mais do que apenas atrair os noivos. Pode-se também atrair qualquer fae usando o rosto dos amados mortos.

As soldadas adormecidas, é a isso que ele está se referindo.

— Então eu tomei faes após faes e eu fodi elas e respirei minha magia em seus corpos até que, uma a uma, elas caíram.

Eu já conheço a triste verdade sobre as soldadas adormecidas, mas ouvir o Ladrão das Almas contar tudo faz meu estômago revirar.

— Os homens eu escondi. Mas as mulheres... Eu peguei seus bebês e seus corpos e os mandei de volta de onde eles vieram.

— Eles eram o meu exército e eu trouxe a minha escuridão para o mundo e a vi crescer— Ele esfrega o lábio inferior com o polegar, em seguida, solta uma risada. —Para dizer a verdade, tudo se tornou muito chato... Até que, é claro, foi hora de lidar com o Rei da Noite. Foi assim que descobri a sua tão encantadora companheira.

— As sombras não paravam de falar sobre você. O ser humano mais bonito que eles já viram. A amada alma gêmea do Rei da Noite. Eles são verdadeiros faladores, *se* você conseguir que eles falem.

Eu tropeço até parar, a mão do Ladrão escorrega do meu ombro.

—Você consegue falar com as sombras?

Querido Deus.

O Ladrão sorri maliciosamente. —Você achou que seu companheiro fosse o único? Ele não é. As sombras sussurram para mim também.

Isso... Realmente, não é bom. Também explica como o Ladrão sabe muito. As sombras espiam por ele.

Ele aperta meu ombro mais uma vez e me força a começar a andar novamente.







Ternos de armadura, espadas exibidas, arquitetura crescente; tudo isso se mal registra quando eu passo por ele.

— Eles me falaram tudo o que eu preciso saber sobre você— diz o Ladrão. —Eu ouvi tudo sobre a sua vida fodida, meu lindo pássaro. Eu sei que seu padrasto te estuprou muitas vezes. Eu sei que você o matou, e que nosso destemido Desmond Flynn se aproximou e salvou você. Você sabia que ele fez seu papai querido ressuscitar?

Ele fez?

Imediatamente, duvido das palavras do Ladrão. Des teria me dito algo assim.

— É claro— continua o Ladrão, — Foi só para poder torturar e matar o homem de novo. Eu aprecio um bom assassinato. Pena que Desmond se foi por conta da honra dele, tudo para que ele se impedisse de fodê-la quando você ainda era tão jovem.

Eu distraidamente percebo que nós entramos em outra sala, nossos passos ecoando contra as paredes de pedra.

— Eu sei que a magia do Rei da Noite manteve vocês separados por sete anos— continua o Ladrão. — Eu sei que você fez umas e outras promessas *muito* ardentes - o Reino da Noite realmente conhece o romance. 'Até que a escuridão morra'... Na verdade, é um sentimento doce. — Você sabe, há apenas um problema com essa frase.

Ele para e se vira para mim.

— Eu.







CAPÍTULO 43

MINHAS SOBRANCELHAS FRANZEM. — Do que você está falando? — Eu olho em torno de nós enquanto pergunto.

Eu já estive aqui antes, percebo.

Há aquelas colunas feita de ossos, o teto que dá lugar à noite escura além. Há aquela piscina inquietante, que zumbe com magia, e depois há o trono do Ladrão. Este último brilha e cintila à luz das velas, com as hastes pontiagudas parecendo especialmente afiados e mortais.

Sala do trono do Rei da Morte.

Nada de bom acontece nessas salas.

— Eu estou falando sobre quem eu sou— responde o Ladrão.

Ele começa a me cercar e minha pele brilha ferozmente mais do que nunca.

— Você viu todos aqueles soldados caídos na minha porta. Nós dois sabemos que não nasci neste reino, que invadi este lugar. Que eu vivi por séculos - que Galleghar me usou para salvar sua própria vida.

Ele acaba de me circular, voltando para a minha frente.

— Então, quem sou eu? — Ele diz.

— A pergunta que todos querem saber.

O lugar está assustadoramente parado, e o único som vem da piscina que se estende do outro lado da sala.

— Não sou um conquistador— ele balança a cabeça, — não sou um rei. Eu vim de um tempo antes de tais coisas.

— Você vê, eu não sou um homem. Eu sou um *deus*.

UM... DEUS?

— Não fique tão chocada, feiticeira— diz o Ladrão. — Uma







mulher que fala com a escuridão - ela fica realmente tão surpresa quando a escuridão responde?

Não tenho tempo para sentir descrença ou para questionar a afirmação do Ladrão. Seu corpo começa a se expandir diante dos meus olhos, sua forma escurecendo até que ele não é nada mais do que o contorno de um homem. alfinetes de luz – parecem estrelas para mim - resplandecendo de dentro daquela escuridão. Eu mal posso distinguir suas características depois tudo isso.

Eu dou um passo para trás enquanto o ar parado começa a se mover e se agitar.

À nossa volta, as velas piscam e o zumbido da piscina parece ficar mais alto.

— Todo esse tempo, você queria saber quem sou eu. Encantadora, eu sou *Euribios*. — Ele sopra o nome com um fragmento de magia. Ele desliza pela minha pele. — Eu sou aquele que veio *antes*.

Sinto essa parte de sua magia então - não a maldade nela, e sim *selvageria*.

Eu olho para ele enquanto ele fica maior e maior. A sala começa a escurecer, sua forma sugando a luz.

Através de toda essa treva sinto o sorriso dele, e isso me arrepia profundamente.

— Uma vez, Morte e Noite eram a mesma coisa. Uma vez, não havia mais nada.



A sala está dando lugar à sombra e o Ladrão está perdendo sua forma.

— Naquela época, quando o mundo era jovem, antes que tudo viesse a existir, eu reinava supremo.

Lembro-me então, de onde ouvi o nome Euribios. Janus havia mencionado isso em referência a algumas obras de arte.





Ele tinha sido o deus original das trevas.

Fodido Matusalém. O Ladrão não é *apenas* um deus; ele é um dos grandes.

— Vou reinar de novo— continua ele. — Reino por reino, vencerei este mundo até não restar nada - nem vida, nem vida após a morte. Eu vou derrubar o sol e consumir a terra.

Meus próprios ossos tremem com o pensamento.

O que ele está falando é aniquilação.

— Mas não tenha medo, mortal, *vou prolongar* o fim, pois uma vez que este mundo se for, não haverá nada para me entreter novamente.

Nós devemos acabar com ele. Isso não é mais sobre vingança. É sobre preservação.

— Naquela primeira noite de solstício— diz Euribios, — lembra o que Mara disse?

Enquanto fala, ele continua a crescer, sua forma se expandindo até que sua cabeça toca o teto, seu corpo se tornando a escuridão.

"No fundo do ventre da noite em que nascemos, e profundamente na noite, nossos espíritos retornam quando o corpo morre e a carne esfria."

Com essas palavras, a sala fica escura.

Euribios e eu e tudo mais neste submundo fomos engolidos pelo vazio que ele criou.

— Eu sou o começo e o fim— continua ele. — Eu sou a morte e a escuridão, mas sou infinitamente mais. Eu sou o que veio antes e sou eterno.



Eu sinto... Sinto como se estivesse me perdendo. As sombras estão engolindo tudo. Meu corpo, minha mente, meu *vínculo.*

Não perderei isso.

O impasse acabou. Minha paciência acabou.





Eu alcanço a lâmina escondida no coldre da minha coxa e outra amarrada na minha panturrilha, aquelas que o Ladrão foi muito arrogante para remover.

Eu ando em direção àquela escuridão terrível, armas levantadas, minhas asas se desenrolando em minhas costas. Não consigo ver Euribios, mas sinto o seu corpo, e o epicentro da sua magia.

Minhas asas batem e, com um salto, me levanto no ar.

Cega pela escuridão, eu uso meus outros sentidos para encontrar Euribios. Cheiro, som e minha capacidade de sentir magia.

Eu me aproximo dele, minhas lâminas prontas.

No instante antes que vou atacar, sinto minha conexão com Des mexer, então... *Desperta.*

Des

Isso quase me faz parar. Eu quero acreditar que Des é responsável pela sensação, mas é Euribios que é o mestre das marionetes, Euribios que mantém o nosso vínculo como refém, Euribios, que agora está me provocando com tudo o que tenho a perder.

E com esse ato eu posso perder tudo.

Não tenha medo de si mesma, querubim. Você é exatamente como deveria ser.

Com um único golpe poderoso, eu afundo as lâminas naquela escuridão terrível. Elas acertaram *alguma coisa*; eu posso sentir a resistência. Não é carne, mas também não é só ar.



Eu retiro minhas armas. Afundando na carne estranha novamente. Meu corpo brilha o tempo todo e eu sorrio violentamente, minha sereia me enchendo.

Minha conexão com Des ainda queima brilhantemente, e eu deveria





estar assustada com isso. Isso é exatamente o que o Ladrão quer - para me fazer entender o que eu tenho, para depois sentir a dor de sua perda. Mas a sensação me dá força perversa.

Nós vamos derrotá-lo.

Entre a escuridão, Euribios ri. Um momento depois, eu o sinto agarrar meus punhais a partir das lâminas.

— Você ainda acha que pode me matar? — Pergunta ele, inclinando a cabeça.

— Eu sou uma divindade.

Ele puxa as armas da minha mão e as joga de lado.

Indiferente, eu o golpeio com minhas garras, minha sereia me consumindo.

Euribios não tem carne como eu. Eu nem tenho certeza o que estou rasgando, só que mesmo naquela escuridão, ele ainda tem substância.

O tempo todo, minha ligação pulsa. Eu sinto Des no outro lado do meu vínculo.

— Chega— diz Euribios.

A magia ao meu redor muda, e eu pulo com isso, evitando o poder sombrio.

Eu desço novamente e colido com magia e carne. Imediatamente, afundo minhas garras na substância - seja lá o que for. Eu não consigo ver nada, além das galáxias cintilantes no fundo de sua forma, mas é o suficiente.



Algo como sangue desliza entre meus dedos enquanto eu rasgo a forma estranha do Ladrão.

Atrás de mim, sinto sua magia se aproximando de mim novamente. De uma vez eu o solto, caindo no chão no momento em que seu poder se move para cima, mexendo meu cabelo. Eu





ouço um estrondo quando a magia do Ladrão ataca a magia.

— Deuses não poderiam me destruir. — Sua voz troveja na escuridão.

— É tolice pensar que *você* pode.

Eu pulo de volta para o ar, com as garras expostas. Eu ataco as trevas mais uma vez.

Vamos ver se essa coisa tem um coração.

Eu não posso ver seu corpo, mas ainda há algo dele na escuridão. Meus dedos rasgam sua carne estranha, cavando até esse órgão dele.

Ele sibila com a sensação.

Nós vamos encontrar o seu coração - vamos encontrá-lo e arrancá-lo.

Eu sinto ossos e sangue

A magia de Euribios bate em mim. Ou talvez seja a mão dele; impossível dizer quando o mundo está tão escuro e ele se transformou em algo meio humano, meio sombra.

— O suficiente!

Ele me joga no chão, meus ossos quebrando com o impacto.

Eu gemo.

As coisas estão... Quebradas. Ossos da asa, costelas.

Não o matei. Nem chegou perto.

Eu posso sentir a forma de Euribios, sua forma imensa e escura aparecendo em cima de mim, seu poder me prendendo no lugar.



Eu começo a me arrastar para longe. Minha magia se move através de mim, consertando ossos e tecidos. Agora que eu bebi o vinho lilás, meu corpo pode se curar.

Não que isso seja agradável.

Eu aperto os dentes quando os ossos se encaixam de novo no lugar, meu corpo pulsando com a rápida cicatrização.





Todo o tempo, minha conexão pulsa.

Eu sinto um pé nas minhas costas. Um segundo depois, chuta o meu lado, me jogando de costas. Minhas asas desaparecem, a dor e a pressão delas são muito grandes.

Estou cega e, no entanto, sinto os olhos vazios e sem alma de Euribios me encarando.

— Eu nunca vou parar de lutar com você— eu digo.

— Eu conto com isso, feiticeira.

Magia conhecida - a magia de Des - me alcança através de nosso vínculo e passa por mim. Um choro sufocado quase escorrega com a sensação.

Des?

... Ssshhh... As sombras parecem sussurrar.

Tudo de uma vez, a escuridão se desfaz. Seus tentáculos enfumaçados e sombrios se afastam das bordas da sala. Eu posso sentir o cheiro de ossos velhos e podridão, eu posso ver as paredes pálidas e o trono roubado do Ladrão. Eu puxo uma respiração trêmula. O zumbido silencioso vindo da piscina atrás de mim aparece novamente.

... Um truque ...

... Um truque inteligente...

Os sussurros estão vindo de todos os lados e sinto como se estivesse enlouquecendo.

Lentamente, a forma do Ladrão se torna visível. Uma por uma, as estrelas em seu corpo piscam e então a escuridão volta a ficar pálida.



... Ele não sabe...

Euribios ainda paira sobre mim, seu pé parado em cima do meu peito. Seu próprio peito goteja com sangue negro que se evapora no ar como cachos de fumaça. Algumas marcas finais de garras se curam enquanto eu olho.





... Não diga a ele...

Dizer a ele o que?

Mas então, tão rapidamente quanto os sussurros vieram, eles se foram.

Euribios inclina a cabeça. — Como punir você por sua ofensa?

Eu fico rígida, engolindo a seco. Eu não sei o que está acontecendo, mas eu sei que tentar arrancar o coração do Ladrão provavelmente rendeu ao meu companheiro alguma forma de punição.

As sombras ao nosso redor ondulam, levantando os cabelos ao longo dos meus braços. Apenas quando espero ouvir os gritos distantes de Des, não há... *nada*. Sem gritos, sem o enfraquecimento do meu vínculo.

O Ladrão oscila, seu pé saindo do meu peito. Ele olha para longe de mim, na porta.

Ele se vira para me encarar, suas sobrancelhas franzidas fingindo sua confusão.

— Hmmm... Pensando bem ...

Euribios levanta o pé do meu corpo e estende a mão para mim.

Eu olho para ele com cautela.

Quando não pego a mão dele, ele sorri para mim.

— Bem.

Com uma mão ele alcança minha cabeça; com a outra, minha boca. Pegando uma massa grossa do meu cabelo, ele começa a me arrastar para a piscina.



Eu grito, meus gritos abafados pela mão dele, e eu agarro seu pulso - qualquer coisa para aliviar a pressão horrível no meu couro cabeludo.

— A tradição diz que toda noiva do Rei da Morte deve ser batizada no Poço da Ressurreição.





Quanto mais nos aproximamos dessa piscina, mais o zumbido se torna uma euforia suave. Aquela água *cintilante* e brilhante chama a minha sereia.

Assim que estamos no limite, Euribios me levanta, para que eu possa ver, em primeira mão, a piscina que ele quer me batizar.

A superfície da água se agita, e então algo de dentro de suas profundezas *se move*.

Eu não vou para lá, tento dizer, mas minha boca ainda está tapada.

Outra coisa se move, um pequeno tecido chama a minha atenção. Quanto mais eu olho, mais vejo - primeiro um braço delicado, depois um rosto - depois outro rosto e outro. Todos os faes, todos silenciosamente gritando em aparente agonia.

Jesus.

Eles se aglomeram em direção à superfície, suas mãos pressionadas contra a água como se houvesse alguma barreira verdadeira que os impedisse de escapar. Eu respiro quando vejo um rosto familiar entre eles. A mulher fae que vi recentemente quando passei pelos corredores de Euribios agora está presa lá embaixo com quem sabe quantas outras almas.

O Ladrão me puxa para perto. — Você queria saber o que acontece com os mortos. Não procure mais.

Eles se aproximam de mim.

Minhas asas ameaçam aparecer, e o Ladrão deve ter percebido.



— Encantadora, você está com medo? — Ele pergunta, seus lábios roçando no meu ouvido. — Porque você deveria estar. Uma vez que eu te jogue, você terá que lutar para sair.

Indo cortá-lo de orelha a orelha e usar um colar de suas entranhas, a sereia reclama.



Com um empurrão feroz, Euribios me empurra para a piscina.

Eu bato na água como um tapa forte, mas não vou até o fim, não imediatamente. Minha cabeça e ombros ainda estão acima da água.

Imediatamente, sinto-os. Os fantasmas que vivem nessa piscina. Sua pele fantasma desliza contra mim, e eu sinto seus dedos finos enquanto eles agarram meus couros, me puxando mais profundamente na piscina.

— Solte-me— eu comando.

As mãos que me seguram não se movem.

Tanto para isso.

Começo a me arrastar de volta para a beira da água, em direção ao Ladrão que me observava com um sorriso traiçoeiro. Mais e mais mãos seguram minhas pernas, meus tornozelos e meu torso.

Os mortos estão se agarrando a mim!

Estou completamente assustada com a sensação.

Eles ainda não tentaram fazer mais do que isso. Pelo menos, ainda não.

Eu quero alcançar o Ladrão e pedir-lhe para me salvar. Raiva e orgulho param minha mão e minha voz. Em vez disso, eu me contento em olhar para ele.

Ele sorri de volta para mim, sua forma escurecendo um pouco.

Eu não posso acreditar que ele é um deus. Um deus maldito e perverso.



— Você sabe— ele diz em tom de conversa enquanto estou sendo arrastada para trás, — eu conhecia uma sereia uma vez. Ela era linda como você. E com um companheiro como você. Mas é aí que as semelhanças terminaram.

Uma mão puxa meu tornozelo com força e quase perco o equilíbrio.





Eu realmente não dou a mínima para o seu momento de contar história agora. Eu só quero que esses faes mortos parem de me apalpar.

Euribios franze a testa, os olhos abrandando enquanto se distanciam. — Mas isso foi em outra vida— diz ele, ainda perdido em suas memórias.

Eu estremeço quando corpos fantasmas se aglomeram ao meu redor. Eles me olham de baixo com olhos agonizantes. Peça por peça, eles removem meu equipamento e o levam embora, deixando-me com nada além da camisa e da calça que eu coloquei quando estava em Somnia.

Mesmo isso não é suficiente para saciar seu interesse em mim. Eles se juntam a mim, atraídos pela minha força vital ou pelo meu encanto. Eu não posso imaginar quantos deles foram aprisionados nesta piscina. Nem mesmo a morte poderia libertá-los do tormento do Ladrão.

Euribios se inclina contra um pilar próximo. Enquanto ele me observa, ele começa a mover a mão, murmurando baixinho.

— O que você está fazendo?

Ele faz uma pausa em seus cantos, mas sua mão ainda gira e estala.

— Removendo a proteção.

Removendo a proteção? Qual delas?

—Existem mundos onde a magia não tem efeito sobre mim— diz ele conversando. — E mundos onde isso acontece. Aqui é o último.

Então ele será afetado pela magia? E que proteção é essa – será que é algo que ele colocou em si mesmo? Algo que ele está retirando agora?



Se assim for, *isso* muda as coisas.

— Por que você está me dizendo isso? — Minha voz vacila no meio da frase quando um braço envolve meu torso e me puxa para baixo.

— Eu quero ouvir você cantar— diz ele quando termina.





Sinto a mais sutil agitação no ar quando a proteção se dissolve. Era tão habilmente trabalhada que não detectei a sua presença e agora mal noto a sua partida.

— Não há barreiras— continua Euribios.

— Eu quero sentir o que todos aqueles homens sentiram quando morreram aos pés de sua espécie.

Eu levanto minhas sobrancelhas.

— Você não está imune ao meu encanto? — Eu pergunto, minha pele brilhando. Sou lenta para processar, em parte porque eu tenho uma horda de fae mortos tentando me arrastar para baixo – mas *puta merda.*

Ele sorri um pouco, estreitando os olhos.

—Me encante, se você puder.

A sereia se levanta.

Nós podemos encantá-lo.

Minhas asas se projetam, minhas garras afiam e minhas escamas se deslocam e se reagrupam ao longo dos meus antebraços. Meu encanto se expandi contra a minha pele e reveste minha garganta.

Coma exposição, os mortos ao meu redor ficam frenéticos, me agarrando e me arrastando para baixo com maior urgência.

Eu luto contra eles, mas é uma batalha perdida.

E quando as coisas estavam ficando meio interessantes.

Claro, essa é toda a razão pela qual o Ladrão removeu a proteção. Ele quer ouvir meu encanto quando eu não represento ameaça.

Se ele pode ser nossa vítima, então seremos sempre uma ameaça.



Meu pescoço desliza sob a água, meu queixo escovando a superfície. Eu separo meus lábios. Há apenas duas coisas que eu quero dele: uma, que o Ladrão libere seu domínio sobre Des; e duas, que ele morra.





Ele parece destemido. — Qualquer tentativa que você fizer na minha vida será frustrada. Eu tenho meus próprios truques também, feiticeira.

Então será a salvação de Des. Estou tentando juntar a ordem correta quando os espíritos da piscina se mexerem contra mim. Minha boca desliza por baixo da superfície e tenho que inclinar a cabeça para trás para falar.

Acabou o tempo.

— Venha se juntar a mim na água— eu suspiro, e então eu sou arrastada para baixo.

O SANGUE CORRE pelas minhas veias, minha sereia cantando quando eu chamo um deus para mim. Para *nós*.

Isso tem sido uma década para chegar. Isto é o que eu nasci para fazer.

Só agora estou finalmente ouvindo a ligação da sereia.

Alguns dos espíritos me liberam, remexendo para essa nova criatura. Mesmo com o meu encanto, posso dizer que os mortos o acham infinitamente mais interessante. Ele é um deus, o que o torna mais do que apenas vivo. Ele é eterno

Isso faz com que ele seja interessante.

Assim que os mortos me soltam, volto à superfície mais uma vez, bem a tempo de ver Euribios se aproximando de mim, indiferente às mãos que o agarram. Curiosidade e desejo entram em guerra pelo domínio de suas características. Esta é uma criatura que sempre vai tomar, tomar e tomar.



Os espíritos me puxam, redobrando seus esforços, e é uma luta manter a cabeça acima da água.

— Tão tentadora— o Ladrão diz, me bebendo, com os olhos brilhando, —mesmo agora, quando você sabe que a luta é sem esperança.





Eu não sei se ele está se referindo aos fantasmas me puxando para baixo, ou o problema mais geral de eu ser sua prisioneira.

Meus lábios escorregam por baixo da superfície mais uma vez.

Euribios agarra meus ombros. — Deixe-me ajudá-la— diz ele, e acho por um momento ele vai me puxar.

Mas então ...

— Eu te unjo nas águas dos mortos.

Eu não tenho tempo para puxar o ar antes que ele me mergulhe nas profundezas desta piscina.

Sob a superfície, mil almas diferentes uivam, sua magia desbotada brilha contra a minha pele.

Ele nos manterá prisioneiras.

Séculos de turbulência.

Nunca acabará.

Os espíritos me arrastam cada vez mais fundo nas águas escuras.

Precisamos da nossa parte.

Dê a ele para nós.

Eles arranham minha pele brilhante.

—*Eu vou matá-lo*— digo na maldita água. Minha voz soa verdadeira e clara, cantando sinistramente na água.

Eu sinto algo nascer os mortos então, algo além de sua fome e fúria.

Excitação.



Seu abraço afrouxa em mim um pouco.

Dê ele para nós- eles repetem.

A sereia em mim sorri.

— *Eu darei.*

EURIBIOS ME PUXA para a superfície mais uma vez. — Levante-se, minha consorte— diz ele.





Estou abalada. No fundo daquelas profundezas, ouvi os mortos e os senti. Todos aqueles que se foram há séculos, eles governaram este lugar; eles não deveriam estar definhando aqui nesta pequena piscina.

O navio extinto que vi anteriormente agora vem à mente. O navio permanece sem uso na doca do castelo, e além dele, um oceano inteiro o aguarda. Mas o capitão ou barqueiro ou quem quer que mova almas não o faz mais, e os faes que morreram estão sofrendo por isso.

Isso deve terminar.

Os espíritos me libertaram, mas as mãos do Ladrão ainda estão na minha pele, seus olhos seguindo seu toque. A humana em mim quer se afastar dele, mas a sereia o chama mais para perto.

Tão grandemente arrogante por ficar na água com uma sereia.

Tão arrogante... E imprudente.

Salvar Des. Matar esse monstro. Esses são os únicos dois objetivos que tenho no momento. Agora que sei que meu encanto funciona no Ladrão, esses objetivos parecem tentadores e fáceis. Mas esse é o mesmo pensamento que tive quando procurei emboscar Galleghar em Barbos. Sem dúvida há uma armadilha esperando por mim aqui também. Nada é fácil quando se trata do Ladrão.

Existem dois tipos de predadores. Aquele que persegue a presa, e aquele que levam a sua presa para ele.



Um grande deus como o Euribios deve sentir-se imune ao mal. Ele é tão importante e poderoso demais.

E isso será a sua queda.

Mas eu não posso ser muito apressada.

Deixe-o pensar que ele tem controle da situação. Seduza-o suavemente.





Eu olho para o Ladrão. — Eu sou a única a ser batizada?

Seus olhos brilham. Em resposta, ele se aproxima de mim, seu olhar fixo no meu rosto. — Você é... Totalmente única. Você sempre foi. — Ele parece impressionado com o efeito que eu tenho nele.

— Se você quiser me batizar, sereia, então simplesmente me dê a ordem.

Ele implora pela morte!

Eu pego sua mão. — Venha, meu rei captor.

Meu sangue se agita quando eu o puxo mais e mais para o fundo da piscina. Eu posso sentir a antiga compulsão de atrair minha vítima para a água.

Água ...

Meses atrás, lembro-me de pensar sobre as origens da minha espécie.

Como as sereias eram conhecidas por atrair marinheiros para o mar. Essa história nunca fez sentido. A crueldade perversa disso tudo. A aparente aleatoriedade da vítima e o modo da morte.

Mas isso não é nada aleatório.

A água está com fome de sangue.

Eu estou com fome de sangue.

A vingança e a luxúria e o gosto do sangue me chamam.

Tenha paciência ...



Talvez esses marinheiros merecessem a morte. Ou talvez não.

Eu coloco minhas mãos nos ombros de Euribios. Ele está olhando meus lábios, esperando pelo meu próximo pedido.

Paciência ...

— Deixa-me te ungir nas águas dos mortos.





Minhas garras cravam em seus ombros, pressionando para baixo. Lentamente ele se abaixa.

Paciência...

Eu me inclino para perto, até que apenas uma respiração separa meus lábios dos dele.

— Se afogue— eu respiro.

Nossa paciência se foi.

O Ladrão ri, parecendo perturbadoramente imperturbável. — Eu avisei que seria precavido.

Meu estômago aperta com medo e decepção.

Muito apressada. Claro que não seria assim tão fácil.

A forma do Ladrão pisca e desaparece.

Num instante depois, ele retorna das sombras, e quando isso acontece, algo em seu rosto muda. Talvez seja confusão, talvez seja surpresa. Seja o que for, é uma indicação óbvia que as precauções da Euribios não funcionaram como deveriam.

Ele olha para os cantos escuros da sala.

— As sombras— Ladrão acusa.

— *Traiu você*— termina uma voz familiar.

Eu tremo, meus olhos se lançando para o som.

E lá está ele.

Des.







CAPÍTULO 44

DES.

Meu coração bate dolorosamente.

Querido Deus -*Des*.

Ele está bem ali, a poucos passos de distância.

O Rei da Noite estava à vontade no trono de Euribios, as costas encostadas em um dos apoios de braços, as pernas no outro, descansando como se ele não estivesse longe apenas alguns momentos atrás.

Minha conexão pulsa, assim como desde que o Ladrão expôs seu verdadeiro poder e identidade.

Deve ser um truque, um truque cruel e calculado. Euribios segura a vida de Des na palma da sua mão.

Mas, o Ladrão está parecendo um pouco assustado também. Ele vira para encarar o Negociador, mesmo enquanto ele ainda luta contra o meu encanto.

Nunca vi uma criatura suportar meu fascínio por tanto tempo.

Des levanta as sobrancelhas. — Não esperava que as sombras te fodessem, não é?

O Rei da Noite pula do trono e vai até a piscina. Resumidamente, seus olhos tocam os meus e vejo milhares de coisas neles. Acima de tudo, vejo anseio, tanto anseio.

Isso combina com o meu companheiro.

Meu Negociador.

Eu olho para ele como se ele fosse uma aparição. Toda aquela dor que eu estava trabalhando para superar simplesmente para me manter em pé- é como se a ferida reabrisse. Mas agora há esperança acompanhada a dor. Tanta esperança que eu mal possa respirar em torno dele.







Talvez isso *seja* um truque... Mas talvez eu não seja a única que está sendo feita de idiota.

O Ladrão luta contra o meu encanto e o puxão que mortos estão fazendo. Agora é sua vez de tentar escapar dessa piscina, indo em direção à borda.

—É para você ficar nesta piscina, Euribios— eu comando atrás dele, a força total do meu encanto redobrado em minhas palavras.

Além dele, Des se inclina um pouco na minha direção, enquanto ele olha para Euribios. Eu posso dizer que meu companheiro está tentando não olhar em minha direção. Ele não é mais imune ao meu encanto, e eu não estou mais mantendo meus poderes sob controle.

Entre nós, o avanço do Ladrão diminui.

Ele olha por cima do ombro para mim. — Você vai pagar por isso mais tarde— diz ele, sua voz atada com veneno.

A sala ao nosso redor escurece com a raiva de Des.

Pessoas como nós são o pesadelo de alguém.

Eu estreito meus olhos para o Ladrão e sorrio um pouco. — Acho que não.

O Rei da Noite chega à beira da piscina e se agacha, estudando nosso inimigo. O Ladrão se empurra contra o puxão incessante que o leva para baixo.

— Você pode ter poder, Euribios— diz Des, — mas há uma coisa que você nunca considerou.



Meu coração acelera. De alguma forma, Des orquestrou isso.

— Lealdade.

Euribios está de costas para mim; o que eu daria para ver a expressão desse monstro conspirador.

— Por séculos, as sombras e eu temos sido o mais próximo dos confidentes.





As sombras falam comigo, Des admitiu na terra. Era assim que ele descobria muitos segredos.

— Você acha que isso significa alguma coisa para eles? Para mim? — O Ladrão diz. — Eu já existia antes do amanhecer do dia.

As sombras ao nosso redor começam a tremular e aumentar.

— Você sabe o que eles me disseram? — Des diz.

Euribios fica em silêncio.

O rosto de Des endurece. — Até as sombras podem enganar e os deuses podem morrer.

DES OLHA PARA mim é como um trovão, eu sinto esse olhar até os meus ossos. Amor, amor tão infinito quanto a noite. Isso é tudo que vejo em seus olhos.

— Agora, minha rainha— o Rei da Noite diz para mim, — onde você estava?

Ele está entregando a tocha, deixando-me retomar a tarefa insidiosa que eu comecei.

Lentamente, um sorriso se arrasta ao longo do meu rosto.

Vingança, finalmente.

Eu levanto meu queixo. — Des, você deve ignorar todo comando que eu dou deste ponto em diante.

Seus olhos brilham com deleite diabólico. — Como desejar, minha doce sereia.



Com essa linha de separação, ele desaparece, se infiltrando na escuridão, como fez tantas outras vezes desde que o conheci. Nosso vínculo cantarola e eu posso senti-lo no outro lado, seguro e firme.

Meu olhar se move para o Ladrão, e toda a minha personalidade





muda. Por um minuto, deixei de lado o conhecimento de que Des aparenta estar vivo e bem.

Neste momento, uma divindade precisa pagar.

— Me encare, Euribios.

Lentamente, o deus gira em minha direção, sua expressão incrédula.

Ele dominou os outros por tanto tempo que ele não consegue reconhecer a posição em que ele está agora.

— Eu vou gostar de fazer você pagar de volta por isso— ele promete.

— Você *não* vai *me* ameaçar— eu digo. — Nem você usará sua magia em mim ou em qualquer outra pessoa. Agora você está *incapaz*.

A boca do Rei da Morte se curva. — Eu *nunca* serei incapaz, feiticeira— diz ele, passando pelas almas para chegar até a mim, ainda resistindo ao meu comando anterior. Ele não parece assustado - não acho que o Ladrão saiba o que é o medo; ele nunca teve que temer nada em sua vida.

Enquanto ele se move em minha direção, ele começa a murmurar. Sua magia oleosa se agita, e eu o sinto recolocando sua proteção.

Tarde demais, rei da morte.

— Se afogue — eu digo, minha voz hipnótica.

O Ladrão solta uma gargalhada, parando seu trabalho. — Você não pode me matar... —

—Eu posso fazer *tudo* que eu quiser. Então, se aproxime mais - eu digo, me movendo para águas mais profundas, almas passando por mim.

— Encontre-me sob as ondas. Sinta meu beijo molhado. Se afogue em meus braços. Morra por mim, meu rei imortal.

Sinistra. Sedutora. Até a morte é tentadora quando uma sereia a entrega docemente.







O Ladrão continua a andar em minha direção, só agora, o torso está começando a desaparecer sob a superfície da água.

— Eu não posso morrer.

— Sim— eu falo baixinho — você pode.

Eu vou para o meio da piscina, sentindo minha magia em minhas veias e na água. Os olhos de Euribios estão fixos nos meus, o desejo brilhando neles. A água quase chega aos ombros dele. Ele começa a murmurar mais uma vez.

— Encontre-me nas profundezas da água— eu digo, persuadindo, *persuadindo*. — Não há nada a temer. Respire. Afogue-se.

Minhas palavras batem como um machado.

A respiração do Ladrão trava e uma centelha de algo passa por seus olhos; não é medo, ele é uma criatura alheia demais para isso; choque, talvez - ou traição.

Ou talvez seja que, com toda a sua relação com a morte e a coisa eterna ele não consegue entender que isso esteja acontecendo com ele.

E agora está.

Qualquer que seja a proteção que ele está lançando, ela fica no ar inacabada e não está claro se funcionária a esta altura. Meus olhos, meu corpo, minha magia, tudo que eu sou está direcionado para ele.

Junte-se a nós abaixo.

Não importa que ele seja um deus e eu não, nem importa que meu poder seja ínfimo ao lado dele. Prometo um sonho, um sonho lindo e fatal, e o que é mais poderoso que isso? Sonhos, desejo - o *que* você *não* faria para ter o que mais deseja?



Eu deslizo por baixo da superfície de pedra. Ao meu redor uivando, as coisas fantasmagóricas agarram e arranham o Ladrão.

Eles não me machucaram - nem pensei que fossem capazes - mas





estão ferindo Euribios, sua pele se abrindo, seu sangue parecendo tinta na água antes que sua pele se cure.

— Afogue-se, afogue-se, *afogue-se.* — Mesmo aqui embaixo eu sussurro.

A linha d'água sobe pelo pescoço dele, depois pela mandíbula.

Eu não sei se ele afunda pelo resto do caminho, ou se ele para de lutar contra os poderes que o puxam, mas de uma só vez, sua cabeça afunda abaixo da superfície.

— Afogue-se.

O Ladrão - Euribios - abre a boca e bebe água.

Isso é tudo o que é preciso para os espíritos tomarem ele, descendo sobre o deus como bestas vorazes. Se eu pensei que eles estavam machucando-o antes, não é nada comparado ao ataque deles agora. Eu vejo músculo e osso enquanto eles o rasgam.

Mais perturbadoramente, os mortos entram em sua boca.

Os olhos do Ladrão estão abertos, e o tempo todo ele olha para mim, os olhos duros com desejo e agitação. Euribios chega até a mim, com desejo ou necessidade, a água ao redor de seu braço escurecendo com seu sangue sombrio.

Mas eu nunca pego essa mão oferecida, e os espíritos se aglomeram tão densamente que depois de vários momentos, o Ladrão desaparece atrás de tantos corpos efêmeros.



No momento em que nós dois perdemos contato visual, seus gritos começam a soar, o som abafado pela água e os espíritos forçando seu caminho por sua boca.

Eu fico um pouco mais debaixo d'água, meus ouvidos comemorando com seus gritos agonizantes. Eles se tornam mais fracos e mais fracos, até





que finalmente desaparecem completamente.

E depois-

ESTRONDO!

A magia do Ladrão explode, ondulando para superfície. Ele bate em mim, me jogando de costas antes de continuar atravessando a sala do trono.

No seu percurso, os espíritos começam a se afastar do Ladrão. Só que não há mais ladrão. Nenhum corpo, nenhum osso - apenas algumas gotas de sangue escuro. A última gota de sua magia negra se infiltra na água e depois se dissipa.

A sua morte não foi a doce sedução que prometi a ele. Foi dolorosa, brutal. Como deveria ter sido.

Ele se foi.

O Ladrão finalmente está morto.

Talvez sempre haverá escuridão e sombras e todas aquelas coisas que acontecem quando o sol se põe. Talvez a noite esteja sempre esperando para engolir a terra, mas hoje.

A escuridão morreu.





CAPÍTULO 45

QUANDO ME LEVANTO da água, os mortos se agarram às minhas roupas, não querendo me soltar. Eventualmente - e com relutância - eles me soltam. Eu dei a eles o sangue que eles exigiam, afinal.

Eles escorregam de volta para a piscina, onde aguardam o que os governantes do submundo fazem com as almas dos mortos.

Agora que o Ladrão está bem e verdadeiramente desaparecido, sua magia impressionante ergue-se no ar, e a sala ao meu redor se ilumina.

A natureza selvagem da sereia ainda está me atropelando. Eu quero beijar e tocar e provar e atormentar. Eu quero tudo tão mal que minhas asas e garras palpitam.

Eu só dei um passo ou dois quando Des aparece a vários metros de mim.

Eu paro e não ouso respirar.

Isso parece um feitiço, que será quebrado no momento em que eu me mover.

Nós olhamos um para o outro por uma batida, depois duas. E então o feitiço está quebrado.

Des desaparece, apenas para reaparecer bem na minha frente. O Rei da Noite me esmaga nele, e isso é tudo que eu precisava.

Eu pego sua camisa em meus punhos enquanto seus lábios encontram os meus. De repente, parece que posso respirar de novo, como se o mundo tivesse cores, propósito e alegria, porque Desmond Flynn, o Rei da Noite, está vivo e em meus braços.



Ele tem gosto de magia e caos. Quero rir; tenho certeza que vou chorar. Des não é nenhum sonho, nenhuma aparição que desaparecerá para o divertimento do Ladrão.





De alguma forma, ele enganou a morte.

Quando o beijo termina, eu olho para ele. Aqueles pálidos olhos prateados, aquela suavidade ao redor de sua boca, todos aqueles ângulos de seu rosto que são tão devastadores - eu não sabia que podia sentir falta de algo tão malditamente.

— Você é real, certo? — Eu sussurro.

— Eu sou real. — O Rei da noite está me dando aquele olhar dele, aquele que me faz sentir como se eu fosse algo digno de adoração.

— Eu pensei que eu tinha perdido você — Minha voz racha.

O canto de sua boca se curva e ele me olha com tanta ternura.

—Há muitas incertezas nessa vida, mas essa é a verdade: sempre voltarei para você, querubim.

Des não é apenas escuridão. Ele é o luar e poeira estelar; ele é desejo, aventura e um amor tão vasto quanto o céu da noite.

E ele está aqui *vivo*.

Ele está vivo.

Um flash de raiva me atravessa e eu dou-lhe um leve empurrão. — Eu pensei que você estivesse *morto*.

Ele sorri, pegando meu pulso. — Aiii, querubim— diz ele. — Não fique brava.

— Nada de ai. *querubim*, Des— eu digo, arrancando meu pulso de seu alcance. — Você não pode imaginar o que passei— eu digo com voz rouca. — Você *não pode*. — Eu não consigo sonhar com um pesadelo pior do que esse. Essas horas passei chorando por ele.



Des fecha o último espaço entre nós, seu rosto ficando sombrio. — Eu *posso*, Callie. Eu quase te perdi uma vez. — Seus olhos se fecham e ele balança a cabeça. — Eu sinto muito— diz ele. Ele abre os olhos, seu olhar em





chamas. — Por te enganar e forçar você a experimentar isso. Não *há* inferno pior.

Realmente não há.

— E eu sinto muito por fazer você enfrentar o Ladrão sozinha — Ele pega minha mão e a coloca entre as suas. — Nunca mais— ele jura, sua voz feroz.

Eu respiro fundo e me recomponho. Agora que Des está vivo e queimando com seu próprio brilho, minha pele finalmente começa a escurecer, minhas asas e garras e escamas desaparecendo de vista.

— Eu quero mais do que promessas e desculpas de você— eu digo.

Os olhos de Des brilham e um canto de sua boca se ergue quando ele percebe exatamente o que estou pedindo.

Ele levanta o pulso na frente de si mesmo. Enquanto eu assisto, um fio de seda de aranha se forma ao redor dele, então surge uma miçanga preta sem brilho.

— Isso é justo? — Pergunta ele.

Um acordo. Um que *eu* posso reivindicar.

Eu lhe dou um olhar cético. —Uma miçanga? Eu suportei a *morte de* minha alma gêmea e enfrentei um deus, e tudo o que tenho para mostrar é uma desprezível miçanga?

— Sereia exigente. Tudo bem.

Um segundo cordão aparece ao lado do primeiro.

Eu dou a Des outro empurrão, uma risada escapa. A risada se transforma em um soluço. E o soluço... O soluço dá lugar a lágrimas feias e ofegantes.



E é assim que essa assustadora sereia acaba sentada no colo do Negociador na sala do trono do Rei da Morte, ouvindo o Negociador cantar uma canção de ninar para ela, a cabeça dele pressionada contra a dela.





Isso estava prestes a acontecer. O último pedaço da minha bravura foi gasto matando Euribios. Eu não tenho mais nada.

— Eu te amo, querubim— Des murmurou. — Mais do que qualquer fae amou alguma coisa. — Ele limpa as minhas lágrimas com os polegares.

Eu aceno com a cabeça contra ele.

— Vou adicionar uma linha inteira de miçangas pretas ao bracelete - várias fileiras. Apenas pare de chorar. Eu não posso suportar ver você triste. — Ele pontua o sentimento, pegando minha mão e beijando a base da minha palma. E então ele beija cada ponta do dedo, e a coisa toda é tão ridiculamente doce que eu engasgo novamente.

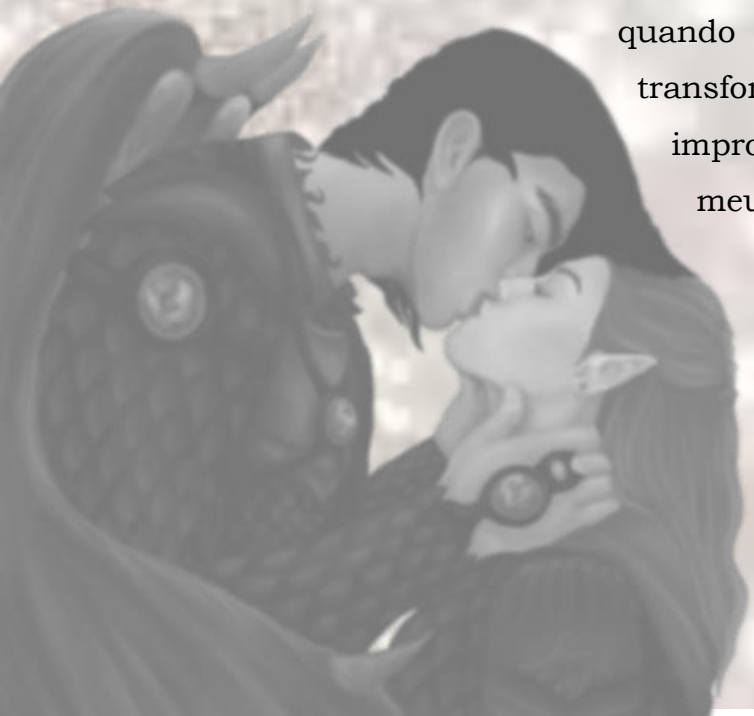
Fechando meus olhos, eu respiro fundo algumas vezes. É uma coisa física, me recompondo, mas eventualmente faço isso.

Eu abro meus olhos e seguro o rosto de Des. — Eu te amo. — Eu sorrio um pouco quando digo isso.

Eu me levanto, puxando o Negociador atrás de mim. Ele ainda usa sua coroa, e ele parece ser o rei dos faes.

Ele aperta minha mão, e acho que essa é a maneira dele de ver se estou pronta para sair desta sala, e Deus estou pronta, mas antes de irmos, noto uma camisa descartada a vários metros de distância. É a camisa do Euribios - ele deve ter removido logo antes de entrar na piscina.

Andando até lá, eu pego a camisa. Des olha com curiosidade quando começo a torcer o pano em círculos, transformando a camisa em uma corda improvisada. Eu então deslizo a corda pelos meus laços do cinto.



Existe uma caixa que isso pertence, uma caixa que fica em uma casa com piso de areia e bancadas lascadas. Uma caixa em que todas as





minhas relíquias mais apreciadas entram.

— É uma lembrança— eu digo, amarrando a camisa do Ladrão.

O olhar de Des se torna caprichoso. — Você pode não viver no oceano, Callie, mas você é toda sereia.

Eu não conheço muito sobre sereia, além das poucas linhas que eu encontrei em livros escolares empoeirados e o que eu descobri, mas colecionar lembranças macabras de minhas vítimas parece certo.

O olhar do Negociador passa pela piscina. As águas ainda estão zumbindo, o som pinicando a minha pele.

Seus olhos caem para mim. — Você nunca pareceu tão temível quanto você quando derrubou o Ladrão— diz ele.

Lembro-me da minha magia cantando em minhas veias e da emoção de ver minha vítima se curvar à minha vontade, um deus cuja vida imortal eu roubei porque ordenei que ele morresse.

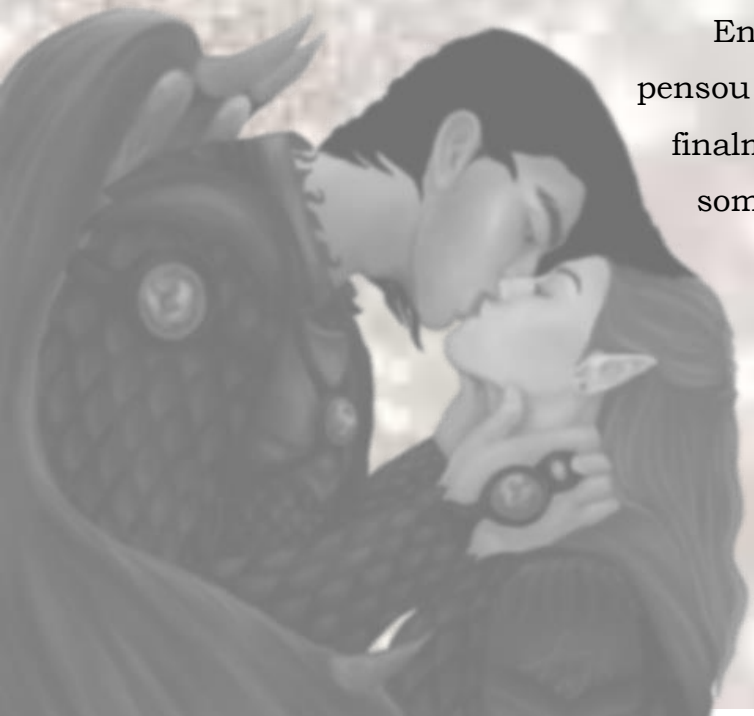
— Você estava assistindo? Eu pergunto.

Des deveria ter medo de mim, não ficar impressionado. Mas acho que estou ignorando o fato de que meu marido é um assassino de sangue frio.

— Como eu não assistira? Sou uma criatura terrivelmente curiosa.

Então ele me assistiu matar. Eu me pergunto se ele pensa em mim de forma diferente.

Pessoas como nós são o pesadelo de alguém.



Então, novamente, talvez ele sempre pensou em mim de maneira diferente; e eu finalmente acabei cumprindo suas fantasias sombrias.

Nós dois saímos da sala do trono, dando voltas pelo palácio.

Os olhos de Des estudam nosso entorno. — Então este é o Palácio da





Morte e da Terra Profunda— diz ele. — Eu tenho que admitir, eu estava esperando um pouco mais.

— Um pouco mais do que? Fantasmas?

Porque eu vi *muito*.

Não vou tirar aqueles pequenos filhos da puta fantasmagórica da minha cabeça por muito tempo.

— Minha mãe costumava me contar histórias sobre os monstros que se escondiam na terra dos mortos.

Eu apostaria que o Ladrão caçava todos eles por esporte há muito tempo.

—*Você* vai me dizer como você fez isso? — Eu pergunto, interrompendo seu devaneio.

Des me dá um olhar malicioso. — Como eu enganei o Ladrão das Almas?

— Não, como você aprendeu a assobiar. Claro, como você enganou o ladrão.

É como puxar um dente. E eu vou precisar de cada século da minha vida nova para extrair os segredos deste homem.

Seus olhos brilham de alegria pela minha atitude; Des gosta mais de mim com minhas garras.

— Agora, querubim, você sabe que esses segredos vão te custar.

— Des!

Ele ri. — Duas palavras: sexo bizarro. Se você puder concordar, eu cantarei como um menino de coro e lhe direi tudo.



Nós dois quase morremos - o mundo todo quase caiu por causa do Ladrão - e é isso que ele está pensando agora? Sexo bizarro?

Eu estreito meus olhos.

— Prometo que vai gostar esposa. Estou imaginando apertá-la contra a lateral da piscina e lamber aquela água brilhante entre os seus...





Minha pele está começando a brilhar, o que é extremamente embaraçoso.

— *Tudo bem.* Mas você vai me contar tudo.

— COMEÇOU NO Solstício.

Nós dois paramos de andar para que Des possa se explicar.

— Quando descobri que o Ladrão de Almas - Euribios - queria que você bebesse o vinho lilás para ficar vulnerável à magia dele, aprendi três coisas: uma, o Ladrão era um bastardo inteligente. Dois, ele queria você. E três, parecia que nenhum fae estava imune à sua magia. Ele poderia colocar qualquer um de nós para dormir do mesmo jeito que ele tinha colocado todos aqueles soldados; a única coisa que o impedia era sua própria intriga.

Minha mente está correndo, ouvindo isso.

— Eu sabia que o Ladrão estava esperando o momento certo para expor seus planos, quaisquer que fossem eles, e eu não podia deixar isso acontecer. — Os olhos de Des caem pesadamente sobre os meus. — Não quando eu sabia que ele queria você.

— Então comecei a elaborar um plano, que salvaria você e o Outro Mundo. Eu o alterei quando surgiram novas informações sobre o Ladrão. E assim descobri que ele não era apenas um deus, mas *o* deus das trevas, eu sabia que até meu poder era inútil contra ele.

E ainda assim, de alguma forma, Euribios ainda morreu.



Des enfiou os dedos nos meus. -Lamento não ter confiado em você, Callie. Ele estava usando sombras para nos observar.

Claro. Se Des tivesse me dito seus planos, o Ladrão teria descoberto sobre eles, e o elemento surpresa teria sido perdido.

- A profecia do meu pai - continua ele -eu sabia que o humano





que era mencionado era você, então eu sabia que não só Galleghar poderia cair, mas o Ladrão poderia ser derrubado com ele.

Minhas sobrancelhas se juntam. — Como você podia ter certeza de que a profecia era sobre mim? — Eu pergunto.

O canto da boca de Des se curva. — A sombras não são as únicas criaturas que me contam segredos. Há duendes e adivinhos e todos os tipos de fae que têm segredos para compartilhar.

Então meu companheiro descobriu que eu estava destinada a parar Galleghar. Essa verdade fica pesada em mim. Eu estava fadada a ser uma assassina séculos antes de eu nascer. Eu tento não estremecer com o pensamento.

— Em algum momento, chegou a mim. Como realmente parar Euribios.

Ele faz uma pausa dramática.

Eu lhe dou um olhar chateado. — E?

Ele ri. — Você é adorável quando você fica impaciente. — Ele me puxa para perto e pega uma mecha do meu cabelo. -Fiz dois acordos - um com o Ladrão das almas - e outro com as sombras. Com o Ladrão, concordei em ser voluntariamente seu prisioneiro, desde que nem você nem eu morrêssemos.

O Ladrão não conseguiu colocar as mãos em Des até esse acordo. Não quando o Rei da Noite costumava eliminar os faes que o Ladrão controlava. Então, Des foi até ele e fez um acordo que fez meu companheiro parecer fraco e desesperado. E Euribios, em todo o seu orgulho e poder, acreditou nisso.



— Com as sombras— continua Des, — prometi livrá-los de Euribios de uma vez por todas se eles estivessem dispostos a enganá-lo.





Para as sombras que não falavam com Ladrão das almas.

—Isso é uma grande promessa— eu digo. — Como as sombras fizeram isso?

— Você quer dizer, como eles enganaram o Ladrão? Eu concordo.

— O poder é consciente - ele pode tomar decisões por conta própria.

Des e eu sabíamos disso melhor que a maioria. Foi o que nos manteve separados por sete anos.

— As sombras são parte dessa consciência— continua Des, — e elas eram aquilo que Euribios extraia o seu poder - assim como eu.

—E esse foi o erro fatal do Ladrão. O Deus esqueceu que nosso poder vem da mesma fonte, a fonte que tem seu próprio livre arbítrio. Então as sombras e eu - Nós o enganamos.

Eu levanto minhas sobrancelhas.

-Falava com a escuridão durante as únicas vezes em que soube que o Ladrão não estava escutando, quando você sonhava com ele.

Todos aqueles sonhos doentios - Des não podia impedi-los de acontecer, mas ele podia usá-los contra o Ladrão.

— As sombras me disseram tudo o que eu precisava saber, e foram elas que me ajudaram a fechar o negócio com Euribios. E quando chegou a hora, foram as sombras que separaram o Ladrão de mim.

Ele confiava na escuridão com tudo o que importava para ele.

— Por que você pensou que as sombras ajudariam você? — Eu pergunto. Durante anos elas não estavam dispostas a soltar uma palavra contra o Ladrão.



Des olha para mim, seu olhar intenso. — Mesmo antes de poder usar meu poder, falava com a escuridão. Eles foram meus primeiros amigos.





Penso naquele garoto solitário, de cabelos claros, que vivia em Arestys, e meu coração sofre por ele, embora as dificuldades daquele menino o tenham feito o homem que amo.

— Euribios os brutalizou assim como ele brutalizou os faes. Ele abusou deles até a submissão anos atrás, até que o Deus da Luz o derrotou e libertou as sombras. Mas então meu pai soltou Euribios, e as sombras foram forçadas a se esconder do seu poder mais uma vez.

— Não é da natureza das sombras ser desleal — até mesmo com as criaturas terríveis — mas elas aprenderam como era existir longe do medo, e isso não é algo que você possa esquecer.

O que Des não acrescenta é que o medo provavelmente não foi o único fator que influenciou essas sombras. Desmond Flynn é amado pela escuridão.

— E assim, com a sua ajuda— eu digo, — as sombras se viraram contra seu Deus.

Des aperta minha mão, seus olhos brilhando de um jeito muito fae.

— E assim eles fizeram.

DEPOIS QUE O NEGOCIADOR termina de se explicar, continuamos a voltar para o palácio. Meus pensamentos estão girando a uma milha por minuto com tudo o que Des me disse. Mortes falsas, sombras desleais e os segredos que salvaram a nós todos.

Só saio desses pensamentos quando nós dois entramos na sala em que encontrei Des. O altar ainda repousa onde eu o vi pela última vez, junto com todas aquelas prateleiras de poções e instrumentos médicos e livros com títulos dourados. No chão, estão minhas armas descartadas e os restos quebrados dos objetos que haviam sido derrubados das prateleiras.







Nada disso, no entanto, é o que chama a atenção do Negociador.

Seu olhar se fixa num corpo caído do outro lado da sala. Em um instante ele desaparece do meu lado, reaparecendo - asas e tudo - ao lado do corpo de Galleghar Nyx.

Eu caminho até as minhas armas descartadas, prendendo-as de volta antes de me atrever a me aproximar de Des e seu pai. Parte minha teme que Galleghar ainda esteja vivo. Os maus pais têm um jeito de desafiar a morte. De fato, toda essa situação tem o toque de déjà vu, apenas os papéis meu e de Des estão invertidos.

O Negociador se ajoelha, seu cabelo loiro branco deslizando do queixo enquanto olha para o homem que lhe deu vida e morte em igual medida.

— Ele está morto? — Eu pergunto.

— Muito. — O olhar de Des passa por ele.

A mão do Negociador toca em uma das feridas no peito de seu pai. Ele estuda os ferimentos de Galleghar por um longo tempo antes de finalmente olhar para cima. — Ele estava certo em temer você. Você o matou no final.

— Isso foi o Ladrão.

-Você matou o Ladrão e, com a morte do Ladrão, o elo que eles compartilhavam rompeu. O Ladrão não podia mais impedir a morte de Galleghar.



Aves conhece a pedra.

Ainda há tantas perguntas que eu tenho - como e por que Euribios acordou Galleghar quando ele o fez, e por que o velho deus decidiu manter sua parte no trato quando ele obviamente poderia ter quebrado seu juramento - mas temo que não vou conseguir respostas.





Quando olhamos para o pai morto de Des, uma mão espectral se separa do corpo de Galleghar, depois um braço.

Oh caramba, eu esqueci onde estávamos.

O Ladrão estava certo sobre uma coisa: os mortos nunca *realmente estão* mortos até que você os chuta para o Reino da Morte e da Terra Profunda. Eles apenas mudam de forma.

Um arrepio passa por mim. É isso que aconteceu com o Ladrão? Ele acabou de mudar de forma?

Não, eu me recuso a acreditar nisso.

Des se levanta, fazendo uma careta para o homem. — Eu me pergunto se é possível bater a merda fora dos espíritos...

Eu pego a mão de Des enquanto o espírito de Galleghar começa a se separar de seu corpo. — Deixe seu pai com o destino dele. — Tenho certeza que até a vida após a morte tem sua própria forma de punição para os ímpios.

Com isso, nós dois saímos da sala e deixamos o pai de Des para trás.

ANTES DE SAIRMOS libertamos os prisioneiros trancados nas masmorras do castelo. Há quarenta e quatro no total, tudo o que restou da casa anterior.

Seus corpos estão cheios de cicatrizes e emagrecidos, seus olhos perderam a esperança. Olhando para eles e fica claro que o Ladrão não será a última luta que este reino enfrenta.



E ainda assim, nem uma hora depois de serem liberados, vários deles foram para o cais, apontando para essa ou aquela seção do navio negligenciado. E o barqueiro que vi mais cedo percorre o Poço da Ressurreição, retirando os espíritos, um a um. É uma das visões mais





estranhas que eu já vi, e isso diz muito neste momento.

Des se aproxima de mim, seus dedos entrelaçados nos meus.

—Por mais que eu tenha gostado das nossas festas aqui, eu acredito que é hora de ir, Callie.

Deus, eu não poderia concordar mais.

Nós fazemos o nosso caminho através do castelo e de volta as portas da frente.

Acima de nós, a escuridão fugiu. Há um sol baixo no horizonte e céus de algodão doce acima de nós. Sob a luz, até os jardins claros parecem diferentes - menos sinistros e mais pacíficos.

Nós dois caminhamos pelo caminho que rodeia a entrada do castelo até a arcada pela qual passei antes, só que deste lado, a porta não parece a mesma.

Nós paramos na frente dele. Deste lado, duas portas de pedra estão encaixadas no enorme arco. Estendendo-se de ambos os lados, há enormes paredes de pedra que circundam o terreno do palácio.

Eu olho para os portões fechados a nossa frente. Pouco antes de pensar que teríamos que esmagá-lo, as portas se abrem, revelando a escuridão do Poço além dele.

— Isso foi... Fácil— eu falo.

Todos os mitos prometiam que escapar da terra dos mortos era impossível. Mas o que eu sei? Ninguém me deu um guia para este lugar.

— A parte difícil está chegando— diz Des.

Nós dois caminhamos pelo portal, e eu só tenho que me esforçar um pouco contra qualquer encanto que tenha sido colocado nele.

Quando entramos no buraco, Des ilumina o espaço. Ele assobia no mar de esqueletos. — Isso é um monte de cadáveres.







É uma visão triste, mas pelo menos o fae que levou esses soldados para a morte foi parado.

Des se aproxima de mim e envolve uma mão em volta da minha cintura. Nas suas costas, suas asas de ponta de garra surgem brilhantes.

— Se segure, querubim— diz ele.

— O que você está...?

Ele nos lança, e a corrente de ar rouba minhas palavras.

Ao contrário da viagem quando desci, nada toca em Des nem em mim enquanto subimos. As criaturas ou ainda estão sob o meu encanto... Ou eles sabem melhor do que prejudicar o seu rei.

Nós voamos para cima para quem sabe quanto tempo antes de eu começar a sentir isso.

Magia.

Ela esbarra em nós, pressionando minha pele, querendo que fiquemos na terra dos mortos. Quanto mais alto subimos, mais pesado fica. E então não está simplesmente nos empurrando para baixo, mas dentro de nós, arranhando nossa pele de dentro para fora. Me lembra do tempo que voei em um avião quando tive uma infecção. Meus ouvidos estão gritando com a pressão, minha pele está começando a doer.

Nós nunca iremos conseguir.

— Não há jeito fácil de fazer isso, querubim, mas vai acabar em breve. Des diz contra mim.

Você quer dizer que isso vai *piorar*?



O pensamento mal passou pela minha cabeça quando, na verdade, piora. Deus piora. Minha pele se ilumina quando eu começo a gemer. Meu corpo inteiro está sendo esmagado pelo peso da magia.

Estou prestes a soltar a mãe de todos os gritos quando...

ESTRONDO!





A magia explode ao nosso redor, passando sobre a minha pele.

E então estamos livres.

Eu posso sentir isso se construindo novamente embaixo de nós. Eu olho para a escuridão, nervosa. Foi tão fácil entrar na terra dos mortos, como entrar em uma banheira, mas quase impossível escapar dela.

É quando olho para o Poço e vejo o brilho de um par de olhos presos no outro lado da barreira mágica. Eles olham para mim por um momento antes de mergulhar de novo nas sombras escuras.

Um arrepio passa por mim. Boa viagem.

Quando chegamos na saída da Cova, avisto centenas de faes que se reuniram em torno dele.

Notícias do meu confronto com o Rei da Morte e da Terra Profunda claramente se espalharam.

E na frente deles está Temper, que parece imensamente aliviada.

Assim que a multidão nos vê, eles começam a aplaudir, a noite arde com os sons de aplausos e assobios e faíscas de luz.

Nós pousamos na frente de Temper.

Ela me agarra, me abraçando com força. —Obrigada, porra, você está de volta— minha melhor amiga diz. — Você foi embora por muito tempo.

Des se aproxima de nós e Temper abre um de seus braços.

— Você venha aqui também, Desmond. Você é meu irmão agora.



Ele vem com um sorriso tímido, deixando minha melhor amiga esmagá-lo em nossos abraços.

— Você matou aquele filho da puta? — Temper pergunta, nos soltando.

Eu a encaro. — O que você acha?

Ela olha para mim por um momento, depois solta uma risada.





—Há-a, sua cadela fodona. Espero que você tenha lhe dado os meus cumprimentos antes de você explodir sua bunda em pedacinhos.

Eu balanço a minha cabeça, um pequeno sorriso em meus lábios.

Des se separa de nós para subir no ar.

A multidão, que estivera murmurando quando chegamos, agora se cala.

Os olhos do meu companheiro se movem sobre o esse grupo.

— Na última década, nosso reino foi atormentado pelo Ladrão das Almas. — A magia amplifica a voz de Des e explode na noite.

—Ele sequestrou nossos soldados, estuprou nossas mulheres e iniciou uma guerra entre o nosso mundo. Ele destruiu a nossa paz e a santidade do nosso reino.

-Foi apenas recentemente que descobrimos que o Ladrão de Almas havia invadido o Reino da Morte e a Terra Profunda, assumido o trono à força. Dias atrás, ele me fez refém, mantendo-me prisioneiro em seu castelo— Quando todo o mundo achou que haviam me perdido, minha alma gêmea - sua rainha - marchou até os portões do submundo e encarou o Ladrão de frente.

Ninguém fala, apesar de eu sentir todos os tipos de olhos se moverem para mim.

Des gesticula para eu me juntar a ele no céu. Relutantemente, eu faço.



Uma vez que estou ao seu lado, ele olha para mim. Eu posso ver todo um universo em seus olhos enluarados.

— Mas Callypso Lillis, A Rainha da Noite, não enfrentou apenas um inimigo. O Ladrão de almas não era outro senão Euribios, o deus original da morte e da escuridão.





Há um choque vindo de toda multidão reunida, depois murmúrios pensativos enquanto me encaram.

— Sua rainha enfrentou Euribios e ela o *derrotou.*

Suspiros. Eu posso sentir aqueles olhares em mim como as mãos dos mortos. Mas é o olhar do Negociador que me captura. Ele me dá um sorriso suave antes de anunciar para a multidão reunida.

—O Ladrão não existe mais.

DE VOLTA A SOMNIA, a prisão real de repente está cheia de soldados fae muito confusos. Entre eles estão Janus e Malaki.

— Alguém foi desobediente enquanto eu estive fora? — Des pergunta do outro lado da mesa.

— O que está acontecendo? - Janus exige quando a porta de ferro desliza para trás.

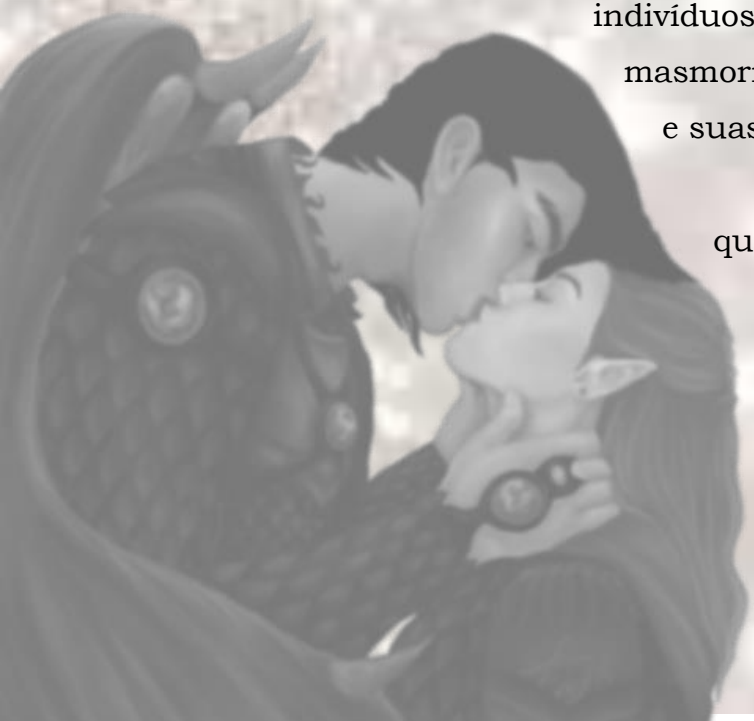
— Callie matou um dos seus grandes e poderosos deuses— Temper diz de onde ela está ao meu lado. — Não querendo ser rude, mas vocês têm alguns deuses fracos se essa vadia pode trucidá-los— diz ela, me cutucando.

— Ei!

— O quê? — A feiticeira diz. — Estou *brincando.*

— Temper. — A voz profunda de Malaki deixa minha amiga alerta. Ele se aproxima dela, ignorando a mim, Des e todos os outros indivíduos que andam pelos corredores da masmorra. Seus olhos estão presos em Temper e suas asas - suas asas estão *aparecendo.*

Ele toca sua bochecha e isso é tudo o que é preciso para que minha amiga de fogo amoleça. Ela desliza para os braços de Malaki.







— Nunca mais faça isso comigo— ela diz, — ou eu mesmo te mato!

O general de Des abraça Temper, e essa é uma prova de que tudo o que eles estão vivendo pois ele não toma a ameaça do jeito errado.

Janus olha entre nós. — Sério, alguém vai me dizer *por que* eu estou na masmorra do Reino da Noite?

Os olhos do Negociador caem em mim enquanto ele brinca com as miçangas em sua pulseira. — A rainha e eu teríamos o maior prazer em contar a você—diz ele a Janus, — por um preço, é claro— Ele pisca para mim.

Oito anos atrás, isso começou com um homem morto e um acordo. E agora, aqui estamos nós, com mais alguns homens mortos e mais alguns acordos sob nossos cintos.

Eu pego a mão de Des, e nós dois conduzimos o grupo para fora da masmorra.

O Rei da Noite leva as nossas mãos entrelaçadas aos lábios e coloca um beijo nelas. Seus olhos prateados brilham.

Este homem.

Ele é o Negociador que salvou minha vida uma e outra vez, e o rei que acabei salvando, uma vez ou duas.

Ele é um trapaceiro, um guardião secreto. Ele é o lado negro da lua. Ele é meu lindo e terrível mistério.

Meu amigo. Minha alma gêmea.

De chamas a cinzas, do amanhecer ao anoitecer - até que a escuridão morra.

Ele é meu e eu sou para *sempre dele*.





EPÍLOGO

7 anos depois

DES E EU pousamos em nosso quintal, nossas asas se dobrando em nossas costas. No alto, as estrelas brilham, e bem abaixo de nosso quintal, o Pacífico bate contra a praia.

Enrolando meus dedos através dos de Des, eu caminho até a casa. Meus olhos vão para as telhas cobertas de musgo e para o exterior desgastado. A tinta está descascando um pouco, mas hesito em refazê-la. Quando comprei esta casa há uma década, as imperfeições eram o que eu mais apreciava - bem, isso e o oceano no quintal.

Nossa casa na Ilha Catalina pode ser bonita. Este é o nosso bangalô caseiro.

Eu levo Des até a porta de vidro deslizante. Com um estalo, abre, revelando nosso quarto.

As paredes estão cobertas de fotografias de cidades longes. A única coisa coerente sobre elas é o casal sorridente em cada um - os traços de luz de Des pressionavam de perto os meus escuros.

Espalhadas entre as fotografias está a obra de arte do Negociador - a maioria representando as cidades do Outro Mundo em que estivemos, que minha câmera convenientemente não conseguia capturar. Claro, há alguns esboços embaraçosos meus, um casal que é inadequado.

Isso é o que eu ganho por ainda ser uma otária que faz negócios com o Negociador.

E o resto da sala está cheio de bugigangas - algumas deste mundo, umas do outro. A maioria é o resultado de uma das brincadeiras de Des -como o enorme sombreiro preso na parede que ele me fez usar durante uma noite inteira. Mas alguns, como a estatueta das



Cidades na nossa estante, são presentes que demos um ao outro.

Mas tudo isso é uma prova da incrível vida que vivemos.

À nossa frente, uma manta grossa de lã está na cama.

Eu olho pelo canto de olho para Des. — *Isso é* um pouco presunçoso.

— Não, querubim. *Isso* é presunção.

O botão superior da minha calça se abre e meu zíper desliza para baixo. Minha camisa começa a sair.

Minha pele se ilumina com interesse porque mesmo depois de todos esses anos, minha sereia ainda é uma vadia quando se trata de Des.

O Rei da Noite ri e me pega, jogando-me de leve na cama. — Ufa— diz ele. — Eu ainda tenho jeito.

Ele se coloca sobre o meu corpo, seu torso convenientemente aninhado entre as minhas pernas.

Des passa as mãos pela minha parte interna das coxas, seu olhar preso no meu. Eu sinto a escovada fria de sua pulseira contra a minha pele. Eu uso uma igual no meu próprio pulso.

Favores, que nós devemos um ao outro.

Des ainda atua como um Negociador, e eu me junto a ele em seus negócios provavelmente mais do que eu deveria, especialmente considerando que eu ainda trabalho em tempo parcial com Temper nas investigações da Costa Oeste... E ajudo a governar um reino.



Sinto um toque de magia e a camiseta do Metallica que Des usa agora sai. Meus dedos percorrem suas tatuagens. Eu traço o rosário de miçangas pretas cruzando seu braço. Se eu me desse um tempo para contar





todas, eu acharia que havia 322 delas, o número exato de contas que me ligaram a ele no início.

— Você me deve alguns favores, querubim. — Ele pontua essa declaração com um beijo na cavidade debaixo da minha garganta. Sua pélvis se move contra mim e meu núcleo se anima.

Eu enrosco meus dedos por seu cabelo branco, inclinando a cabeça para trás para que nossos olhares se encontrem. -Você me deve alguns favores também.

Ele ergue uma sobrancelha. — Sério? — Eu sinto a respiração mais fraca de sua magia enquanto a minha camisa desaparece de mim.

—Sorte sua que acho que sei o que é preciso para pagar as minhas dívidas...

O Negociador começa a descer pelo meu torso, seus lábios passando pela minha pele. Ele beija meu umbigo, suas mãos deslizam para meus quadris, antes de continuar...

Eu sinto seu fôlego na minha pele, e isso gera arrepios por meus braços.

Bom demais para ser verdade.

Tudo o que espero, desejo e anseio. A vida nunca deve dar o que você quer, e se isso acontecer, é melhor não assumir que é para sempre.

Mas se há uma coisa que aprendi sobre o Negociador, sobre nós, é que pagamos nossas dívidas e algumas a mais. E nós já pagamos por isso pelo resto de nossas vidas muito longas.



De repente, Des pausa, sua boca naquele espaço tentador entre meu abdômen e minha pélvis.

Ele vira a cabeça para o lado, pressionando o ouvido na minha pele macia, como se minha própria pele estivesse sussurrando segredos para ele.





Seu aperto intensifica em meus quadris. Sempre muito devagar ele ergue a cabeça, seus olhos encontram os meus.

Não consigo ler sua expressão. Eu não consigo ler a expressão dele e *realmente* quero saber o que está passando pela cabeça dele porque o olhar que ele está me dando *não* é normal.

— O que? - Eu finalmente pergunto, quebrando o estranho silêncio entre nós.

Des sorri, e é tão brilhante, tão dolorosamente lindo que é fisicamente difícil olhar para ele.

Ele se inclina e beija minha pele.

— O que? - Eu pergunto novamente.

— Eu tenho um segredo.



